

A man and a woman are shown from behind, embracing each other in a vast field of tall, golden-brown grass. The scene is bathed in the warm, golden light of a setting or rising sun, creating a soft, hazy atmosphere. The man is wearing a light-colored t-shirt and dark pants, and the woman is wearing a patterned dress and high-heeled sandals. The overall mood is romantic and nostalgic.

MUDANÇA DE *Planos*

MESMA AUTORA DE PERDIDA NO PARAÍSO

BHETYS OLIVEIRA

A small, detailed illustration of a monarch butterfly is positioned in the bottom right corner of the cover, just above the author's name.



PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

MUDANÇA DE Planos

BHETYS OLIVEIRA

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Copyright © 2017 Bhetys Oliveira

Capa: Joice S. Dias

Copidesque e Revisão: Carla Santos

Diagramação digital: Carla Santos

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial da obra sem a permissão do autor e/ou editor.

Sumário



Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Epílogo

Agradecimentos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Playlist

Biografia

Obra

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Dedicatória



Aos meus pais que sempre estão ao meu lado.

Sou muito grata por tê-los em minha vida.

Amo vocês.



— Como é que é? — As palavras exasperadas escapam da minha boca, antes mesmo que eu possa formular o que foi dito pelo Dr. Fill, advogado do meu pai, o qual acabara de falecer há menos de um mês.

Ele ergue seu olhar cansado do testamento que está lendo e me encara furioso. Dava-se para notar sua impaciência comigo desde o início da leitura do mesmo. No entanto, pouco me importa se ele está ou não irritado com o fato de o ter interrompido umas oito vezes em menos de meia hora. Para ser sincera, estou mais interessada que termine logo a leitura e me diga onde devo assinar para poder colocar um fim nessa chatice de blá-blá-blá.

Acabei de perder o meu pai, que há muito tempo não o via e ficar sentada ouvindo falar sobre suas últimas vontades, não é muito agradável, porque isso me faz pensar no pouco tempo que tivemos juntos. E por incrível que pareça, isso me deixa triste.

Respiro fundo e arrumo uma mecha rebelde do meu cabelo. Ele está me deixando irritada desde que acordei. Assim que sair daqui irei ao salão da Julia. Ela dará um jeito na rebeldia dos meus fios loiros.

— Algum problema, senhorita Allie? — pergunta o advogado, fitando-me sério.

Mexo-me na cadeira e volto minha atenção para ele.

— Sim, Dr. Fill, há um problema gigantesco. — “Como sua barriga saliente”, penso em complementar com esse fato, porém os bons modos não me permitem. — Você disse que eu não posso vender a fazenda, como também terei que dividi-la com o afilhado do meu pai e ainda por cima, para ter direito à fortuna deixada para *MIM*, terei que abrir mão de tudo em Nova York e ir morar na fazenda? — pergunto aflita e irritada.

— Sim, senhorita Thomas — ele responde e volta à leitura.

— Espera aí? Você está falando sério? — As palavras saem altas demais.

Ele volta sua atenção novamente para mim.

— Quer que eu leia novamente essa parte da cláusula? — pergunta, entediado.

Um calafrio percorre meu corpo, eu odeio aquele lugar, e meu pai sempre soube disto. Não é justo depois de morto, me fazer passar por essa tortura.

— Estamos falando de uma fazenda, Dr. Fill. Ela fica no meio do nada, numa cidadezinha tão pequena e monótona que nem deve existir no mapa. —
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Minha voz sai fraca e aflita.

— Eu sei do que estamos falando, senhorita. Também moro em Maryville.

— Lá tem aqueles bichinhos asquerosos — digo, ignorando sua resposta.
— Grilos, gafanhotos, cobras e tantos outros que tenho pavor. — Com esse pensamento outro tremor percorre meu corpo.

— E têm vacas, galinhas, cavalos — ironiza.

Fico chocada com sua ousadia e continuo meu discurso:

— Pelo amor de Deus! Não irei sobreviver um dia sequer, imagina trezentos e sessenta e cinco dias. Odeio aquele lugar.

— Não posso fazer nada. São as últimas vontades do seu pai.

Afundo-me ainda mais no sofá confortável do meu apartamento e respiro profundamente, tentando encontrar uma saída para meus problemas.

— Se no testamento o meu pai deixou boa parte das terras para o afilhado dele, Andrew, não era obrigado estar presente agora?

O Dr. Fill ergue um dos cantos da boca num sorriso estranho.

— Não, porque, ao contrário de você, ele estava presente na hora que estávamos planejando o testamento. Andrew era o braço direito do seu pai. Ele estava sempre ao lado do Anthony.

Aperto os lábios, e tento não me sentir mal em saber que meu pai tinha um
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

filho querido, que mesmo não sendo do mesmo sangue, esteve presente com ele em todos os momentos, ao contrário de mim, que sempre usei meus estudos e trabalho como desculpa para não o ver.

Mesmo não querendo, parte de mim sente inveja de Andrew Scott, pois ele teve todo amor e atenção do meu pai, coisa que eu nunca tive.

— Existe alguma possibilidade de mudar essa parte do testamento? — Faço uma última tentativa, antes de arruinar minha vida.

— Não — responde ele olhando-me de uma forma enjoada. Acho que o senhor barrigudo pensa que sou retardada. — Seu pai deixou claro o que queria e isso não pode ser mudado.

Respiro fundo, repassando tudo o que vou deixar para trás, a partir do momento que concordar com todo esse absurdo.

— Onde assino?



Maryville, condado de Blount, Tennessee

O Dr. Fill havia me dado apenas uma semana para preparar minha mudança, sair do meu emprego de fotógrafa em uma grande agência de moda em Nova York, me despedir dos meus amigos e planejar um namoro à distância com o Kevin. Uma semana para mudar minha vida para sempre.

Pegar o voo para Maryville foi a coisa mais difícil que fiz na vida. Imaginar viver em uma fazenda rodeada por mato, bichos asquerosos e do afilhado do meu pai é apavorante. Nunca imaginei que teria que voltar para o único lugar no mundo que sempre quis manter distância.

— Está muito longe? — pergunto ao homem alto e forte, aparentando uns trinta anos, usando um chapéu ridículo sobre a cabeça e que dirige a Ranger da fazenda. Ele estava me esperando no aeroporto quando desembarquei e me

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

disse que estava encarregado de me levar para “casa”.

Ele me olha pelo retrovisor parecendo pouco à vontade em minha presença.

— Estamos quase chegando — responde com a voz grave e volta sua atenção à estrada a sua frente.

Respiro fundo, me mexendo no banco de couro e recosto a cabeça no vidro, mantendo meus olhos presos na paisagem, enquanto me perco em pensamentos. Não quero pensar em como será minha vida longe de casa, minha linda e luxuosa cobertura no centro de Manhattan, e de toda a agitação que eu tanto amo. Longe das festas, das bebedeiras com meus amigos, das noites agarradinha com o Kevin no meu apartamento, longe do meu emprego. Respiro fundo novamente e pisco algumas vezes, não irei me permitir chorar de novo, já tinha chorado rios essa semana, todavia prometi a mim mesma que seria forte para sobreviver ao inferno natural que é essa maldita fazenda.

A Ranger passa pelos portões de madeira modernos e segue a trilha entre as diversas árvores que cobrem os dois lados da estrada. Se não estivesse tão entediada e não odiasse tanto esse lugar, teria prestado atenção em como é linda a forma como elas parecem nos proteger do sol escaldante desse dia. No entanto, finjo simplesmente que elas não passam de um monte de folhas em uma madeira grande, que por algum motivo estão condenadas a viver enraizadas no mesmo lugar para sempre, e com esse pensamento, lembro-me do meu pai. Ele nasceu, cresceu e morreu enraizado nesse lugar e nada fez para mudar isso.

Fecho os olhos com força e me obrigo a pensar em outra coisa que não

seja meu pai, mas não é fácil não pensar nele agora. O vi poucas vezes na minha infância após sua separação com minha mãe, mas quando Andrew ficou sob seus cuidados depois da morte de seus pais, Anthony não fez muita questão de me ter por perto. Cresci ouvindo as inúmeras reclamações da minha mãe por meu pai nunca ir me ver ou pedir que eu viesse para a fazenda passar minhas férias com ele. Com o passar do tempo, a falta que ele fazia foi substituída por outras coisas que tornei mais importantes e essenciais, como minhas viagens, estudos e festas. Se não existia espaço para mim na vida do meu pai, ele também não teria espaço na minha.

Uma coisa não posso negar: Anthony sempre cuidou financeiramente de mim e da minha mãe. Ele nos manteve em uma vida de padrão alto; bancou meus estudos, viagens e não deixou faltar nada para nós.

Sorrio tristemente ao lembrar-me da minha mãe, ela era minha única família agora, no entanto, estava casada com um multimilionário e, no momento, encontrava-se nas praias brasileiras passando suas férias junto com o marido.

A última vez que vi o meu pai foi há quase dois anos, no dia do meu aniversário de vinte anos, tinha sido bem estranho nosso encontro, ele era muito reservado comigo, o que me deixava incomodada, porque a sensação que tinha era como se fôssemos dois completos estranhos com o mesmo tipo sanguíneo.

Depois desse dia ou eu estava viajando ou trabalhando muito, sempre dava uma desculpa para não estar com ele. Não consigo recordar se alguma vez trocamos algum afeto ou uma palavra de carinho. Nunca permiti que ele se aproximasse de mim. Os poucos contatos físicos que tivemos sempre foi

por parte dele. Dentro de mim existia mágoas do meu pai que eu não conseguia perdoar, ele havia aberto mão de mim e da minha mãe. Não me viu crescer, não tive um exemplo de pai em minha casa, pois meu exemplo estava longe demais, sendo pai de outra pessoa que nem ao menos era seu filho de verdade.

— Já chegamos, senhorita Allie. — A voz grossa do peão me traz de volta à minha triste realidade.

Abro os olhos e me deparo com a enorme casa branca, de dois andares. Sinto um aperto no peito ao fitar duas cadeiras de balanço na vasta varanda que cobre toda a frente. Meu pai costumava sentar-se ali todas as noites, pelo menos, nas vezes em que estive aqui.

A porta de trás da caminhonete é aberta, e eu me obrigo a manter meu semblante neutro. O empregado da fazenda do qual esqueci o nome me ajuda a descer do veículo. Por sorte, a frente da casa é calçada, o que me permite manter o meu equilíbrio no meu salto quinze. Arrumo meus óculos de sol no alto da cabeça e olho para a porta ainda fechada na esperança de ter alguém me esperando lá dentro, sorrio ironicamente. Claro que não teria ninguém me esperando. Provavelmente todos aqui devem me odiar por nunca ter vindo ver meu pai quando descobriu sua doença ou por não ter tido a sensibilidade de ter vindo ao seu enterro. Arrumo minha postura e conto até dez mentalmente antes de começar a subir os degraus que me levam à entrada da casa. Antes que eu alcance o último degrau, a porta é aberta e uma mulher baixinha e gordinha, usando um avental branco com desenhos de vacas, aparece no meu campo de visão. Ela abre um amplo sorriso quando seus olhos cruzam com os meus. Posso ver a emoção e alegria estampada em seu rosto, o que me deixa um tanto surpresa. Ela abre os braços gorduchos e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

caminha até onde estou envolvendo meu corpo com carinho. Fico paralisada por um momento, sentindo-me estranha por estar sendo abraçada por ela, no entanto, aos poucos, permito que meu corpo relaxe e retribuo seu abraço.

— Como você cresceu, Allie! — diz, afastando-se de mim o bastante para me avaliar. — Seu pai não exagerava quando dizia que pessoalmente você era ainda mais linda. — Seus olhos se enchem de lágrimas e eu peço a Deus que Nana não desmorone na minha frente. Do jeito que estou sensível por causa dessa mudança, não duvido que acabe chorando também.

— Obrigada. — Forço um sorriso.

Ficamos em silêncio, uma olhando para a outra. Não sei o que devo dizer à mulher que sempre cuidou de mim enquanto estive aqui. É tão estranho estar diante dela depois de tantos anos. Ainda consigo recordar de como adorava ficar sentada na cozinha enquanto ela fazia o jantar ou quando estava fazendo seus deliciosos bolos. Às vezes, ela até me deixava mexer a massa, mas isso sempre resultava em uma grande sujeira.

— Você deve estar faminta — diz, quebrando nosso silêncio constrangedor. Ela dirige seu olhar para o empregado, que continua parado ao lado das minhas malas. — Isaac, leve as coisas da Allie para o quarto dela. — Em seguida, volta a me olhar e estende sua pequena mão. — Venha.

Olho para sua mão hesitante, antes de pousar a minha mão na sua e deixar que ela me conduza ao interior da casa.

A casa por dentro continua do mesmo jeito que lembrava. Os móveis se misturam com antigos e modernos. Apesar de rico, meu pai adorava a

simplicidade das coisas, talvez seja por isso que ele ainda tem tantas relíquias dentro de casa, aposto que ainda tem aquela máquina velha de escrever no seu escritório.

O hall de entrada é decorado com alguns quadros da família. Fotos dos meus avós, que nunca cheguei a conhecer, do meu pai quando mais jovem montado em seu cavalo. Há também um aparador de madeira escura, bem ao lado da escada que dá acesso ao andar de cima, com inúmeros porta-retratos que não me permito olhar. A sala de estar é decorada elegantemente com dois sofás brancos grandes, um de frente para o outro, e um centro de vidro no meio, posto sobre um lindo tapete persa. Uma lareira cobre totalmente uma parede da sala, deixando o local mais bonito e acolhedor.

— Allie, anda logo, menina, fiz seu bolo favorito! — grita Nana impaciente, me esperando a alguns passos.

Dou uma última olhada na sala, antes de seguir Nana até a grande cozinha.

O lugar está mais moderno do que eu lembrava. A grande mesa de madeira fora substituída por uma de seis lugares de mármore, onde há frutas e bolos, pelo menos uns três de sabores variados.

— Fiz o de cenoura com cobertura de chocolate — diz fazendo menção para o bolo. — Era o seu favorito.

— Ainda é. — Sorrio, sentindo-me comovida por ela se recordar de algo tão simples.

— Então, sente-se que vou lhe servir — diz animada.

Puxo uma cadeira e sento, enquanto Nana me serve uma xícara de café fumegante e uma fatia de bolo e senta-se de frente para mim, enquanto como.

— Hmmm! Está uma delícia! — exclamo com a boca cheia, enquanto saboreio simplesmente o melhor bolo que já comi na vida.

Enquanto continuo comendo, Nana continua falando sobre a fazenda e coisas do tipo. Ela e o marido Dimitri trabalham na fazenda há muito tempo, muito antes dos meus pais se separarem. Segundo ela, após a morte do meu pai, seu marido tem ajudado ainda mais Andrew, ela disse algo como eles estarem no campo ordenhando as vacas ou algo assim. Para ser sincera, não prestei muita atenção.

Falando em Andrew, como ele será? Vi algumas fotos dele quando ainda era criança, das poucas vezes que meu pai foi me visitar. Ele era magrelo e estranho. Será que continua a mesma coisa ou terá mudado?

— A Hanna está trabalhando em rodeios — diz Nana me trazendo de volta dos devaneios.

Hanna é filha única de Nana. Ela tinha a minha idade e recorde de sermos amigas quando crianças.

— Sério? — pergunto, tentando parecer entusiasmada. Ela começa a falar sem freios sobre a carreira de amazona da filha.

Deus! Não sei o que esse povo acha graça nessa cafonice toda de usar calças apertadas, e aquele chapelão na cabeça. Se para o homem usar calças amassando os testículos já é extremamente brega, imagina para uma mulher?

Que falta de feminismo!

— É, parece legal — digo, engolindo meu último pedaço de bolo.

Nana parece notar minha falta de entusiasmo e começa a falar de outra coisa.

— Sua mãe vai vir te visitar?

Dou de ombros e sorrio.

— Não sei. Depois do casamento, eu e minha mãe nos afastamos muito — respondo distraidamente. — Agora preciso descansar um pouco, a viagem foi bastante longa. — Forço um sorriso, enquanto me levanto da mesa. Nana faz o mesmo.

— Seu pai ficaria feliz em vê-la aqui novamente. — Ela sorri, no entanto seus olhos ficam marejados. — Descanse, Allie, quando servir o almoço eu lhe aviso.

Forço um sorriso, ignorando o máximo o que ela acabara de falar sobre meu pai, e me concentro apenas na última coisa que falou.

Começo a andar com passos lentos e elegantes, porém, antes que consiga sequer chegar ao corredor, uma voz rouca e máscula, fazendo um comentário ridículo a meu respeito, me faz parar no meio do caminho.

— E aí, Nana, a pirralha metida já chegou?

Aquelas palavras me pegam de surpresa. Quem esse estúpido pensa que é

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

para falar assim de mim?

Giro meu corpo decidida a colocar quem quer que seja no seu devido lugar e, para minha surpresa, as palavras ficam presas na minha garganta, quando meus olhos se prendem ao homem moreno alto, vestido exatamente como um cowboy daqueles filmes eróticos; um lindo e irresistível homem do campo. Calça jeans desbotada e apertada, botas, uma camisa xadrez azul por dentro da calça e um chapéu de vaqueiro encobrindo seus cabelos castanhos.

Ele está de lado e a única coisa que eu posso ver são os traços em perfil do seu rosto, que parece ser lindo. Seus traços são perfeitos, nariz afilado, a boca carnuda exhibe um sorriso sexy e debochado e o queixo tentador.

Nana pigarreia e faz menção para onde eu estou parada.

O sorriso desaparece de seus lábios e ele volta-se confiante para mim.

Seu olhar brilha de surpresa, quase me devastando com a intensidade do oceano que são seus olhos.

Olhando diretamente para mim, eu posso admirar ainda mais sua beleza viril e máscula de homem do campo.

Ai, meu Deus! Não bastava ser lindo de morrer, ainda tem que ter um furinho sexy no queixo?

— Vejo que a pirralha cresceu! — diz com ar debochado.

Seus lábios se curvam num sorriso irônico e perigoso, enquanto seus olhos percorrem todo o meu corpo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sinto o ar de alguma forma fugir dos meus pulmões.

Respiro fundo, sentindo-me desconfortável com a intensidade de seu olhar.

— E você quem pensa que é para falar assim comigo? Sabe com quem está falando? — questiono arrogante, erguendo o queixo e o fitando nos olhos.

Ele tira seu chapéu deixando seus cabelos castanho-escuros ondulados caírem em sua testa.

— É claro que sei, pirralha.

Trinco os dentes tentando me segurar, esse peão arrogante está me tirando do sério.

— Quem você pensa que é, seu peão morto de fome? — vocifero fuzilando-o com os olhos.

O cowboy sexy, porém arrogante, dá alguns passos na minha direção, parando a poucos centímetros de mim.

— Andrew Scott. — Ele estende a mão em minha direção.

Espera aí! Ele disse Andrew Scott? O Andrew feio e magricela, afilhado do meu pai?

Olho-o de cima a baixo, demorando um pouco no seu peito musculoso e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

suado, que está à mostra pelos botões que ele não fechou.

— Apreciando a vista, Allie? — pergunta presunçoso.

Bufo e solto uma risada irônica.

— Não tem muito o que apreciar aqui... — minto, fazendo cara de nojo e ignorando sua mão estendida à minha frente. — Você está suado e por sinal está fedendo pra caramba. — Torço o nariz fingindo que realmente ele não cheira bem, mas pelo sorriso em seus lábios, sei que sabe que estou apenas tentando lhe irritar.

— Você continua a mesma pirralha nojenta do qual ouvir falar — dizendo-me as costas.

E que costas por sinal, eu não queria pensar e nem dizer isso, mas tenho uma queda gigantesca por homens com costas largas, assim como ele.

Deus! Como alguém feio e sem graça como ele fora no passado, pode ter se tornado um homem tão... tão... sexy e gostoso?

— E você não passa de um morto de fome! — grito irritada, dando-lhe as costas e indo para o meu quarto, batendo os pés furiosos no piso de madeira.

Andrew conseguiu estragar o meu dia, que já não estava bom. Sua beleza é apenas uma fachada para esconder sua verdadeira face. Um órfão interesseiro que acha que pode mandar em tudo e controlar as coisas à sua volta.

No entanto, agora que meu pai não está mais presente para mimá-lo e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

deixá-lo fazer o que bem entender, vou colocá-lo em seu lugar e mostrar quem é a dona dessas terras. Por fim, fazê-lo desistir de sua parte na fazenda, para que possa de uma vez por todas vender esse lugar e voltar para casa.



Recusei-me a sentar à mesma mesa que aquele ogro mal-educado. Almocei no meu quarto, que por sinal estava do mesmo jeito que deixei anos atrás. Amanhã terei que ir à cidade comprar móveis novos para meu quarto. Se tenho de ficar um ano aqui, tenho que deixar o lugar mais parecido comigo e mais confortável.

Depois de dormir durante horas, sou acordada por Nana, que bate feito louca na porta.

— Pode entrar — digo meio grogue.

Nana coloca a cabeça para dentro e sorri pedindo desculpas por ter me acordado.

— Vou servir o jantar daqui a meia hora.

— Tudo bem, Nana, obrigada.

Ela sorri docemente e tranca a porta.

Respiro fundo e olho através da grande janela, o sol está se pondo nas montanhas, se eu não estivesse tão aborrecida em estar aqui, teria admirado a

paisagem e até fotografado a cena; o sol alaranjado deixa o cenário perfeito.

Este lugar está me deixando deprimida. A cada segundo que passo na fazenda, eu me sinto ainda mais longe de tudo o que planejei para mim.

Pego meu celular e resolvo mandar algumas mensagens para meus amigos, dizendo que fiz uma boa viagem, que o lugar é um tédio e que já estou morrendo de saudades. Por fim, ligo para o Kevin, mas, para minha surpresa, seu celular vai para a caixa de mensagem.

— Oi, amor... Ligando apenas para dizer que fiz uma boa viagem. Estou com saudades, por favor, me liga.

Desligo e fico olhando por alguns minutos a tela do celular que exibe uma foto dele: seu cabelo loiro claro caindo sobre a testa. Seus expressivos olhos verdes fitando a câmera e em seus lábios bem esculpidos está seu sorriso sedutor que tanto amo.

A saudade aumenta e a curiosidade de saber onde ele está e com quem fica insuportável, mas não posso pensar nisso agora. Estamos longe um do outro e tudo o que menos preciso agora é ficar obcecada com o paradeiro do meu namorado gato.

Tomo um banho longo e demorado, aproveitando a água quentinha do chuveiro. Lavo meus cabelos duas vezes, desejando que o tempo passe mais rápido e que eu possa voltar logo para casa.

Vasculho minhas malas e pego uma roupa para vestir. Calça jeans, uma camiseta branca e meu suéter rosa e me visto. Seco os cabelos, faço uma

maquiagem leve e calço minhas botas pretas de cano longo e de salto e saio do meu quarto.

— Dormiu bem? — pergunta Nana, quando entro na cozinha.

— Sim, só que tinha uns mosquitinhos chatos me picando.

Ela solta uma gargalhada e fico me perguntando se está rindo de mim.

— São pernilongos, querida, você estava com a janela aberta.

— Ah!

Nana coloca uma xícara de café fumegante na minha frente. O aroma maravilhoso chega até mim e minha vontade é de fechar os olhos e aproveitar o cheirinho adorável que eu tanto amo.

— Preciso ir até à cidade amanhã comprar alguns móveis novos para o meu quarto.

Nana olha-me atentamente e concorda com a cabeça.

— Posso pedir ao Andrew que vá com você.

— Ah, não. Eu prefiro ir sozinha — digo de imediato. — Afinal de contas, vou ter que me acostumar a circular por aqui sem precisar de acompanhante, não é? — Sorrio e tomo um pouco do meu café, que está tão maravilhoso quanto o aroma.

— Não acho que seja sensato sair sozinha, querida, afinal você pode se

perder.

A ideia de me perder nesse fim de mundo me causa calafrios.

— Você poderia pedir para outra pessoa me levar.

— Aonde você quer ir, pirralha?

A voz rouca e penetrante de Andrew surge das sombras do corredor, fazendo meu coração dar um salto. Eu não esperava que ele ainda tivesse a ousadia de me dirigir a palavra.

— Não é da sua conta, peão — respondo sem olhá-lo.

Ele senta-se à mesa à minha frente. Sinto seu olhar avaliando-me e, de uma forma patética, meu sangue começa a correr mais rápido em minhas veias.

— A Allie quer ir à cidade amanhã comprar alguns móveis — diz Nana, ao colocar uma xícara de café na frente dele.

Ergo meu olhar para fulminar Nana, no entanto, ela está ocupada demais terminando de fazer o jantar e a única coisa com que me deparo são com aqueles lindos olhos azuis e um sorriso sexy.

Andrew está vestindo uma camisa branca de mangas longas, que estão dobradas até a altura dos cotovelos. E seu cabelo está perfeitamente penteado para trás.

— O que há de errado com seus móveis?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Desvio o olhar do seu e volto a atenção para meu café.

— Só quero algo menos infantil. — Minhas palavras saem baixas.

— É justo...

Ergo meu olhar na sua direção novamente, ele está concordando comigo ou quer apenas tirar onda com a minha cara?

— Eu vou com você se quiser.

Ergo uma sobrancelha e espero por alguns segundos para certificar-me de que não está me zoando, antes de responder:

— Tudo bem.

Seus lábios curvam-se num sorriso encantador, os olhos dele nem por um segundo deixam os meus.

Apesar de ser arrogante, mal-educado e prepotente, ele sabe ser gentil quando necessário.

Jantamos sopa de legumes. Eu não estou acostumada a comer esse tipo de comida sem estar doente, na verdade prefiro comer uma pizza ou um hambúrguer, qualquer coisa que sacie minha fome.

— Não gosta de sopa? — pergunta Andrew, ao terminar seu terceiro prato. Não é à toa que tem um corpo tão sarado. Esse homem come mais que um cavalo.

— Só quando estou doente — respondo vagamente e empurro o prato intocado para longe de mim.

Andrew olha-me atentamente.

— Vai ter que se acostumar com a comida do campo, você não está mais na cidade grande.

Suas palavras são como um balde de água fria.

Engulo em seco e um desespero por estar nesse lugar, longe de casa, toma conta de mim. Levanto-me da mesa e corro para o meu quarto, pego o celular e disco novamente o número do Kevin, que atende no terceiro toque.

— *Oi, amor* — diz com a voz estranha.

— Kevin, onde está? — Ao longe ouço vozes e uma música ao fundo. — Você está em uma festa?

Ouço risinhos e o telefone fica mudo.

Não faltava mais nada, eu no meio do nada e o meu namorado provavelmente numa de suas famosas festas, comendo alguma puta.

A irritação toma conta de mim, jogo o celular em cima da cama e cruzo os braços, respirando algumas vezes, tentando acalmar meus ânimos.

Uma batida na porta me traz de volta. Vou até ela e a abro. Para minha surpresa, encontro Andrew parado do lado de fora. Uma de suas mãos está na lateral da porta e a outra no bolso da frente de sua calça jeans apertada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ele é de fato a visão do pecado.

— O que você quer? — pergunto sem me dar o trabalho de ser gentil.

Um meio sorriso se curva em seus lábios.

— Só queria saber se você está bem — responde, enquanto seus olhos me avaliam.

— Sim, estou — digo secamente.

O sorriso em seus lábios aumenta. Ele passa as mãos em seus cabelos, deixando-os bagunçados.

— Quer dar uma volta comigo... lá fora? — Fico surpresa com sua proposta e avalio-a por alguns segundos. Se aceitasse, poderíamos conversar um pouco e, quem sabe, até nos conhecermos melhor. Assim a convivência seria mais fácil. No entanto, existe algo de perigoso na forma como ele olha para mim, algo que eu temo e que me manda ficar longe dele.

— Acho melhor não... Está muito frio e não quero correr o risco de alguns daqueles bichos asquerosos aparecerem lá na varanda.

Andrew aperta os lábios.

— Então, até amanhã.

Ele caminha devagar, com passos confiantes, e eu o vejo desaparecer entre os corredores.

Fecho a porta, sentindo uma leve sensação de desapontamento. Talvez não devesse tê-lo tratado tão friamente quando ele estava apenas sendo gentil.

“Para tudo, Allie! É claro que você agiu bem, sua loira linda e meio burra, por pensar nisso”, repreendo-me mentalmente ao fechar a porta e me jogar na cama de solteiro.

Ele havia se portado muito mal comigo mais cedo e não era porque Andrew se ofereceu para me levar à cidade amanhã, e por me chamar para dar uma volta, que isso significava que tinha que baixar a guarda em relação a ele.

Eu vim para a fazenda por um propósito: fazê-lo desistir da sua maldita parte e depois vendê-la para dar o fora desse lugar.

Esse era meu plano e nada me faria mudar.



Ser acordada às cinco da manhã, por bichos barulhentos, é de longe a pior coisa que poderia me acontecer nesse fim de mundo. Eu tenho plena consciência das manchas ao redor dos meus expressivos olhos azuis.

Depois de aplicar uma boa camada de base para encobrir minhas olheiras, arrumo-me adequadamente para ir até à cidade comprar alguns móveis novos e ir ao cabeleireiro.

Visto uma calça jeans branca, uma camiseta preta e uma jaqueta de couro marrom. Calço botas de cano longo e de salto, quase da mesma cor da jaqueta. Pego minha bolsa de marca, meus óculos de sol e vou tomar o café da manhã na cozinha.

Andrew já está sentando à mesa junto com Nana e seu marido, que eu ainda não havia encontrado desde que cheguei.

Andrew está usando uma camisa xadrez preta e branca. Os botões estão abertos deixando alguns pelos à mostra. Seus cabelos estão desgrehados, o que significava que andou passando as mãos neles repetidas vezes.

— Bom dia, pirralha. Dormiu bem?

Reviro os olhos diante de seu apelido idiota. Não sei por que ele cismou em me chamar assim.

— Bom dia, querida. — Nana levanta-se, pega uma xícara e me serve café com leite.

Sento-me do lado oposto de Andrew, ficando de frente para ele.

Seus olhos avaliam-me com uma pitada de diversão.

— Algum problema, caipira? — pergunto ironicamente, erguendo uma sobrancelha.

Andrew sorri, enquanto mastiga um pedaço de bolo.

— Nenhum... Tirando o fato de que você por si só já é um problema.

— Olha aqui, se é para você começar cedo com seus insultos é melhor pedir para outra pessoa me acompanhar até à cidade. Não estou com um pinga de paciência para aturar suas piadinhas — digo irritada.

Andrew sorri, dá-se para notar que está se divertindo com minha reação.

— Calma, pirralha! Você tem um péssimo humor matinal — zomba

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

enquanto beberica seu café. Nana e o marido, que não consigo recordar o nome, parecem estar se divertindo com a cena que o Andrew está armando. — Afinal de contas, o dia está lindo lá fora para você ficar com essa tromba na cara — diz com um sorriso irônico.

Reviro os olhos esquecendo meu café, se ele queria me deixar de mau humor conseguiu.

— Em primeiro lugar, seu caipira idiota, quem tem cara é cavalo. — Coloco as mãos sobre a mesa, me inclinando um pouco.

— No seu caso é égua — diz rindo e quase se engasga com o café.

Levanto-me da cadeira.

— Pelo amor de Deus, Andrew! Deixe a menina tomar o café em paz! — reclama Nana lançando um olhar feio na direção dele.

— Não se preocupe, Nana, ele é um ogro mal-educado. Nunca saberá se comportar bem — digo, enquanto caminho para sair da cozinha, qualquer vestígio de fome tinha ido embora. Talvez, quando chegar à cidade, eu coma alguma coisa.

— Então me ensine, Allie — diz Andrew com a voz grave, fazendo-me parar. Volto-me para ele, sem entender o que queria dizer. — Ensine-me a ser uma pessoa educada e gentil como você.

Eu sei que ele está de gozação comigo. O sorriso irônico que se forma em seus lábios carnudos lhe denunciavam. Então resolvo colocá-lo em seu lugar.

— Seria impossível lhe ensinar qualquer coisa... Seu cérebro não iria acompanhar o raciocínio do meu nunca. — Ergo uma sobrancelha, apertando os lábios num sorriso cínico e contido.

Andrew aperta os lábios ligeiramente ofendido.

— Você tem razão! — diz sério. Para minha surpresa, ele não sorri e eu mantenho minha postura de superioridade, essa luta já está ganha. — Seu raciocínio é lento demais para acompanhar o meu... Isto porque dizem que o cérebro de uma loira é tão pequeno quanto uma semente de mostarda. — Ele avalia-me atentamente, deixando que seus olhos demorem em meus cabelos loiros e bem cuidados. — Exceto, claro, se você for oxigenada. — E então cai numa gargalhada alta e estridente.

Rosno batendo os pés como uma garotinha de cinco anos irritada. Fecho os olhos e cerro os punhos.

— Eu não sou oxigenada. Meu cabelo é exatamente dessa cor. E para seu governo, seu caipira mal-educado e analfabeto, não sou burra!

Andrew faz uma careta e eu saio da cozinha, pisando duro.



Depois de muita insistência da parte de Andrew, concordo em ir até à cidade com ele, pois, segundo o mesmo, tem que ir buscar alguns medicamentos na farmácia veterinária. Quando ele disse isso quis insultá-lo e perguntar se os remédios eram para uso próprio, no entanto achei melhor

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

deixar minha língua afiada dentro da minha boca, pois não queria começar outra discussão.

Depois de quase uma hora na estrada, chegamos à cidade.

— Primeiro poderia me levar a um cabeleireiro? Preciso fazer uma escova decente urgentemente e uma boa hidratação — digo distraída, mexendo em uma mecha loira do meu cabelo.

— De que mundo você veio, Barbie? Está morando em uma fazenda, ninguém se importa se estiver com seus cabelos hidratados e esvoaçantes ou se eles estiverem parecendo uma vassoura.

Respiro fundo, tentando manter a calma.

— Eu me importo. Gosto de me manter bela e arrumada.

Andrew reprime um sorriso e resmunga alguma coisa que não consigo ouvir.

Ele me deixa em um salão mais ou menos requintado e vai fazer suas coisas, alegando que virá me buscar daqui a duas horas. Ótimo, não era o tempo que eu queria para fazer tudo o que tinha direito, mas daria pelo menos para arrumar meus cabelos.

O salão não era tão grande nem tão moderno como os que costumava frequentar em Nova York. Mas, para minha surpresa, até que Taddy, o gay de mechas coloridas, soube deixar os meus cabelos uma graça.

— Você ficou perfeita! — exclama ele, admirando-me boquiaberto. Eu sei

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que sou linda e não preciso que ninguém fique me lembrando disto, porém, adoro receber elogios.

Pago no caixa pela hidratação e a escova. Saio do salão, levando comigo alguns produtos que comprei na lojinha: um kit completo dos produtos que pensei ser difícil comprar longe de minha cidade amada.

Quando saio do salão dou de cara com um Andrew impaciente me esperando de braços cruzados encostado em sua caminhonete preta.

— Que demora! — reclama abrindo a porta do carro e entrando.

Reviro os olhos ignorando seu mau humor e caminho elegantemente dando a volta no carro e entrando no mesmo.

— Mas valeu a pena cada segundo — digo satisfeita, enquanto passo uma camada de batom vermelho nos lábios.

— Não vejo mudança nenhuma.

Faço uma careta para ele e o ignoro, enquanto seguimos para a loja de móveis mais próxima.

Compro uma grande cama king size e alguns móveis para substituir os velhos do meu quarto. Uma cômoda nova, uma linda cabeceira com estofado fofinho branco e duas mesinhas para colocar em cada lado da cama.

Ficaria pelo menos parecido com meu quarto, que deixei para trás.

Compro lençóis novos no tom rosa e lilás; amo essas cores. E uma linda

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cortina roxa com babados brancos.

Eu sei que limites no meu cartão não é problema, então, não hesitei em comprar tudo do bom e do melhor.

Depois de comprar tudo o que precisava, paramos no supermercado e enchi um carrinho com todas as coisas que eu adorava. Tudo bem, não tinha tudo o que precisava, mas peguei o necessário para passar pelo menos um mês sem me preocupar em passar fome, sempre que Nana resolver fazer comida de doente. Comprei umas cinco garrafas do melhor vinho que eles tinham e paguei tudo no caixa.

— Meu Deus, mulher! Tem comida em casa, sabia? — Aquilo não era uma pergunta e ambos sabíamos disto.

Andrew me ajuda a colocar as coisas na carroceria da Ranger e coloca na cabine as mais sensíveis, enquanto me acomodo no meu lugar no banco do carona.

— Suprimento de sobrevivência? — pergunta com um sorriso, olhando-me de canto de olho, quando toma seu lugar atrás do volante.

Não lhe respondo, não estou a fim de puxar papo com ele.

Exceto por uma coisa...

— Tem internet na fazenda? — pergunto, girando meu corpo de modo que fico quase sentada de frente para ele.

Andrew sorri, balançando a cabeça em negativa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Tem ou não? — Volto a perguntar impaciente. Preciso que ele diga que sim, pois a internet será um modo de ficar mais perto dos amigos que deixei para trás e do meu namorado, que até agora não deu sinal de vida.

— Internet... — Ele aperta os lábios, mas nada diz, apenas fica com a frase suspensa no ar.

Bufo sentando-me direito no banco.

— Deixa para lá. Descubro sozinha. Aliás, você nem deve saber o que é isso.

Andrew sorri, porém é um sorriso sem humor.

— Olha aqui, Barbie, eu sei o que é internet e sim, lá tem internet. Por quê? Você por acaso quer tirar uma *selfie* com uma vaca e postar nas suas redes sociais e pôr a legenda: “Que vida boa no campo?”.

Arregalo os olhos, chocada com o que ele acabara de dizer.

— Você é um grosso mal-educado. — Cruzo os braços e fico olhando a estrada passar como um borrão diante dos meus olhos, ficando para trás, encoberta pela poeira.

A estrada de terra tem alguns buracos, fazendo a caminhonete balançar mais do que o normal.

O céu que outrora se encontrava limpo, agora está carregado com nuvens negras.

Sinto um tremor percorrer meu corpo. Não gosto da sensação sombria que a chuva traz. Nunca gostei de dias nublados ou chuvosos. Eles me deixam com uma nostalgia melancólica, por isso que amo os dias ensolarados.

— Eu não sou analfabeto — diz com a voz baixa e ofendida.

Olho-o de relance, sem entender o que ele quer dizer.

— Fiz faculdade de veterinária na Maryville College, assim poderia fazer alguns trabalhos nas fazendas vizinhas e não precisar viver à custa do meu padrinho. Pretendo abrir um consultório veterinário em breve.

Reviro os olhos.

— Está querendo que o parabenize por ter extorquido o dinheiro do meu pai para pagar a faculdade? — pergunto friamente, sentindo a raiva me invadir. — Não me importo com o que fez. Nada do que você diga vai mudar o que penso a seu respeito.

— E o que você pensa de mim, Allie? — Andrew me olha de soslaio e um sorriso sem humor nasce em seus lábios. Olho para a estrada à nossa frente, me sentindo incapaz de fitá-lo, algo em seu olhar me intimida mais do que eu gostaria. — Me diz o que diabos você pensa de mim, garota? — grita furioso, parando a caminhonete subitamente. Os pneus respondem de imediato ao seu comando.

Volto-me para ele, assustada com seu ataque de raiva.

Os olhos de Andrew escurecem quando se encontram com os meus.

Um brilho intenso de ódio e desprezo invade seu olhar. Uma parte de mim entra em pânico, porém a parte louca e rebelde é ativada de imediato, fazendo-me erguer o queixo e o encarar com desdém.

— Fala. O. Que. Você. Pensa. De. Mim — insiste, dando ênfase a cada palavra.

— Eu não quero falar — digo arrogante, sem tirar os olhos dele.

Uma risada sombria escapa de sua garganta. Ele abre a porta e sai, fechando-a fortemente em seguida.

Não sei o que ele está pretendendo fazer, mas algo dentro de mim fica em alerta.

Andrew dá a volta no carro, e para ao lado da porta do passageiro, onde me encontro.

— Desce! — diz friamente ao abrir a porta.

— Não estou a fim de descer. — FRANZO o cenho.

Ele aperta os lábios furioso, se inclina sobre mim arrancando o cinto de segurança e me puxa pelo braço para fora do carro.

— Ei... — indago, quando ele me solta, acaricio o braço dolorido por sua pegada brusca. — Você está louco?! — grito.

— Não vai mesmo dizer o que pensa de mim?

Avalio sua expressão antes de lhe responder, ele quer saber o que penso dele, porém algo dentro de mim sabe que não irá gostar nada do que posso dizer.

— Não.

Andrew sorri sem humor.

— Então vou dizer o que penso de você, sua patricinha arrogante, fútil e interesseira! — Andrew cospe as palavras como se elas fossem fel em sua boca, enquanto me olha com desprezo.

— Não fale assim comigo! — digo pretensiosa, erguendo uma mão para esbofeteá-lo, no entanto, ele é mais rápido que eu, segurando firmemente meu pulso.

— Eu falo do jeito que quiser. E agora vou dizer o que seu pai nunca teve coragem. — Aperto os lábios lutando contra sua pegada. — Você não passa de uma garotinha mimada, fútil e incapaz de amar alguém. É pior que sua mãe. — Ele faz uma pausa, avaliando-me com atenção. — Seu pai tinha razão quando falou que você voltaria se fosse necessário. — Andrew solta meu pulso e sobe na carroceria da Ranger; pega uma das minhas sacolas de compras e tira alguns itens. — Sabe, isso tudo foi comprado com o dinheiro do homem que você tanto desprezou. — Ele arremessa com violência alguns itens na estrada, fazendo os pacotes de biscoitos e salgadinhos se abrirem.

— Pare com isso! O que diabos você está fazendo? — grito, sentindo-me, pela primeira vez, vulnerável diante dele.

— Com isso você se importa, não é? — pergunta, ainda arremessando minhas compras no chão. — Com a porra do dinheiro você se importa. — Ele desce da carroceria, abre a porta de trás da cabine, tira as garrafas de vinho que eu havia comprado, abre uma delas, não me pergunte como e dá um gole grande, passando as costas de uma das mãos na boca. — Esse vinho é bom. — Andrew sorri friamente e arremessa a garrafa com tudo no chão. Assim faz com as outras e com mais alguns itens.

As lágrimas ardem em meus olhos, quero fazer alguma coisa, no entanto temo que o próximo item a ser destruído seja eu.

— Pelo amor de Deus, Andrew, pare com isso! — grito, enquanto as lágrimas rolam pela minha face.

Ele olha-me com desprezo.

— Qual o sentido de voltar a essa fazenda agora? Só por causa do dinheiro? — Ele me olha com desdém e balança a cabeça em negativa. — Qual o sentido de estar aqui agora, sem o Anthony vivo?

Sinto uma pontada em meu coração, parte de mim sabe que ele tem razão, no entanto, é meu direito lutar pelo que é meu, certo? Independente de qualquer coisa.

— Por que está tão zangado, peão? Só porque meu pai te deixou uma pequena parte da fazenda? Você ficou decepcionado por ele não ter deixado mais que isso? — pergunto ironicamente, enxugando as lágrimas.

Andrew contrai o maxilar e dá um passo na minha direção.

— Você está tão enganada, Allie — responde friamente.

— Sério?! — grito rindo.

— Não se trata do dinheiro, porra! — diz a centímetros da minha face. — Se trata do quanto seu pai desejou que você estivesse aqui... O quanto ele lhe esperou durante anos, o quanto sofreu por sua ausência.

Novamente o peso das verdades ditas por Andrew invade-me com força bruta, fazendo-me sentir vontade de largar tudo e voltar para Nova York. Não quero deixar que as mágoas que já resolvi com meu interior venham à tona agora, não vou deixar que esse peão morto de fome me faça sentir mal com minhas escolhas.

— Ele tinha você, não precisava de mim. — As palavras magoadas saem antes que eu possa detê-las.

— Você era filha dele, Allie, é claro que ele precisava de você — diz incrédulo.

— Isso não importa mais — digo sem olhá-lo.

Andrew respira fundo, e pesadamente, parecendo exausto. Fecha os olhos com força, antes de voltar-se para mim.

— Um dos motivos pelo qual ele me colocou como herdeiro foi exatamente porque sabia que, se deixasse tudo para você, no segundo seguinte que morresse, você venderia o lugar que ele tanto amava.

— O Anthony tinha razão, no final das contas me conhecia melhor do que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pensava — digo com um sorriso irônico.

Andrew tira o chapéu e arremessa violentamente no chão.

— Que espécie de ser humano é você? — grita segurando meus ombros.
— Ele era seu pai, Allie... Ele estava morrendo... — Suas palavras cessam e seus olhos adquirem um brilho triste e amargurado, ele solta meus ombros e afasta-se de mim.

As lágrimas ardem em meus olhos, me fazendo desviar o olhar dele. Não posso chorar na sua frente e lhe mostrar que suas palavras me afetaram mais do que eu gostaria.

— Você não é digna de ser filha do Anthony... — Sua voz é fraca e amargurada.

— Sinto muito se ficarei com tudo o que foi dele e você não.

Andrew volta-se furioso para mim.

— Não se trata do dinheiro. De que vale o dinheiro agora, se ele não está mais aqui? — rosna entredentes.

Sinto meus lábios tremerem e deixo as palavras saírem, mesmo sabendo que boa parte delas são apenas o que eu queria que fosse verdade.

— Para mim, não faz diferença nenhuma... No final das contas, tudo seria meu do mesmo jeito, e daí se ele morreu? Um dia teria que acontecer.

— Sua... — Ele aproxima-se ameaçadoramente de mim com os punhos
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cerrados, fazendo-me encolher. — Você é a pior decepção do Anthony... Você não tem nada dele além do sangue. Você é uma víbora desprezível. Um monstro sem alma — diz entredentes.

Ergo o queixo, arrogante, me recompondo.

— Acabou seu showzinho? — Bato palmas com um sorriso sarcástico nos lábios, sem tirar os olhos dos seus.

Ele aperta os lábios, pega o chapéu do chão, tira a poeira com a mão e põe de volta na cabeça.

— No final das contas, independente de sangue ou não, eu fui filho dele, estive ao seu lado em todos os momentos em vida; eu estive com ele na doença e não o abandonei na morte. — Andrew dá um passo ficando a poucos centímetros de mim e sorri. — E a melhor coisa é que ele tinha orgulho de mim, pois sabia que nunca o decepcionaria.

Continuo com minha postura confiante, com meu nariz empinado e meu sorriso arrogante e inabalável. É assim que quero que ele me veja. Como alguém que não dá a mínima para o que ele pensa ou diz, no entanto, não é assim que eu me sinto.

— Allie, se pensa que vai colocar as mãos na minha parte da fazenda você pode esquecer... Pode vender tudo o que tem, as casas, apartamentos, mas esqueça da fazenda, pois você não vai vendê-la para satisfazer seus caprichos de menina mimada. — Ele dá a volta no carro, entra batendo a porta e liga a ignição.

Respiro fundo antes de abrir a porta do carona.

— Destrava a porta — digo batendo no vidro.

Andrew baixa um pouco o vidro, o suficiente para que eu possa lhe ouvir.

— Por que não aproveita a caminhada para pensar no que lhe disse? — Ele sorri e acelera arrancando com tudo.

Cubro meu rosto com as mãos para proteger meus olhos da poeira.

— Volte aqui, seu peão desgraçado! — grito desesperada, começando a correr, no entanto o veículo já está longe e a única coisa que consigo ver é minha bolsa Prada sendo lançada pela janela. — Merda, Andrew, vá para o inferno, seu maldito desgraçado!

As lágrimas vêm com tudo, agora que percebo o que ele acabou de fazer, aperto os passos até onde minha bolsa foi lançada.

Alguns itens estão fora do lugar e meu *iPhone*, última geração, está caído longe da bolsa com a tela completamente destruída.

— Ótimo, não poderia ficar pior! — exclamo, enquanto coloco as coisas de volta na bolsa, e nesse minuto um trovão soa violento seguido por gotas mansas de chuva, que logo se tornam violentas. Tento cobrir meu cabelo, recém-escovado com a bolsa, na tentativa vã de protegê-lo.

A estrada que outrora estava seca, agora se encontra cheia de poças de lamas. Escorrego algumas vezes, até que atolo meu pé num buraco e quebro o salto do pé direito.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Esse deve ser o momento em que deveria chorar feito uma criança, no entanto, sem ninguém para me consolar, parece que as lágrimas haviam secado em meus olhos. Minha calça branca está marrom por causa da lama e estou mancando de um pé por causa do salto quebrado. A raiva me deu ânimo para continuar andando com passos apressados, procurando sempre o lugar mais seco para pisar. Se é que isso é possível.

Aquele maldito filho de uma... De uma mãe, que Deus a tenha, irá me pagar por tudo o que fez, e principalmente por ter dito aquelas palavras toscas, que, embora saiba que não passaram da verdade, não quero que ninguém ouse dizê-las. Os trovões continuam e a cada barulho tremo de medo, apressando ainda mais os passos e tendo que manter cuidado para não escorregar e cair de bunda na lama.

Ao longe, vejo os portões que me levam direto para a fazenda, a chuva ainda continua, mas, graças a Deus, está mais fraca.

Estou a salvo, claro que um desastre por dentro e por fora, mas nada poderia ficar pior do que está. Cabelos desgrehados, salto quebrado, calça enlameada... O que poderia acontecer para piorar o meu momento terror?

E nesse exato momento minha pergunta é respondida por um carro que passa com tudo por mim, vindo de sabe Deus onde e me atinge com a água da poça gigantesca que tinha no meio da estrada.

— Seu filho da puta! — grito, jogando a bolsa no chão e batendo os pés irritada. A partir de agora, eu vou manter minha mente vazia e não vou dizer mais nada.

Abro os portões pesados arfando de cansaço. A estrada que leva para a entrada da fazenda está pior que a que tinha enfrentado. Mas com muita paciência, se é que posso dizer isso, consigo chegar até à frente da fazenda que, graças a Deus, não é feita de lama. Na varanda, para minha irritação, vejo Andrew sentado de pernas cruzadas tomando algo esfumaçante, talvez seja um café ou, quem sabe, um maldito chocolate quente.

— E aí, pirralha, a caminhada foi boa? — pergunta ironicamente, com um sorriso divertido nos lábios.

Apresso os passos mancando de uma perna até onde ele está. Jogo com força o que restou da minha pobre bolsa nele.

Andrew se protege com as mãos e o líquido quente cai sobre sua camisa.

— Ai! Porra, isso tá quente! — exclama, tentando em vão impedir que o chocolate quente queime sua pele por baixo da camisa.

Uma risada involuntária escapa de meus lábios por vê-lo sentindo dor, aliás, isso é o mínimo que posso lhe oferecer, depois de ter me feito passar pelo inferno.

— Está rindo de quê, sua pirralha desprezível? — pergunta sem me olhar, enquanto abre os botões da camisa e a tira, deixando seu peito másculo à mostra.

A visão é de tirar o fôlego, no entanto não me permito avaliá-lo com atenção, estou furiosa demais e ele não é digno do meu olhar, muito menos da minha admiração, apesar de ser lindo e sexy, também não passa de um

ogro.

— Isso foi pouco. Bem que poderia ter arrancado a sua pele.

Andrew alisa o tanquinho bem definido repetidas vezes, talvez na intenção de tentar parar o ardor que provavelmente está sentindo.

— Acho que você não usou a caminhada para pensar.

Sorrio irritada.

— Caminhada? Você chama aquilo de caminhada? — grito fora de mim.
— Você me largou no meio do nada, seu louco! Eu poderia ter morrido, poderia ter sido assaltada e se fosse sequestrada ou estuprada? Ou pior e se tivesse encontrado algum bicho perigoso na estrada ou se um raio tivesse me atingido? — grito cada vez mais alto, batendo os punhos cerrados em seu peito de aço. — Você conseguiria viver com o peso que ficaria em sua consciência por ter me deixado morrer?

Suas mãos fortes seguram meus pulsos atrás das minhas costas puxando-me para junto de si.

Seu rosto fica tão perto do meu que sua respiração quente faz com que minhas palavras se calem.

Seus olhos azuis queimam nos meus, e um arrepio mais intenso do que os que senti, com medo dos trovões e de todas as possibilidades de morrer a caminho da fazenda, ultrapassa todo o meu corpo.

Sinto o ar sair com dificuldade. Arfo tentando encontrar forças para
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

continuar respirando, no entanto, a intensidade de seu olhar e o calor do seu corpo de encontro ao meu, frio e molhado, me impede de fazer algo.

Engulo em seco, quando seus lábios se aproximam perigosamente dos meus. Fecho os olhos, esperando, talvez até desejando, que ele me beije.

— Nada do que acontecesse com você me deixaria com peso na consciência — diz com a voz rouca.

Abro os olhos indignada comigo mesma por ter desejado algo vindo dele. Andrew solta meus braços e sorri.

— Você está horrível, pirralha, parece até que andou fazendo caminhada embaixo de um temporal. Sem falar que seu cabelo mais parece uma vassoura — diz irônico.

— Eu te odeio, seu peão maldito! — grito pegando a caneca que Andrew deixou no chão e arremessando com tudo nele, quando me dá as costas e começa a caminhar para o interior da casa. Por sorte dele e azar meu, a caneca passa apenas perto de atingi-lo na cabeça.

Andrew volta-se para mim com um olhar mortal e com o maxilar contraído.

— Para o seu bem, Barbie, não banque a esperta para o meu lado, pois o que você passou há alguns minutos, pode ser apenas um ensaio para o que virá.

— Está me ameaçando, Sr. Scott? — pergunto séria, erguendo uma

PERIGOSAS

sobrancelha.

— Entenda como quiser.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



As semanas passaram-se depressa, apesar de ter tido um resfriado miserável por conta da chuva que tomei quando fui largada na estrada, estou bem melhor agora. Não falei mais com Andrew, desde então, apesar de estarmos morando na mesma casa, tentamos evitar nos encontrar. O que é bom, pois não estou com humor para discussões.

Os dias estão sendo uma tortura. Eu mal falo com meus amigos da agência e o Kevin está sempre ocupado, exceto Mel, minha melhor amiga. Sempre mantemos contato.

Duas semanas haviam se passado. Duas semanas trancafiada nesse lugar. Quero desesperadamente poder pegar todas as minhas coisas e voltar para minha casa, no entanto, não posso abrir mão de tudo o que é meu por direito, apenas porque eu não aguento mais acordar antes do sol nascer, por causa daqueles bichos barulhentos que cantarolam sem parar.

Respiro fundo e puxo as cobertas até a altura do queixo, para me proteger do frio.

Hoje, especificamente, faz dois meses que meu pai morreu e, por coincidência, também seria o aniversário dele. Andrew e os empregados estão preparando uma espécie de fogueira da saudade para celebrar esta data. Eu acho a ideia um absurdo. Afinal de contas, ele não está mais aqui e não vejo necessidade de cantar os parabéns para alguém que já está morto. No entanto, se querem fazer, não sou eu que vou impedir que façam. Deve ser alguma tradição do povo do campo e não vou discutir com um bando de gente ignorante.

Ficarei no meu quarto a noite toda e evitarei pôr os meus pés fora de casa até que toda essa palhaçada acabe.

Ergo-me da cama e decido começar o meu dia. Ficar na cama o dia todo não é legal, mesmo tendo TV a cabo e Netflix para me manter ocupada, decido tomar um banho e sair do quarto, à procura de algo que ocupe minha cabeça.



A cozinha está repleta de vários tipos de comidas e há muitas mulheres ajudando Nana com os preparativos da grande comemoração. Homens vestidos com calças apertadas e chapelão entram e saem da cozinha pela porta lateral que dá acesso a um imenso jardim com uma piscina, com uma cerveja na mão. Provavelmente, estão fazendo a fogueira lá. A curiosidade

toma conta de mim, o que me faz seguir o mesmo caminho que os homens estão fazendo. Um pouco afastado da piscina, estão, pelo menos, vinte homens arrumando os tocos secos cuidadosamente, formando uma imensa pilha. Eles conversam e riem, enquanto bebericam suas cervejas. Meus olhos vasculham o lugar à procura de uma pessoa em específico, mas ela não está lá.

— Podemos contar com sua presença à noite? — pergunta uma voz rouca e familiar próximo ao meu ouvido. Dou um sobressalto, assustada, sentindo um arrepio percorrer o meu corpo, fazendo com que minhas pernas fraquejem por um momento.

Engulo em seco, voltando meu olhar para Andrew, que está parado atrás de mim com um sorriso nos lábios.

Ele é o típico homem que deixa qualquer mulher tonta com apenas um sorriso e isso é terrivelmente desconcertante, até para mim que o odeio.

— Não acho que minha presença seja importante — respondo indiferente, olhando para um ponto invisível, tentando me manter distante de seu olhar penetrante.

— Sua presença é importante sim, Allie — Andrew pronuncia cada palavra com cuidado, e isso faz com que volte minha atenção para ele.

— O que diabos você está aprontando, peão? — Analiso suas feições perfeitas em busca de vestígios que me mostrem que ele esteja apenas tirando onda com a minha cara. Todavia, para minha surpresa, parece sincero até demais.

Ele sorri enquanto tira o chapéu, passando a mão livre nos seus cabelos que estão mais longos do que quando cheguei.

— Allie... Acho que entrar em pé de guerra com você não era o que seu pai queria quando a fez retornar à fazenda — diz, com um sorriso fraco. — E mesmo não gostando de você e, sabendo que o sentimento é recíproco, iremos passar um ano vivendo sob o mesmo teto. Então seria muito bom se tivéssemos uma convivência menos turbulenta.

Ok! Eu entendi direito e até concordo com ele. Entretanto, ouvi-lo dizendo que não gosta de mim faz com que me sinta um pouco magoada.

Tudo bem, eu o detesto e sei que ele também me detesta, no entanto, ele não devia ficar dizendo essas coisas.

— Você está certo. Já vai ser um inferno viver aqui durante todo esse tempo, não preciso de mais problemas para me sentir mal nesse lugar.

Andrew avalia-me antes de sorrir e estender a mão na minha direção.

— Trégua?

Observo sua mão estendida, antes de pousar a minha na sua. O calor de sua pele me dá a ligeira sensação de que meu corpo está entrando em combustão.

— Trégua — repito, sentindo minha respiração ficar irregular e mentalmente rezo para que ele não tenha percebido.

Os dedos longos de Andrew apertam os meus delicadamente, como se

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

estivesse com medo de quebrá-los. Seus olhos azuis perfuram os meus com intensidade, enquanto um sorriso sexy brinca em seus lábios carnudos e sensuais.

Puxo minha mão, mesmo contra minha vontade e respiro fundo, mandando para longe a sensação agradável do seu toque.

— Te vejo mais tarde então, pirralha — diz, dando-me as costas.

Andrew caminha confiante até onde os demais homens estão montando a fogueira. Um dos que estão tomando uma cerveja abre uma pequena caixa de isopor e joga uma para Andrew, que a abre rapidamente e a leva à boca.

Enquanto ele conversa, o analiso atentamente. Está usando uma calça jeans justa e desbotada. Uma camiseta branca e um camisão vermelho por cima desabotoado. Está simples e ao mesmo tempo lindo e sexy, como todos os dias. Andrew é diferente de todos os homens que já conheci na vida. Ele é rústico e original. A imagem verdadeira de como o homem tem que ser.

Seus olhos voltam-se para mim, pegando-me de surpresa enquanto os meus o estudam milimetricamente. Um sorriso nasce em seus lábios e sinto minhas bochechas queimarem. Desvio os olhos dos seus e antes que possa pagar mais algum mico, entro com passos largos na casa.



O sol se põe, dando lugar a um céu cheio de estrelas. A lua banha as montanhas deixando o cenário ainda mais encantador.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Admiro os últimos preparativos da fogueira da janela do meu quarto. Um jovem toca uma linda canção melodiosa com seu violão. Sua voz é suave, preenchendo o lugar.

Tudo está perfeito, exceto pela ausência do Anthony. Hoje ele faria quarenta e oito anos. Ele era jovem e muito forte antes de descobrir sobre o tumor na cabeça, cerca de dois anos atrás.

Fecho os olhos, tentando bloquear a lembrança da última vez que ele me ligou.

— Filha, gostaria muito de lhe ver, eu... Eu não posso viajar no momento, mas gostaria que você viesse até à fazenda para me ver. Gostaria de conversar com você a respeito de algo importante. — Sua voz era baixa e fraca, porém eu conseguia enxergar a esperança em suas palavras.

— Pai, sinto muito, tenho muitos trabalhos esse mês — minto, sabendo que, no fundo, o real motivo para não sair de Nova York e ir vê-lo era o medo de ver a debilitação do meu pai. De me arrepender dos anos que não vivemos juntos e desejar voltar no tempo para poder viver cada segundo de vida ao seu lado.

Sei que desapontei meu pai no decorrer dos anos, eu não ligava para saber como ele estava e as poucas vezes que nos falamos eram sobre coisas banais, como: “Filha, depositei o dinheiro na sua conta hoje”, “Como anda o

trabalho?”, “Quando você pretende aparecer?”. Nunca disse ao meu pai que sentia sua falta. Nunca lhe disse o quanto sentia falta de ficar sentada em seu colo durante as noites, para poder admirar o céu. Nunca lhe afrontei sobre os verdadeiros motivos que o fizeram desistir de mim. Que o fizeram esquecer que eu era sua filha e que precisei dele a cada segundo da minha maldita infância. Infelizmente, nunca lhe disse que o amava.

Anthony era um homem bom. Com certeza, não tenho nada dele a não ser o sangue, os cabelos loiros e os olhos verdes. Meu pai era um homem simples e humilde, um homem de valor. O Andrew está mais parecido com meu pai do que eu, a sua filha biológica.

Respiro fundo e decido me arrumar, afinal de contas hoje é o aniversário do meu pai e, independente de estar aqui ou não, merece ser parabenizado pelas pessoas que lhe amavam e lhe admiravam.

Visto uma calça jeans escura, uma blusa branca de gola alta e uma jaqueta de couro preta por cima. Amarro meu cabelo em um coque, já que eles andam rebeldes demais para ficarem soltos e faço uma maquiagem leve. Calço minhas botas pretas de cano longo sem salto e estou pronta.

Gostaria de ter ido ao salão novamente, tendo em vista que sou um desastre para arrumar meu próprio cabelo. Todavia, a Nana não acha seguro eu dirigir até à cidade sozinha e, depois do meu último episódio com Andrew, ela achou melhor eu não sair com ele novamente. Tenho que admitir que concordo plenamente com ela.

A noite está fria, então decido tomar uma dose de uísque para esquentar. Sigo para o escritório que pertencia ao meu pai. A porta está aberta e Andrew

está em pé, olhando para uma foto grande emoldurada na parede. Eu não tinha entrado no escritório desde que havia chegado e me deparar com Andrew tão concentrado, adorando a imagem do meu pai, me fez questionar sobre o quanto ele deve ter amado Anthony.

Penso por um segundo se devo ou não entrar. Então, antes que perceba minha presença, dou meia volta e sigo para a cozinha.

Nana está com um vestido florido longo e seus cabelos estão presos no alto de sua cabeça.

— Você está bem, querida? — pergunta, quando percebe minha presença.

Afirmo com a cabeça e me aproximo da mesa, apoiando minhas duas mãos na mesma.

— Nana... O Andrew era muito apegado ao meu pai? — As palavras saem da minha boca antes que eu possa detê-las.

Surpresa, ela hesita por um momento antes de caminhar até mim.

— Se você quer mesmo saber... Sim, ele era. Durante todos esses anos se manteve presente, sempre tentando ser uma pessoa boa para agradar o Sr. Thomas e quando o seu pai descobriu a doença, o Andrew abriu mão dos seus sonhos apenas para cuidar dele.

Respiro fundo, enquanto um sentimento doloroso invade minha alma. Talvez seja remorso por ter virado as costas para o meu pai ou inveja do Andrew, por ele ter estado sempre ao lado do Anthony, ocupando o lugar que

pertencia a mim.

— O Andrew sofreu muito com a morte do Sr. Thomas, Allie.

Pigarreio, tentando engolir o nó que se forma em minha garganta e tento não pensar em meu pai, mesmo sabendo que isso será impossível.

Ficamos em silêncio por um longo momento, apenas nos olhando sem saber o que dizer. Por sorte, algumas pessoas entram na cozinha e começam a conversar com Nana, ignorando completamente minha presença.



Aos poucos, pessoas de todas as idades chegam à fazenda e se amontoam na frente da fogueira, sentando-se nos bancos que foram colocados ao seu redor.

Algumas crianças correm na varanda e ao redor da piscina. Me pego recordando da minha infância, quando eu e a Hanna, filha da Nana, fazíamos o mesmo apostando corrida para ver quem chegava primeiro na cozinha. Meu pai adorava nos ver brincar. Ele nos observava por horas e quando estávamos cansadas, ele nos fazia um lanche.

— Por que não vem comigo lá para fora? Vamos começar a contar histórias sobre o padrinho, aposto que você vai dar boas risadas. — A voz grave de Andrew me tira do devaneio.

Ergo meus olhos e me deparo com um par de olhos azuis-escuros me

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

encarando.

Ele me lança um sorriso maroto e estende a mão em minha direção. Retribuo seu sorriso e me deixo ser conduzida para fora.

Andrew senta-se ao meu lado no banco de madeira, enquanto Dimitri, o marido de Nana, começa a falar, pedindo que todos se sentem.

Olho de relance e percebo os olhos de Andrew em mim, um calor familiar percorre meu corpo e por algum motivo o ar foge de meus pulmões e um sorriso tímido nasce em seus lábios fazendo meu coração bater descompassado em meu peito.

Andrew está vestido com uma calça jeans escura e uma camisa preta de mangas longas. Seus cabelos ainda úmidos do banho estão levemente bagunçados, deixando-o ainda mais lindo.

— Quero fazer um brinde — diz Dimitri, erguendo sua cerveja. — Um brinde ao meu velho amigo Thony. — Todos à sua volta fazem o mesmo. Andrew toca meu braço e quando o olho, ele me entrega uma garrafa de cerveja. Aceito meio sem jeito e ergo a garrafa também. — Ao amigo, pai, patrão e companheiro que ele foi. Thony me ensinou muitas coisas e uma delas foi beber. — Dimitri solta uma gargalhada e todos à nossa volta seguem seu exemplo. — Allie, seu pai sonhava em tê-la de volta. Não existiu um dia sequer que ele não se lembrasse de você. Ele ficaria muito feliz se estivesse aqui. Brindemos ao seu pai — diz com a voz triste, erguendo novamente a cerveja. — Ao Anthony! — Em seguida toma um gole da sua bebida.

— Ao Anthony! — gritam todos em uníssono e viram sua cerveja,

tomando um gole caprichoso.

Olho ao meu redor e volto minha atenção para a garrafa intocável na minha mão.

— Você tem que beber, é tradição — diz Andrew baixinho.

Sorrio olhando para ele de relance, então viro a garrafa deixando o líquido gelado descer por minha garganta.

Nas horas seguintes, todos comem, bebem e contam histórias engraçadas relacionadas ao meu pai, coisas que eu nunca soube que tinham acontecido: como as viagens que fez com o Andrew e como amava sair para pescar no rio da fazenda com os amigos e tomar cerveja.

Um a um, foram despejando lembranças sobre meu pai e agora minha mente faz questão de gravar cada imagem como se fosse um filme. Não sei se é o álcool, mas consigo ver cada cena das histórias que estão contando, como se as tivesse presenciado. Todavia, a realidade pesa sobre mim, fazendo-me ver que eu poderia ter sido feliz junto dele. Teria aprendido a valorizar e respeitar tudo o que nunca soube que era importante. Tudo o que estão dizendo sobre o meu pai me faz pensar que talvez eu pudesse tê-lo amado incondicionalmente, quem sabe ele tivesse me amado do mesmo jeito e cuidado melhor de mim do que minha própria mãe.

— Também quero dizer algumas coisas sobre o Anthony — diz Andrew se erguendo do banco e caminhando até o centro da fogueira. — Como todos sabem, ele me acolheu logo após a morte dos meus pais. Cuidou de mim como se fosse do seu sangue. Deu-me casa, comida e amor. Nunca me pediu

nada em troca, nunca me cobrou nada. Ele era o pai que todos gostariam de ter: dedicado, atencioso e muito carinhoso. — Ele sorri como se as lembranças lhe trouxessem dor. — Não tenho sangue do Anthony correndo em minhas veias, mas o que sei é que tenho muito do Anthony. Não sei explicar, mas vivi a minha vida inteira tentando ser um homem como ele. Quis seguir seus passos por livre e espontânea vontade. Eu sabia que se quisesse seguir uma vida longe de tudo isso, ele não iria se opor, no entanto sempre soube que meu lugar era aqui, junto com meu pai de coração, seguindo seus passos e tentando a cada dia ser uma pessoa melhor. Uma pessoa que ele tivesse orgulho. — Andrew faz uma pausa e enxuga uma lágrima. — A morte do meu padrinho trouxe muita tristeza a todos os que o amam e alegria a outros. — Lançando um olhar frio em minha direção, eu me encolho, sabendo exatamente aonde ele quer chegar com isso. — A presença da filha na fazenda era um sonho para meu padrinho... Allie, seu pai iria ficar muito feliz em te ver aqui, ele queria estar vivo para ver você novamente na fazenda. — Andrew aperta os lábios e toma um gole de sua cerveja. — Mas por outro lado... Ele não estar aqui para presenciar essa cena é um alívio. Eu iria odiar ver a decepção estampada no rosto do meu padrinho. Você se tornou tudo o que ele mais odiava numa pessoa. — Ele faz uma pausa sem tirar os olhos de mim. Meu corpo está petrificado no banco desconfortável de madeira e posso sentir todos os olhares em mim. Aperto os lábios para não tremerem. Eu não vou começar a chorar e fazer uma cena no meio dessas pessoas patéticas. — Todos aqui sabem que sua vinda para a fazenda foi por causa da maldita herança do Anthony. Você nem teve a consideração de vir vê-lo quando estava morrendo. Nem veio ao enterro! — grita, fuzilando-me com os olhos. — Você é uma pessoa interesseira e desprezível, Allie Thomas! — conclui Andrew jogando sua garrafa dentro da fogueira e seguindo para o interior da casa. Todos ficam em silêncio por alguns

segundos, antes de começarem a falar uns com os outros.

— Allie... Andrew não quis dizer isso. — A voz de Nana ressoa ao meu lado calma e, ao mesmo tempo, preocupada. No entanto, não me permito olhá-la. Tudo o que quero agora é ir para o mais longe de todos eles.

Obrigo minhas pernas a se moverem, antes que as lágrimas explodam sem controle.

Quem esse peão pensa que é para falar assim comigo?

Deixo a cerveja no chão e caminho de cabeça erguida e passos largos e apressados em direção a casa.

Meu coração martela dolorosamente no peito e sinto dificuldades para respirar. As lágrimas embaçam minha visão, enquanto subo as escadas. O corredor que me leva até meu quarto, parece um borrão diante dos meus olhos.

Eu deveria saber que toda aquela gentileza não passava de um teatro barato para poder me humilhar diante dos amigos do meu pai. Não existia trégua entre nós. Andrew Scott é um peão arrogante e impiedoso. Eu deveria saber que faria tudo para me fazer desistir e ir embora. É isso que ele quer desde o início. Ele quer tudo o que é meu. Primeiro meu pai e agora minha herança.

Respiro fundo, parando em frente à porta do seu quarto, enxugo as malditas lágrimas que rolam sobre minha face. Eu não vou deixar que um peão mal-educado e oportunista me humilhe dessa forma. Essa foi a última

vez que ele me tratou assim.

Quando ouço um barulho de algo sendo arremessado contra a parede, não hesito antes de abrir. Eu preciso lhe colocar no seu lugar. Andrew tem que entender que “eu” sou a filha de Anthony Thomas, não ele. Tem que entender que “eu” sou a única herdeira de tudo o que meu pai tinha e que ele não é nada mais, nada menos, do que um peão que não tem onde cair morto.



Quando abro a porta quase tenho um susto com a visão à minha frente. Dou um passo. Andrew está sentado em sua cama de costas para mim. Sua coluna está curvada e ele tem o rosto enterrado entre as mãos. Seu quarto é uma bagunça total e quase me esqueço do motivo que me fez vir até aqui.

Abro a boca para falar, no entanto as palavras ficam presas em minha garganta. É visível que a morte do meu pai lhe afetou mais do que deixa transparecer. Sinto meu peito apertar, me fazendo esquecer que minutos atrás ele me humilhara diante de todos os amigos do meu pai. Talvez Andrew não seja uma pessoa totalmente má. Talvez só esteja triste e queira alguém em quem descontar a sua dor.

Dou um passo para trás para sair do quarto antes que me veja, no entanto, antes de eu fazer, ele volta-se para mim.

Seus olhos estão vermelhos e sua face está distorcida de dor... Talvez seja de raiva.

Andrew ergue-se da cama com os punhos cerrados ao lado do seu corpo.

— O que faz aqui? — grita com fúria. Abro a boca para falar, no entanto ele é mais rápido que eu. — Saia daqui! — grita novamente, apontando para a porta. Ele me olha com ira e desprezo. Sinto meu corpo congelar no lugar com a intensidade do seu olhar. Nunca me senti tão intimidada diante de alguém como agora. Andrew range os dentes, caminhando em minha direção e me sinto como se fosse a presa fácil de um predador cruel. — Eu disse para você sair daqui! — rosna a centímetros do meu rosto. Sua respiração quente toca minha face. Ele tem cheiro de madeira, terra e uísque. Se fosse em outro homem, eu iria odiar essa combinação. Todavia, esse cheiro rústico, nesse homem grosseiro e lindo, é convidativo e agradável.

— Por quê? — As palavras sem sentido escapam de meus lábios. Nem sei o que diabos estou falando.

Andrew aproxima-se um pouco mais de mim, sem quebrar nosso contato visual.

Há tanta raiva em seus olhos azuis que chego a tremer.

— Por que quero que você saia? — pergunta-me furioso e impaciente.

Pisco algumas vezes sem entender sua pergunta. Do que diabos ele está falando?

Acho que bebi um pouco além da conta. Acho que foram três cervejas. Eu não consigo me lembrar de estar tão confusa minutos atrás.

Andrew segura meu braço com força, me trazendo de volta à realidade.

Seu aperto é cruel e sei que ele está me machucando de propósito.

— Por que não gosta de mim? — pergunto com a voz baixa e tenho certeza de que não era isso que queria lhe perguntar. Andrew me olha de cima a baixo e uma risada irônica escapa de seus lábios.

— Acho que não preciso te responder a isso — responde friamente. — Olha para você, pirralha — diz sarcástico. — Não vou perder meu tempo com alguém como você.

Sinto o desprezo em cada uma de suas palavras.

Sim, ele é mau. Andrew não está tentando descontar sua raiva em mim, ele quer tudo o que eu tenho. Quer me humilhar e menosprezar-me para que eu vá embora. Odeia-me porque sou filha do Anthony e sua herdeira. Ele me despreza porque não tem o sangue do meu pai correndo em suas veias e nunca poderá ter tudo o que eu tenho.

Puxo meu braço de sua pegada e dou um passo para trás.

Sinto a raiva tomar conta de mim.

— Olha você para si mesmo, peão. Você não passa de um zé-ninguém que não tem onde cair morto. — Sorrio e ergo o queixo. — Você é um pobre coitado. Um órfão. Só não morreu de fome por caridade do meu pai. — Cruzo meus braços e sorrio com hostilidade. — Você está agindo assim, por medo. Sabe que agora que o meu pai morreu, não terá mais os benefícios que

o seu dinheiro lhe dava. — Aproximo-me dele. Sinto-me segura de mim agora que minhas palavras parecem lhe afetar. Andrew não desvia os olhos dos meus quando fico a centímetros dele. — Você está agindo assim, porque pensa que vou desistir do que é meu por direito.

Andrew engole em seco e cerra os punhos. Seu olhar é intimidante e ameaçador.

— Eu não vou desistir, peão — digo segura de mim mesma.

Ele nada diz, apenas continua me fuzilando com seus olhos azuis, que estão cinzentos como as noites de tempestades.

— Eu vou permanecer nessa maldita fazenda e tomar posse de tudo o que é meu. Você vai desistir da sua maldita parte desse lugar e vou vender esse monte de merda e voltar para Nova York, enquanto você vai permanecer na miséria. Como era para ter acontecido.

— Quem você pensa que é para falar assim comigo? — questiona-me irado.

Ergo o queixo novamente, numa atitude de superioridade.

— Eu sou Allison Thomas, a única herdeira de Anthony Thomas, e você, Andrew Scott... — Sorrio sem quebrar o contato visual. — Você não é ninguém.

Um pequeno sorriso nasce em seus lábios, não é irônico ou raivoso. É um sorriso debochado.

Andrew inclina a cabeça. Seus lábios quase tocando os meus.

Sinto meu corpo congelar no lugar e o ar fugir dos meus pulmões.

Ele ergue uma mão e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

Seus dedos ásperos tocam minha face, fazendo meu corpo arrepiar-se. Meu coração bate forte contra meu peito e temo que ele possa ouvir.

Andrew roça seus lábios nos meus e um maldito suspiro escapa da minha boca. Fecho os olhos com força, enquanto seus lábios fazem caminho até meu ouvido.

— Vou fazer você se arrepender de cada uma de suas palavras, sua garotinha mimada. Vou fazer você mudar cada um de seus malditos planos — diz Andrew baixinho, com a voz rouca e confiante.

Levo alguns segundos antes de entender o que acabou de acontecer e quando consigo reagir, encontro-me sozinha no quarto de Andrew Scott.



A noite foi longa. Eu nem sei dizer se consegui dormir ou se estive acordada a noite inteira.

As palavras de Andrew martelaram em minha cabeça e, por mais que eu tentasse, não conseguia esquecê-las.

— Quer mais café, menina? — A voz de Nana me tira do devaneio. Passo as mãos no meu rosto, tentando de alguma forma alertar meus sentidos. Estou tão cansada que eu poderia dormir sentada. — Você parece exausta. Não dormiu?

Respiro fundo e tomo um pouco do meu café, que por sinal já está frio. Pouso a xícara na mesa e a afasto.

— Estou bem — minto, sem fazer contato visual com ela.

Eu ainda estou me sentindo humilhada por tudo o que aconteceu ontem, mesmo que não devesse me sentir assim.

Ela senta-se ao meu lado e toma minha mão na sua.

— Allie. — Sua voz é doce ao pronunciar meu nome. Sei que ela espera que a olhe nos olhos, todavia eu os mantenho em nossas mãos. Algo dentro de mim sabe que não estou em boas condições para ter essa conversa hoje. — Sobre o que o Andrew disse ontem...

— Por favor, Nana... Não quero falar sobre isso — digo num fio de voz. — Só estou cansada. — Ergo meus olhos para ela e forço um sorriso. — Vou tentar dormir um pouco e você vai ver como vou acordar melhor.

Nana avalia-me com seus grandes olhos castanhos e sorri.

— Só quero que saiba que seu pai te amava — diz com doçura, antes de levantar e sair da cozinha, deixando-me sozinha com meus pensamentos confusos.

Sinto um nó se formar em minha garganta e luto contra as lágrimas que se formam em meus olhos. Eu não vou deixar que nada disso me abale, fui forte por muito tempo para me deixar abater agora.

É exatamente isso que aquele peão quer. Ele quer me ver destruída e coagida. Quer que me sinta humilhada para fugir desse lugar carregado de lembranças do meu pai.

— Você está bem?

Dou um salto e acabo derrubando a cadeira. Andrew ergue as mãos num gesto exagerado. Seu sorriso se desfaz quando consegue me avaliar e é aí que percebo que meu rosto está molhado. Eu não consigo recordar em qual momento as lágrimas começaram a transbordar por minha face.

— Você está bem? — pergunta novamente, dessa vez dando um passo em minha direção.

Enxugo meu rosto com as costas das mãos e dou um passo para trás.

— Não sei qual é o seu jogo agora, mas quero que fique longe de mim — respondo entredentes e passo por ele sem encará-lo.

Tudo o que menos preciso agora é de uma discussão com ele à uma hora dessas da manhã.



Após passar o dia todo dormindo, acordo me sentindo revigorada. Tomo um banho quente demorado, lavando meus cabelos pelo menos umas duas vezes.

Sinto-me limpa e viva quando saio do banheiro. Estou pronta para continuar a lutar por meus direitos.

Visto minha calça jeans favorita e uma blusa branca de gola alta e mangas longas. Seco meus cabelos e faço uma trança. Eu preciso ir até à cidade. Não posso passar mais um dia sem ir ao cabeleireiro. Passo delineador nos olhos e

um pouco de gloss e estou pronta para ir jantar. Passei o dia trancada no quarto sem comer.

Quando abro a porta do meu quarto, dou de cara com Andrew, que também está saindo do dele.

Ele está usando uma camisa branca e outra xadrez vermelha por cima. Sua calça apertada não deixa muito para imaginar. Seus cabelos estão úmidos penteados para trás e o seu cheiro é irresistível, mesmo estando a alguns passos de mim.

— Pensei que tivesse pegado suas coisas e dado o fora daqui — diz com ironia.

Arqueio uma sobrancelha e cruzo os braços, sem quebrar o contato visual.

— Seria bem conveniente para você se eu fizesse isso, não é? — pergunto com desdém.

Andrew imita meu gesto. Arqueia uma sobrancelha e cruza seus braços fortes na frente do peito. Um pequeno sorriso nasce em seus lábios, porém ele nada diz, apenas fica me olhando com aqueles olhos azuis de uma forma que me deixa desconfortável.

Ficamos nos olhando em silêncio por um tempo demasiadamente longo, até que meu desconforto resolve dar lugar ao meu orgulho.

— Bem, pelo que vê, não fui a lugar algum. — Sorrio e dou um passo na sua direção com o queixo erguido. — E também não pretendo ir. Pelo menos,

não até colocar as mãos em minha herança.

Andrew umedece os lábios com a ponta da língua e sorri.

— É o que veremos — diz com a voz grave e confiante, antes de passar por mim e ir embora, deixando-me, mais uma vez, sozinha e sem saber o que quis dizer.



— Ai, meu Deus! — grito histérica, quando a imagem da minha melhor amiga aparece na tela do meu notebook.

— *Allie!* — ela grita do outro lado, dando pulinhos na cadeira e agitando as mãos.

Há dias que não falo com ela e não é por não ter sentido sua falta, mas sim porque o sinal da internet e celular aqui nesse meio do mundo é uma verdadeira merda.

— Mel! — digo, sem conseguir conter as lágrimas. Eu senti tanta falta da minha amiga maluquinha de cabelos rosa, que agora estão verdes! — O que você fez com seu cabelo? — pergunto sorrindo.

Mel toca suas longas mechas verdes e abre um amplo sorriso.

— *Quis mudar um pouco. Depois que você foi embora para o fim do mundo, eu fiquei literalmente entediada* — responde dando de ombros.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Enxugo uma lágrima e sorrio para minha amiga.

— Eu sei bem o que você quer dizer. Aqui não tem nada para fazer. Acordo com os galos. — Reviro os olhos e sorrio. — Pense em uns bichinhos irritantes. Chegam a ser piores que o Andrew. — Sorrio ao pensar no peão. Ele é mesmo muito irritante, apesar de não falar comigo há algumas semanas. O que é muito bom. Odeio esse lugar e não quero gastar meu tempo, que por sinal é de sobra, brigando com aquele idiota.

— *Allie?* — A voz de Mel me traz de volta. Volto-me para sua imagem na minha tela. Ela está com a sobrancelha bem feita arqueada.

— O quê? — pergunto confusa.

Ela ri e sorri sem tentar esconder seu divertimento.

— *Perguntei se o tal Andrew é gostoso?* — Ela sorri e espera que lhe responda.

Abro a boca para lhe responder, no entanto as palavras ficam presas em minha garganta, e minha mente volta-se para a primeira vez que o vi.

Andrew estava suado e sua camisa aberta deixando visível seu peito musculoso. Ele é, sem sombra de dúvida, o homem mais lindo e gostoso que eu já vira na vida. Exatamente o tipo de homem que me deixaria enlouquecida.

Ele é de uma beleza rústica e máscula. Seus olhos azuis são profundos e intensos. Andrew é simplesmente dono de uma beleza digna de adoração. Eu

gostaria de poder fotografar cada parte dele e deixar para sempre gravada em pôsteres e colocá-los na minha parede.

— Oh, Deus! — exclamo, quase num sussurro.

— *Ele é tão bom assim?*

Olho perplexa para Mel, que me fita aparentemente curiosa.

Não tinha me dado conta de que tinha pronunciado alto aquelas palavras. Na verdade, eu estou perplexa com meus pensamentos. O Andrew nem é assim tão bonito. Ele é bonitinho. E eu jamais me sentiria enlouquecida por ele. Quero dizer: ele me enlouquece, mas não de um jeito bom ou sexual, claro. Deixa-me irritada e louca de raiva. Porque é um idiota mal-educado e eu o odeio.

— *Vou considerar sua confusão mental como um sim* — Mel diz novamente me trazendo à realidade.

— Nem de longe — digo, fazendo cara de nojo. — Ele é um idiota!

Mel ri e revira os olhos. Essa vadia me conhece melhor do que qualquer um.

— Tem visto o Kevin? — pergunto para mudar de assunto. — Não falo com ele há muito tempo. — Sinto uma pontada de tristeza me invadir. Eu compartilhei momentos muito bons com o Kevin e agora sinto como se estivéssemos mais distantes do que as milhas que nos separam.

Mel olha para os lados e sei que ela está pensando em algo bom para me

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

responder.

— Pode falar, Mel. Nessa altura do campeonato, eu nem sei se estamos mais juntos. — Dou de ombros.

Mel morde o lábio e arruma uma mecha dos seus cabelos.

— *Eu o vi semana passada.* — Ela morde o lábio novamente e espero-a continuar com minha respiração presa. — *Kevin estava com a vaca da Ashley.* — Ela avalia minha reação antes de concluir: — *Eles estão... juntos há algumas semanas. Talvez, desde que você foi embora.*

Solto a respiração que eu estava mantendo presa. Uma pequena dor ultrapassa meu peito e sinto um pequeno nó se formar em minha garganta. Aquele maldito, filho de uma puta, tinha me prometido que iria me esperar voltar para casa. Ele tinha me dito que me amava de diversas formas diferentes e agora está com outra?

— Ele é um maldito filho de uma puta! — rosno baixinho.

— *Sim, ele é* — diz ela com pesar. Mel sorri tristemente. — *Você está bem?*

Afirmo com a cabeça.

— Eu sempre fico.

Forço um sorriso e arrumo uma mecha do meu cabelo, que por sinal está horrível. Decido que, assim que acabar minha conversa com minha amiga, eu vou à cidade. Já passei tempo demais nessa fazenda e se é para ficar

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

confinada um ano aqui, que seja pelo menos em grande estilo.

— *Falando em cabelo...* — Mel ri alto e aponta para minha bagunça loira, presa em uma trança.

— Cale a boca, vadia! — digo lhe mostrando meu dedo do meio e caímos na risada.



Após me despedir da minha amiga, tomo um banho demorado e vou até à cozinha. Nana está preparando o almoço, que por sinal está com um cheiro delicioso.

— Está com fome? — pergunta sem me olhar.

— Vou almoçar na cidade. Tenho algumas coisas para fazer por lá.

Nana volta-se para mim.

— Não acho aconselhável você sair por aí sozinha, Allie — diz aparentemente preocupada.

Sorrio para essa mulher adorável, que sempre cuidou de mim quando eu era apenas uma menina.

— Eu vou passar um ano aqui, Nana. Você não acha que tenho que me adaptar? Não quero ter que ficar pedindo favores para o Andrew ou a

qualquer outra pessoa, para me levar aos lugares que quiser ir. — Contorno a mesa e vou até ela. — Eu vou ficar bem, prometo. — Sorrio docemente e lhe beijo a face. O gesto de afeição nos pega de surpresa.

Pigarreio sem jeito e me afasto, enquanto Nana cora intensamente.

— Posso usar a Ranger ou ela é do Andrew? — pergunto para mudar de assunto.

Nana sorri, voltando para sua tarefa.

— Tenho certeza de que o Andrew não irá se importar se você pegar as chaves. Ele está visitando uma fazenda vizinha que estava precisando de seus serviços e foi com a outra caminhonete.

Faço que sim com a cabeça e saio da cozinha.

Tudo o que preciso nesse momento é sair um pouco e me distrair, dar um jeito no meu cabelo e um belo trato em minhas unhas. E, acima de tudo, preciso fazer compras para poder ocupar minha mente. Saber que o Kevin está com aquela vaca me deixou estressada. Eu ainda não decidi se ligo para ele para lhe dizer o quanto é um babaca ou se apenas o deleto da minha agenda, porque foi exatamente o que aquele filho da puta fez. Excluiu-me de sua vida. Desistiu de mim e de nós, sem ao menos me dar uma explicação. Acho que isso é um bom motivo para colocá-lo na minha lista negra.



Meu cabelo está incrível. Não consigo me recordar da última vez que me senti tão bonita. Ele está liso, hidratado, cheiroso e cheio de vida. Ele está realmente lindo, não tanto como era antes de chegar aqui. Como eu disse: em Nova York o tratamento é melhor. Tudo é melhor em Nova York, no entanto, eu não posso negar que o trabalho que fizeram não deixa a desejar.

Aproveito para fazer depilação e uma limpeza de pele. As minhas unhas estão impecáveis e não lembro quando foi a última vez que me senti tão bem.

Salão de beleza sempre me deixa assim. Eu amo esse lugar, apesar de não ser meu salão favorito.

Após pagar no caixa por todo o tratamento e por alguns produtos que adquiri, vou até uma loja arrumadinha para comprar algumas roupas. Preciso mudar um pouco o meu guarda-roupa. Estou vivendo no meio do mato agora. Não posso estragar meus sapatos caros e minhas roupas de grifes.

Compro algumas coisas básicas: calças jeans, camisetas, shorts jeans e botas sem salto. Quando pago a minha pequena fortuna no caixa, não deixo de reclamar. Incrível como as coisas são caras nessa cidadezinha. Deus! Preciso voltar para casa, para a cidade barulhenta e cheia de luzes. Eu preciso ir a uma balada e beber a noite inteira com a Mel e as meninas e, definitivamente, apenas necessito voltar para o aconchego da minha casa e para o meu trabalho.

Faço questão de ir à loja de conveniência que fui da última vez que estive aqui com Andrew comprar novamente meu kit de sobrevivência.

O dia está ensolarado e o clima quente. Dou graças a Deus por ter optado

por um vestidinho de alças finas, estampado, que vai até a altura dos joelhos. Seu material é fino e fresco. Baixo os óculos de sol para encobrir meus olhos e caminho elegantemente para a Ranger seguida por um rapaz da loja de conveniência, que carrega meu kit de sobrevivência.

Ele coloca as sacolas no banco de trás da caminhonete e de uma forma engraçada agradece e vai embora. Sorrio. Essas pessoas são estranhas.

Conecto meu *iPad* no som. A maravilhosa voz da Taylor Swift preenche a cabine e canto junto com ela todas as músicas, enquanto dirijo de volta para casa.

Realmente estou de bom humor e nada poderá mudar isso. Nem mesmo uma tempestade.

Sorrio com o meu pensamento, quando começo a perder o controle da Ranger.

— Merda! — exclamo puxando o freio de mão deixando o carro em ponto morto.

Eu realmente tenho que aprender a controlar meus malditos pensamentos.

Solto o cinto de segurança e saio da Ranger. O pneu traseiro está completamente vazio. Devo ter passado por cima de alguma coisa pontuda e muito grande.

“Lógico! Não poderia ter sido em um espinho, sua loira linda e lenta”, penso, choramingando, enquanto chuto o pneu, o que me faz arrepender na

mesma hora. A dor aguda nos meus dedos faz com que meus olhos fiquem marejados.

— Merda! Nem vou perguntar se poderia ficar pior. — Sorrio sem humor, quando o céu começa a escurecer. — Está de sacanagem? — grito irada, fitando o céu.

Duas vezes no mesmo lugar é falta de sorte. Eu não vou ficar presa em um carro quebrado no meio do nada enquanto cai uma tempestade. Ah! Não vou mesmo.

Começo a procurar por um pneu extra no interior do carro e me dou conta de que é pequeno demais para se guardar algo tão grande. Corro até a carroceria e procuro por lá. Nada! Será que não há um estepe aqui? Estou ferrada!

Olho de um lado para o outro desesperada. Ao longe ouço um som de um trovão e todo o meu corpo se arrepia. Cogito a ideia de ir caminhando de volta para a fazenda, mas não sei a que distância estou de casa e não quero correr o risco de fazer uma caminhada embaixo de chuva.

Respiro fundo algumas vezes e quando penso que vou entrar em desespero, vejo uma caminhonete vermelha vindo em minha direção. Talvez seja um morador próximo da minha fazenda.

Começo a acenar feito uma louca. Sorrio quando a caminhonete desacelera e começa a parar, todavia meu sorriso se desfaz completamente quando eu vejo o motorista.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Andrew me olha confuso, como se eu fosse uma louca. Eu preferia que fosse um velho, gordo e banguelo nessa caminhonete e não esse peão odioso.

— Está perdida, pirralha? — pergunta com um risinho.

Reviro os olhos e cruzo os braços.

— Eu não falo com você — respondo com um sorriso cínico nos lábios.

Andrew morde o lábio para esconder o sorriso que nasce em sua boca carnuda e bem esculpida.

Ele coloca a cabeça para fora do veículo e dá uma olhada na sua Ranger.

— Não me lembro de te dar permissão para pegar meu carro.

Dou de ombros e olho para o outro lado à espera que outro carro apareça para me ajudar.

— Caso não lembre, eu sou a filha do dono daquela fazenda e não preciso da permissão de ninguém para pegar o que quiser. Muito menos a sua. — Volto-me para ele e sorrio.

Andrew sorri também. Não um sorriso sarcástico ou coisa e tal, mas um divertido. Ele está realmente zombando de mim.

Espero que faça algum comentário sem graça ou comece uma discussão, no entanto ele avalia novamente a Ranger.

— O pneu está seco, provavelmente está furado — diz, fazendo menção para o pneu vazio.

Reviro os olhos.

— Nossa, que observador! — digo com ironia.

Andrew morde o lábio novamente e desvia o olhar.

Provavelmente está se controlando para manter a calma.

Após alguns minutos em silêncio, ele desce da caminhonete. Está usando uma calça jeans apertada e surrada, além de uma camiseta preta, muito justa ao seu corpo, delineando cada um de seus músculos. Desvio o olhar quando sou pega em fragrante e torço o nariz em repulsa, quando passa por mim. É claro que ele não está fedendo, pelo contrário: seu cheiro mesclado de terra, madeira e algo que não consigo identificar é perfeito, mesmo ele estando

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

suado.

Andrew tira seu chapéu, deixando que seus cabelos castanhos ondulados caiam sobre sua testa e os puxa para cima com uma das mãos, afastando-os dos olhos. É um gesto simples, no entanto é bem difícil de desviar o olhar. É simplesmente hipnotizador.

Merda!

Andrew nota meu desconforto e sorri. Um sorriso divertido e um tanto presunçoso. Reviro os olhos irritada. Ele tem mesmo o dom de me deixar assim. É por isso que o odeio.

— Você pode ir para casa no meu carro — ele diz me tirando do transe.

Volto-me para ele, pasma. Acho que não entendi direito o que acabara de dizer.

— Como? — pergunto sem entender.

Andrew sorri, me avaliando com seus lindos olhos azuis. A forma como ele percorre meu corpo, sem tentar esconder sua autoanálise me deixa desconfortável. Eu estou acostumada a ter pessoas me avaliando o tempo todo. Todavia, a forma como me olha é diferente.

— Eu disse que você pode voltar para casa no meu carro. Vai demorar um pouco para que troque o pneu e, pelo que parece, não vai demorar muito para que caia um pé d'água.

Olho para o céu que escurece a cada segundo e ao longe um trovão rompe.
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sinto um calafrio na espinha. Definitivamente odeio tempestade.

— Como você vai trocar o pneu? Quero dizer, não encontrei o estepe em lugar algum.

Andrew sorri sem esconder seu divertimento.

— Você procurou direito? — questiona-me com humor.

Cruzo os braços e empino o nariz. Ele não vai rir de mim assim.

— Eu não sou cega! — respondo com raiva. — Se existisse um estepe na sua lata velha, teria visto. O pneu é muito grande para caber na cabine e não é assim tão pequeno para que eu não tenha visto na carroceria — digo as palavras com pressa e quando termino, Andrew não consegue segurar o riso.

Sinto meu sangue ferver em minhas veias e a vontade que tenho é de lhe dar uma tapa em sua face, porém, lembro que minhas unhas acabaram de ser feitas e o esmalte vermelho ainda está fresco. Quero dizer, já está seco, claro. Mas não quero estragar a pintura batendo nesse idiota mal-educado.

— Por que está rindo de mim? — As palavras saem de minha boca carregadas de ira.

Andrew joga as mãos para cima em sinal de paz, porém seu sorriso é notável em seus lábios.

— Não estou rindo de você, pirralha. — Sua voz é rouca, causando coisas estranhas no meu corpo. — Você é engraçada. — Ele sorri e começa a puxar sua camiseta para cima.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ei! O que você pensa que está fazendo? — Minha voz sobe algumas oitavas.

Andrew para o que está fazendo e me olha confuso.

— Vou trocar o pneu — responde, como se fosse algo óbvio.

Reviro os olhos e cruzo os braços.

— Não precisa ficar pelado, seu exibido! — falo com desdém.

Andrew arranca a camiseta e a joga em mim. Eu a seguro, apenas porque essa foi minha reação e não porque eu realmente queria segurá-la.

— Já disse que você pode voltar para a fazenda no meu carro. — Ele faz um gesto exagerado na direção da caminhonete velha.

— Nem morta eu entro dentro dessa coisa! — digo com repulsa apontando para o veículo.

Andrew umedece os lábios e respira fundo. Hoje, ele realmente está se controlando.

Ele vai até à traseira da Ranger e, depois de alguns minutos, surge com o estepe.

— De onde você tirou isso? — pergunto surpresa.

Uma risada escapa de sua boca. Tento me controlar para não dar um tapa

nele, pois volto a me lembrar das minhas unhas.

— Você tinha um carro lá onde morava ou havia um idiota para te carregar, para cima e para baixo como uma dondoca?

Sua pergunta me pega de surpresa e me sinto um tanto ofendida. Ele não me conhece para tirar conclusões sobre mim.

— Não que seja da sua conta, mas eu dirigia meu próprio carro, que por sinal é um Porsche lindo — digo orgulhosa.

Andrew sorri.

— Você sabe, pelo menos, como se troca um pneu?

Reviro os olhos, pelo que parece a centésima vez, desde que ele apareceu aqui.

— Claro que não, seu idiota! Lá tem uma coisa que se chama mecânico e guincho. Não preciso fazer trabalho pesado.

Andrew solta uma gargalhada estridente, como se eu tivesse acabado de lhe contar uma piada superengraçada.

— Qual a graça, peão?

Andrew morde o lábio tentando controlar o riso.

— Nada de mais, Barbie. Só estava me perguntando se você também tinha uma pessoa para pensar por você... Sabe como é: *trabalho pesado* — Andrew

ênfatiza as últimas palavras.

Fecho as mãos em punhos e deixo um grunhido escapar dos meus lábios.

— Você é um idiota, peão! — grito, dando um passo até ele. — Você não me conhece. Pare de agir como se soubesse algo sobre mim! — digo furiosa, pressionando minhas mãos em seu peito e o empurrando.

— Ei! Eu estou apenas brincando. — Andrew estende as mãos em frente ao corpo. Seus olhos ainda sorriem de uma forma divertida, apesar de seus lábios não.

— Não tire conclusões sobre mim. — Minha voz soa baixa e me amaldiçoo por parecer mais uma prece do que uma ordem.

— Você faz isso o tempo todo a meu respeito — rebate.

Volto meus olhos para ele, que me encara agora sem nem um pouco de humor.

Ele tem razão. Não posso ficar chateada por suas conclusões e julgamentos, quando eu faço a mesma coisa a seu respeito.

— Você tem razão — digo baixinho, mais para mim do que para que ele ouça.

Ele ri baixinho, o que prova que conseguiu me ouvir.

Espero que faça algum comentário maldoso a respeito, mas para minha surpresa ele não faz.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Vou trocar o pneu antes que comece a chover.

Faço que sim com a cabeça e o assisto atentamente, enquanto ele usa uma coisa estranha, que faz o carro subir e um treco para tirar o pneu furado e colocar o bom no lugar. Ele faz a troca cuidadosamente e quando, enfim, acaba, a chuva rompe no céu impiedosamente caindo sobre nós.

Dou um gritinho quando a água fria atinge minha pele. Andrew ergue-se do chão e corre até a Ranger, abre a porta de trás e me puxa para que eu entre.

Acomodo-me no banco de couro, afastando minhas compras, e Andrew senta-se ao meu lado, fechando a porta.

Ele está sem camisa e as gotas da chuva escorrem por seu corpo. É uma visão linda e não consigo tirar meus olhos das gotinhas que delineiam seus músculos. Chego a sentir um pouco de inveja da intimidade da chuva em sua pele.

Andrew passa as mãos por seus cabelos e sorri. Ele não me parece nem um pouco incomodado por estar molhado. Eu estou? Acho que em outra ocasião estaria muito irritada. Essa é a segunda vez que arrumo meus cabelos e sou presenteada por um banho de chuva, todavia, isso é algo que não me deixa irritada nesse momento, porque toda a minha atenção está centrada no homem lindo e sexy, que está bem ao meu lado.

Andrew volta-se para mim, só que olha por cima dos meus ombros.

— Você comprou a cidade toda, pirralha? — pergunta sorrindo.

Meu primeiro impulso é revirar os olhos, mas me detenho. Já fiz isso demais por hoje e não quero que ele pense que tenho um tique nervoso.

— Pare de me irritar. Por favor! — acrescento e baixo o olhar.

Sinto seus dedos longos e ásperos em minha face e prendo a respiração.

Seu toque é suave apesar de seus dedos serem calejados. Minha pele aquece e arrepia-se com seu contato. Ergo meus olhos para encará-lo. Suas pupilas estão dilatadas e quase não consigo enxergar o azul que tanto adoro.

— Você fica linda quando está irritada — diz com a voz mais rouca que o normal.

Engulo em seco com a intensidade de sua voz. O efeito de suas palavras causa algo estranho no meu corpo. É como se não conseguisse controlá-lo mais. Meu coração acelera e minha boca fica seca. Meus olhos não conseguem desviar do seu olhar penetrante, e tudo o que minha mente consegue pensar é em como seus lábios estão próximos dos meus. Eu daria minha vida para senti-los.

Como se tivesse acabado de ler meus pensamentos, Andrew preenche o pequeno espaço que separa nossos corpos e quando dou por mim, seus lábios estão nos meus e eu esqueço como respirar novamente.

A princípio seu beijo é suave. Sua língua acaricia a minha, como se ainda esperasse que, de alguma forma, eu fosse recuar. Eu não faria isso. Meu corpo se acende instantaneamente. Um fogo ardente que nunca havia sentido antes. Andrew desce suas mãos para minha cintura e me puxa para seu colo,

de forma que fico montada em cima dele.

Minhas mãos curiosas exploram seus cabelos, puxando-os com força à medida que nosso beijo se intensifica.

Um pequeno gemido escapa de sua boca e é o som mais sensual que já ouvi na vida.

Ele morde meu lábio com força, enquanto suas mãos apertam minha cintura me mantendo presa.

Desço minhas mãos para explorar seu peito másculo, delineando seu abdômen definido e sua barriga durinha.

Sua pele é quente, apesar de estar molhada.

Ele interrompe nosso beijo e resmungo baixinho, mas meus protestos são calados quando uma de suas mãos enrola meus cabelos, de forma que ele possa explorar meu pescoço.

— Allie... — Andrew diz o meu nome em meio a um gemido e estremeço. Ele morde o lóbulo da minha orelha e me contorço em cima dele.

Estamos vestidos demais.

Quando sua boca volta para a minha, ele me beija de uma forma diferente, quase possessiva, o que me faz gemer e afundar minhas unhas em suas costas.

Sinto sua ereção crescer embaixo do jeans apertado e isso me deixa louca.
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Tudo o que quero agora é arrancar minhas roupas e senti-lo por completo.

Ele afasta-se de mim apenas por alguns segundos. Seus olhos me avaliam com atenção, como se de alguma forma não conseguisse acreditar no que está acontecendo. Sua respiração está acelerada e juro por Deus que consigo ouvir nossa pulsação.

Minhas mãos estão em seu peito, que sobe e desce rápido demais.

Inclino minha cabeça para que nossos lábios se toquem novamente. Meu corpo de alguma forma precisa que ele volte a me beijar e termine o que começou, mesmo não tendo ideia do que isso signifique. A única coisa que sei é que preciso de seus lábios nos meus e de suas mãos em meu corpo.

Nossos lábios mal se tocam, quando ele gentilmente me puxa para trás. Meu corpo protesta e quero chorar e lhe implorar que me beije.

Sorrio satisfeita quando ele traz de volta seus lábios para os meus, todavia não me beija como eu esperava, apenas os roça de leve nos meus.

— Eu sabia — ele sussurra, mordiscando meu lábio inferior. Tremo agarrando-me a ele. — Você estava louca por esse momento, não é? — Sua pergunta me pega de surpresa e eu sorrio sem entender. Afasto-me dele apenas o suficiente para fitá-lo nos olhos. Ele sorri presunçosamente. — Confessa que você vem desejando isso desde o primeiro momento que chegou aqui. — Ele sorri. — Você é mais fácil do que imaginei.

O sorriso arrogante em sua face me traz de volta à realidade.

— Seu idiota! — grito, saindo do seu colo. Eu não acredito que deixei esse peão me beijar dessa forma e, acima de tudo, não acredito que gostei.

— Você é um cretino! — grito enfurecida.

Andrew me olha como se eu tivesse lhe ofendido, mas sei que ele está apenas fazendo joguinho.

— Eu sou um cretino? Não me lembro de você ter me dito não — diz irônico.

Sinto minha face queimar e não penso duas vezes antes de bater em sua face com toda a força que tenho.

Seu rosto endurece e seus olhos perdem qualquer vestígio de humor.

— Sua vadiazinha mimada! — rosna, furioso.

Ergo minha mão novamente para lhe bater, todavia ele é mais rápido que eu, segurando meu pulso com força e me puxando para perto do seu rosto.

— Nunca mais encoste em mim! — rosna.

Seus olhos estão em chamas e suas narinas dilatadas.

Tento puxar meu pulso, mas ele aperta ainda mais. Tenho certeza de que está me machucando por querer.

— Eu odeio você. — As palavras saem baixas e trêmulas e me amaldiçoam por isso.

Minha visão fica embaçada. Viro meu rosto para o outro lado. Não quero que me veja tão fragilizada. Ele já me humilhou demais.

Ele solta meu pulso e seus dedos estão em meu queixo, fazendo-me encará-lo. Empurro sua mão para longe de mim e o olho com fúria.

— Allie, eu...

— Saia do carro! — digo sem tirar os olhos dos seus.

Ele parece confuso e se eu não conhecesse tanto seus joguinhos, diria que ele está... Arrependido?

— Allie...

— Saia! — grito, apontando para a porta. Agora que meus pensamentos não estão entorpecidos, eu consigo ouvir a chuva caindo violentamente lá fora. — Não me faça pedir novamente — digo ameaçadora.

Andrew engole em seco e passa as mãos nos cabelos, num gesto de confusão. Então, ele pega sua camiseta, que eu nem lembrava que havia colocado no banco, e sai do carro sem dizer uma palavra.

Sinto as lágrimas queimarem em meus olhos, mas me recuso a chorar. Ele é um idiota. Não vou deixar que desperte meu pior lado. Respiro fundo algumas vezes, na tentativa desesperada de fazer meu corpo, coração e mente acalmarem-se, todavia isso parece impossível.

Eu não posso voltar para casa agora. Não depois de ter deixado aquele peão morto de fome me beijar daquela forma. Não depois de tê-lo deixado

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

despertar essas coisas em mim e depois me humilhar.

Eu preciso de uma bebida.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



— Você é nova por aqui, não é? — pergunta um idiota sentando-se ao meu lado. Coloco meu copo com uma bebida qualquer, que nem sequer lembro o nome, no enorme balcão de madeira do único bar, que me pareceu decente para passar o tempo e esquecer os últimos acontecimentos da minha vida, e lanço um olhar frio para o babaca que me encara como se esperasse uma resposta.

— O que te levou a essa conclusão? — pergunto, esboçando um sorriso falso. — Espero que não tenham sido minhas roupas de grife. — Reviro os olhos e levo o copo aos lábios. A quantidade de álcool em meu organismo está fazendo um efeito maravilhoso, mas não o bastante para eu dar mole ao primeiro idiota que senta ao meu lado.

Uma música horrorosa toca ao fundo, dando ao ambiente um ar mais rústico do que parece. O local está repleto de cowboys e mulheres vestindo roupas ridículas. Acho que sou a única que está arrumada aqui, apesar do

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

meu cabelo estar uma completa bagunça. A chuva acabou com a escova que eu tinha feito, agora meus cabelos estão presos no alto da cabeça, em um coque. Sei que, apesar dos ridículos serem eles, com essas roupas estranhas e apertadas, o centro de toda a atenção sou eu: bebendo sozinha e vestida com uma roupa cara e elegante. Dou um risinho discreto. Acho que eu sou a estranha aqui.

— Então, você é daqui?

Olho para meu lado e reviro os olhos. Eu tinha esquecido desse babaca.

— Cai fora! — peço, voltando a atenção para minha bebida.

O idiota sai do banquinho e desaparece no meio da multidão. Relaxo um pouco no assento desconfortável e pego meu celular reserva na bolsa, já que o outro está completamente destruído graças ao idiota do Andrew. A foto de plano de fundo desse aparelho é a mesma que usava no antigo, minha e de Kevin. Sinto um aperto em meu peito ao recordar que ele agora está com outra pessoa.

— Babaca! — xingo a foto. Vou até a galeria e a apago, junto com outras fotos que tenho dele. Tudo o que menos preciso no momento é me lembrar do que ele me fez. Respiro fundo. Parece que todos à minha volta, estão destinados a me deixar. — Isso explica tudo. — Forço um sorriso para minha bebida.

Meu pai trocou a família por um pedaço de terra. Minha mãe me largou por causa do marido novo. Meu namorado me trocou por uma vadia e o Andrew... Ah! Aquele peão filha de uma mãe não conta.

Pensar no Andrew faz algo estranho com o meu coração e logo minha mente volta-se para o momento em que eu estava perdida em seus braços. A sensação de seus lábios quentes e macios nos meus ainda está viva, sinto uma pequena comichão na minha barriga. Afasto todos esses pensamentos da minha cabeça e me concentro apenas na minha bebida.

— Essa bebida é muito boa! — grito para o cara alto e bonito atrás do balcão.

Ele esboça um sorriso.

— Essa é a milésima vez que você me diz isso. — Ele entrega uma cerveja a um cara qualquer e aproxima-se de mim.

Ele é alto, musculoso e sua pele é levemente bronzeada; Sua pele parece que saiu daqueles comerciais de protetores solares. Seus olhos são verde-claros e seus cabelos... Bem, não sei como são seus cabelos, pois ele está usando um chapelão desses que Andrew gosta de usar, mas que não fica tão bem nele como fica em Andrew. Sacudo um pouco a cabeça, como se dessa forma pudesse arrancar a imagem de Andrew da minha cabeça.

— Eu sei que já falei isso — digo com a voz arrastada e viro o restante da bebida. — Nossa! De onde vim não existe algo semelhante e olha que eu vim do paraíso. — Sorrio e estendo o copo em sua direção.

— Acho que já bebei demais, loirinha.

— Deixa de ser estraga-prazeres, cowboy. — Tento usar minha voz sexy, mas, pela expressão divertida em seu rosto, acho que não obtive sucesso.

— Não quero ser grosseiro, mas acho que você já está bêbada.

Reviro os olhos diante do seu pequeno discurso.

— Eu não estou bêbada e mesmo se estivesse isso não seria da sua conta. Você é pago para servir bebidas e não controlar a vida das pessoas.

Ele ergue as mãos para cima e sorri.

— Ok.

Dou-lhe meu melhor sorriso bêbado e espero enquanto ele prepara outro drinque.

A música que outrora era insuportável, me parece bem convidativa agora. Há algumas pessoas dançando na pista de dança, próxima ao palco.

Tudo parece bem diferente de momentos atrás. Gosto da forma como as roupas se ajustam perfeitamente em cada um que está no bar. Agora, olhando tudo isso ao meu redor, me pergunto, por que eu odiava tanto esse lugar? As pessoas são divertidas e essa cidade tem o melhor bar do mundo inteiro.

O meu mais novo amigo deposita o copo na minha frente e eu bato palmas de alegria. Poderia abraçá-lo por ser tão legal comigo.

— Você não acha que já bebeu demais? — pergunta uma voz familiar atrás de mim.

Não preciso olhar para saber quem é.

— Vá para o inferno, peão! — respondo, ficando de mau humor. Esse peão sabe estragar minha alegria.

Ele resmunga algo e senta-se ao meu lado.

Reviro os olhos e mantenho meu olhar fixo na minha bebida.

O meu novo melhor amigo parece mudar de cor ao notar a presença de Andrew e se apressa em perguntar se ele vai querer o de sempre.

Arrisco uma olhadinha pelo canto do olho e o vejo assentir antes de voltar-se para mim.

Sinto vontade de perguntar se costuma vir muito aqui, aliás, só os que frequentam um bar regularmente tem uma bebida de sempre, todavia, deixo minha curiosidade de lado. Eu ainda estou muito chateada com ele para socializar, sem falar que meu bom humor foi embora no momento que ele chegou.

Volto-me para a minha bebida rosa e deliciosa. Ela sim merece toda a minha atenção.

— Sabe por que eu estou aqui? — pergunta alto o bastante para que só eu posso ouvi-lo.

Respiro fundo, me sentindo exausta. Eu só quero um pouco de paz para poder curtir toda essa merda que está acontecendo comigo. Não quero brincar de adivinhar com o maior babaca que já tive o desprazer de conhecer. Só quero que ele vá embora e deixe que meu bom humor, mesmo que falso,

volte para mim. Eu preciso ser feliz, mesmo que por um momento.

Andrew tem diante de si uma cerveja. Então, essa é sua bebida favorita? Uma cerveja barata? Bem, isso não me surpreende.

— Eu não quero saber o que lhe levou a encher a cara no meio da semana, Andrew — respondo com ironia.

— Olha, eu só vim até aqui porque a Nana estava pirando. Não teria vindo se não fosse por ela — diz ele entredentes.

Sinto o sangue ferver em minhas veias e a primeira coisa que me passa pela cabeça é jogar minha bebida nele, mas não faço isso. A minha doce bebida é boa demais para que desperdice.

Volto-me para ele com fúria.

— Eu não preciso de você ou de sua preocupação fingida.

Ele olha para a minha bebida e sorri ironicamente.

— Estou vendo que não.

Fecho os olhos com força e conto até dez, mentalmente.

— Qual o seu problema, peão? — pergunto alto o suficiente para que ele e os que estão próximos de nós nos ouçam.

— Você é meu problema, sua pirralha mimada e mal-educada! — rosna ele, apertando a garrafa com força em sua mão. — *Você. É. Meu. Único.*

Problema — ele enfatiza cada palavra, como se eu fosse uma criança de sete anos.

Sinto meu coração apertar em meu peito. Ninguém nunca, em toda a minha vida, tinha me tratado com tamanho desrespeito como Andrew me trata. Ele age como se me conhecesse. Como se soubesse tudo a meu respeito. Grita, xinga e me humilha. Ele acha que tem esse direito e talvez até tenha, pela forma como o tratei desde o primeiro momento que o vi aqui, no entanto, isso não faz com que suas palavras carregadas de ódio, não me façam querer pegar todas as minhas coisas e sair dessa cidade e voltar para o meu mundo.

Pego o copo e o levo até meus lábios, bebendo todo o líquido de uma só vez. O gosto adoça minha língua e o álcool faz maravilhas com o meu corpo, no entanto minha mente ainda parece alerta a tudo à minha volta agora, por exemplo: Andrew me olha milimetricamente, como se seus olhos estivessem fazendo uma varredura detalhada da garota que ele alega ser seu maior problema. A garrafa de cerveja barata está em sua mão e sei que ele ainda não bebeu uma gota sequer. Seus lábios estão em uma linha reta e sei que ele está mordendo a bochecha. Ele tem esse hábito ridículo quando está nervoso. Não que eu tenha notado antes, claro que não. É só uma observação de uma pessoa bêbada.

— Outra bebida, por favor — peço erguendo meu copo para o *bartender*.

— Você já bebeu demais — repreende-me Andrew, como se tivesse esse direito. Ele é um verdadeiro cara de pau.

— Você não é minha babá, Scott. — Reviro os olhos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Alguém já te falou o quanto você fica insuportável quando bebe?

— Não, você é o primeiro. — Sorrio sem humor. — Não que isso importe... Nada do que você pensa a meu respeito importa.

Outra bebida é colocada à minha frente. Pego o copo e levo aos meus lábios, porém, antes que possa saborear o drinque, Andrew tira-o de minhas mãos.

— Chega! Você está bêbada e não tem condições de ingerir mais álcool! — grita ele, me fuzilando com os olhos.

— Você não tem o direito de me dizer o que fazer. Sou maior de idade e dona do meu próprio nariz. Posso fazer o que quiser e se eu quiser beber, vou beber! — grito mais alto que ele, fazendo com que as atenções se voltem todas para mim, no entanto, não estou nem aí para isso. Estou furiosa e tudo o que menos me importa é com o que um bando de pessoas desconhecidas pensam sobre mim.

Andrew coloca minha bebida em cima do balcão e me desafia com o olhar. Eu tenho duas alternativas: fazer o que ele quer ou o que eu quero.

Claro que vou para a segunda alternativa.

Afasto-me de Andrew, tentando manter o equilíbrio e vou até à pista de dança. Algumas pessoas dançam de um jeito engraçado e eu me esforço para acompanhar o passo. Não é bem o tipo de música que costumo dançar, mas é bem legal.

Fecho os olhos e deixo que o ritmo da música comande o meu corpo. Tento ser o mais sensual possível, pois sei que os olhos de Andrew estão em mim. Sei disso sem precisar olhar em sua direção. Sei disso, porque, mesmo a certa distância, meu corpo parece quente e pronto para entrar em combustão.

A música é alta e preenche o lugar vazio em minha mente. Por um minuto posso sonhar que estou em outro lugar e em outro tempo.

Sou tirada do meu devaneio com mãos grandes me segurando.

— Eu sei que você está furiosa e com toda razão, mas sei que se você continuar aqui, vai acabar fazendo alguma besteira que vai se arrepender amanhã. Então, não só tenho o direito de te dizer o que fazer, como não vou deixar você fazer. — Ele me puxa para perto de si. Seu perfume é inebriante e me deixa desorientada. Quando dou por mim, estou sendo jogada em seu ombro como se fosse um saco de batatas e arrastada para fora do bar. Levo alguns segundos para processar o que está acontecendo e quando a ficha cai, me debato no ombro de Andrew, mas ele mantém sua mão firme em volta de minhas pernas me mantendo presa. Continuo com minha luta, mesmo sabendo que nunca conseguirei ganhar de Andrew Scott.

— Eu te odeio, peão! Odeio com todas as minhas forças! — grito as palavras cada vez mais alto, no entanto ele não me dá ouvidos. Seus passos são largos e apressados pelo estacionamento do bar. O ar frio atinge minha pele sensível. Sei que se não fosse o álcool, iria me sentir congelando, apesar de que, por um momento, eu me sinto um pouco sóbria, mas ao mesmo tempo zozza e enjoada. Acho que bebi demais. Odeio passar mal por causa de bebida.

— Me põe no chão! — grito, enquanto bato em seu peito.

Andrew para de repente e me coloca no chão abruptamente, como se eu fosse um saco de batatas sem valor.

— Você é louco? — grito dando um passo em sua direção, ficando a centímetros de distância .

Andrew é muito mais alto que eu e tenho que manter minha cabeça erguida para poder lhe olhar nos olhos, que por sinal estão vidrados nos meus. Seu olhar é puro ódio. Se não estivesse tão bêbada, com certeza sentiria medo dele agora. Sorte minha que estou, porque assim eu posso lhe enfrentar e mostrar que ele não pode me humilhar e nem me dizer o que fazer.

— Por que fez isso? Quem você pensa que é? — grito mais alto e o empurro com toda minha força, que considero pouca, já que ele mal se moveu.

Andrew respira pesadamente e sei que está se controlando, para não fazer uma besteira.

— Olha para você, pirralha. Está bêbada! — diz ainda mais alto que eu. — Estava flertando com o babaca do Dean e depois ficou se exibindo na pista de dança daquela forma. Você está se portando como uma verdadeira... — Ele fecha a boca antes de completar a frase, no entanto sei exatamente o que ele ia dizer. Andrew respira fundo e passa as mãos por seus cabelos. — Só não queria que você fizesse alguma besteira, apenas por achar que assim vai me deixar irritado.

Engulo o nó que se forma na minha garganta e o fuzilo com o olhar.

— O fato de você me achar uma vadia, não significa que eu seja. E olha para mim. — Faço um gesto exagerado em minha direção. — Não sou qualquer uma para sair com qualquer um. Não é porque deixei que você me beijasse, que vou saindo por aí fazendo caridades para outro peão morto de fome.

Pela forma como ele me olha, parece que minhas palavras foram socos em vez de meras palavras.

— Então você acha que me fez uma caridade? — Sua voz é calma, no entanto posso sentir a raiva fluindo em cada uma de suas palavras. — Eu posso não ser um homem rico. Posso não ser um dos playboys que já te levaram para cama, mas lhe garanto que sou um homem de caráter e, ao contrário da sua lista de conquistas, sei escolher quem levo para a cama e posso lhe garantir que elas são mil vezes melhores que você, mesmo não estando vestidas com roupa cara. — Suas palavras são como lâminas afiadas. Eu não imaginava que a forma que ele pensa sobre mim pudesse me deixar com um nó na garganta.

Engulo em seco, quando meus olhos ficam embaçados.

— Terminou seu discurso? — pergunto com calma fingida.

Andrew nada diz, apenas desvia o olhar, pega a chave de sua caminhonete na minha bolsa e destrava as portas.



O interior da Ranger está quentinho e os dedos dos meus pés não estão mais congelando.

Andrew continua dirigindo em silêncio e eu continuo encolhida no banco do passageiro, tentando o máximo que posso esconder dele as malditas lágrimas que teimam em me desafiar e rolar por minha face.

A verdade é que estou bêbada. Bêbada e muito triste, não apenas com as palavras de Andrew, mas com tudo.

Minha vida era bem menos complicada quando o Anthony era vivo. Era perfeita. Eu tinha tudo o que queria e meus amigos me amavam do jeito que sou.

No entanto, agora me pergunto se eles realmente me amavam. Não tive contato com nenhum, exceto com Mel. Nem minha mãe me ligara para saber como estou. Ela está ocupada demais em sua viagem com seu marido milionário para se importar comigo. De repente me dou conta que estou sozinha. Nunca tive de fato alguém com quem contar, todavia agora percebo que a única pessoa que parecia se interessar por minha vida, mesmo eu nunca tendo dado importância para o fato, agora estava morta.

Sinto uma dor nada familiar ultrapassar meu peito e um soluço involuntário escapa de meus lábios, antes que possa impedi-lo.

Levo as mãos aos meus lábios na tentativa de esconder meu choro. As

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

lágrimas molham o meu rosto. Fecho meus olhos com força, me encolhendo ainda mais.

Sinto os dedos longos e quentes de Andrew tocando meu braço. Encolho-me na tentativa de afastá-lo de mim. Tudo o que menos quero agora é que ele me humilhe. Já estou me sentindo mal demais para começar uma briguinha sem sentido.

— Mas que droga, Allie! — exclama ele com a voz grave e para o carro.

Ouço-o soltar o cinto de segurança e se inclinar na minha direção.

Ele solta meu cinto e tenta me puxar para si, no entanto me encolho ainda mais. Suas mãos seguram meus ombros novamente, me puxando com mais leveza e, dessa vez, não tenho forças para o impedir.

Afundo meu rosto em seu peito agarrando sua camisa com força entre minhas mãos.

Seu perfume é reconfortante e sinto-me em paz, quando me abraça com força o suficiente para me manter presa no lugar.

— Eu sinto muito — diz baixinho com a boca encostada em meus cabelos.

Faço que sim com a cabeça sem me afastar dele e fecho os olhos com mais força, enquanto as lágrimas rolam abundantemente por minha face molhando sua camisa preta.

Andrew apenas afaga meus cabelos com carinho e diz palavras que nunca

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pensei ouvir vindo dos seus lábios. Pediu-me desculpas por suas palavras agressivas, que mesmo não querendo admitir, acabaram me deixando devastada.

Por um momento consigo esquecer que essa pessoa é a mesma que horas atrás me humilhou.



Levo alguns segundos para perceber que estou em meu quarto. As lembranças da noite passada são um borrão e minha cabeça está explodindo.

O quarto está pouco iluminado, por conta das cortinas que estão puxadas, impedindo que a luz do dia entre.

Não consigo lembrar-me como vim parar aqui.

Não consigo me lembrar de nada...

Fecho os olhos com força e lembranças de mãos grandes e lábios macios invadem minha mente.

Sinto uma comichão na barriga ao lembrar-me do beijo que Andrew tão desesperadamente me deu, como se de alguma forma eu fosse tudo o que ele queria naquele momento, no entanto, fora apenas um momento de diversão.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Respiro fundo e passo as mãos por meu cabelo. Estou tão irritada e frustrada, não apenas com o Andrew por ser um idiota, mas comigo por ter me deixado levar por um momento de fraqueza. Eu o odeio. Odeio com toda a força do meu ser. Odeio como nunca odiei alguém na minha vida.

Eu só tenho que lembrar disto todos os dias até ir embora dessa fazenda idiota, e fazer de tudo para que ele me venda sua maldita parte e assim possa vendê-la e nunca mais ter que voltar a colocar meus pés aqui.

Ergo-me da cama com cuidado. O quarto parece girar diante dos meus olhos, deixando-me zozna.

Nunca mais vou beber em minha vida.

Sinto meu estômago protestar, mas o enjoo por conta da minha bebedeira fala mais alto.

Sigo para o banheiro com passos lentos, segurando-me no que quer que seja, para não correr o risco de cair e acabar quebrando algum osso.

Tomo um banho demorado, deixando que a água quente leve ralo abaixo minha ressaca e toda a humilhação que estou sentindo por causa daquele peão filho da mãe.

Eu preciso de um plano de sobrevivência e me concentrar no meu objetivo. Não posso deixar que Andrew me humilhe novamente.

Visto meu roupão e volto para o quarto que, para minha surpresa, não está mais vazio como o deixei.

Andrew está parado em frente à grande janela, sua postura é confiante e seu olhar distante. Ele está usando uma calça jeans justa como todas as outras e uma camisa branca justa em seu corpo; fazendo com que o tecido delinieie seus músculos. Seu cabelo ondulado está rebelde e convidativo.

Sinto uma onda elétrica percorrer toda a extremidade do meu corpo, deixando minhas pernas moles e tenho que me segurar na cômoda para não cair.

Respiro fundo e tento parecer normal.

— O que quer aqui? — pergunto com menos aspereza do que esperava. Na verdade, minha voz saiu baixa e um tanto arrastada pela surpresa de tê-lo em meu quarto depois dos últimos acontecimentos.

Andrew volta-se para mim e, para completar minha confusão, vejo círculos escuros em torno dos seus olhos, denunciando sua noite maldormida.

Deus! O que diabos aconteceu depois que saí daquele bar?

— Eu... — Ele tira as mãos dos bolsos da calça e passa por seu cabelo, despenteando-os ainda mais. — Só queria saber se você está bem.

Seus olhos avaliam-me atentamente, como se tivessem nascido chifres em minha cabeça. Sinto-me desconfortável e cruzo os braços em volta do meu corpo erguendo uma sobrancelha. Eu não vou cair nos seus joguinhos dessa vez.

— O que quer de verdade? Porque eu sei que você não veio aqui apenas

para saber se estou bem. O que você quer, Andrew?

Ele respira fundo e novamente leva suas mãos ao cabelo.

— Sinto muito por ontem... Quero dizer...

Ergo minha mão em sinal de protesto para que pare de falar.

— Será que você já não me humilhou o bastante? Acha mesmo que vou continuar caindo em seus joguinhos? — As palavras escorrem de minha boca como veneno. — Cansei de todo esse seu papinho de trégua. Você é um fingido. Fala tanto da forma egoísta que eu me comportei, que nem percebe que está agindo pior. Você me julga uma vadia. Uma patricinha mimada e fútil que não se importa com ninguém a não ser comigo. Você acha que eu odiava o meu pai. Acha que sempre quis o dinheiro dele. Acha que o abandonei. Você pensa que minha vida sempre foi boa. — Estou gritando as palavras e as malditas lágrimas molham meu rosto. Andrew me olha com seus olhos arregalados e perplexos por conta do meu surto, mas não estou nem aí, já está mais que na hora de saber que seu julgamento a meu respeito está errado. — Você sempre pensa o pior sobre mim, no entanto nunca tentou me conhecer de verdade.

Respiro fundo e mordo o lábio. Todo esse discurso me deixou exausta. Tudo o que quero é poder deitar na minha cama e tentar descansar.

Andrew me avalia por um momento como se estivesse absorvendo minhas palavras, então para minha surpresa, ele simplesmente sorri e bate palmas.

— Belas palavras. Sabe, se tudo isso não tivesse vindo de você, poderia

até me sentir culpado por ser um pouco mau com você às vezes.

Arregalo os olhos e minha boca bate no queixo. Como ele ousa?

— Allison Thomas, você é inacreditável. Sabe, eu estava começando a achar que estava pegando pesado com você, mas depois desse seu discurso dramático de órfã rejeitada, cheguei a uma conclusão. — Ele sorri e dá um passo na minha direção. — Você é uma víbora. Uma atriz. Eu quase caí no seu teatrinho de bêbada ontem. — Ele sorri novamente. — Tenho pena de você — diz com desprezo e sai do meu quarto, deixando-me, mais uma vez, humilhada e o odiando ainda mais.



Os dias seguintes passaram-se devagar. Cada segundo pareciam horas e eu, mais do que nunca, ansiava o dia de voltar para casa.

Andrew me evitava a todo custo. Passou a acordar mais cedo que o normal. Almoçava depois de todo mundo e quase nunca estava em casa à noite.

Deveria me sentir feliz por isso, aliás, sem ele por perto eu podia ter paz e não precisaria ficar com briguinhas o tempo todo, mas a verdade era que sentia falta das provocações dele mais do que podia admitir.

Muitas vezes, durante esses dias, cogitei a hipótese de perguntar a Nana onde o Andrew passava quase todas as noites, mas mordi minha língua, porque isso definitivamente não era da minha conta.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Resolvi ocupar meus dias com caminhadas pelos arredores e até fotografei algumas paisagens que achei interessantes.

A vida no campo não era assim tão ruim como a minha mãe sempre me descreveu.

Conversei algumas vezes com a Mel, que me manteve a par dos últimos acontecimentos, mas, para o meu espanto, não me sentia tão interessada nas fofocas dos que um dia eu chamei de amigos.

A verdade é que todos que eu considerava meus amigos me esqueceram, com exceção da Mel, claro, então o que acontece com os outros já não é importante para mim.

Minha mãe nunca retornou nenhuma de minhas ligações ou me respondeu a alguma das inúmeras mensagens que lhe mandei, o que me fez concluir que ela não estava nem aí para mim. Talvez nunca tenha estado, principalmente agora, casada com um homem extremamente rico.

Aos poucos estou conseguindo enxergar o que há muito tempo estava diante dos meus olhos e que a névoa empoeirada da vaidade não me deixava ver. Eu estou sozinha, sempre foi assim.

Minha mãe me cobria de caprichos, mas isso sempre foi uma forma de se livrar de mim.

Sinto uma pontada de dor no meu peito e meus olhos instantaneamente ficam marejados. Desde que cheguei aqui, parece que não tenho feito nada a não ser ficar triste, chorosa e sentimental. Esse é mais um dos motivos que

me fazem odiar tanto esse lugar. Odeio me sentir fraca.

Respiro fundo a fim de mandar essa melancolia embora, hoje o dia está lindo e convidativo e tudo o que eu menos quero é ficar empoleirada no meu quarto como uma de minhas mobílias.

Visto uma camiseta branca, um short jeans curto, calço meu tênis branco e rosa de caminhada e pego minha máquina fotográfica. Nada melhor que o sol e um lugar bonito para buscar inspiração.



— Vai sair, querida? — pergunta Nana me olhando de cima a baixo e demorando na minha beleza que seguro como se estivesse segurando algo muito precioso, o que de fato é. Essa foi a primeira câmera que tive quando ainda estava estudando e foi o meu pai quem me deu. Nunca disse a ele o quanto tinha significado para mim seu gesto de me presentear com ela.

— Resolvi dar um passeio pelos arredores e ir fotografando. — Mostro a câmera em minha mão, como se já não estivesse óbvio o que queria fazer. — Lembro que tem uma cachoeira perto daqui... — Mordo o lábio me sentindo um pouco nervosa. — Só não lembro o caminho.

Nana me olha confusa por alguns segundos, mas então sorri gentilmente.

— É só seguir a trilha, querida, por trás do celeiro. Mas tome cuidado, não gosto que fique perambulando sozinha por aí.

Aproximo-me dela e a envolvo com um braço.

— Não se preocupe, Nana, sei me cuidar muito bem. — Sorrio e a beijo na bochecha.

— Tome café antes de sair, a cachoeira não é assim tão perto — pede com seu tom autoritário. Nana sempre querendo cuidar de mim, não sei como passei tanto tempo longe dela e desse cuidado de mãezona que só ela tem.

Após tomar meu café reforçado, saio de casa e sigo pela trilha cuidadosamente, prestando atenção em cada lugar que coloco meus pés. A cada galho de plantas que tocam minha pele sem que eu veja, um grito escapa de minha boca com pavor, ao pensar que talvez seja uma cobra ou qualquer bicho do gênero.

A verdade é que se não estivesse com tanta vontade de ir até a cachoeira, teria me arrependido de ter inventado essa história. Eu odeio mato. Odeio esses bichos barulhentos e horrendos que se escondem no meio das plantas, sem falar que estou completamente sozinha. Alguém poderia me matar bem aqui e ninguém ouviria meu pedido de socorro. Pensar nisso me causa arrepios e logo trato de pensar em como a vista é bonita e começo a tirar fotos de tudo o que vejo para que meu medo dê lugar ao prazer de fotografar esse cenário lindo.

Paisagens sempre foram meu fraco, por mais que eu nunca tenha admitido em voz alta. Meu trabalho em Nova York era fotografar modelos. Sempre estive envolta de pessoas e nunca da natureza, exceto quando eu era pequena e morria de amores por esse lugar.

Fico impressionada com a paisagem à minha frente, me deixa totalmente relaxada. A paz que sinto com o som do vento a bater nos galhos das maiores árvores é reconfortante e o som do canto dos pássaros é a música mais linda que já ouvi há muito tempo. Na verdade, todos esses sons misturados conseguem deixar a melhor orquestra musical no chinelo. Não consigo acreditar que estou há quase quatro meses aqui e ainda não tinha me dado conta de como tudo isso é perfeito. Claro que ainda há coisas horripilantes aqui, que me causam fobias, e o simples pensamento de dar de cara com uma onça gigante ou uma cobra daquelas de filmes de terror me deixa apavorada. Por isso trato de esquecer esse pensamento bizarro e me concentro em fotografar um casal de passarinhos, que não sei o nome da espécie, em um galho. Após uma série de fotos, volto minha atenção para a trilha e caminho distraidamente. Eu já tinha estado aqui inúmeras vezes quando criança, junto com a Hanna, minha amiga de infância. No entanto, não conseguia me lembrar do quanto isso aqui era lindo.

As pedras altas jorram águas cristalinas banhando um rio largo e convidativo.

Sinto como se minha alma estivesse se revigorando a cada passo que dou, ficando cada vez mais próxima do meu paraíso particular. Ergo minha câmera e começo a tirar inúmeras fotos de ângulos diferentes, até que o vejo: está parado à esquerda, pouco depois que a trilha acaba. Seu corpo está ereto e ele tem as mãos nos bolsos da frente de sua velha calça jeans. Com uma das pernas apoiada em uma pedra, ele fita a água com intensidade. O chapéu faz sombras em seus olhos e tudo o que consigo ver é seu perfil perfeito, o nariz bem esculpido e os lábios carnudos e convidativos.

Sem saber exatamente o que fazer, se devo voltar silenciosamente por

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

onde vim ou seguir em frente, já que esse lugar não é exatamente dele, ergo minha câmera e decido eternizar esse momento em que Andrew Scott é apenas uma visão perfeita de um anjo no paraíso, meu paraíso particular.

Continuo clicando sem parar e dando passos silenciosos na sua direção sem me dar realmente conta do que estou fazendo, quando piso em uma pedra solta e por pouco não me estatelo no chão.

— Merda! — grito alto demais, enquanto tento me equilibrar. Só quando os olhos brilhantes, confusos e furiosos de Andrew se voltam para mim, é que me pergunto por que não voltei por onde tinha vindo.

— O que, porra, está fazendo aqui? — pergunta, vindo em minha direção.

Merda! Escondo minha câmera atrás de mim e lhe dou o meu melhor olhar de garotinha inocente.

— Eu não estava lhe seguindo ou coisa do tipo. — Minhas palavras saem apressadas, e meio que tropeço novamente na pedra quando tento dar um passo para trás, a fim de sair correndo antes que ele consiga ver o que estava fazendo, todavia ele é mais rápido que eu e quando dou por mim, já tem minha câmera em suas mãos.

— Mas que porra é essa? — questiona entredentes e ergue a câmera no ar. — Você é algum tipo de louca lunática? — questiona-me olhando furioso para as inúmeras fotos que tirei dele sem sua permissão.

Mordo o lábio e tento pensar em algo para dizer, mas nada do que lhe diga vai fazê-lo pensar o contrário.

— Me dê isso aqui! — exijo mantendo minha voz firme e estendendo minha mão para alcançar minha câmera, porém ele ergue o braço e me fulmina com seus olhos azuis, que parecem mais claros na luz do sol.

— O que isso significa? — Ele mostra a câmera sem tirar os olhos de mim. — Por que estava me fotografando?

Merda, merda, merda! Mil vezes merda! O que eu vou dizer? Ah, você estava tão lindo fitando a cachoeira que não resisti e tirei fotos suas.

Mordo o lábio e dou de ombros sem saber o que lhe dizer.

— Eu... Eu não sabia que estava tirando fotos suas... quero dizer... — Engulo em seco e tento buscar algo inteligente a dizer. — Você estava no caminho — digo estridente, cruzando os braços na frente do meu corpo, para me proteger dele. — Você estava no meu campo de visão.

Andrew me avalia por um momento. Seus olhos demoram em minhas pernas, que agora me amaldiçoo por não ter optado por uma calça jeans e não um short que mal cobria as mesmas. Um calor involuntário aquece minha pele e eu juro por Deus que a temperatura aumentou uns vinte graus.

Ele volta a me fitar nos olhos.

— Péssima mentirosa! — diz com um sorriso malicioso nos lábios. — O que eu faço com você? — Pela forma como avalia minha câmera, me pergunto se ele está falando comigo ou com minha preciosidade em suas mãos.

— Andrew... — Começo a dizer, mas algo na forma como ele me olha me faz calar.

— Eu quero que fique longe de mim, garota. Quantas vezes mais teremos que ter essa conversa? — Sua voz é dura, no entanto, acho que vi em seus olhos um lampejo de incerteza.

— Não sabia que você estaria aqui — por fim, consigo dizer com a voz baixa. — Se eu tivesse, pelo menos, uma ideia de que pudesse lhe encontrar aqui, eu teria ficado em meu quarto. — Ergo o queixo de uma forma arrogante. — Tenha certeza de que não existe nesse mundo todo, alguém que queira manter distância de você mais do que eu. — Estendo minha mão em direção a ele. — Agora, devolva minha câmera! — peço com autoridade, todavia só depois que as palavras saem da minha boca, que me dou conta que estou entrando no jogo dele mais uma vez e a forma como me olha e o pequeno sorriso que brota em seus lábios, só me faz ter certeza de que meu pensamento é verdade.

— Não. — Essas são suas únicas palavras.

Ergo uma sobrancelha perplexa.

— Como é que é? — Minha voz sobe algumas oitavas.

Andrew sorri amplamente e ergue a câmera diante dos seus olhos como se a estivesse estudando.

— Eu disse que não. — Ele volta-se para mim. — Você é uma garota muito mimada e acha que consegue tudo o quer.

— Eu sempre consigo — digo entredentes, sem tirar os olhos dele.

— Péssima escolha de palavras, mocinha — desdenha ironicamente e sem perder tempo ergue a câmera e dá um passo na direção da água.

Sinto meu corpo todo congelar. Se Andrew destruir minha câmera, ficarei sem a única coisa que me faz ter alguma ligação com o meu pai.

— Não faça isso! — grito.

Andrew para e volta-se para mim com um sorriso satisfeito.

— Por quê? — sua pergunta me pega de surpresa.

— O quê? — rebato com impaciência.

Andrew faz menção para a câmera.

— Por que se importa com esse objeto? Quero dizer, é óbvio que você pode comprar a câmera mais cara do mercado. Você é rica. — Suas palavras soam irônicas. Sinto um frio percorrer meu corpo. — O que significa para você?

— Pelo amor de Deus, Andrew! É apenas uma câmera sem significado nenhum, mas é minha! — digo furiosa e avanço em sua direção a fim de reivindicar o que me pertence, todavia, Andrew é mais rápido que eu, erguendo a câmera e me fazendo ficar pulando feito uma idiota para conseguir alcançá-la. — Me devolva, droga! — peço, mas é em vão. Está na cara que ele não vai me entregar, então depois de um tempo que me pareceu longo demais, simplesmente desisto de ficar pulando e puxando a mão de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Andrew. Ele é mais alto e mais forte que eu.

— Chega! Faça logo, merda! Jogue a câmera na água e me mostre mais uma vez o quanto você pode ser cruel! — grito, sentindo meu coração bater forte contra o peito.

Andrew aproxima-se de mim e me olha nos olhos.

— Eu vou perguntar pela última vez e se você não me disser a verdade, vou realmente atirar isso na água. — Ele respira fundo sem tirar os olhos dos meus. — Por que esse pequeno objeto é importante para você?

Ele espera paciente por minha resposta, no entanto me recuso a entrar no seu jogo novamente. Ele pode atirar a câmera na água. Eu sei que assim ele estará tirando de mim a única lembrança boa que tenho do meu pai. Essa câmera representa a última vez que eu o deixei se aproximar de mim.

Esse objeto é muito mais que um simples presente. Ele representa um símbolo da confiança que o meu pai depositou na minha escolha logo depois que larguei a faculdade de Direito. Ele sabia o quanto aquilo era importante para mim e foi o único que me apoiou e vislumbrou um futuro maior do que eu poderia sequer imaginar. Esse momento foi o último que tivemos juntos, antes de o afastar para sempre da minha vida.

Andrew continua me olhando e, por um segundo, vejo a decepção passar por seus olhos.

— Ótimo. — Essas são suas últimas palavras antes de se virar para arremessar minha câmera na água.

Fecho os olhos com força e mal acredito quando as palavras escapam de meus lábios.

— Foi o meu pai quem me deu. — As palavras saem mais altas do que imaginei, espero até ouvir o som de algo sendo arremessado na água, no entanto esse som não vem, o que me faz abrir os olhos devagarinho.

Andrew está diante de mim com a câmera em suas mãos e em seus olhos está estampada a surpresa que eu tenho certeza de que está refletindo a minha própria imagem por proferir as palavras em voz alta.

— Eu sei. — Suas palavras me pegam de surpresa, e o alívio por ele não ter destruído minha preciosidade é substituída pela raiva.

— Como assim você sabe? — grito arrancando a câmera de suas mãos. — Você sabia e mesmo assim ia jogá-la na água?

— Eu não ia jogar nada, Allie, só estava te testando — assume, sem um pinga de remorso.

Abro a boca, mas quaisquer palavras que eu poderia lhe dizer nesse momento não são o suficiente para demonstrar o tamanho da minha ira.

Pisco várias vezes para afastar as malditas lágrimas e desvio o olhar, sentindo dificuldade para respirar.

— Allie — diz com a voz rouca. Sua mão esquerda toca meu ombro; seu toque aquece minha pele quase que instantaneamente e imediatamente me afasto com medo de não conseguir resistir.

— Andrew, você não pode fazer isso. — Tudo o que eu quero nesse momento é que nada do que ele diga ou faça me afete. — Não quero ouvir seus pedidos de desculpas e não quero mais falar com você.

Ele sorri sem humor.

— Não ia me desculpar com você. Só fiz isso porque queria saber se por trás dessa armadura existia uma pessoa com sentimentos — diz, talvez mais alto do que eu. — Você sempre faz questão de dizer que não se importa com nada. Que odeia esse lugar e que não se importa com a morte do seu pai, quando na verdade parece que você é uma grande mentirosa.

— Você não sabe nada a meu respeito — digo entredentes.

— Como pode agir assim? O Anthony era a pessoa mais altruísta e generosa que eu conheci. — Sua voz é quase um sussurro. — Ele amava você, Allie. Sentia sua falta. Como você pode fechar os olhos para tudo o que ele te fez? — Ele dá um passo em minha direção. Seus olhos me fitam sem perder o contato visual.

Sinto-me tão presa à intensidade de seu olhar, que me esqueço de dar um passo para trás quando ele para a centímetros de mim.

— Ele foi a figura mais próxima de um pai que eu tive. Cuidou de mim como se fosse de seu próprio sangue. E sou grato a ele por tudo o que me ensinou. — Uma sombra de um sorriso nasce em seus lábios. — Eu nunca quis nada do seu pai. Trabalhei duro para pagar meus estudos, mesmo ele tendo se oferecido para bancar tudo. Eu nunca aceitei nada, porque ele já me dava o suficiente. — Andrew passa as mãos pelos cabelos, frustrado. — Você

diz que eu te julgo. Que não te conheço... — Seus olhos adquirem um brilho de fúria. — Seu pai te conhecia, Allie, te conhecia tanto, que me fez aceitar fazer parte do seu testamento. Por que é que você acha que sou dono da metade dessas terras? — Ele faz um gesto exagerado com os braços. — Ele sabia que você colocaria um fim nesse lugar, após sua morte. Sabia que, assim como sua mãe, você odiava esse lugar.

— Você não sabe de nada! — grito, tentando me afastar para longe dele e desse discurso sem sentido, mas ele me segura pelo braço, fazendo-me parar.

— Esse lugar pode não significar nada para você, mas para mim sim... Significava para o Anthony.

— Isso não importa, Andrew. Ele morreu.

Andrew me solta bruscamente sem tirar os olhos de mim.

— Já parou para pensar que talvez ele tenha feito você vir para cá por uma razão?

Sorrio ironicamente. Esse peão já está passando dos limites.

— A única razão pela qual meu pai me fez vir para cá, era porque me odiava e queria que minha vida fosse um inferno. — Andrew parece paralisado com minhas palavras e isso faz algo dentro de mim se fortalecer. — Eu odeio esse lugar e odeio você. — Cuspo as palavras como se fosse veneno. Mas parte de mim alega que isso não passa de um monte de mentira. — No final, terá que abrir mão de sua parte na fazenda. Eu não quero nada desse lugar e não vou facilitar as coisas para você. — Respiro fundo e, mais

uma vez, pisco os olhos para afastar as malditas lágrimas. — Você não vencerá essa guerra. Você não vai mudar os meus planos.



— Se você puder me retornar, eu vou ficar muito feliz. — Respiro fundo e fecho os olhos. — Preciso falar com você, mãe. Por favor, me liga.

Desligo o celular e o aperto com força entre as mãos. Já se passou muito tempo desde que cheguei aqui e ela não me mandou sequer uma mensagem. Eu deveria não me surpreender, aliás, minha mãe sempre foi assim, só me procurava quando precisava de dinheiro, mas como agora está casada com um homem rico, as coisas estão bem diferentes. Ela não precisa de mim.

Jogo meu celular em cima da cama, me sentindo frustrada e irritada. Eu tenho que parar de agir como uma garotinha mimada que precisa de alguém para sobreviver. Passei todos esses anos praticamente sozinha em Nova York. Está mais do que na hora de mostrar para todos que posso me virar sem ajuda. Eu posso sobreviver até o fim desse longo ano.

Respiro fundo e tento me acalmar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Meu dia não começou muito bem, primeiro teve aquele incidente com o Andrew que me deixou muito irritada. Quem ele pensa que é para agir daquela forma?

Ele sempre é arrogante e mal-educado, mesmo quando eu tento ser gentil.

Gostaria de não me sentir afetada por suas palavras e sua forma de me tratar, mas a verdade é que estou e isso é frustrante.

Pego minha câmera em cima da cômoda e caminho até à janela que se encontra aberta, dando-me uma visão total do céu estrelado.

O ar frio toca meu rosto bagunçando meu cabelo.

Ligo a câmera e a última foto que tirei aparece na tela.

Andrew parece tão jovial e despreocupado. Ele está simplesmente perfeito com esse olhar distante, como se estivesse perdido em pensamentos.

Gostaria de poder entender o porquê de ele agir assim comigo. Talvez, o fato de que o Anthony me deixou a herança tenha lhe deixado chateado. Isso explica o jeito como ele se comporta. Gostaria de invadir seus pensamentos e desvendá-lo.

Respiro fundo e fecho os olhos.

Eu preciso parar com isso. Não estou me reconhecendo! Não posso desenvolver nenhum tipo de sentimento em relação ao Andrew que não seja ódio e desprezo.

Eu devo odiá-lo por ele ter sido para o meu pai o que eu nunca pude ser. Por ter tido o carinho e os cuidados de Anthony. Devo odiá-lo por ter recebido o amor e atenção que deviam ser meus. Tenho que odiá-lo por me fazer sentir fraca e vulnerável. Por mexer com minhas emoções e me fazer sentir coisas que eu não devo e nem quero sentir.

Abro os olhos decidida a apagar suas malditas fotos. Eu preciso voltar a pensar direito. Preciso de minha sanidade novamente.

Esse lugar está me enlouquecendo.

Dou uma última olhada nas suas fotos antes de apagá-las, quando algo pula em cima de mim, me fazendo dar um grito, seguido por um pulo. Jogo a câmera em cima da cama enquanto tento tirar o bicho de cima de mim. Tenho pavor dessas coisinhas. Elas me deixam desesperada. Corro para fora do quarto gritando a plenos pulmões e abro a primeira porta que encontro a fim de pedir socorro. Sei que devo parecer uma louca descabelada e histérica, no entanto não estou nem aí. Odeio esses bichinhos e preciso que alguém o tire do meu quarto.

— Tem um bicho lá no meu quarto, ele é muito... — Paro de falar quando me dou conta de que estou no quarto de Andrew e que ele, por sua vez, está completamente nu na minha frente, com a toalha em suas mãos.

Engulo em seco enquanto meus olhos fazem uma varredura demorada e detalhada do seu corpo. Seu abdome definido está molhado e as gotinhas da água percorrem seu corpo como se estivessem fazendo pouco com minha cara. Oh, meu Deus! Ele é muito...

— Grande.

— Já me disseram isso antes — diz ironicamente e só aí me dou conta que não só fui pega no flagra, como também pronunciei as palavras em voz alta.

Quero saber o que mais pode acontecer hoje.

Viro-me de costas sentindo-me constrangida e irritada.

— Eu estava falando do bicho que entrou por minha janela, seu perverso, e não dessa sua coisinha — desdenho e faço um gesto com a mão na sua direção, sem olhá-lo, porque já estou constrangida demais.

Uma risada ecoa pelo quarto e odeio a sensação maravilhosa que invade meu corpo.

— Eu entendi, pirralha! — diz rindo.

Volto-me para ele e sem querer acabo olhando novamente em direção às suas partes. Ele ri novamente e volto a dar-lhe as costas.

— Dá para vestir algo? — pergunto irritada. Se ele não se cobrir é bem capaz que eu tenha um infarto.

— Eu estou no meu quarto, Allie, se é que você ainda não percebeu — respondo irônico. — Ainda se batem nas portas, quando se quer evitar algo desse tipo. — Sua voz é um misto de humor e malícia.

— Como eu ia adivinhar que estava pelado? Você deveria saber que existem chaves para se trancar as portas, evitando que algo assim aconteça.

Ele ri novamente; seu riso penetra em minha pele, fazendo as borboletas no meu estômago darem piruetas.

— Ok, você está certa — ele diz com a voz rouca. — O que você quer?

Arrisco uma olhada de canto de olho para Andrew, que agora está secando seus cabelos com a toalha; seus músculos se contraindo com seus movimentos.

Desvio o olhar rapidamente. Minha respiração fica presa em minha garganta e sei que estou da cor de um tomate. Meu coração bate forte e tenho plena certeza de que o seu som está ecoando por toda a casa.

— Te fiz uma pergunta — diz com a voz baixa e próxima demais de mim.

Fecho os olhos e cruzo os braços em torno do corpo, como se de alguma forma, eu pudesse fazer meu coração se acalmar com esse simples gesto.

Impossível!

Engulo em seco e respiro fundo, percebendo que minha respiração esteve presa toda esse tempo e que agora estou ofegando como se tivesse corrido uma maratona.

— Tem... Tem um bicho... Um bicho enorme no meu quarto — consigo dizer por fim, com a voz trêmula e arrastada. O que diabos deu em mim?

— Tipo uma cobra? — pergunta, rindo divertido.

Faço que não com a cabeça e tento olhar em sua direção.

— Algo verde e com muitas patas. — As palavras saem com dificuldade.

Andrew fica em minha frente. Seu cabelo molhado está uma bagunça sexy e, infelizmente, ele tem a toalha presa em sua cintura.

Ele puxa os lábios num sorriso torto lindo.

— Então, você quer que o tire do seu quarto? — Ele me olha de cima a baixo; seus olhos demorando em minhas pernas e aí me dou conta que estou vestindo apenas uma camisa grande que mal cobre minhas coxas.

Engulo em seco novamente e agora tenho certeza de que sou literalmente um tomate. Minhas bochechas queimam de vergonha e algo mais. Meu coração perdeu o freio há muito tempo e mal consigo pensar direito com ele assim tão perto de mim.

Faço que sim com a cabeça, porque é a única coisa que consigo fazer, mesmo nem lembrando mais o motivo que me fez vir até aqui.

Andrew volta seu olhar para mim, os olhos azuis-escuros me fitando intensamente, fazendo minhas pernas fraquejarem.

— Acho que posso fazer isso por você — diz com a voz ainda mais rouca.

Mordo o lábio, porém nada digo, perdi totalmente a capacidade de raciocinar.

Andrew dá um passo em minha direção, parando a centímetros de mim.

Sua respiração faz cócegas em minha face. Seu cheiro invade-me por

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

completo, deixando-me desnorteada e embriagada.

Ele ergue uma mão e toca delicadamente minha face, seu toque é tão suave e ao mesmo tempo tão intenso, que faz minha pele arder.

Parte de mim sabe que me afastar seria a coisa mais prudente a fazer, todavia eu não consigo dar ouvidos a essa parte sóbria, porque tudo o que consigo pensar é nos seus lábios macios, em como suas mãos se adaptam tão facilmente à minha pele. Preciso desesperadamente que ele me toque.

— Você é tão linda. — Suas palavras são tão baixas que me pergunto se ele realmente as disse ou as inventei em minha mente louca e desorientada.

Engulo em seco, sem conseguir desviar meu olhar do seu.

A tensão entre nós é tão forte que mal consigo suportar.

— Andrew... — sussurro o seu nome com a voz baixa em uma forma de protesto, pedido e até mesmo súplica, para que acabe logo com essa tortura.

Seus olhos fixam em minha boca enquanto seu polegar contorna meus lábios.

Um suspiro escapa da minha boca e sei que deveria me amaldiçoar por isso, no entanto não me importo. Nada mais me importa.

Pouso minhas mãos em seu peito musculoso, sua pele se contrai sob meu toque.

Sua outra mão segura minha nuca, fazendo minha pele ficar arrepiada com

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

seu toque. O calor do seu contato incendeia meu corpo por completo.

Ele inclina a cabeça roçando com delicadeza seus lábios nos meus.

Uma corrente elétrica percorre meu corpo e estremeço, afundando minhas unhas em sua carne e essa é a deixa que ele precisava para me puxar para si e me beijar com força, como se sua vida dependesse disso.

Sua mão livre agarra minha cintura com força, deixando minha pele ardendo de uma forma deliciosa.

Passo minhas mãos por seu corpo subindo até seu cabelo e o puxo com força, fazendo-o gemer de encontro à minha boca.

Sua mão, antes em minha nuca, agora explora meu corpo por baixo da camisa. Sua boca quente beija-me tão intensamente, que nada mais ao nosso redor faz sentido.

Andrew morde meu lábio com força e, em seguida, acaricia com a língua o local ainda dolorido. É um gesto simples e tão erótico que me faz gemer, puxando-o ainda mais para junto de mim.

Ele segura minhas coxas erguendo-me do chão e instantaneamente enlaça sua cintura.

Estou ciente do quanto estou exposta, usando uma calcinha tipo short e uma camisa que mal cobre minhas pernas, que agora está sendo tirada de mim e eu não consigo protestar, ficando apenas de calcinha e sutiã. Estou ciente de que ele está usando apenas uma toalha que, pelo amor de Deus, nem

está mais em sua cintura.

Nossas respirações estão ofegantes e estamos tão colados um no outro que eu poderia me fundir a ele. Poderíamos ser um só e isso já nem faria diferença agora, porque tudo o que conseguimos fazer é nos beijar e explorar o corpo um do outro entre gemidos e sussurros de palavras incompreensíveis.

Ele caminha até o canto do quarto, me levando junto, sem desgrudar a sua boca da minha. Ouço alguns objetos sendo jogados e quando dou por mim, estou sendo sentada em algo duro.

Minhas costas colidem com a parede, enquanto Andrew afunda o rosto em meu pescoço, deixando uma trilha de beijos molhados e quentes na minha pele até meu busto. Suas mãos apertam minha cintura com força me mantendo presa no lugar.

Estou ciente do pênis duro pressionado em minha coxa e não consigo pensar em outra coisa a não ser tê-lo dentro de mim.

— Allie... — ele geme, chamando o meu nome, enquanto suas mãos arrancam meu sutiã. Sua boca quente suga um de meus mamilos com força. Sua língua brinca com o bico deixando-o rígido, enquanto a outra mão me acaricia por cima da calcinha, deixando-me louca e embriagada.

— Deus! — digo com a voz aguda, jogando a cabeça para trás e arqueio o meu corpo para que ele possa me tocar mais profundamente.

Andrew morde meu mamilo com força e, em seguida, o acaricia com a língua.

Puxo seus cabelos com força o trazendo de volta para mim. Ele me beija com urgência, enquanto suas mãos lutam para arrancar minha calcinha.

— Eu preciso de você — diz com a voz tão rouca, que é quase irreconhecível.

Arqueio meu corpo para que ele possa arrancá-la de mim. Eu também preciso dele, mas não consigo formular nenhuma palavra no momento, apenas o puxo para mim, envolvendo seu pau em minhas mãos. Ele é tão grande e está tão duro que a única coisa que posso fazer é gemer enquanto faço movimentos leves: para cima e para baixo.

Andrew me ergue novamente da cama, mantendo minhas pernas em volta de sua cintura e caminha até a cama, deitando-me sobre ela.

Seu corpo cobre o meu com cuidado, apoiando-se em um dos braços para não me machucar com o seu peso.

Ele toca minha face suavemente, enquanto inclina-se sobre mim para beijar-me mais uma vez.

Sua mão desce do meu rosto, fazendo caminho pelo meu corpo, tocando-me em todos os lugares, deixando uma sensação tão boa que chega a doer. Seu toque é tão intenso, tão prazeroso. Nunca em toda a minha vida, havia sido tocada de tal forma, nem experimentado algo parecido. Eu estou inebriada, enlouquecidamente perdida em Andrew Scott.

Ele toca meu sexo úmido, afundando um dedo dentro de mim, fazendo-me gemer seu nome alto, arqueando o corpo.

Andrew enterra seu rosto em meu pescoço, mordendo minha pele com força, tenho certeza de que esse gesto deixará marcas, todavia isso não importa, preciso mesmo de um lembrete que tudo isso foi real, que não estou sonhando.

Afundo minhas unhas em suas costas com força e o beijo ardentemente, minha língua explora sua boca com posse.

Mordo seu lábio e desço meus lábios até seu queixo. Deixo uma trilha de beijos e leves mordidas, o que deixa Andrew louco.

Ele geme agarrando minha cintura com força, puxando-me para que possamos nos encaixar melhor.

Sua ereção pulsa em minha perna e eu me contorço.

Preciso dele agora. Não posso mais suportar essa tortura.

— Andrew... — Puxo seu cabelo, fazendo-o olhar para mim. — Por favor. — Essas são as únicas palavras que consigo formular.

Seguro sua ereção entre minhas mãos, deixando claro que eu o quero.

Andrew avalia meu corpo nu com luxúria e desejo.

Ele contorna meus seios e desce seus dedos por minha barriga. Acompanho seus movimentos com a respiração acelerada e o coração batendo a mil por hora.

Abro minhas pernas um pouco mais, para que ele se encaixe melhor em
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mim.

Ele segura uma de minhas coxas com força, enquanto pressiona seu pau em meu sexo.

A sensação é tão maravilhosa, tão sublime.

Afundo minhas unhas com mais força em suas costas, tombando a cabeça de lado e chamando seu nome.

Ele para seu movimento abruptamente e, antes que me dê conta do que está fazendo, ele já está em pé em frente à cama.

Seus olhos, antes brilhantes de desejo, estão escuros com uma espécie de fúria e desespero.

— Eu não posso fazer isso — diz com a voz entrecortada enquanto seu peito sobe e desce.

Levo alguns segundos para entender o que aconteceu e quando volto a mim, sinto-me suja e humilhada. Sento-me à cama abraçando os joelhos na frente do meu corpo nu.

Andrew desvia o olhar de mim, envergonhado talvez, procurando no chão algo que possa vestir, todavia só há as minhas peças íntimas e a minha camisa. Ele some da minha vista por alguns minutos e quando volta, já está completamente vestido.

Ainda estou em estado de choque, nua em sua cama, quando ele vai embora.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Levo alguns segundos para começar a processar tudo o que aconteceu

Andrew saiu pela porta há alguns minutos, sem olhar para mim. E eu estou ciente de que, mais uma vez, ele me mostrou que sou fraca demais para resistir a ele.

Puxo o cobertor de modo que cubra toda a frente do meu corpo e deixo que a dor da humilhação e da vergonha me invada, enquanto as lágrimas fazem caminho por minha face, encharcando o travesseiro que esconde o meu rosto.

Um soluço escapa da minha boca, fazendo com que eu me encolha ainda mais na imensa cama. Como se esse pequeno gesto me ajudasse de alguma forma a acordar desse pesadelo. Porque é exatamente isso que minha vida se tornou desde que vim morar aqui. Tudo parecia tão fácil em Nova York, longe do meu pai, da fazenda e dessa vida idiota.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Tudo era tão fácil antes de Andrew entrar em minha vida.

Não consigo definir o tempo exato que me permiti chorar em sua cama, com o rosto sobre seu travesseiro, que para meu desespero carregava exatamente o perfume que vem me assombrando há noites.

Respiro fundo tentando controlar todas as minhas emoções e me obrigo a levantar da cama.

Visto minha roupa com movimentos monótonos e antes de alcançar a porta, me permito dar uma última olhada no quarto. É semelhante ao meu, com a diferença apenas dos móveis, todos de uma madeira escura, quase preta. A cama de casal está localizada no centro do quarto. Tudo é perfeitamente organizado. Não há sinal de nada fora do lugar, exceto os objetos da cômoda que agora estão espalhados pelo chão. Contenho o impulso de organizá-los em seu lugar e viro-me para sair, no entanto algo me chama a atenção. Eu poderia não ter notado se não estivesse olhando tudo com tanto cuidado. Um envelope branco está escondido embaixo de um livro na mesinha de cabeceira. É quase difícil de notar que está ali. Dou um passo hesitante na direção da cama, minha curiosidade fala mais alto do que minha vontade de sair correndo desse lugar.

Pode ser que seja apenas um envelope, no entanto minha intuição me diz que é muito mais do que isso.

Dou uma olhada na direção da porta, sentindo-me uma intrusa e com medo de ser pega em flagrante. A minha situação atual com o Andrew não é das melhores.

Puxo o envelope com cuidado e quando vejo a caligrafia na frente do papel branco, eu parabenizo minha intuição. A letra é do meu pai.

Ergo o envelope na altura dos olhos, fazendo um exame detalhado. Minhas mãos estão tremendo e meu coração parece que vai saltar do meu peito.

Sento pesadamente na borda da cama enquanto retiro o papel de dentro do envelope.

A folha está um pouco amassada, sinal que já foi lida muitas vezes.

Parte de mim sabe que é errado o que estou prestes a fazer, no entanto minha curiosidade fala mais alto do que qualquer argumento sensato. Meu pai amava esse homem rude e se essa carta me disser o que Andrew tem que fez meu pai o amá-lo tanto, eu quero saber. Eu tenho esse direito.

Respiro fundo e olho novamente em direção à porta, antes de me deixar vagar pelas letras perfeitas escritas à mão, do homem que eu tanto odiei e nem sei o porquê.

Querido Andrew,

Gostaria que as circunstâncias fossem diferentes agora. Queria poder estar lhe escrevendo essa carta para apenas lhe agradecer por seu companheirismo em todos esses anos e por seu carinho, todavia esse não é o motivo.

Mas primeiro deixe-me te falar de algo que sempre guardei para mim e que agora, deitado nessa cama esperando que minha hora chegue, quero compartilhar com você.

Não sei se você se lembra do acidente que roubou a vida dos seus pais.

Você era muito jovem, e na época estava tão assustado. Lembro-me como se agarrou a mim, chorando e implorando para que não deixasse ninguém o levar da sua casa.

Eu senti o meu peito doer tão intensamente, não apenas pela morte dos meus amigos queridos, mas porque, assim como eu, você tinha ficado sozinho e, naquele momento, eu me vi em você.

Não tínhamos ninguém. Minha mulher tinha me deixado para viver o luxo de uma vida longe do campo e minha filha já não queria me ver.

Eu estava sozinho nesse imenso lugar, apenas com a esperança de ter minha pequena princesa comigo novamente.

Você não foi apenas um afilhado para mim. Não foi apenas um filho. Você foi um anjo enviado por Deus para alegrar todos os meus dias.

Sei que minha doença vem lhe deixando louco e o quanto você deve estar sofrendo, por ter que dizer adeus a outra pessoa que você amou.

Mas seja forte, meu amigo. Seja forte. Saiba que eu sou grato por tudo o que fez por mim.

Você sempre diz que eu salvei sua vida, no entanto foi você quem salvou a
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

minha. Você devolveu a alegria que a vida me tirou quando fui separado da Allie.

Sei que depois da minha morte tudo vai mudar. Acredito haver motivos que leve minha filha a querer se desfazer desse lugar que foi minha casa por tantos anos e, é por isso, mesmo com você se negando a fazer parte do meu testamento, que me vi na obrigação de deixar metade da fazenda em seu nome.

Sei o quanto esse lugar significa para você. Você o ama tanto quanto eu.

Também quero que tenha paciência com minha filha quando ela vier para cá. Ela parece ser uma pessoa insensível, todavia eu a conheço, sei que aquela máscara é apenas influência de uma mulher má que a colocou contra mim. Allie é uma pessoa difícil, mas se tiver paciência e lhe conhecer de verdade, você vai ver que há mais de mim nela do que deixa transparecer.

Não desista, meu filho, de lutar pelo que você acredita.

Eu tenho muito orgulho de você. Tenho orgulho do homem íntegro e de caráter que você se tornou.

A vida pode não ter me escolhido para ser seu pai, mas você me escolheu para ser e eu te escolhi para ser meu filho.

Eu te amo e sou grato para sempre por tudo o que você fez por mim.

Gostaria de escrever tudo o que sinto, porém, a emoção é grande e a dor de ter que lhe dizer adeus está sufocando meu coração.

É com lágrimas nos olhos que tenho que dizer, que quando você ler essa carta, seu coração estará quebrado pelo luto.

Então, filho, quero que saiba que de onde estiver, estarei olhando e cuidando de você, assim como você cuidou de mim.

Com amor,

Do seu pai,

Anthony

Pisco algumas vezes na tentativa de afastar minhas lágrimas.

Releio as palavras do meu pai novamente: duas, três, quatro vezes.

Não consigo acreditar nas palavras escritas nessa carta. Esse homem do qual meu pai se refere não pode ser o mesmo que age de forma tão rude comigo. Tem que haver um erro aqui. Releio novamente, mesmo sabendo que não tem como eu ter deixado alguma coisa passar.

Seguro a carta contra meu peito, sentindo-me de certa forma possessiva e superprotetora com essa folha de papel, que carrega palavras tão valiosas.

A confusão me invade completamente. Tudo o que sei a respeito daquele peão se resume a nada agora.

Eu não sei quem é o homem que meu pai descreveu nessas linhas. Tudo o
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que sei sobre ele, fora o que minha mãe me fez enxergar. Um bastardo interesseiro que só estava perto do meu pai com um único propósito: ficar com todo o seu dinheiro.

Para meu pai, no entanto, Andrew era muito mais do que um afilhado ou um amigo. Ele era seu filho. Era a pessoa que sempre estivera do seu lado nos momentos em que precisou. Se o meu pai não estiver enganado a respeito de Andrew, a ideia que construí em cima desse homem está errada.

Fecho os olhos com força, enquanto as lágrimas molham minha face. De repente, um sentimento desconhecido toma conta de mim, deixando-me frustrada e ainda mais confusa.

Eu preciso sair desse quarto, que agora me traz muitas recordações desagradáveis de horas atrás.

Coloco a carta de volta no envelope e saio do quarto, levando-a comigo. Eu ainda preciso lê-la novamente e me certificar que de fato Andrew não forjou a letra do meu pai.



Segundo o meu pai, Andrew nunca quis se envolver no testamento. Ele nunca quis nada dele.

Lembro-me de Andrew ter me falado isso algumas vezes, enquanto lhe chamava de interesseiro. Eu nunca acreditei no que ele me dizia. Como poderia? Ele age como se fosse o dono desse lugar e me trata como se eu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

fosse a interesseira.

Eu sou a filha do Anthony.

Meu pai sabia dos meus planos, mesmo que nunca tivéssemos conversado a respeito. Ele sabia da influência que minha mãe sempre teve sobre mim. Sabia que eu colocaria um fim nesse lugar, no segundo seguinte que ele morresse.

Minha mãe sempre odiou a fazenda. Segundo ela, meu pai nos trocou por essas terras. Preferiu esse lugar a ir embora conosco.

Por que eu ficaria nesse lugar? Esse lugar que me tirou o direito de conviver com o meu pai?

Releio novamente a carta. Meu pai diz que esse lugar é sua casa. A casa de Andrew, Nana e o marido. Esse lugar era tudo para o meu pai. Para todos que vivem aqui.

Aperto a carta contra o peito e deito na minha cama. As palavras passam diante dos meus olhos. Li tantas vezes essa carta que consigo citar as palavras sem olhar para o papel.

Adormeço em meio às lágrimas e nessa noite meus sonhos são perturbados por pesadelos de um garotinho que perdeu tudo.



Não sei que horas são quando sou fígada do meu sonho de volta à realidade, a única coisa de que estou ciente são os sons ensurdecedores do outro lado do corredor.

Endireito-me na cama e sinto que ainda estou segurando a carta contra meu peito.

O sol ainda não nasceu, o que me faz ter certeza de que ainda é madrugada.

Olho a hora no meu celular: quatro e meia.

O que diabos está acontecendo?

Será que alguém está tentando roubar a casa? Esse pensamento me dá calafrios. Já fui assaltada uma vez e foi terrível. Acho que nunca conseguirei me recuperar desse trauma.

Os barulhos de objetos sendo jogados cessam e isso me faz ficar com ainda mais medo. Talvez o assaltante ou os assaltantes estejam procurando algo valioso pela casa.

Ouçõ uma porta sendo aberta e fechada violentamente e, em seguida, ouçõ passos duros no corredor.

Talvez eles tenham encontrado o que estavam procurando. Então um pensamento me deixa em alerta: Andrew saiu há muito tempo. Eu provavelmente estou sozinha.

Outro calafrio percorre minha espinha e estremeço. Fico sentada na cama
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

abraçando os joelhos e rezando para que quem quer que seja que esteja aqui, vá embora e não entre em meu quarto.

Ouçó outra porta sendo fechada e uma voz abafada solta uma série de palavrões.

Talvez Andrew tenha chegado em casa.

Sento-me ereta na cama e aguço meus ouvidos para que eu possa identificar algum tipo de som.

Meu coração bate forte contra meu peito, o medo de que talvez essas pessoas possam estar armadas e tentarem machucar o Andrew me invade. Por mais que eu o odeie, não quero vê-lo machucado.

Ouçó os passos voltando e se aproximando da minha porta. Encolho-me novamente e, no impulso de me proteger, seguro meu travesseiro na frente do meu corpo.

Sério isso? Sério que eu peguei um travesseiro? Meu subconsciente zomba de mim, mas eu não ligo. Não há outra coisa por perto que possa pegar para atacar os ladrões.

Olho para a janela e cogito a hipótese de fugir, mesmo meu quarto sendo no andar de cima, mas já é tarde demais, a porta já está sendo aberta abruptamente.

Prendo minha respiração e seguro o travesseiro com força entre os dedos, quando um Andrew raivoso invade o meu quarto, tropeçando em suas pernas.

O alívio corre em minhas veias quando me dou conta de que não há nenhum ladrão em nossa casa. Era apenas Andrew ou uma versão bêbada dele.

Deixo o travesseiro cair de minhas mãos e sorrio aliviada, todavia meu sorriso não dura muito.

Andrew me fulmina com seus olhos, que estão escuros de ira.

— Onde está? — pergunta com a voz baixa e cheia de raiva.

Tento ignorar a vibração em meu ventre ao ouvir sua voz e me concentrar no que ele está falando. Ele dá um passo em direção à cama e eu, por precaução, ergo-me dela, me afastando o máximo que posso dele.

— Do que está falando? — questiono-o, cruzando os braços na frente do peito.

Ainda estou vestindo apenas a camisa que horas atrás ele arrancou de mim, mas dessa vez não me importo. Sei que ele não tentaria me tocar agora. Seus olhos são puro ódio e não há sombras do desejo que vi horas atrás.

— Onde está? — pergunta novamente, dessa vez mais devagar.

Agora eu me sinto realmente perdida.

— Eu não sei do que você está falando — respondo alto demais.

— Não se faça de idiota! — grita, sem tirar os olhos dos meus.

Passo as mãos por meus cabelos, sentindo-me frustrada e com muita raiva. Já estou cansada dos insultos desse peão.

— Você está bêbado e o quero longe do meu quarto — digo rispidamente, apontando para a porta aberta.

— Eu não vou sair daqui sem antes você me dizer onde colocou minha carta — diz, agora com um olhar desesperado. Sua respiração pesada e o olhar ainda cheio de uma raiva sem tamanho. — Me devolva, agora.

Engulo em seco. Então é por isso que ele está tão furioso? Por causa da carta?

Dou um passo para trás e olho de relance para a minha cama, onde deixei o envelope. Andrew segue meu olhar e dá um passo decidido na direção da minha cama, no entanto, antes que possa alcançar o envelope, eu já o tenho em minhas mãos.

Andrew para abruptamente e posso ver a ira em seus olhos dando lugar para o pânico. Talvez esteja sentindo o mesmo medo que eu senti quando ele disse que ia jogar minha câmera na cachoeira.

— Não faça nada — diz entredentes, me suplicando com os olhos.

Ignoro seu desespero. É claro que jamais rasgaria essa carta, ela deve significar muito para ele ter lido tantas vezes.

— Por que ele te deixou uma carta? — Essa foi a pergunta mais idiota que já fiz. Era óbvio o motivo para lhe ter escrito essa carta. Ele havia lhe dito

isso. — É verdade tudo o que ele escreveu? — Outra pergunta idiota e, como se tivesse lendo meu pensamento, Andrew ri sem humor.

— Você acha que eu forjaria uma carta com a letra do Anthony e mandaria para mim? — questiona-me com ironia e sorri. — Pelo amor de Deus, Allie! Você tem muita imaginação.

Sinto a raiva tomar conta de mim e por um momento, cogito a hipótese de rasgar essa carta. Andrew percebe minha mudança de humor e dá um passo em frente.

— Não... Não faça isso. — O desespero em sua voz me faz parar. — Eu jamais quis nada dele, foi por isso que ele me escreveu essa carta. Eu me recusava a aceitar que ele estava me incluindo no testamento e me recusava ainda mais a aceitar sua morte. — Ele desvia o olhar envergonhado por ter que me dar explicações. — Foi por isso que ele escreveu. — Sua última frase sai baixa, num som quase inaudível.

Sinto meu peito doer com suas palavras. Mesmo que ele me odeie, amou o meu pai incondicionalmente.

— Então é verdade — digo mais para mim do que para ele. — É verdade tudo o que ele escreveu. — Parte de mim queria apenas fingir que tudo não passava de uma invenção doentia de Andrew, porque saber que tudo o que eu pensava a seu respeito foi errado é demais para mim. Eu tinha criado uma imagem desse homem durante anos, e agora estava simplesmente vendo que estive enganada durante todos esses anos. Eu ainda não estou pronta para assumir o quanto sempre estive enganada a seu respeito. — Eu não queria... Não queria ter mexido nas suas coisas... Eu... — As palavras ficam presas em

minha garganta e já nem sei o que dizer. Estou tão confusa. Eu não sei quem é esse homem na minha frente e não sei quem era meu pai. — Me desculpe — digo com a voz trêmula.

Andrew volta-se para mim, seu rosto em choque com meu pedido de desculpa.

Estendo a carta para ele quebrando o contato visual. Tudo o que eu menos quero agora é olhá-lo nos olhos.

Andrew pega a carta e seus dedos tocam de leve nos meus, mandando correntes elétricas por todo o meu corpo. Tento ignorar isso também, porque sei que é errado.

— Não volte ao meu quarto — diz ele quando se aproxima da porta. Não há vestígios de raiva ou de autoridade em sua voz. É apenas um aviso para que eu me mantenha distante dele.

Volto-me para ele, porque sei que está esperando que eu lhe diga alguma coisa.

— Isso não vai mais acontecer. — Tento manter a voz firme, mesmo que esteja a ponto de explodir em lágrimas.

Andrew faz um gesto afirmativo com a cabeça e sai do meu quarto, fechando a porta atrás de si.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Tudo o que sei agora é: Primeiro, faz quase quatro meses que estou aqui e, definitivamente, não sei nada sobre o cara que dorme no quarto de frente ao meu; e segundo, eu também não sei nada sobre o meu pai.

Isso é frustrante! Passei toda a minha vida odiando meu pai e Andrew.

Tudo o que sabia sobre eles era redondamente uma mentira.

Aparentemente, meu pai não era um covarde filho da puta que me odiava avidamente e Andrew definitivamente não é um bastardo interesseiro, como minha mãe me falou.

Cresci ouvindo horrores sobre meu pai e o garoto, cuja vida tinha sido drasticamente destruída.

Eu nunca sequer lhe dei o benefício da dúvida. Nunca quis realmente

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

conhecê-lo, bem, isso também se aplica a Andrew, cujo conceito sobre mim é tão ruim quanto o que eu tinha sobre ele.

Durante todos esses dias em que estou aqui, agimos feitos abutres em cima de carne podre e não fizemos nada mais do que nos ofender e lutar cegamente em uma guerra, que não deveria existir.

Eu, definitivamente, fui infantil e deixei meu ódio falar mais alto, porém, agora, eu não consigo dizer exatamente o que me fazia agir daquela forma.

Recosto-me à pedra e observo as águas caírem da cascata gigante. Estou na cachoeira há uma hora e tudo o que fiz foi permanecer sentada contemplando a beleza da natureza, enquanto refletia sobre os últimos acontecimentos. Esse lugar virou o meu paraíso particular. Sempre que estou triste, chateada ou querendo simplesmente ficar sozinha, eu venho para cá.

Agora mesmo, estou tão perdida em minha própria cabeça, que a minha vontade é de me jogar nessa água e me afogar até que minha cabeça volte para o lugar. A verdade é que eu andei conversando com a Nana mais cedo a respeito do meu pai e da minha mãe e as coisas que ela me disse me deixaram atordoadas.

Respiro fundo novamente, enquanto relembro, mais uma vez, a longa conversa que tive com Nana essa manhã.

— Eu posso falar com você? — perguntei, sentindo minha voz falhar. A carta que meu pai deixara para Andrew abriu algumas lacunas nas histórias

que minha mãe sempre me contava.

Nana parou o que estava fazendo e voltou-se para mim. Sua expressão mudou de alegre para preocupada quando me olhou.

— O que aconteceu, filha? — Sua voz era doce. Ela enxugou as mãos em seu avental e aproximou-se da mesa, puxando uma cadeira e fazendo menção para que eu fizesse o mesmo.

Minhas mãos estavam tão trêmulas que mal conseguia disfarçar.

Nana percebeu meu nervosismo, o que a fez estender sua mão sobre a mesa e pegar as minhas delicadamente.

— Qual o problema, Allie?

Respirei fundo, tentando reorganizar as perguntas em minha mente. Havia ensaiado cada pergunta a noite inteira e agora estava perdida. Não sabia o que queria saber. Bem, é claro que eu sabia, só não conseguia pensar por onde queria começar.

Como se estivesse lendo minha mente, Nana apenas sorriu e disse:

— Comece pelo o começo, filha. O que você quer saber?

Mordi o canto da boca e respirei fundo novamente.

— Olha, eu sei que isso pode parecer patético, mas preciso que você me fale sobre minha mãe. Sobre a vida dela aqui, quando se casou com o meu pai. Quero saber quem era de fato Anthony Thomas e quero saber o
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

verdadeiro motivo que levou meu pai deixar a mim e a minha mãe — termino a última frase quase sem fôlego.

Nana me avaliou como se eu tivesse lhe entregado um problema de Física e estivesse lhe pedindo para resolver em cinco minutos. Ela estava confusa sobre minhas perguntas desenfreadas, notei em seus olhos que estavam arregalados de surpresa.

Ela pigarrou e se mexeu em seu assento.

— Filha, creio que isso não é algo para uma criada comentar. Eu sempre fui muito discreta com o que acontecia aqui e não quero que isso mude. Sinto muito, Allie.

A decepção se apoderou de mim, deixando-me totalmente sem chão. Nana era a única que podia me tirar do escuro. Sei que ela jamais mentiria para mim. Ela não inventaria uma história qualquer para me deixar culpada por minhas atitudes, por isso eu precisava que ela me contasse o que eu não sabia. Precisava saber a verdade.

Apertei suas mãos com força.

— Nana, você não entende? Eu cresci odiando a pessoa que eu deveria amar. Eu não sofri com a morte dele como deveria. Eu não passei por um luto. Eu o odiava a ponto de me sentir aliviada. Eu cresci ouvindo da minha mãe o quanto meu pai era ruim e isso foi o suficiente para que eu lhe desse as costas. Eu cresci odiando o Andrew. — Respirei fundo. Meu coração batia tão forte em meu peito que parecia que ia saltar da minha caixa torácica.

Nana pareceu chocada com minhas palavras. Não afetada ou com desgosto, apenas chocada. Acho que ela não esperava que eu fosse algum dia ser tão sincera sobre meus sentimentos a respeito do meu pai, mas eu não a culpava por isso, de certa forma eu também estava chocada por ter dito as palavras em voz alta.

— Por favor — supliquei num fio de voz.

Nana pensa por um segundo antes de menear a cabeça.

— Antes, deixe-me nos servir um café. Acho que a história é longa.

Após alguns minutos torturantes, ela depositou duas xícaras de café sobre a mesa e voltou a ocupar seu lugar na minha frente.

— Em primeiro lugar, quero que saiba que só vou lhe contar isso, porque vejo que há muito que você não sabe e sei que isso está lhe fazendo sofrer. Só vou te falar porque não quero que você se sinta mal por causa de algo que você não tem culpa. Porque você não tem culpa, Allie. Sua mãe fez sua cabecinha desde cedo e não havia outra forma de você agir.

Engoli em seco e segurei a xícara entre minhas mãos na tentativa de fazê-las parar de tremer.

Nana respirou fundo, como se estivesse tentando encontrar a forma mais fácil de falar o que estava prestes a despejar sobre mim. Podia notar a aflição por trás de seus olhos castanhos, enquanto ela me fitava demoradamente.

— *Eu estou aqui há muito tempo. Na verdade, minha mãe trabalhou aqui e cresci tecnicamente com o seu pai. Quando minha mãe morreu, eu assumi seu lugar, porque, mesmo se houvesse outro lugar para ir, esse lugar era meu lar. Estou aqui praticamente desde que aprendi a andar. Tenho muito respeito por todos que conheci nessa casa ao longo dos anos e senti a perda de cada um deles como se fossem de fato da minha própria família.* — *Ela faz uma pausa e seus olhos ficam marejados.* — *Seu pai era jovem quando se casou com sua mãe. Recordo-me de que eles pareciam muito apaixonados na época. Seu pai tinha todo o seu tempo voltado para sua mãe no início do casamento. Viagens, passeios no fim da tarde.* — *Ela sorri com a memória.* — *Então seu avô morreu e o peso da responsabilidade de dar continuidade aos trabalhos da fazenda caíram nos ombros do seu pai, e ele passou a se dedicar à fazenda e não conseguia dar toda a atenção que sua mãe exigia. Isso a transformou. Ela não era mais doce ou sorridente. Ela vivia irritada. Nada parecia lhe agradar, mesmo seu pai tentando fazer todos os seus caprichos. Então veio a notícia da gravidez e o seu pai ficou radiante, mas sua mãe não. Ela se queixava que estava feia e que não queria estar grávida* — *ela diz a última frase com a voz baixa.* — *Então você nasceu. E não consigo descrever a emoção que vi estampada nos olhos do seu pai.* — *Ela sorri com a lembrança e eu involuntariamente sorrio também.* — *Você era tão pequena. Tão frágil e linda. No entanto, sua mãe se negou a olhar para você. Ela não queria saber de sua existência. Não te pegou no colo ou te alimentou. Ela simplesmente não te queria.*

Ela baixou olhar como se estivesse envergonhada do que acabara de dizer. Senti meu coração doer por saber disso. Eu nunca pensei em ter filhos, mas acho que, se um dia eu tiver, eu vou querer segurar meu bebê em meus braços e vou fazer de tudo por ele. Saber que minha mãe me rejeitou me

deixa enjoada.

— Durante meses, ela se recusou a te olhar. Ela não suportava estar no mesmo ambiente que você e quando ela te via com o seu pai, alegava que ele te amava mais do que a ela. O senhor Anthony, no entanto, era paciente e tentava fazer a sua mãe mudar de ideia. Era evidente que você era a vida daquele homem, mas ela também era. Sua mãe aceitou por fim que deveria estar mais perto de você. Ela passou a cuidar um pouco de você, mas todos notavam a relutância que ela sempre tinha. Ela era impaciente e não gostava de ficar com você o tempo todo, principalmente quando você chorava ou queria ficar em seus braços. Seu pai, no entanto, queria estar sempre com você. Ele sempre queria estar perto. Não perdia nem um momento. Isso deixava sua mãe irritada. Então... — Ela para. Olha-me nos olhos como se estivesse ponderando se devia ou não continuar. — Ouvíamos boatos de que sua mãe estava tendo um caso com um dos peões da fazenda. — A sua revelação deixa um gosto amargo na minha boca. Essa versão da minha mãe que Nana está falando me enjoa e parte de mim gostaria de apagar tudo o que ela me disse. — No entanto, seu pai descobriu. Ele pegou sua mãe em uma situação embaraçosa.

— Foi por isso que ele nos deixou? — Eu sei que a pergunta é estúpida. Claro que meu pai tinha o direito de largar minha mãe, mas isso não explica o fato de ele não me querer por perto.

— Seu pai nunca quis se separar de você, querida. Sua mãe se recusava a te deixar aqui. Ela sabia que ter você era a única garantia que ela tinha de manter sua conta bancária. — Nana me olha como se estivesse me pedindo desculpas por ter dito essas palavras sobre minha mãe. — O seu pai ofereceu uma boa quantia para que sua mãe não lhe tirasse dele, mas ela se negou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Então ela foi embora e levou com ela a alegria do seu pai. — Nana limpa uma lágrima do canto do meu olho. — Eu nunca o vi tão triste. Nem mesmo quando estava à beira da morte ele ficou tão abalado, como quando você foi embora. Ele trancou-se em seu quarto e se recusava a sair, alimentar-se ou falar com alguém. Eu pensei que ele morreria. Por sorte, você voltou por alguns dias e ele pôde sorrir. As únicas vezes em que ele era feliz era quando você vinha vê-lo.

Nana faz uma pausa para enxugar outra lágrima.

— A última vez que você esteve aqui, estava com uns quatro anos. Quando seu pai viu percebeu que, provavelmente não teria você na fazenda, ele desabou... isso foi pouco antes do acidente que custou a vida dos pais do Andrew. Eles trabalhavam para o seu pai há algum tempo. Então, quando eles morreram em um trágico acidente de carro, o seu pai se viu na obrigação de cuidar do menino. Os pais de Andrew não tinham família e o senhor Anthony não teria coragem de jogá-lo em um lar de adoção. Ele era bom demais para fazer isso. O garoto então se apegou a ele de tal forma que era lindo de ver. Acho que esses eram os únicos momentos que vi seu pai feliz. Quando ele estava com você e depois que Andrew entrou em sua vida.

“Seu pai não tinha você, mas ainda tinha que ser forte por causa do menino. Andrew foi a alegria dele quando você não estava mais aqui. E seu pai foi tudo para o Andrew. Ele nunca quis nada do que é seu, filha. Ele amou aquele homem como um pai e não como alguém que poderia lhe oferecer um cheque. Ele o respeitava e sempre lutou para deixá-lo orgulhoso. Seja o que for que sua mãe tenha lhe dito a respeito de tudo isso, é mentira. Seu pai lhe amava e lutou por você até o último suspiro. E o Andrew só está lutando por algo que ele prometeu ao seu pai: manter esse
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

lugar vivo, porque aqui era e sempre será o lar do seu pai.”

A conversa havia terminado com lágrimas. Eu nunca imaginei que tudo o que eu sabia era uma grande mentira.

Toda a minha vida fora uma farsa e a mulher que tinha me dado a vida, também era a mesma que me separou da única pessoa que me amou de verdade.

As lágrimas estão secas em meus olhos quando faço meu caminho de volta para casa. Não havia visto Andrew desde a noite do incidente. Sim, eu estou tratando da nossa quase transa como um incidente. Eu me sinto envergonhada com a forma como o tratei durante todo esse tempo. No entanto, eu também me sinto mal por ele achar que sou igual a minha mãe, de fato eu acho que eu me tornei um pouco como ela no decorrer dos anos. Ela foi a única pessoa que eu tive como espelho de vida e não ignoro que todos pensem que sou uma vadia arrogante e sem alma como a minha mãe é. Uau, eu acabei de chamar minha mãe de vadia?

Eu poderia nomeá-la com palavras piores. Ela havia me usado durante todo esse tempo. Não é de se estranhar que ela se casou pouco depois da morte do meu pai.

Ela sempre foi fria comigo. Nunca me deu carinho ou me contou histórias para eu dormir. Ela nunca me deixou dormir em sua cama. Ela não brincava comigo ou me levava ao parque. Sempre havia uma babá que cuidava de mim. Todo mês era uma diferente, porque ninguém queria ter toda a

responsabilidade que deveria ser dela: levar à escola, pegar na escola, levar ao médico, levar às aulas extras, fazer dever de casa. Ela nunca foi de fato minha mãe. Eu nem sei o que é ter uma mãe. Fui criada por variedades de mães que eu nem lembro o nome. Não é de se estranhar que eu tenha me tornado um ser humano tão desprezível. Eu não mereço nada disso. Eu não mereço o amor que o meu pai tinha por mim. Eu deveria fazer um favor a mim mesma e pegar minhas coisas e ir embora desse lugar.

Andrew deveria ser o único herdeiro de tudo isso e não eu. Ele sempre esteve ao lado do meu pai e cuidou dele quando estava doente. Ele se dedicou a assumir seu lugar na fazenda e nunca pediu nada em troca. Eu me envergonho por um dia tê-lo julgado. Eu sou a única interesseira aqui.

Estou tão distraída com meus pensamentos que quando trombo com um peito duro, eu quase caio para trás. Bem, se não fossem os braços fortes de Andrew que me seguram tão firmemente, eu provavelmente teria caído feito uma jaca podre no chão.

— Ei! — ele diz, rindo. Tento ignorar sem sucesso o quanto ouvi-lo me deixa afetada. — Devia olhar por onde anda. — Não há ironia em sua voz, apenas divertimento que se vai quando seus olhos encontram os meus.

— Desculpe. — Mal consigo reconhecer minha voz, que está rouca e arrastada.

Andrew me avalia atentamente e a preocupação é visível em seus olhos.

— O que houve? — Sua voz é tão suave e ao mesmo tempo tão rouca, que isso me deixa terrivelmente sensível.

Um nó se forma em minha garganta e não consigo parar as lágrimas que voltam com tudo aos meus olhos.

Andrew está surpreso com meu choro, espero que ele faça algum comentário desagradável, mas, ao invés disso, ele simplesmente me puxa para seu peito largo e me envolve em seus braços, num abraço forte e caloroso.

Sou invadida por seu perfume. Ele cheira a madeira, terra e suor. Deveria ser repugnante toda essa mistura, mas não é. É simplesmente a mistura perfeita.

Meu coração comprime em meu peito e mal consigo respirar sem me engasgar com os soluços.

Andrew permanece duro em seu canto, segurando-me firme em seus braços como se estivesse com medo que eu quebrasse. Como se ele não visse que eu já estou quebrada completamente. Ele afaga meus cabelos e fala baixinho em meu ouvido, me dizendo que tudo vai ficar bem, mas eu sei que não vai. Nunca fica e agora sei que a cada dia que eu continuar aqui só tornará minha vida mais lastimável. Eu já sei tudo o que eu gostaria de não saber sobre minha vida e agora só quero sumir. Só quero ir embora desse lugar onde de certa forma eu só causei estragos.

Agarro-me a Andrew como se ele fosse meu bote salva-vidas e ele parece não se importar com isso. O calor do seu corpo me deixa aquecida e por um segundo me sinto em casa. Gostaria de sentir essa sensação de conforto e segurança sempre. Mas isso é impossível. Andrew me odeia e isso não pode ser mudado. Esse simples pensamento me deixa ainda mais triste e a vontade

que eu tenho é de permanecer agarrada a ele até que mude de ideia a meu respeito, no entanto isso é um erro. Estou carente e com meus sentimentos à flor da pele, não posso me deixar envolver por uma simples atração física.

Mesmo contra a minha vontade, eu me afasto dele. Não me sinto envergonhada por ter, mais uma vez chorado, em sua frente, ao contrário, eu me sinto feliz por ele estar por perto, de certa forma, porque estar perto dele faz com que meu coração doa menos.

Eu sei que isso soa ridículo. Não é como se eu estivesse apaixonada por ele ou algo do tipo, acho que o fato de ele ter estado ligado ao meu pai nos torna de certa forma, ligados um ao outro também.

Andrew analisa-me com simpatia em seus olhos. Não há sinal de que ele esteja julgando meu pequeno ataque de choro. Não há sinal de que ele vá usar esse meu momento de fragilidade contra mim. Ele apenas parece triste por ter me visto chorando, como se de alguma forma, isso o estivesse lhe afetando.

— Eu sinto muito. — Essas palavras fazem caminho por minha boca e nem sei pelo que de fato estou me desculpando. Baixo meus olhos para o chão, porque me sinto tão envergonhada que mal consigo sustentar seu olhar por cinco segundos e não sei o que diabos está acontecendo comigo. Eu me sinto tão frágil e vulnerável. Esse é exatamente o tipo de sentimento que eu sempre quis evitar. Eu sempre me mostrei forte para todo mundo. Eu nunca me permiti quebrar dessa forma antes, nem mesmo quando eu era apenas uma garotinha assustada que estava sofrendo com a ausência do seu pai e da sua mãe, que se importava mais com suas bolsas de grifes do que com sua própria filha.

— Está se desculpendo por esbarrar em mim, por chorar ou por outra coisa? — Seu tom de voz é leve e eu arrisco uma olhada para ele e me deparo com um sorriso brincando em seus lábios.

Enxugo as lágrimas do meu rosto e mordo o lábio. Eu queria não me sentir afetada por esse sorriso. Queria não me sentir afetada por sua voz ou por sua presença. Deus! Eu quero não me sentir afetada ao ouvir o seu nome.

— Por tudo — respondo com a voz arrastada. Eu gostaria de lhe dizer muitas coisas. Gostaria de lhe pedir desculpas pela forma como o tratei desde que cheguei aqui, no entanto, eu não sei se devo mencionar tudo o que descobri. Não sei se é seguro lhe pedir desculpas. Andrew é como um animal traiçoeiro às vezes. Ele adora jogar e muitas vezes eu saio magoada de seus jogos. — Só... Sinto muito por tudo.

Seus olhos escurecem de surpresa, mas ele nada diz e isso é uma deixa para que eu possa ir embora, todavia antes que eu possa dar mais de dois passos para longe dele, sua voz me faz parar.

— Eu também sinto muito. — Ele parece ter dificuldades para falar essas palavras tanto quanto eu tive. Respiro fundo e volto-me para ele. Seus olhos não dizem nada e ao mesmo tempo me dizem coisas que não consigo entender, mas que eu gostaria desesperadamente de poder interpretar.

Sinto como se algo tivesse sendo tirado dos meus ombros. Não é como se a coisa toda estivesse resolvida ou que meus ombros estivessem leves, mas já é alguma coisa. Ainda tenho muito o que absorver para poder conseguir respirar novamente. Preciso conhecer esse homem que está na minha frente e definitivamente preciso conhecer o meu pai.

— Você vai ficar bem? — Sua pergunta me pega de surpresa.

Dou de ombros e sorrio fracamente.

— Acho que sim.

Um sorriso torto forma-se em seus lábios carnudos e eu seguro o impulso de pressionar meus lábios contra os seus.

Andrew abre a boca para falar, mas parece estar tão perdido quanto eu, então ele meneia a cabeça e vai embora.



Os dias seguem tranquilos. Não tenho visto Andrew desde que esbarrei nele no dia em que tive a conversa com Nana. Talvez ele esteja ocupado ou simplesmente esteja me evitando. Passo meus dias com Nana e a faço falar tudo sobre o meu pai; seus pratos favoritos, bebida, música e livros. Ela me conta tudo o que aprendeu no decorrer dos anos e de certa forma eu começo a me sentir ligada ao homem que me amou e que eu nunca lhe dei uma chance. Não liguei ou mandei mensagem para minha mãe desde que descobri a verdade. Eu nem sei se um dia quero voltar a vê-la. Eu me sinto tão enjoada dela. Não consigo entender como alguém pode ser assim. Não entendo e não consigo compreender como ela pode ser tão fria e mesquinha. Ela nunca me amou de verdade. Ela nunca me quis como ela sempre dizia. Tudo não passou de um jogo doentio para que continuasse colocando as garras no dinheiro do meu pai.

Eu sei que ela é minha mãe, mas parte de mim a odeia por tudo o que fez

ao meu pai e a outra parte me odeia por eu ter sido uma cadela arrogante com o Anthony.

Eu nunca lhe dei uma chance para me explicar o que tinha acontecido. Eu nunca lhe dei uma chance para se aproximar de mim.

Eu estava tão focada em odiá-lo que não podia sequer imaginar nós dois tendo uma conversa.

Eu definitivamente odeio Margareth por ter me tirado o direito de viver em um lar de verdade. Eu a odeio por ter me privado de crescer ao lado do meu pai e por tudo o que sou e o que fiz ao Anthony.

Respiro fundo e tento jogar para escanteio toda essa confusão que é minha mente. Eu preciso relaxar. Preciso colocar todos os meus pensamentos em ordem. Minha vida sofreu muitas mudanças nos últimos dias e preciso desesperadamente conseguir organizar as informações sem que fique louca.

Ergo minha câmera diante dos meus olhos a fim de fotografar algumas paisagens. Estou um pouco distante da minha casa. Saí cedo para caminhar e pensar um pouco. Estou sentada embaixo de uma árvore enorme me deleitando com a beleza ao meu redor.

— Olá! — diz uma voz masculina ao meu lado assustando-me. Estava tão imersa em pensamentos, que não vi que alguém se aproximava.

Ergo-me do chão desajeitadamente, quando o medo invade meu corpo, fazendo com que eu agarre minha câmera com força.

Estou um pouco distante de casa, o que significa que ninguém pode me ouvir se esse cara tentar me agarrar.

O pânico agita meu sangue e meu coração bate forte no peito.

Olho para os lados em busca de algo que possa me servir como uma arma, porém antes que eu possa encontrar algo ele ergue as mãos para cima e dá um passo para trás.

— Desculpe se lhe assustei, não era minha intenção. Eu não sou nenhum tarado ou coisa do gênero. — Ele se apressa com as palavras e isso de alguma forma me deixa um pouco aliviada e me faz pela primeira vez, desde que falou comigo, dar uma boa olhada nele.

Ele está usando uma calça jeans clara e uma camisa azul lisa que cobre seu corpo com perfeição. Seu cabelo castanho está um pouco despenteado por conta do vento e seus olhos cinza me fitam atentamente.

Pela forma que ele está vestido realmente não me parece um tarado ou alguém aqui da região. Ele não usa calças que parecem que estão esmagando os testículos, nem chapéu e definitivamente não está de botas, apesar de estar segurando a corda do seu cavalo.

— Eu comprei a fazenda vizinha — diz, como se estivesse lendo meus pensamentos. — Estava apenas dando uma volta pela redondeza... Acho que me distanciei muito das minhas terras. — Ele sorri e suas covinhas pulam para fora. Ele é bem charmoso. — Eu sou Nicholas Turner. — Ele estende a mão em minha direção e me dou conta de que ainda continuo segurando firme minha câmera e não dei uma palavra sequer.

Solto minha respiração que estava segurando e sorrio envergonhada.

— Allie Thomas. — Aperto sua mão e sorrio sem jeito. — Desculpe se pareceu que eu estava prestes a lhe atacar, mas é que fiquei um pouco...

— Assustada — ele completa minha frase.

Faço que sim com a cabeça e sorrio.

— Eu ouvi falar de você. Filha de Anthony Thomas. Um dos fazendeiros mais ricos da região. Sinto muito por sua perda — ele diz a última frase com pesar.

— Obrigada — digo sem dar muita ênfase no tópico do assunto. Tudo o que eu menos quero agora é ter que falar sobre a morte do meu pai.

— Há quanto tempo você está morando aqui? — pergunta com curiosidade.

— Pouco tempo — respondo de imediato forçando um sorriso.

Ele sorri de volta como se estivesse percebendo meu desconforto. A verdade é que passei tanto tempo sem interagir com outra pessoa, a não ser as que estão sempre ao meu redor, que acho que esqueci como é ser social.

— Então, você está de mudança definitiva? — pergunto, numa tentativa de puxar assunto.

Ele sorri amplamente e passa as mãos por seus cabelos.

— Na verdade, comprei essa fazenda para passar as férias. — Ele faz uma careta como se a ideia de morar aqui fosse abominável. — Digamos que não sou o tipo homem do campo — confessa parecendo tímido.

Sorrio.

— Notei por suas roupas. — Faço um gesto na sua direção.

Ele olha para suas próprias roupas e sorri.

— Verdade. As roupas me entregam. — Ele volta seu olhar para mim e me avalia de cima a baixo. — Você também não me parece uma mulher do campo.

Reviro os olhos de sua dedução óbvia.

— Muito observador — digo com humor.

— De onde você é?

— Nasci aqui, mas estava em Nova York, desde que eu me entendo por gente.

Nicholas meneia a cabeça como se estivesse pensando na informação que acabei de lhe dar.

— Me pergunto como nunca nos esbarramos em Nova York — diz como se de fato estivesse lamentando.

— Você também é de lá? — pergunto surpresa.

Ele faz que sim com a cabeça.

— Tenho uma empresa de arquitetura lá. A ideia de comprar uma fazenda partiu do desejo dos meus pais em morar no campo. Digamos que estou fazendo isso mais por eles do que por mim.

— É um gesto muito bonito da sua parte.

Ele sorri sem tirar os olhos de mim.

— Acho que sim.

— Eu sinto falta de Nova York. Trabalhei como fotógrafa em uma agência de moda.

— Então por que não volta?

Dou-lhe um pequeno sorriso.

— Tenho coisas importantes para tratar aqui. Aliás, tenho ainda alguns meses até que eu possa voltar para casa. — Penso sobre minha última frase e me pergunto se de fato Nova York é minha casa.

— Eu entendo. É de fato uma pena não a ter conhecido antes.

Arqueio uma sobrancelha e sorrio do seu flerte, porém não digo nada. Há muito tempo alguém não flerta comigo e definitivamente não sei o que lhe dizer.

— Bem, está ficando tarde e eu tenho que voltar para casa.

— Será que eu posso acompanhá-la? — ele pergunta de imediato e eu sorrio.

— Claro.

Caminhamos de volta para a minha casa e durante todo o caminho Nicholas mantém uma conversa leve. Ele me fala de seu trabalho e de todas as coisas que gosta de fazer quando não está trabalhando.

Descubro que ele é exatamente o tipo de cara que eu cairia de quatro, mas por algum motivo não consigo lhe achar tão interessante. Claro que o cara é lindo e manja muito da arte da paquera, mas juro que durante toda a nossa conversa eu não consegui parar de pensar em Andrew. Ele não é o tipo de cara que eu me envolveria, no entanto sempre que ele está por perto, algo dentro de mim muda. É como se eu não tivesse controle sobre meu corpo e minha mente.

Quando chegamos em frente à minha casa, sinto-me exausta e percebo que Nicholas está ainda pior que eu. Acho que ele não é acostumado a grandes caminhadas.

— Joe — chamo um dos ajudantes da fazenda que está próximo da casa. — Leve o cavalo do Nicholas para que possa tomar um pouco de água e descansar um pouco. — Volto-me para Nicholas, que parece satisfeito com o que eu acabara de fazer. — E você, entre, vou pedir a Nana que prepare algo para saciar a nossa sede.

Entramos em casa e o deixo na sala principal e vou direto para a cozinha, que para minha surpresa está vazia.

Abro a geladeira, mas não encontro nada além de água e refrigerante para que eu possa oferecer ao Nicholas. Pego a garrafa de água e sirvo dois copos e duas latinhas de refrigerante e volto para a sala.

— Nana não está em casa, o que significa que só vou lhe oferecer água e refrigerante.

Ele sorri ao pegar o copo de minha mão.

— Não tem problema, Allie.

Ele toma sua água de um gole só e sorri envergonhado.

Estendo meu copo em sua direção e ele não recusa, o que me faz sorrir. Ele realmente não é um homem do campo.

— Então... Eu estava pensando... — O som irritante do telefone lhe faz parar no meio da frase.

— Desculpa — digo enquanto caminho em direção ao telefone.

— Alô?

— *É da fazenda Hope?* — pergunta uma voz de mulher.

— Isso mesmo. Gostaria de falar com quem?

Há uma pausa do outro lado da linha.

— *Deve ser a Allie falando.*

— Isso — digo um tanto surpresa.

A mulher do outro lado da linha dá um risinho de deboche.

— *Olha, você poderia chamar a minha mãe?* — ela pede, sem nem ao menos pedir por favor. Sério que essa é a Hanna, a filha da Nana?

— *A Nana não está. Gostaria de deixar um recado?* — pergunto usando o mesmo tom de voz que ela.

— *Na verdade sim. Você poderia dizer ao Andrew, quando ele chegar em casa, que eu estarei aí amanhã. Diga que eu não me esqueci do seu aniversário. Que, como eu havia prometido, eu estarei com ele amanhã.*

Sinto como se alguém estivesse apunhalando-me pelas minhas costas. Não que eu esteja com ciúmes ou coisa do tipo, mas não esperava que o Andrew e minha ex-amiga fossem do tipo: namorados a distância.

— Ok. — Essa é a única palavra que eu consigo dizer antes de desligar o telefone na cara dela, sem me importar que eu esteja sendo uma pessoa terrível.

Respiro fundo, colocando o telefone no gancho e só daí percebo que Nicholas ainda está na minha sala.

— Está tudo bem? — pergunta, depois de tomar um pouco do refrigerante que lhe trouxe.

Faço que sim com a cabeça e sorrio.

— Sim. O que você estava me dizendo mesmo?

Ele sorri satisfeito e passa as mãos por seus cabelos.

— Só queria saber se você gostaria de sair comigo antes que eu retorne a Nova York. Não conheci muitas pessoas por aqui e realmente apreciei sua companhia.

Seu convite para sair deveria me deixar vibrando, aliás, ele é o tipo de homem que faz meu tipo, todavia, a única coisa que consigo pensar agora é que amanhã é aniversário de Andrew e ele estará com a Hanna.

— Allie. — A voz rouca de Andrew me traz de volta à realidade. Volto-me para ele, que está na entrada da sala olhando de mim para Nicholas.

— Andrew — digo com a voz arrastada e só quando percebo que Nicholas está me lançando um olhar confuso e curioso, me lembro de que ainda estou encarando Andrew. No entanto, é quase impossível tirar os olhos dele. — Deixe-me te apresentar o nosso vizinho, Nicholas Turner. — Tento não demonstrar o quanto sua presença me afeta. Olho de relance para Nicholas e faço menção para Andrew. — Esse é Andrew Scott.

Olho de um para o outro esperando colocar um ponto final nessa esquisitice.

Nicholas dá um passo na direção de Andrew e estende a mão em sua direção, que, por sua vez, apenas lhe lança um olhar mortal lhe ignorando completamente, antes de voltar seu olhar para mim.

— Podemos ter uma conversa de cinco minutos? — Ele não deveria ter usado uma interrogação no final dessa frase, porque está na cara que mesmo que me recusasse a ter essa conversa agora, ele não vai deixar passar essa tão fácil.

— Claro. — Tento parecer relaxada e natural quando passo por Nicholas e me desculpo, dizendo que serão apenas cinco minutos e sigo Andrew para fora da sala.

Quando estava seguindo pelo corredor, que nos leva à cozinha, Andrew para abruptamente me fazendo esbarrar em suas costas.

— O que porra deu em você para trazer um estranho para casa? — questiona-me furioso.

Ergo uma sobrancelha em choque.

— Como é que é? — pergunto chocada por suas palavras.

Andrew revira os olhos.

— Não me venha com essa de desentendida! — grita furioso. — Esse cara poderia ser um psicopata, Allie. Será que você não entende o quanto isso é idiota?

Sorrio chocada por suas palavras. Quem ele pensa que é para falar assim comigo?

— Pelo amor de Deus, Andrew, não seja ridículo! Ele não tem cara de psicopata.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Andrew sorri sem humor.

— Como se esse tipo de coisa viesse estampado na cara — ironiza, o que me faz sentir uma idiota, por perceber que ele tem razão.

— Sei me cuidar muito bem sozinha. Pare de dar showzinho. — Cruzo os braços na frente do peito e sustento meu olhar no seu. Ele está tão furioso que eu deveria sair correndo desse corredor.

— Então é isso? Eu estou dando showzinho? — Ele ri ironicamente. É uma risada que me dá calafrios na barriga. Ele está mais furioso do que imaginei. — *Não. Gosto. Que. Traga. Homens. Para. Casa* — ele enfatiza cada palavra como se estivesse falando com uma menininha de sete anos e não com a dona da casa.

É a minha vez de rir de sua audácia. Ele não é ninguém para me dar ordens.

— Em primeiro lugar, essa casa também é minha; e segundo, não é como se eu estivesse trazendo o cara aqui para dormir comigo.

Minha última frase faz com que Andrew enrijeça. Ele revira os olhos e me lança um olhar estranho, como se estivesse se segurando para não dizer alguma coisa.

— Você tem razão, a casa também é sua, mas isso não lhe dá o direito de trazer um estranho aqui sem me consultar. — Sua voz é grave e seus olhos queimam de raiva.

— Eu o encontrei um pouco distante daqui e ele se ofereceu para caminhar de volta a fazenda comigo. Eu ofereci um copo de água e só, Andrew. Pare com isso. Está sendo ridículo. — Sustento seu olhar pelo que parece uma eternidade. Seus olhos azuis me avaliam atentamente, como se de alguma forma ele estivesse tentando ler através dos meus olhos.

Seu silêncio é um tormento e eu não quero continuar perdendo meu tempo com bobagens. Se Andrew não gostou que eu trouxesse o Nicholas aqui, azar o dele.

— A Hanna ligou. — As palavras saem da minha boca antes que eu possa impedi-las e me amaldiçoo mentalmente por trazer esse assunto a bordo agora. Eu não sei ao certo se eu iria dizer-lhe agora ou depois que seu aniversário passasse. Na verdade, acho que eu iria simplesmente fingir que esqueci, mas minha boca grande foi maior que tudo.

Andrew arregala os olhos como se eu tivesse lhe dito o segredo para a cura do câncer e eu, mais uma vez, me amaldiçoo por ter aberto a boca.

Sinto uma pontada em meu peito quando percebo o brilho em seus olhos.

— Ela disse que não se esqueceu do seu aniversário e estará aqui amanhã.
— As palavras são amargas em minha boca. Tento ignorar o desconforto dentro de mim ao perceber o quanto isso é importante para Andrew.

Um pequeno sorriso nasce nos cantos de seus lábios. Controlo o impulso de desviar o olhar. Saber que esse sorriso é por causa de uma garota e não uma garota qualquer, mas a Hanna; alguém que eu costumava brincar quando criança e que há pouco me tratou como se eu não passasse de uma criada, me

deixa enjoada. Na verdade, me deixa irada.

— Certo... — digo com a voz baixa. — Agora que você está feliz e não tem mais nada para me dizer... eu vou voltar para a sala. *Deixei alguém interessante esperando por mim* — digo a última frase com bastante ênfase, o que faz com que o sorriso de Andrew desapareça, todavia antes que ele possa me dizer algo desagradável, eu volto para a sala.

Nicholas está sentado em um dos sofás, parecendo muito desconfortável; seu rosto está voltado para a porta de onde eu saí e suas mãos estão apoiadas nos joelhos.

Quando seus olhos cruzam com os meus, um sorriso de alívio nasce em seus lábios.

— Desculpe a demora — digo, forçando um sorriso.

Ele ergue-se do sofá.

— Não se desculpe. — Ele olha por sobre meu ombro, como se estivesse esperando que Andrew aparecesse. — Espero não ter causado nenhum problema com o seu namorado — ele diz a última palavra com insegurança e eu me apresso para lhe corrigir.

— O Andrew e eu não somos um casal — digo as palavras com pressa e Deus sabe como isso deve ter soado terrível.

Um sorriso genuinamente largo nasce em seus lábios bem esculpidos.

— Que bom. Quero dizer... Ele não parece que faz o seu tipo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Você nem me conhece para saber o meu tipo — digo rispidamente e eu mordo a língua por ficar na defensiva.

Nicholas fica sem jeito e morde o lábio.

— Me desculpe de verdade, eu não quis ser... intrometido.

Passo as mãos por meus cabelos.

— Eu quem peço desculpas. Andrew consegue me irritar a cada segundo que cruzo com ele — digo forçando um sorriso.

Nicholas parece satisfeito com minha resposta e sorri amplamente, dando um passo em minha direção.

— Então, já que não são um casal e ele parece não lhe agradar... Gostaria de saber se você gostaria de sair para jantar comigo amanhã. — Ele morde o lábio, esperando minha resposta.

Meu primeiro impulso é recusar o convite, porque, por mais que eu me sinta entediada nessa fazenda, não me passou pela cabeça me envolver com alguém, todavia, lembro-me de que amanhã Hanna, a princesa Arizona, estará aqui e logo a vontade de dizer não é substituída por outra e é por isso que eu aceito seu convite.

— Será um grande prazer.



Depois que Nicholas vai embora, sento-me na varanda e tento relaxar um pouco.

Ele é um homem muito bonito e charmoso. Se fosse em outra época, eu estaria radiante com seu convite, todavia, não consigo me sentir bem com isso. Tudo o que consigo pensar é que amanhã Andrew estará com outra pessoa e isso me deixa com uma sensação estranha na barriga.

Meu celular vibra no bolso de trás da minha calça, tirando-me do devaneio. Retiro-o do bolso e verifico o nome que pisca no visor: é minha mãe.

Sinto meu coração apertar. Há alguns dias eu daria tudo para falar com ela, no entanto, agora isso é tudo o que menos quero no momento.

Aperto recusar e desligo meu celular. Eu sei que quando quer, ela pode ser bem persistente e não quero ter que lidar com ela agora. Não depois de tudo o que fiquei sabendo. Não depois que soube das coisas horríveis que ela fez ao meu pai.

Aproveito o fim de tarde para dormir um pouco. Ando tão cansada e estressada que parece que não durmo direito há anos.

À noite, no jantar, Andrew não se senta à mesa para comer comigo, não que isso importe, desde o nosso incidente ele evita passar muito tempo no mesmo lugar que eu.

Janto na companhia de Nana, que está toda radiante porque amanhã sua filha estará aqui. Enquanto ela fala sem parar que vai preparar um banquete para Andrew, eu finjo estar interessada na conversa, mas por dentro reviro os olhos a cada segundo que ela fala o nome de Hanna.

Eu sei que não há motivos para não gostar dela, no entanto a forma como ela me tratou mais cedo, despertou uma antipatia por ela que eu tenho certeza de que é recíproca.



O dia seguinte chega e dentro de mim há uma bagunça que não sei explicar. Parte de mim quer continuar no quarto trancada e só sair amanhã, no entanto sei que é errado. Hoje é aniversário do Andrew e teremos visita e, além do mais, eu tenho um encontro com meu vizinho lindo e charmoso, então me forço a sair da cama e tomar um banho demorado.

Seco meus cabelos e prendo em um coque. Pretendo ir à cidade fazer uma escova e as unhas e tomara que, dessa vez, nenhum desastre natural aconteça, porque, sinceramente, já estou ficando traumatizada.

Visto um vestido verde soltinho, que se estende até a altura dos joelhos, e calço sandálias baixas. Faço uma maquiagem leve e saio do quarto refletindo se devo ou não comprar um presente para Andrew, quando bato de cara com ele saindo do seu quarto. Ele está vestindo uma calça jeans gasta e um camisão xadrez por cima da sua camiseta preta. Seu cabelo ainda está úmido caindo levemente sobre sua testa e seu perfume preenche o ambiente de uma

forma que me deixa tonta.

— Bom dia — ele me cumprimenta meio sem jeito, me lançando um olhar estranho.

Solto a respiração que eu nem tinha dado conta que estava prendendo e forço um sorriso.

— Bom dia... Aliás, meus parabéns. — Mordo o lábio e espero que ele fale alguma coisa, todavia ele apenas meneia a cabeça e segue pelo corredor, deixando-me sozinha.

Eu sei que, durante todo o tempo em que estive aqui, me comportei com ele de um jeito muito... muito idiota, no entanto, ele também se comportou da mesma forma comigo. Eu estou tentando ser legal e ele parece que continua me odiando. Esse pensamento deixa uma sensação estranha dentro de mim. A ideia de Andrew me odiar não me agrada, não é que eu queira que ele sinta algo por mim, porém, não custa nada tentar ser gentil ou, pelo menos, tentar me conhecer melhor. Eu sei que ele tem uma péssima imagem de mim, eu também tinha dele até descobrir que estava errada, então o que eu tenho que fazer é mostrar para Andrew que, assim como eu, ele também está errado a meu respeito.



Por incrível que pareça, hoje Andrew toma café no mesmo ambiente que eu, porém ele parece me ignorar completamente, enquanto conversa com Nana sobre o almoço e a chegada da Hanna. Continuo revirando os olhos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mentalmente a cada segundo que alguém fala o nome dessa garota. Se eu continuar assim, acho que daqui para o final do dia, vou acabar vomitando em alguém.

— Bem, eu vou dar um pulo na cidade, vocês querem que eu traga alguma coisa? — pergunto propositalmente atrapalhando a conversa dos dois.

Nana sorri gentilmente.

— Muito obrigada, querida, mas já tenho tudo o que preciso.

Sorrio e volto-me para Andrew.

— Você me empresta as suas chaves?

Ele morde o lábio e franze o cenho.

— Terei que ir à cidade também. Vou buscar a Hanna.

Sinto uma pontada em meu peito e sorrio na tentativa de esconder meu desapontamento.

— Certo. — Mordo o canto da boca e então algo me passa por minha cabeça. — O meu pai tinha seu próprio carro, não é? Eu posso usá-lo? — Eu sei que isso é ridículo. Eu sou filha do dono do carro, não deveria pedir permissão para usá-lo.

Andrew parece chocado com minhas palavras, mas ele se recupera logo.

— Faz alguns meses que o carro não é usado, não acho prudente você sair

nele, sem que um mecânico diga que o carro está bom para andar.

Reviro os olhos sentindo-me impaciente.

— O que poderia acontecer?

— Você, por exemplo, poderia ficar na estrada. O pneu poderia furar e você nem sabe onde fica o estepe, sem falar que poderia começar a chover e um tarado poderia aparecer e te atacar no meio do nada — diz ele sem tirar os olhos de mim. Sinto um arrepio percorrer meu corpo, porque sei exatamente do que ele está falando. Ele está referindo-se a vez que meu pneu furou e ele apareceu. Não posso nem dizer que não me lembrei da forma como ele me beijou.

— Você está certo. Mesmo assim tenho que ir à cidade — digo com a voz baixa.

— Eu posso te dar uma carona, mas se você demorar muito, eu vou te deixar lá e você terá que voltar a pé — diz ele com um pequeno sorriso, todavia algo me diz que ele não hesitaria em fazer exatamente o que acabara de dizer.



A viagem para a cidade é tensa. Andrew não fala nada durante todo o percurso e me sinto frustrada com o seu silêncio.

— Você pode, pelo menos, dizer alguma coisa? — questiono por fim, depois do que se parece uma eternidade.

Andrew aperta suas mãos no volante com mais força, sem tirar os olhos da estrada.

Bufo irritada e cruzo os braços.

— Se não queria me dar uma carona, não devia ter oferecido — digo alto o suficiente para que me ouça sem que a música country horrorosa que toca no som do seu carro abafe minha voz.

Andrew continua sério olhando para a estrada à sua frente, acabando de
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vez com a minha paciência. Desligo o som e o encaro.

— Mas que porra! — diz entredentes, fuzilando-me com os olhos. — Não mexa nas minhas coisas, pirralha! — rosna ele.

Ergo uma sobrancelha e solto o cinto de segurança ficando de frente para ele.

— Então pare de me ignorar! — grito.

Andrew respira fundo e me olha de relance.

— Coloque a merda do cinto, Allie, e deixe de ser mimada — diz num rosnado baixo.

Faço que não com a cabeça, porque sei que ele pode ver pelo canto do olho.

— Por que não me diz qual o problema? — imploro. Eu já não sei o real motivo que me faz querer tanto saber o porquê dele me ignorar. Eu apenas quero saber o que ele está pensando.

Andrew respira fundo e morde o lábio.

— Ele não está aqui. — Suas palavras saem tão baixas que eu tenho dúvidas se ele realmente disse isso. — Essa é a primeira vez, desde que meus pais morreram, que eu passo meu aniversário sozinho.

Ele me olha por um segundo e eu posso ver em seus olhos a tristeza por trás de cada palavra que ele acabara de dizer.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sinto uma dor em meu peito. Nesse momento tudo o que eu quero fazer é pedir que ele pare o carro, para que eu possa abraçá-lo. Sinto uma necessidade tão grande de tocá-lo e de alguma forma fazer com que sua tristeza se vá, que me deixa apavorada. Nunca em toda a minha vida, senti tanta vontade de proteger alguém como estou sentindo agora.

— Sinto muito, Andrew — digo tocando de leve em seu ombro.

Andrew contrai o corpo com meu contato, o que me faz retirar minha mão imediatamente.

Ele me olha de soslaio e sorri sem humor.

— Não precisa fingir que você se importa. — Suas palavras são ríspidas.

Sinto uma fígada no meu peito. Ele realmente acha que sou a pior espécie de ser humano que existe.

Engulo em seco e fixo meu olhar nele.

— Não estou.

Ele volta-se para mim por um segundo. Seus olhos me avaliam com tanta atenção que eu tenho a impressão de que ele consegue ler até meu segredo mais oculto.

Sinto um frio na barriga e meu ar fica preso em meus pulmões. Eu não consigo entender o poder que esse homem tem sobre mim, mas a verdade é que eu não consigo resistir a esse sentimento que me invade a cada segundo que ele está perto.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Andrew quebra o contato visual comigo e volta sua atenção para a estrada. Espero ele me dizer alguma coisa, nem que seja uma palavra desagradável, no entanto ele apenas liga o som e dirige em silêncio.



Andrew me deixa no centro da cidade e me garante que eu tenho apenas uma hora antes dele vir me buscar.

Quero discutir com ele sobre isso, afinal quem é que faz tudo em apenas uma hora, porém eu sei que é inútil discutir com ele agora. Ele me deu uma carona e diz a hora de voltar.

Por sorte o salão está quase vazio e consigo fazer meu cabelo e minhas unhas em tempo recorde.

O resultado é perfeito e tenho vontade de ficar me admirando no espelho por horas ou quem sabe dias.

Há muito tempo que não me sinto tão bonita. Meus cabelos ultimamente andam uma bagunça épica. Não acharia estranho se eu estivesse caminhado e um casal de passarinhos resolvesse fazer um ninho no topo da minha cabeça. Rio com esse pensamento. Meu cabelo realmente anda parecendo um ninho de pássaros.

Quando saio do salão verifico o céu e me certifico se não há alguma nuvem carregada. Estou completamente traumatizada com essa de ajeitar

cabelos. Acho que devo procurar outro salão.

— Olha que coincidência maravilhosa — diz uma voz masculina atrás de mim.

Nicholas está usando uma calça jeans escura e uma camisa polo. Seus cabelos estão mais curtos e ele está usando óculos escuros.

— Olá, vizinho — cumprimento com simpatia.

Nicholas ergue seus óculos colocando-o no topo de sua cabeça.

— Você está linda! — Ele me avalia atentamente e eu sinto minhas bochechas corarem.

— Só arrumei o cabelo. — Dou de ombros.

Ele olha para o outro lado da rua e eu sigo seu olhar. Andrew acabara de estacionar o carro e seus olhos estão grudados em Nicholas.

— Acho que minha carona chegou. — Mordo o lábio. Parte de mim não quer voltar para a fazenda agora. Parte de mim não quer ver um Andrew sorridente junto com a Hanna. A outra parte quer ir embora e se trancar em meu quarto até a segunda-feira ou quem sabe pelo resto do ano.

Nicholas me lança um olhar desapontado.

— Ainda vamos sair mais tarde?

Olho de relance para o local que Andrew está e percebo agora uma linda
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

morena no banco do carona sorrindo para ele. Sinto meu estômago embrulhar. Obrigó-me a olhar para Nicholas e lhe dar o meu melhor sorriso.

— Claro que sim.

Ele pega minha mão e a leva aos seus lábios, depositando um beijo suave nela.

Não preciso olhar para saber que tenho a total atenção de Andrew agora. Sei disso porque os pelos da minha nuca estão enrijados e não é por conta da gentileza do meu querido vizinho.

— Te pego as oito — ele diz ainda sorrindo.

Aperto os lábios numa linha fina e lhe dou uma piscadela.

Faço meu caminho direto para o outro lado da rua e encontro de fato um Andrew sorridente e uma Hanna muito bonita.

— Se eu soubesse que estava acompanhada não teria voltado para lhe buscar — diz Andrew friamente quando sento no banco de trás do carro.

Fixo meu olhar no dele pelo retrovisor. Quero soltar-lhe uma piadinha também, mas não quero começar um showzinho particular agora.

— O bom filho a casa torna — diz Hanna, voltando-se para me olhar.

Ela tem cabelo preto, liso e longo. Seu rosto é pequeno e seus traços são perfeitos. Olhos grandes num tom verde esmeralda, que, com certeza, foi herdado do seu pai. Nariz empinado e bem feito e uma boca bem desenhada

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pintada com um batom vermelho. Ela é realmente linda, mas mesmo assim não me parece que seja alguém que Andrew namoraria, mas algo me ocorre: primeiro, eu não sei se eles têm de fato uma relação; e segundo, eu nem sei qual o tipo de Andrew, se é que ele tem um tipo. Ele pode ser simplesmente um daqueles caras que pegam qualquer uma.

— Oi para você também, Hanna. Quanto tempo! — Finjo simpatia. Ela revira os olhos e volta-se para Andrew.

— Estou morrendo de vontade de dar um mergulho na cachoeira. — Ela estende sua mão e entrelaça seus dedos nos de Andrew.

Meu estômago se contrai novamente e desvio meu olhar que acidentalmente fixam no retrovisor onde encontro hipnotizantes olhos azuis me encarando.



O caminho de volta para casa é uma tortura. Durante todo o percurso, Hanna fica tagarelando sobre todos os lugares que foi e o quanto sentiu saudades de Andrew. Eu não sei se de fato ela é assim ou se estava apenas tentando me irritar.

Andrew passou todo o caminho lhe dando total atenção, o que me deixou terrivelmente enfurecida.

Agora está claro que ele de fato me odeia.

Quando ele estaciona o carro, eu saio sem me dirigir a nenhum dos dois e vou direto para o meu quarto. Sinceramente, não tenho mais estômago para esses dois hoje.



Tomo um banho demorado e coloco uma roupa leve. Está na hora do almoço e perdi totalmente meu apetite. Ainda não saí do quarto desde que voltei da rua e estou tentada para saber onde Hanna vai passar a noite ou os dias que estará aqui. Ai, meu Deus! Espero que ela só passe essa noite. Não sei se conseguirei aturá-la o final de semana todo.

Deito na cama e levo meu notebook comigo.

Entro no meu *Facebook* e vejo algumas atualizações dos meus queridos amigos de Nova York.

Parece que se passaram séculos desde que vim para cá. Todos parecem mudados e nem se lembram que eu existo.

Sinto como se, de certa forma, todos houvessem me esquecido.

Alguns meses atrás esse pensamento teria me entristecido, no entanto, hoje já não me importo tanto com isso.

A janela de bate-papo abre no canto da tela e sorrio quando vejo a foto de Melissa.

Mel: *Olha quem resolveu aparecer.*

Sorrio e mando-lhe um emoji com a língua de fora.

Eu: Ando muito ocupada com o gado.

Mel: *kkkkkkkkkk até parece.*

Ela me manda um emoji rindo e não posso deixar de rir.

Eu: Saudades de você. Quando vem me visitar?

Mel: *Quando você me mandar uma passagem na primeira classe.*

Eu: Demorou. Tudo de melhor para a melhor amiga no mundo todo.

Aperto enviar e, em seguida, mando um emoji piscando.

Mel: *Como andam as coisas por aí? Conheceu algum gatinho?*

Eu: Na verdade sim...

Conto-lhe tudo sobre como conheci o Nicholas e que tenho um encontro com ele mais tarde, sempre alegando para ela que não é nada de mais.

Ela me conta todas as novidades e me promete que virá me visitar assim que tiver um tempinho.

Quando nos despedimos já passou do horário de almoço e me sinto faminta. Verifico a hora e antes que eu decida se vou ou não em busca de alimento, alguém bate à porta.

Nana entra após bater, carregando com ela uma bandeja com um lanche reforçado.

— Você não saiu para almoçar conosco, então pensei que talvez você estivesse com fome — diz ela com um sorriso e meu coração se enche de amor por essa mulher que sempre cuidou tão bem de mim.

— Adivinhou. Estou faminta. — Sento-me ereta na cama e pego a bandeja que Nana estende na minha direção.

Enquanto devoro o meu lanche, Nana me conta como está feliz por ter sua filha em casa. Tento mostrar interesse por sua conversa, mas tudo o que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

consigo fazer é pequenos movimentos de cabeça e soltar algumas palavras curtas como: “Hum-hum”, “legal” e “nossa!”. Não é que eu seja uma pessoa ruim, só que o assunto “Hanna” está me enlouquecendo. A garota chegou há menos de quatro horas e já é o centro do universo.

— Por que você não vai até a cachoeira? O Andrew e a Hanna estão lá — pergunta Nana com um pequeno sorriso. Sinto uma fisgada de ciúmes por saber onde eles estão. A cachoeira costuma ser meu lugar favorito nessa fazenda. Amo aquele lugar e agora saber que eles estão lá, fazendo sabe-se lá Deus o quê, me deixa completamente enjoada, todavia, aquele pode ser o lugar favorito deles também. Eles devem ter mais direito sobre aquele lugar do que eu.

— Melhor não. — Dou de ombros e forço um sorriso para esconder minha irritação. — Tenho um encontro hoje e tenho que encontrar algo decente para vestir.

Nana me lança um olhar curioso.

— Posso saber quem é o sortudo?

Sorrio timidamente.

— Não é nada sério, Nana. Ele é o novo vizinho.

— Ah! — exclama ela um tanto surpresa. — O Andrew falou sobre ele ter vindo aqui ontem com você.

Abro a boca surpresa. Não esperava que Andrew fosse levar a sério nossa

pequena discussão.

— É. — Essa é a única palavra que consigo formular no momento, pois estou atordoada demais com minhas últimas informações para pensar em algo melhor para dizer.

Nana sai do quarto depois que termino meu lanche, deixando-me sozinha com meus pensamentos, que envolvem três coisas: Andrew, Hanna e cachoeira.



Dou uma última olhada no espelho para checar se realmente estou bem. Quando fiz minhas malas para vir para cá, não cogitei a hipótese de sair para um encontro com um homem rico e bem-sucedido, então não tenho muitas opções no meu guarda-roupa e, por incrível que pareça, não me passou pela cabeça comprar um vestido novo, mais cedo.

Todavia o vestido preto que por sorte tinha enfiado na minha mala é adequado para essa ocasião; ele tem um decote quadrado bem-comportado, para compensar a parte de trás que deixa minhas costas completamente expostas. As mangas são longas e seu comprimento é bem mais curto do que eu costumo usar.

Minha maquiagem é leve e meu cabelo está solto; com volumosas camadas loiras caindo sobre os meus ombros.

Respiro fundo e verifico a hora antes de pegar minha pequena bolsa e sair

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

do quarto.



Encontro Andrew na sala; vestindo uma calça jeans escura e uma camisa branca de mangas longas . Seu cabelo está bem penteado e ainda úmido.

Meu coração está em queda livre com a maravilhosa visão diante dos meus olhos.

Ele é realmente lindo. Andrew é alto e tem um corpo de dar inveja a qualquer modelo que se mata em uma academia para se manter em forma.

Seus olhos voltam-se para mim, assim que percebe que não está mais sozinho.

Minha boca fica seca rapidamente e toda a umidade vai para as palmas de minhas mãos, quando percebo a intensidade de seu olhar em minha direção.

— Allie... — Sua voz é grave e rouca, fazendo coisas maravilhosas em meu corpo.

Sorrio timidamente e coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Ele sorri de uma forma que eu nunca vi antes e dá um passo em minha direção e, de repente, estou em outro tempo, onde estamos apenas indo a um encontro.

— Você está linda! — Há admiração em suas palavras. Seus olhos me avaliam milimetricamente e percebo que essa é a primeira vez que ele me faz um elogio.

Baixo o olhar sentindo-me ruborizar.

— Obrigada — agradeço com a voz baixa, olhando-o timidamente.

Ele abre a boca para dizer mais alguma coisa, mas nesse momento somos surpreendidos por Hanna, que entra na sala vestindo um provocante vestido vermelho. Volto à realidade rapidamente quando ela se aproxima de Andrew e deposita um beijo suave em seus lábios.

Desvio o olhar da cena que revira meu estômago. Ela não deveria usar uma calça apertada, botas e um chapéu maior do que os que Andrew costuma usar? Ela não deveria vestir um provocante vestido vermelho. Ela não deveria ter aqueles olhos verdes esmeralda tão brilhantes e vivos. Hanna não deveria ser tão bonita. Ela é apenas uma garota nascida em uma fazenda. Ela deveria se vestir conforme as suas origens e não como uma vadia. Uma vadia bem-vestida, mas mesmo assim uma vadia.

Respiro fundo e volto a encarar o casal perfeito. Sei que estou sendo injusta com ela. Não deveria estar lhe chamando de vadia. Éramos amigas quando crianças e me recordo de sentir falta de brincarmos quando minha mãe me disse que era melhor não voltar à fazenda. Todavia, os tempos mudaram. Essa não é mais a minha amiga. Essa é uma mulher territorial que está agarrada em Andrew como se ela fosse sua dona. E eu definitivamente odeio essa vadia.

— Não sabia que você tinha convidado a Allie para sair conosco. — Ela me lança um olhar hostil e nesse momento sinto vontade de arrancar seus sedosos fios negros.

Andrew olha de mim para ela.

— Eu não...

— Eu não vou sair com vocês, Hanna, querida — digo antes que Andrew possa terminar sua resposta. Deus sabe o que ele teria dito apenas para impressionar a Hanna.

Um pequeno sorriso satisfeito nasce nos lábios de Hanna.

— Assim podemos ir. Não quero deixar nossos amigos esperando.

Andrew afirma com a cabeça, porém permanece no mesmo lugar.

— Você vai sair? — Sua pergunta me pega de surpresa e sinto uma enorme vontade de revirar os olhos, porém, antes que eu diga alguma coisa, Joe, um dos nossos empregados, entra na sala.

— Senhorita, o senhor Nicholas pediu para lhe avisar que está à sua espera.

Sorrio para Joe e volto meu olhar para Andrew, que está me lançado um olhar raivoso e desapontado.

— Acho que isso responde sua pergunta — digo com ironia e sigo Joe em direção à saída sem olhar para trás.



Encontro Nicholas parado em frente a uma caminhonete preta de cabine estendida, semelhante a de Andrew. Ele está usando uma calça social preta e uma camisa cinza, também social. Seu cabelo está perfeitamente arrumado. A ideia que dá é que ele saiu de um daqueles livros de romances de CEO diretamente para esse cenário que não combina com nada que ele decidiu usar.

— Você está encantadora, Allie — diz ele com um sorriso sedutor. Ele estende uma mão em minha direção pegando a minha e levando-a os lábios.

— Obrigada — agradeço meio sem jeito. — Você também está muito...
— Procuro uma palavra que o defina, sem que eu possa lhe ofender.

— Exagerado? — pergunta como se estivesse lendo meus pensamentos.

Sorrio e mordo o lábio.

— Não era bem essa palavra que ia usar — digo com sinceridade, o que o faz rir. — Mas aqui não é Nova York. — Sorrio.

— Não mesmo! — diz com desdém.

Olho por sobre o ombro e vejo Andrew e Hanna, na varanda, olhando em nossa direção.

Andrew mantém seu olhar em mim e posso ver a raiva clara em seus

olhos, o que é ridículo. Ele mesmo tem uma mulher grudada nele como se fosse um carrapato. Eu também tenho direito de sair com alguém, mesmo que seja um engomadinho da cidade grande.

Quebro o contato visual com Andrew e volto-me para Nicholas.

— Acho melhor irmos.

Ele sorri assentindo e abre a porta da caminhonete para que eu possa entrar.

Arrisco outra olhada na direção de Andrew, que ainda mantém seus olhos fixos em mim. Sinto uma fígada em meu peito e, agora mais do que nunca, gostaria de saber o que se passa na cabeça desse homem tão cheio de mistérios.



Não há tantas opções de restaurantes aqui, porém o lugar que Nicholas escolhe é bem acolhedor e um tanto simpático.

O lugar é amplo e iluminado. Uma mistura de antigo e moderno, que deixa o lugar com um toque sofisticado.

Nicholas pede uma garrafa do melhor vinho da casa, enquanto mantemos uma conversa agradável.

— Então, me explique como uma mulher linda, inteligente, radiante,

interessante e... Eu já disse que você é linda? — Ele sorri de um jeito contagiante, fazendo-me rir também. Faço que sim com a cabeça e ele ergue uma sobrancelha como se estivesse duvidando de mim. — Certo. Como eu estava perguntando. Me diga como alguém como você, está presa nesse lugar e tão longe do meu alcance em Nova York?

Sua pergunta me faz corar. Sempre fui acostumada a receber cantadas em Nova York, no entanto, eu me sinto diferente agora a respeito desse assunto.

Dou de ombros, sem saber exatamente o que lhe responder. Não quero ter que trazer a cláusula do testamento à tona. Ele pensaria que estou aqui apenas por ser uma pessoa interesseira. Mas, por outro lado, acho que é exatamente o que eu pareço. Eu ainda estou aqui. Ainda estou vivendo nesse lugar que não me pertence, apenas para que eu possa receber minha herança.

— Tenho algumas coisas a tratar aqui — digo por fim.

Nicholas pega minha mão sobre a mesa e entrelaça nossos dedos.

— Estarei voltando para casa daqui a uma semana. Gostaria de passar esse tempo com você — diz com a voz rouca. Ele busca meus olhos esperando que eu lhe diga alguma coisa e a única coisa que me passa pela cabeça é Andrew. Será que ele se importaria que eu passasse mais tempo com esse homem lindo? Será que eu deveria aceitar sua proposta. Acabamos de nos conhecer, mas logo mais estarei voltando para casa também, talvez devesse passar um pouco mais de tempo com ele, até para conhecê-lo melhor.

— Acabamos de nos conhecer... Acho que deveríamos ir devagar. — Puxo minha mão da sua. — Não estou à procura de um namorado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Nicholas puxa seus lábios num sorriso torto.

— Allie, eu não vou mentir para você. Eu gostei de você no momento que lhe vi e gostaria que nos conhecêssemos melhor. Não é como se eu estivesse lhe propondo casamento. — Ele sorri sem tirar os olhos de mim e, de repente, me sinto uma idiota por ter lhe dito tais coisas.

— Você tem razão, eu sou uma tonta às vezes. — Sorrio me desculpando. — Seria uma ótima ideia passarmos um tempo juntos. — Respiro fundo e levo a taça aos lábios, saboreando um pouco do vinho. — Passo muito tempo sozinha na fazenda, será bom ter com quem conversar e sair, mesmo que por apenas um final de semana. — Sorrio para ele, que me olha satisfeito.

— Ótimo! — diz com ar vitorioso.

O resto do jantar continua calmo e agradável e não me recordo a última vez que me senti tão bem.

Nicholas é engraçado, galanteador e uma ótima companhia. Algo me diz que vou gostar de passar mais tempo com ele.

— Então, para onde vamos agora? — pergunta Nicholas ao sairmos do restaurante.

Olho para ele e por um momento penso em pedir apenas que me leve para casa, no entanto, algo me ocorre: Andrew está em algum lugar com Hanna, comemorando seu aniversário.

— Não quero voltar para casa agora — respondo antes que eu possa

pensar direito. — Tem um bar legal aqui, talvez devêssemos dar uma passada por lá. — Sorrio da minha ideia brilhante, porém me bato mentalmente, porque sei que, provavelmente, Andrew estará lá.

— Certo. — Ele sorri e me guia até sua caminhonete.

Digo-lhe onde o bar está localizado e, para minha surpresa, Nicholas sabe exatamente onde fica.

Quando chegamos lá, o estacionamento está lotado e temos dificuldade de encontrar uma vaga.

— O pessoal aqui adora beber — diz Nicholas com ironia quando, por fim, consegue estacionar seu carro.

Forço um sorriso para demonstrar que não fiquei chateada com seu comentário.

Ele sai do carro e faço o mesmo.

— Se não gosta desse lugar, por que comprou uma fazenda exatamente aqui? — O meu tom de voz sai mais ríspido do que planejei, no entanto Nicholas parece não notar. Ele me olha de soslaio e sorri amplamente, enquanto caminhamos um ao lado do outro.

— Vá por mim, eu tentei persuadir meus pais, todavia, eles são teimosos. Cismaram com esse lugar. Na verdade, a fazenda que comprei, pertenceu a minha família há alguns anos. Meu pai cresceu aqui, mas optou pela vida na cidade grande quando se formou. Então, como era filho único, resolveu

vender a fazenda quando seus pais morreram. — Ele me olha pensativo. — Não sei por que ele mudou de ideia quanto a esse lugar. Ele não gostava daqui, porém, de uma hora para outra cismou que queria voltar para cá e eu, como filho, tive que fazer sua vontade e comprei o lugar. — Ele sorri como se estivesse conspirando algo. — Gastei uma grana preta. Muito mais do que aquela fazenda valia. Mas vamos olhar pelo lado bom. — Ele para de andar e pega minha mão. — Eu encontrei você aqui. Acho que valeu a pena cada dólar que gastei. — Ele leva minha mão aos lábios e deposita um beijo suave. Sorrio por sua gentileza e forço-me a dizer algo, mas nada me vem à cabeça no momento, então apenas respiro fundo e voltamos a caminhar.

O bar está tão lotado quanto o estacionamento, mas por sorte encontramos dois lugares vazios.

O *bartender* que me preparou drinques na outra noite está aqui e, pelo sorriso em seu rosto, tenho certeza de que me reconheceu.

— Quem é vivo sempre aparece — diz com simpatia.

Sorrio timidamente.

— Pois é. Senti saudades daquela bebida maravilhosa que só você sabe fazer.

Ele me dá um sorriso sedutor e pisca para mim.

— Trarei uma caprichada para a cliente mais linda da noite.

Sinto-me ruborizar com seu elogio.

— Você vem sempre aqui? — A voz de Nicholas me traz de volta à realidade.

Volto-me para ele e sorrio sem jeito.

— Não. Só vim uma vez e acho que exagerei nos drinques do Dean.

Ele ergue uma sobrancelha, provavelmente duvidando da minha resposta. Quem saberia o nome do *bartender* se não fosse cliente antigo?

— O Andrew o conhece... O rapaz das bebidas. É por isso que sei o seu nome. — Me apresso a explicar e, de repente, sinto que piorei a situação. — Eu não estive no bar com o Andrew... Quero dizer...

Nicholas ergue uma mão me fazendo parar de tagarelar.

— Não precisa me dar explicações, Allie — diz numa simpatia forçada.

Sinto-me desconfortável por algum motivo e agradeço ao Dean mentalmente quando ele deposita meu drink na minha frente.

Nicholas pede um uísque de um jeito arrogante, como se ele fosse a pessoa mais importante do bar, o que faz com que os pontos que ele adquiriu durante o jantar caia um pouco.

Fico me perguntando se era assim que as pessoas se sentiam a meu respeito antes de vir para cá.

Vejo muito de quem eu costumava ser em Nicholas e vá por mim, eu não gosto do que vejo.

Tomo um grande gole do meu drinque, saboreando o forte doce em minha língua. A sensação maravilhosa do álcool enquanto desce por minha garganta faz maravilhas com meu corpo. Acho que agora começarei a relaxar.

— Aquele não é o Adam? — pergunta Nicholas olhando para algum lugar em meio à multidão.

Sigo seu olhar para me certificar de quem ele está falando e me deparo com Andrew sentado em uma mesa, não tão longe do lugar que estou, com algumas pessoas que não conheço e, claro, com Hanna grudada em seu pescoço.

Sinto uma fisgada de ciúmes quando percebo a forma como ele olha e sorri para ela.

Desvio o olhar para minha bebida.

— É Andrew — respondo sentindo algo muito estranho dentro de mim.

— Como? — questiona-me sem entender.

Volto-me para Nicholas, sentindo uma imensa vontade de mandá-lo se foder.

— O nome dele é Andrew e não Adam.

— Ah! — É a única coisa que ele diz antes de olhar novamente na direção onde Andrew está. — Aquela é a namorada dele?

Reviro os olhos e viro minha bebida.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Vai saber. O Andrew costuma sair com muitas. — Não sei se estou inventando uma mentira para que ele não ache que Andrew está de quatro por Hanna ou porque é exatamente isso que ele faz quando não está em casa.

— Que serviços ele presta para você na fazenda? Fiquei sabendo que ele é veterinário, mas ele vive na fazenda com você, certo? Ele é da sua família ou presta serviços por um teto?

A forma arrogante que ele fala me faz chegar ao limite. Por algum motivo sinto a necessidade de defender Andrew.

— Ele não presta serviços por um teto, Nicholas. Ele não precisa se submeter a isso. Ele é dono da metade da fazenda — respondo com a voz áspera. E pela forma como ele está me olhando, entendeu perfeitamente que seu comentário me deixou irritada.

— Desculpe, eu não quis ofender — diz forçando um sorriso. Ele toma um pouco do líquido âmbar do seu copo e volta-se para mim. — Não fique chateada comigo, querida. — Ele pega minha mão, como se já fizesse isso há muito tempo. — Eu me expressei mal.

Resolvo aceitar suas desculpas, aliás, ele não conhece Andrew e a história que ele tem com o meu pai. Eu também não conheço completamente, no entanto eu sei boa parte dela e isso já me deixa feliz, por mais que eu esteja desejando saber muito mais sobre ele, o que sei já é suficiente para respeitá-lo.

Dean me serve outro drinque maravilhoso que ele batizou como *Paraíso da Allie* e eu fico grata pelo álcool já estar fazendo efeito.

Nicholas pede sua segunda dose de uísque e continuamos conversando sobre coisas simples. Ele me fala sobre sua empresa e seus trabalhos e eu lhe conto um pouco como era minha vida em Nova York.

O pequeno incidente sobre Andrew fora esquecido e eu me sinto um pouco melhor por estar começando a me divertir.

Andrew continua com sua turma de amigos alheio a minha presença e a cada vez que eu olho em sua direção, o flagro sorrindo ou trocando carinhos com Hanna. Isso me deixa confusa e sinto vontade de sair correndo desse lugar, todavia eu me controlo. Não posso agir dessa forma em relação a Andrew. Eu não posso me permitir sentir isso.

Respiro fundo e tomo o último gole do meu paraíso particular. Sinto-me um pouco tonta e a música horrível que está tocando não agrada aos meus ouvidos.

— Vou atender essa ligação. É de Nova York — Nicholas diz ao meu ouvido mostrando a tela do celular.

Faço que sim com a cabeça, entretida demais com meu copo que já está vazio, para me importar se ele vai ou não sair.

Dean coloca outro drinque na minha frente e eu sorrio feliz, por meu querido amigo saber exatamente do que eu preciso.

— Se continuar bebendo assim, vai acabar ficando bêbada — diz uma voz grave atrás de mim, fazendo todo o meu corpo arrepiar. Tento dizer a mim que isso é efeito da bebida e não do maldito Andrew, mas sei que é mentira.

Não há bebida no mundo que me faça sentir um terço do que a presença dele me faz.

Sorrio, mesmo sabendo que ele não pode ver.

— Hoje não tenho você para cuidar de mim. — As palavras saem da minha boca antes que eu possa detê-las.

Andrew senta no banco ao meu lado, onde Nicholas estava segundos atrás.

Seu perfume invade minhas narinas e me sinto ainda mais tonta com o seu cheiro, que é o melhor que eu já senti em toda a minha vida.

— Por isso você deve se manter sóbria. Talvez o senhor almofadinha não seja tão cavalheiro quanto eu — brinca, sorrindo.

Sinto que meu coração vai saltar do peito. Seus olhos estão tão vivos e brilhantes fitando os meus, que tudo o que consigo fazer é continuar presa em seu olhar.

— Qualquer um é mais cavalheiro que você. — Desvio o olhar do seu.

Ele nada diz, o que me faz olhar novamente em sua direção.

Andrew está sério. Não há nenhum vestígio de humor na forma como ele me olha agora. Ele está tão concentrado me avaliando, que o ar fica preso em meus pulmões.

Uma música lenta começa a tocar, deixando o clima ainda pior. Sério que
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vai tocar uma música romântica logo agora?

Andrew morde o lábio e sorri timidamente. Sério isso? Eu nunca o vi assim. Há um milhão de borboletas em minha barriga agora.

— Você... quer dançar comigo?

Arregalo os olhos em choque por seu convite e me pergunto se realmente ouvi certo.

— Você quer dançar? — questiono-o incrédula.

Ele sorri jogando a cabeça para trás, como se eu tivesse acabado de lhe contar uma piada e isso me faz pensar que ele estava apenas tirando uma com a minha cara.

Sinto vontade de jogar minha bebida em sua cara.

Ele percebe minha mudança de humor e desfaz o sorriso em seus lábios.

— Calma aí, pirralha! É claro que estou lhe convidando para dançar. — Ele faz um gesto para a pista de dança. — É meu aniversário, então... acho que você não pode me negar um pedido. — Sua voz é tão suave e seu olhar tem um brilho tão hipnótico, que eu não conseguiria dizer não nem se eu quisesse.

Ele estende a mão na minha direção e eu coloco a minha na sua sem hesitar.

Seus dedos são grandes e ásperos, fazendo cócegas em minha pele.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Andrew me guia entre as mesas até o centro da pista de dança.

Ele coloca uma mão em minha cintura, me puxando para junto de si, de uma forma que nossos corpos ficam grudados.

Mesmo estando de salto, Andrew ainda é muito mais alto que eu.

Seu queixo está batendo no alto da minha cabeça, enquanto meu rosto está praticamente enterrado na curva do seu pescoço.

Seu cheiro é incrivelmente inebriante. Do jeitinho que eu lembrava.

Sua outra mão está um pouco acima da cintura e seus dedos brincam com a pele exposta das minhas costas, deixando o local quente e arrepiado.

Coloco um braço em torno do seu pescoço e a outra mão em seu peito duro. Sinto cada batida do seu coração junto da palma da minha mão e juro que é a coisa mais incrível que já experimentei na vida.

Andrew me guia no ritmo da música com nossos corpos grudados enquanto desfrutamos de um momento íntimo e particular.

— Então... Está se divertindo com o almofadinha? — pergunta num tom zombeteiro.

Ergo minha cabeça para encarar seus olhos e fico paralisada por perceber o quanto seu rosto está perto do meu.

— Ele é legal.

Ele sorri de uma forma que faz as borboletas em meu estômago darem piruetas e isso me faz sentir o cheiro de álcool em seu hálito.

— Isso não é algo legal para dizer do seu acompanhante.

Reviro os olhos e volto a enterrar meu rosto em seu pescoço. Quero aproveitar esse momento por mais tempo, pois algo me diz que não terei a oportunidade de desfrutar disso tão cedo.

— Você está se divertindo com a sua? — Minha voz é áspera e eu não me importo que Andrew perceba meu mau humor.

Ele afasta-se de mim apenas o suficiente para que seus olhos possam me avaliar.

— Hanna sempre é uma boa companhia — responde com um sorriso irônico.

Reviro os olhos mais uma vez.

— Então por que não está com ela? — questiono-o irritada.

Andrew me olha por um longo momento. Seus olhos queimando nos meus faz com que eu me perca na confusão azul do seu olhar.

— Eu não sei — responde com a voz rouca e algo se acende dentro de mim. Sorrio satisfeita para sua resposta. — Não consigo acreditar que você saiu com aquele cara — resmunga ele irritado.

É a minha vez de sorrir. Essa versão bêbada de Andrew é bem confusa.

— Você saiu com a Hanna. Não vejo nada de mais nisso — digo sorrindo, apenas porque quero que ele fique com raiva.

Ele me aperta com mais força junto ao seu corpo.

Suas mãos apertando minha cintura com firmeza me faz recordar de momentos que eu deveria tentar esquecer.

— Eu vejo muito mal nisso, Allie — sussurra ele ao meu ouvido, fazendo-me ofegar.

Ele roça seu nariz na curva do meu pescoço e eu juro por Deus, que se ele não estivesse me segurando eu cairia no chão.

— Desculpe interromper o momento, mas seu acompanhante está lhe esperando no bar, Allie — diz a voz irritante de Hanna, me trazendo de volta a maldita realidade.

Andrew afasta-se de mim, como se ele também tivesse caído na real.

Solto ar que estava preso e olho para Andrew na esperança de que ele me diga alguma coisa. Mas ele nada diz. Apenas me olha como se estivesse tão confuso quanto eu estou.

— Obrigada pela dança — agradeço forçando um sorriso e faço meu caminho de volta para o bar, onde encontro um Nicholas sério.

— Desculpe por lhe deixar esperando — digo meio sem jeito.

Ele puxa seus lábios numa linha fina e continua me encarando. Permaneço

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

olhando para ele, esperando que fale alguma coisa. Quando ele não fala, resolvo puxar algum assunto, porque algo me diz que não gostou de me ver dançando daquela forma com o Andrew.

— O telefonema era importante?

Essa pergunta parece que lhe chama a atenção. Ele passa as mãos por seus cabelos e pede mais uma rodada de bebida antes de responder.

— Alguns imprevistos na empresa. Terei que voltar mais cedo do que esperava. — Ele parece exausto e irritado.

— Que pena! — Lamento ao saber disso. Por mais que ele seja um tanto irritante às vezes, foi bom conhecê-lo e eu realmente gostaria de saber mais sobre ele, logo porque, em breve, estarei voltando para casa e quem sabe em Nova York as coisas entre nós sejam diferentes.

Ele sustenta meu olhar e um pequeno sorriso nasce em seus lábios.

— Ficarei aqui até segunda. Gostaria de lhe ver amanhã. Levar você para conhecer minha fazenda e almoçar comigo.

Sorrio.

— Seria ótimo.

Conversamos mais um pouco enquanto tomamos nossas bebidas, no entanto meus pensamentos estão voltados para Andrew e nosso momento na pista de dança. Minha pele ainda está sob o efeito de seus dedos e tudo o que eu gostaria era voltar no tempo, apenas para ter aquela sensação maravilhosa

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

novamente.

Eu não sei o que sinto por ele. Eu não sei o que quero com ele, porém uma coisa é certa: a atração que sinto é muito forte e algo me diz que talvez ele sinta o mesmo, mesmo não demonstrando.

A sensação de ser tocada por Andrew é incomparável. Nunca me senti antes daquela forma e isso me deixa confusa.

Às vezes, ele fala e age como se importasse comigo, todavia é com Hanna que ele está comemorando seu aniversário. Ele nem sequer me convidou para participar dele. Eu não faço parte de sua vida ou círculo de amigos. Nossas vidas são completamente diferentes. Não consigo ver como isso daria certo.

Arrisco uma olhada para a mesa que eles estavam ocupando e não os vejo. Faço uma varredura e quando consigo visualizá-los, desejo que nunca tivesse procurado por eles.

É uma sensação estranha. Sinto-me como se de alguma forma estivesse sendo arrancado um pedaço de mim.

Andrew está beijando Hanna e eu não consigo desgrudar meus olhos dessa cena.

Eu não deveria me sentir assim, afinal, essa não é a primeira vez que ela o beija, mas isso parece errado depois do nosso momento minutos atrás.

Sinto como se uma bola estivesse presa em minha garganta, o que dificulta a saída do ar.

Pergunto-me se Andrew em algum momento sentiu o que eu havia sentido. Claro que ele não sentiu. Se tivesse sentido não estaria beijando outra praticamente na minha frente.

Eu me sinto tão patética por acreditar, mesmo que por um segundo, que ele poderia sentir pelo menos um terço do que eu sinto por ele.

Sinto as lágrimas ardendo em meus olhos. Eu não acredito que isso realmente está me afetando.

— Allie, você está bem? — Nicholas toca meu ombro com a mão. Obrigo-me a desviar os olhos daquela cena que acabou de me destruir e volto-me para ele.

Respiro fundo piscando algumas vezes antes de lhe responder:

— Na verdade... Acho que acabei bebendo demais. — Minha voz está rouca e arrastada. Sinto que estou prestes a cair aos prantos a qualquer momento. — Não estou me sentindo muito bem. Será que poderia me levar de volta para casa?

Nicholas faz que sim com a cabeça.

— Vou apenas pagar a conta.

Olho de relance para Andrew novamente e vejo um vislumbre de Hanna o seguindo entre a multidão de mãos dadas de volta para a mesa que estão seus amigos.

Eles estão sorrindo e Andrew está tocando-lhe a face de uma forma

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

carinhosa.

— Vou te esperar lá fora — digo num fio de voz e saio sem esperar que Nicholas me responda.

Quando o ar frio bate em meu rosto, eu solto a respiração que eu nem sabia que estava prendendo.

Estou ofegando e isso me deixa sonsa. As lágrimas rolam por minha face e tudo o que consigo fazer é tentar respirar.

A dor em meu peito é tão real. Não consigo recordar de uma vez sequer que eu tenha sentido algo dessa forma.

Quando encontro a caminhonete de Nicholas, apoio minhas duas mãos na lateral do carro e tento controlar minha respiração ofegante.

Eu preciso me recompor antes que Nicholas apareça.

Respiro fundo várias vezes até que por fim consigo ter controle total da minha respiração. Enxugo minhas lágrimas e digo a mim mesma, que isso vai passar. Eu preciso que isso passe.



O caminho de volta à fazenda é silencioso. Eu não falo nada o caminho todo e Nicholas não tenta puxar conversa. Tudo o que eu quero é poder chegar em casa e tomar algo bem forte para tirar aquela maldita cena da

minha mente.

— Você parece chateada — diz Nicholas quando para a caminhonete em frente à minha casa.

— Só bebi demais — digo olhando para ele.

Ele solta o cinto de segurança e se ajeita no seu assento.

— Ainda vamos nos ver amanhã?

— Claro! — respondo forçando um sorriso. Solto meu cinto e levo minha mão até a maçaneta do carro para sair, todavia Nicholas segura minha outra mão, fazendo-me parar.

— Eu realmente quero passar um tempo com você. — Sua voz é rouca e por mais que isso seja sensual, eu não consigo me conectar com esse homem à minha frente.

— Já disse que eu também. — Eu não estou certa se isso é verdade. Eu não sei se eu quero continuar a ver Nicholas. Eu não sei que quero continuar nessa fazenda. A única coisa que sei é que não quero ver Andrew com outra mulher.

Ele ergue a mão livre e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Você é tão linda. — Ele inclina-se na minha direção e eu sei exatamente o que virá a seguir se eu não o deter. Porém, eu não quero lhe deter. Eu preciso que ele faça isso. Preciso que ele me beije e me mostre que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

eu posso sentir tudo o que sinto quando sou beijada e tocada por Andrew. Mas nada acontece quando seus lábios tocam os meus.

Não há explosões e nem borboletas acrobatas. Não há arrepios e nem correntes elétricas em meu corpo.

Estou ciente de seus lábios macios movendo-se lentamente contra os meus. Estou ciente do gosto de uísque em sua língua, no entanto, é tão mecânico e sem graça que a única coisa que faço é me afastar dele após alguns segundos.

— Uau! — ele exclama com um sorriso satisfeito. — Isso foi melhor do que eu esperava.

Eu gostaria de dizer o mesmo, mas não posso. Acho que esse beijo foi tão sem graça que nem colocaria entre os melhores beijos que já dei.

Forço um sorriso.

— Nos vemos depois. — As palavras saem desmotivadas e realmente espero que ele não veja isso. Apesar de ser um tanto chato às vezes, ele parece que gosta da minha companhia. Não quero desapontar outra pessoa, mesmo que não o conheça há muito tempo.

Um sorriso nasce em seus lábios. Nicholas ergue a mão, colocando uma mecha do meu cabelo no lugar. Seus dedos tocam suavemente em meu rosto e eu espero que algo mágico aconteça. Espero que minha pele queime por causa do seu toque ou que eu sinta comichões em meu corpo, tremores e arrepios, mas nada acontece. É um gesto tão simples e sem graça, que me faz

querer chorar.

— Estou cansada e não me sinto bem. É melhor entrar agora. — Afasto-me do seu toque, porém permaneço no lugar.

Nicholas percebe meu estado de espírito e não tenta forçar a barra.

— Certo. Ainda posso te buscar para almoçar?

Volto-me para ele. Seus olhos me avaliam como se estivesse tentando me decifrar.

— Claro que sim. — Sorrio da maneira mais convincente possível.

Ele desce da caminhonete dando a volta até parar de frente a minha porta. Ele a abre e me ajuda a descer.

Agradeço com um meneio de cabeça e o deixo guiar-me até a porta.

— Muito obrigada por tudo. Eu me diverti muito. — De fato estava me divertindo. Houve momentos em que me esqueci de tudo, porém, tudo mudou quando tive a brilhante ideia de ir aquele bar idiota. Devia ter voltado para casa e evitado aquela cena ridícula.

A imagem de Andrew com Hanna ainda está viva em meus pensamentos e tenho que bloqueá-la a cada segundo que ela teima em surgir.

Ele segura minhas mãos e as leva aos lábios, depositando um beijo suave em ambas.

— Eu quem agradeço. Há tempos que não tenho uma noite tão agradável.

— Boa noite — despeço-me com um sorriso doce e entro antes que ele chegue à caminhonete.

Recosto-me à madeira da porta e respiro várias e várias vezes. O maldito nó está em minha garganta novamente e já não consigo conter as inúmeras lágrimas que molham meu rosto.

Eu não consigo entender essa confusão de sentimentos dentro de mim. Tudo o que sei é que me sinto completamente destruída.

Eu preciso fazer isso parar. Seja o que for, eu preciso desesperadamente que acabe.

Caminho em direção a sala. Sinto-me esgotada e ao mesmo tempo enérgica. Tudo que eu preciso agora é tomar uma bebida bem forte e tentar esquecer tudo o que estou sentindo.

Depois de três doses de uísque, ainda me sinto estranha em relação ao que vi no bar. Pensar em Andrew e Hanna juntos ainda me deixa... confusa. Sinto-me como alguém que teve um pedaço de seu próprio corpo arrancado. Com esse pensamento, chego à conclusão que já estou ficando bêbada. Todavia, ainda não tenho vontade de ir para o meu quarto, que por sinal é de frente ao ninho de amor dos dois pombinhos, que até agora não chegaram em casa. Talvez eles tenham decidido ir para um motel, se é que existem motéis aqui nesse fim de mundo. Mas se houver, que eles definitivamente tenham ido para lá. Não sei se conseguiria dormir, sabendo que a Hanna estará montando o Andrew como se ele fosse um... cavalo.

Bufo irritada e encho novamente meu copo, quando ouço a porta abrir-se. Gelo no meu lugar com o coração acelerado contra meu peito. As vozes dos dois são abafadas por risadinhas, que acredito que seja de Hanna. Andrew não soa como uma galinha.

Quando os dois entram na sala, eu tenho que me esforçar para não jogar meu copo recém-abastecido na cabeça de Hanna, que está entrelaçada em Andrew como uma cobra.

— Allie, eu pensei que já estivesse dormindo. — A voz de Andrew é grave, causando-me arrepios. Seus olhos estão um pouco vermelhos, porém isso não faz com que a intensidade de seu olhar seja apagada.

Ergo meu copo e forço um sorriso.

— Estava sem sono. Sirvam-se de uma bebida. — Tento manter a voz neutra e foco meu olhar apenas nos hipnóticos olhos azuis de Andrew.

— Na verdade, estamos indo para a cama. Estamos cansados — diz Hanna e, pela primeira vez desde que coloquei os olhos em Andrew, volto-me para ela. Seu olhar demonstra o quanto detesta minha presença. “Sinto muito, querida, a casa é minha”, digo mentalmente.

— Na verdade, eu aceito — diz Andrew, pegando-nos de surpresa.

Ele se desvencilha dos braços de Hanna e caminha até o bar no canto da sala e pega um copo.

Hanna assiste todos os seus movimentos, parecendo que está prestes a ter

um surto. Eu, sinceramente, gostaria de vê-la surtar, porém ela não o faz.

— Tudo bem. Vou estar no quarto lhe esperando — diz com um sorriso presunçoso nos lábios.

Sinto meu peito doer e me esforço para não sair da sala correndo. Não posso mostrar o quando me sinto afetada. Não na frente deles.

— Certo. Chego lá antes que você sinta minha falta — diz ele sorrindo de volta.

Os dois trocam sorrisos e Hanna segue em direção à escada.

Andrew pega a garrafa de uísque na mesinha de centro e coloca uma pequena dose.

Sinto como se a temperatura tivesse esquentado uns 40 graus quando ele se aproxima de mim, sentando-se ao meu lado.

— Então, você e o engomadinho estão apaixonados agora? — Suas palavras bem-humoradas me fazem olhá-lo sem entender. Há um sorriso em seus lábios, porém seus olhos estão focados em mim, estudando-me atenciosamente.

— Não — respondo de imediato e reviro os olhos. — Não mesmo.

Volto minha atenção para meu copo intocável e digo-me mentalmente para relaxar. É apenas o Andrew. O cara que você odiava e que quase transou com ele alguns dias atrás. Esse pensamento não vai me ajudar a relaxar.

— Vocês não ficam bem juntos. — A rouquidão de sua voz é como uma droga para minha sanidade.

Sorrio tristemente e levo o copo aos lábios, tomando um grande gole do líquido âmbar. O álcool já não deixa um gosto ruim em minha boca.

— Você e a miss Arizona também não — digo com sarcasmo.

— Talvez você tenha razão — diz com a voz baixa.

Ergo o olhar para encará-lo. Como as coisas mudaram tanto em relação a esse homem? Como passei de odiá-lo para desejá-lo?

— Qual é a relação de vocês? Quero dizer, estou aqui há meses e nunca vi vocês conversando por telefone ou você indo encontrar a Hanna, onde quer que ela esteja morando. Que espécie de relacionamento vocês têm? — Mantenho meus olhos atentos em Andrew, que me olha com tamanha confusão estampada na face.

Ele sorri e brinca com o copo em sua mão.

— Eu não sei. — Ele parece perdido ao dizer tais palavras. — Conheço-a desde que era criança. Crescemos juntos e... tivemos uma relação, que eu pensei que fosse durar para sempre, mas aí ela viu que aqui não era seu lugar e decidiu ir atrás de seus sonhos. — Ele mantém o olhar fixo na parede à sua frente, como se agora estivesse se dando conta de algo. — O Anthony tinha acabado de descobrir a doença quando Hanna tomou a decisão de ir embora. Ela queria que eu fosse junto, mas não podia deixar quem tanto me ajudou sozinho num momento tão difícil.

Sinto a pressão de suas palavras relacionadas ao meu pai em meu peito. Ele abriu mão da mulher que amava para cuidar do homem que lhe acolheu depois da trágica morte de seus pais. Ele abriu mão de uma vida, para fazer o papel que eu deveria fazer.

— Sinto muito que você tenha aberto mão de viver com ela em outro lugar por causa do meu pai. Quero dizer, eu devia estar aqui com ele — digo com tristeza. As lágrimas queimam em meus olhos e, dessa vez, não tento impedi-las de cair. — Eu realmente deveria ter estado aqui.

Andrew me olha atentamente.

— Não sinta. Eu fiz a melhor escolha que poderia fazer.

Sorrio com sua sinceridade e meu coração se enche de amor por esse homem que tanto fez pelo meu pai.

— Então, agora vocês têm um relacionamento a distância? — pergunto, fingindo estar surpresa. — Você não me parece o tipo de cara que namora à distância. — Empurro-o com o ombro, o que o faz rir mais alto do que esperava.

— Não sou, pirralha. — Ele me empurra de volta e é a minha vez de rir. — Sou bem convencional até. — Ergo uma sobrancelha, lançando-lhe um olhar duvidoso.

— Então, como você classifica esse seu relacionamento? Porque, vai por mim, vocês parecem estar em um — digo a última frase com a voz baixa. — A forma como você age quando está perto dela, como olha para ela... Ela

deve ser muito importante para você.

Volto meu olhar para ele.

Andrew me dá um pequeno sorriso.

— Não rotulamos o que temos. Se estamos longe um do outro, estamos livres, mas se estamos perto, não há nada que impeça que nos veja.

Arregalo os olhos surpresa por sua sinceridade.

— Então, tecnicamente, você não se importa que ela durma com outros caras?

Ele sorri e balança a cabeça negativamente.

Estou ainda mais surpresa agora.

— Para alguém que se julga convencional, você é bem liberal.

Ele respira fundo, e coloca o copo na mesinha de centro, antes de deslizar suas mãos por seus cabelos. É um gesto simples e, ao mesmo tempo, tão sensual, que por um segundo me perco completamente.

— Se estivéssemos em um relacionamento, eu gostaria de exclusividade total, mas não se trata disso. Somos adultos e livres, podemos ficar com quem quisermos. O fato de estar hoje com a Hanna, não significa que eu ainda a ame. — Andrew mantém seus olhos em mim, como se, de alguma forma, ele esperasse que eu acreditasse nas suas palavras. Sinceramente? Eu acredito. Acredito em tudo o que ele falou. — A Hanna sempre será importante para

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mim. Mas o que tivemos no passado acabou no momento seguinte que ela saiu da fazenda.

Sinto uma fagulha de esperança nascer dentro de mim. Talvez eu ainda tenha a chance de lhe provar que não sou a pessoa horrível que ele acredita que sou.

— Isso explica tudo — digo com ironia. Ele me olha sem entender. — Você e todas as noites em que não está em casa. Está na cara que é mulher.

Ele sorri amplamente.

— Por que diz isso? Acha mesmo que sou do tipo mulherengo?

Reviro os olhos.

— Olha para você, Andrew. Você é jovem, rico e muito quente. As mulheres devem viver se jogando em você.

— Bem, em partes você está certa, mas isso não significa que eu saio por aí transando com qualquer uma.

— Eu não quis dizer isso. — Mordo o lábio e coloco uma mecha solta do meu cabelo atrás da orelha. — Mas isso explica as noites que você passou fora.

— Anda me espionando, pirralha? — pergunta sorrindo.

— Claro que não, idiota! Mas se você não percebeu, dormimos em quartos que ficam um de frente para o outro — respondo de imediato, ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

fazendo-o sorrir ainda mais. — Escuto quando você volta para casa.

Seu olhar agora é sereno, me passando uma tranquilidade assustadora.

— Isso significa que você fica me esperando chegar? — Não é uma pergunta maldosa, tampouco acusatória. Sinto como se ele de fato gostaria que eu lhe dissesse que sim. Todavia, eu não o faço. Seria embaraçoso demais se dissesse a verdade. Porque sim. Eu o espero chegar em casa. É uma tortura não saber se ele vai ou não passar a noite fora.

— Isso significa que você faz muito barulho quando chega. Devia começar a pensar nos seus vizinhos — brinco, sorrindo.

Andrew baixa o olhar e sorri; um meio sorriso que me faz questionar tudo.

— Você vai voltar a vê-lo? — Ele ergue os olhos em minha direção, fazendo meu coração explodir no peito.

— Sim — respondo, simplesmente, porque eu não sei o que ele gostaria que eu lhe dissesse.

— Por quê? — questiona-me sem entender e eu me pergunto se ele ainda está bêbado.

Dou de ombros e sorrio.

— Eu me sinto muito sozinha aqui. Ele é uma pessoa legal e quer passar mais tempo comigo.

— Você não está sozinha — diz com convicção. — Você tem a mim e a
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Nana. Não precisa daquele playboy. — A forma como ele usa as palavras, dizendo que eu o tenho, deixa-me triste porque isso é uma mentira. Ele me odeia e o fato de estar aqui, agora, despejando toda essa conversa em cima de mim, é porque ele já excedeu o limite da bebedeira.

— Isso não é verdade. Você me odeia — digo com a voz baixa.

Ele lança um olhar confuso em minha direção.

— Não é bem assim. — Andrew pega seu copo da mesinha e toma um pouco da sua bebida esquecida, mantendo seus olhos agora voltados para a parede. — Talvez na maioria do tempo. — Ele volta-se para mim. — Mas não agora. — Sua voz falha no último momento. Sinto todo o meu corpo se aquecer com a sua confissão. Ele ergue a mão livre, tocando uma mecha do meu cabelo. Seus dedos longos e ásperos tocam minha pele, fazendo-me ofegar. Tudo o que quero agora é sentir seus lábios nos meus, suas mãos em meu corpo. Todavia, eu sei que é errado. Há outra mulher esperando por ele.

— Acho melhor você ir — digo, mesmo que parte de mim queira desesperadamente que ele fique comigo.

Minhas palavras lhe tiram do transe. Andrew afasta-se de mim, sem deixar de me encarar.

— Você tem razão — diz, com a voz baixa. Meu coração comprime em meu peito. E me amaldiçoo por deixá-lo ir.

— Boa noite — digo, forçando um sorriso.

Andrew demora um pouco para responder. Ele continua sentado, com seu olhar preso ao meu. Sinto como se ele estivesse travando uma batalha consigo mesmo.

— Tenha uma boa-noite, Allie — diz depois de alguns segundos. Ele ergue-se do sofá e vai embora sem olhar para trás.



Dormir no meu quarto é uma missão impossível, então optei por procurar outro que fosse o mais distante possível do ninho de amor de Andrew.

O antigo quarto do meu pai é no fim do corredor. A princípio, achei que fosse uma ótima dormir aqui. No entanto, agora que estou rodeada por coisas que pertenciam a ele, sinto que isso foi uma péssima ideia.

O quarto é diferente dos demais; maior e mais significativo. Os móveis são todos em tons escuros. A cama está localizada no centro e há uma escrivaninha perto da janela. A grande estante se estende do chão ao teto e está coberta por diversos livros. Pergunto-me se meu pai chegou a ler todos os títulos. O ambiente está limpo e há uma fragrância amadeirada no ar, como se Anthony tivesse acabado de estar aqui.

Fotos de mim quando criança enfeitam o ambiente, deixando-me desorientada e confusa. Não o conhecia verdadeiramente, todavia, estando

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

aqui agora, no seu lugar particular, consigo enxergar o quanto ele me amava.

Na antiga casa que dividia com minha mãe, ela não costumava enfeitar o lugar com fotos nossas. Acho que foi rara às vezes em que ela posou para uma foto ao meu lado. Diferente daqui. Anthony parecia que idolatrava minha imagem.

Sinto as lágrimas embaçarem minha visão. Sinto-me tão culpada por tê-lo abandonado. Por não ter estado ao seu lado no momento mais difícil de sua vida. Não consigo nem imaginar o quanto ele precisou de mim e eu estava ocupada demais lhe odiando.

Pego uma foto, onde meu pai me segura em seus braços, e a avalio. Não consigo recordar quando foi esse dia, no entanto, consigo lembrar-me de como era ser pega no colo por ele. Da forma como ele costumava me girar no ar ou me colocar em seu pescoço.

Consigo me recordar da segurança que seus braços me davam.

Carrego a foto comigo até a imensa cama. Deito-me, segurando-a forte contra o meu peito.

Eu daria tudo para ter uma segunda chance com o meu pai. Eu daria tudo para voltar no tempo e passar todos os segundos ao lado da única pessoa que me amou incondicionalmente.

Enquanto as lágrimas rolam molhando minha face, me pego buscando no mais íntimo da minha memória lembranças já esquecidas de dias em que fui realmente feliz nesse lugar.



Abro os olhos desorientada. O lugar está escuro e a cama é estranha.

Sinto-me aterrorizada a princípio, porém as lembranças da noite passada voltam a minha mente.

Estou no quarto do meu pai, no lugar que durante meses evitei entrar.

Ainda estou segurando o porta-retratos contra meu peito.

É um novo dia. Eu preciso levantar e enfrentar o casal feliz novamente.

Esse pensamento me faz querer passar o dia todo trancafiada no meu mais novo esconderijo, no entanto eu não posso. Já me escondi demais. Está na hora de mostrar que não sou mais aquela garota mimada que chegou aqui meses atrás. Preciso mostrar que mudei e que estou disposta a ser uma pessoa melhor.

Respiro fundo e ergo-me da cama. Coloco a foto no seu lugar e dou uma última olhada no quarto antes de sair.

O corredor está vazio e não há nem um sinal de Andrew ou de Hanna à vista, quando chego ao meu quarto.

Por alguma razão, sinto-me estranha nesse lugar, todavia, não me permito pensar nessas coisas agora. Já passam das nove da manhã. Preciso tomar um banho e sair. Não consigo ficar mais um minuto sequer nesse lugar.



Após o banho, visto uma roupa leve. Um short jeans curto e uma camiseta preta. Calço botas pretas cano curto sem salto e amarro meus cabelos num rabo de cavalo.

Deixo a maquiagem leve; apenas lápis de olho e um pouco de batom. Não estou no meu melhor momento, porém me sinto bem para sair de casa e fazer uma caminhada.



— Não vai tomar café? — pergunta Nana, quando entro na cozinha.

A mesa está posta e pelo que parece, ninguém ainda tocou na comida.

— Sim — respondo sem entusiasmo ocupando meu lugar à mesa. — Andrew já tomou café? — pergunto como quem não quer nada.

Nana coloca uma xícara de café fumegante à minha frente e me deleito do aroma forte que eu tanto amo.

— Acordou cedo e foi levar minha filha à cidade — responde tristemente.
— A propósito, ele me perguntou se você não tinha dormido em casa e eu não entendi por quê.

Levo a xícara aos lábios e tomo um pouco do meu café, enquanto analiso
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

o que Nana acabara de dizer. Por que Andrew pensaria que não dormi em casa? Resolvo deixar essa questão de lado, pois me sinto feliz por não ter que aturar aquela fulana mais um dia, no entanto, não posso deixar de ficar triste por Nana. Ela deve sentir muita falta da filha.

— Queria que ela largasse essas ideias doidas e voltasse para a fazenda.
— Ela me olha como se estivesse esperando que eu lhe dissesse algo, mas eu não sei o que ela gostaria que lhe dissesse. A ideia de ter Hanna aqui não me agrada, mas nem morta direi isso em voz alta. — O lugar dela é aqui com a família e o Andrew.

Sinto uma fígada em meu peito ao ouvir o nome de Andrew. Ele me garantira na noite passada que já não a amava mais. Será que ele estava mentindo?

— Não podemos traçar o destino dos nossos filhos — digo distraidamente, enquanto corto um pedaço de bolo.

— Seu pai traçou o seu. — Não há raiva em suas palavras, apenas tristeza.

Sorrio e dou de ombros.

— Há controversas, Nana. Não estaria aqui se tivesse escolha.

— Sempre temos escolhas, filha.

Respiro fundo e baixo o olhar. Não consigo entender como a conversa mudou de Hanna para mim, num segundo, no entanto, sinto que não tenho escolhas, a não ser abrir o jogo com a única pessoa que parece se importar

comigo agora.

— Acho que se tivesse escolhas agora, não escolheria ir embora. Sinto que estou descobrindo uma parte de mim que eu não conhecia.

— Isso é bom? — pergunta confusa.

Faço que sim com a cabeça e estendo as mãos em sua direção.

— Muito.

Nana segura minhas mãos nas suas e senta-se à minha frente.

— Me sinto mais humana. Viva. Como se, enfim, conseguisse enxergar as coisas como elas são.

Nana sorri e uma lágrima rola por sua face.

— O seu pai tinha muito orgulho de você.

— Nunca fiz nada para dar orgulho a alguém, mas eu gostaria de fazer agora. Gostaria de ser a pessoa que o meu pai queria que eu fosse.

Ela aperta minha mão, sem tirar os olhos de mim.

— Você já é.



O dia está agradável. O sol está brilhante e o clima é perfeito para passear e fotografar a paisagem, todavia me sinto cansada e deprimida. Não tenho ânimo para nada, então opto por simplesmente sentar-me em uma cadeira na varanda e ver o tempo passar se arrastando como uma tartaruga.

Andrew ainda não voltou e já é quase hora do almoço.

Gostaria de ter o carro do meu pai a minha disposição. Ficar trancada nessa fazenda está me enlouquecendo. Se, pelo menos, eu ainda soubesse montar, poderia ir até a cidade. Mas faz tanto tempo que não chego perto de um cavalo, que tenho certeza de que precisarei de muitas aulas para saber subir nele novamente.

Recosto-me à cadeira na varanda e fecho os olhos, deixando que a calmaria tome conta de mim.

Sempre estive tão irritada com tudo a minha volta, que não me permitia relaxar e aproveitar essa paz que só esse lugar traz, porém, agora é diferente; enfim, consigo me permitir gostar desse lugar e aproveitar tudo o que ele me oferece.

— Pensei que não tivesse dormido em casa. — A voz profunda de Andrew me traz de volta à realidade. Meu coração dá piruetas no peito e tenho certeza de que há borboletas fazendo nado sincronizado em meu estômago. Abro os olhos, nervosa, e me deparo com um Andrew lindo à minha frente. Ele está usando sua costumeira calça jeans velha; justa em seu corpo. Uma camiseta branca e um camisão azul. Seu chapéu está em sua cabeça, fazendo sombra sobre seus olhos. Ele é a verdadeira visão de um fetiche de cowboy. Engulo em seco, sem conseguir desviar os olhos dele. A

forma como sua camiseta está grudada em seu peito largo é tão sexy, que tudo o que consigo imaginar é minhas mãos traçando cada detalhe de sua pele, até memorizar cada pedacinho em minha memória.

Uma risadinha rouca escapa de seus lábios me tirando do transe. Pisco algumas vezes e obrigo-me a olhá-lo nos olhos, todavia é um erro; seus olhos estão em um tom de azul de tirar o fôlego e há tanta intensidade na forma como ele me olha, que me sinto tonta e sem ar.

— O que disse? — pergunto, forçando minha voz a sair normal.

Ele tira o chapéu. Seus cabelos caem sobre sua testa, numa verdadeira bagunça sexy de cachos castanhos.

— Perguntei se você dormiu em casa.

— Ah! — É a única frase que consigo formular, porque estou tão concentrada no seu olhar que não sei direito como usar as palavras. Eu sei que tenho que lhe responder algo, antes que ele me chame de retardada ou coisa pior, todavia não consigo. Devo mesmo ser retardada.

— Então? — Há impaciência clara em sua voz e não tiro sua razão. Estou me comportando feito louca e a culpa é toda dele. Se Andrew não tivesse colocado a miss Arizona dentro do seu quarto, talvez eu tivesse dormido direito.

Passo as mãos por meus cabelos e respiro fundo.

— Claro que dormi. Por que pergunta isso? — Ergo uma sobrancelha e

ajeito meu corpo na cadeira.

Andrew dá de ombros e desvia o olhar, fixando em algum ponto invisível atrás de mim.

— Passei por seu quarto mais cedo e você não estava. A Nana disse que você não tinha saído com o almofadinha, então... — Ele volta-se para mim e seu olhar está um pouco distante. — Pensei que talvez você tivesse passado a noite fora.

Abro a boca para falar, no entanto as palavras ficam presas em minha garganta. Não sei se o insulto por estar xeretando minha vida ou se me sinto feliz por ele estar fazendo isso.

Não consigo conter uma risadinha bem-humorada, o que deixa Andrew confuso.

— O que foi, pirralha? Por que está rindo? — questiona-me sério.

Mordo o lábio na esperança de conter o riso, mas é impossível.

— Não é nada, Andrew. É só que... não sabia que minha vida particular lhe interessava — respondo, quando enfim consigo conter meu riso.

Andrew passa a mão livre sobre seus fios rebeldes.

— Não me interessa — diz com indiferença.

— Não devia mesmo — digo, irritada por sua teimosia. — Foi você quem dormiu com uma mulher ontem à noite. Eu não questiono você sobre seus
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

malditos casinhos. — Ergo-me da cadeira e cruzo os braços na frente do meu corpo.

Andrew parece chocado com minhas palavras. Ele desliza novamente sua mão sobre o cabelo, puxando-os um pouco. Esse simples gesto demonstra sua irritação.

— Eu não dormi fora de casa, Andrew. Mas se por acaso tivesse feito isso, não seria da sua conta.

Ele contrai a mandíbula furioso por minhas palavras. Seus olhos me encaram intensamente. Se eu não estivesse chateada com ele, com certeza estaria morrendo de medo da forma como ele me avalia.

— O que quer dizer com isso? Que você pretende dormir com aquele...

— Nicholas, Andrew. Nicholas é o nome dele — digo com mais raiva ainda, se é que isso pode ser possível. — E sim. Eu pretendo dormir com ele — minto, apenas para lhe irritar. Se fosse em outra época, com certeza eu dormiria, mas não agora.

Seus olhos escurecem e ele dá um passo em minha direção. Seu corpo está próximo ao meu. Uma montanha de músculos bloqueia meu caminho. Sei que deveria dar um passo para trás. Seria sensato da minha parte tentar me afastar dele, todavia, meu corpo não obedece aos meus comandos. Seu cheiro atinge-me em cheio. Seu perfume amadeirado embriaga-me. Sinto que meu coração pode saltar pela minha boca a qualquer segundo. Ele está tão perto que consigo sentir sua respiração em meu rosto. Não há mais raiva em seu olhar. Tudo o que consigo ver é um brilho de luxúria no azul dos seus olhos.

Tento respirar, todavia sinto como se fosse a coisa mais difícil que eu poderia fazer agora.

— Não repita isso nunca mais — diz com a voz rouca. Ele ergue uma mão e toca meu rosto. Minha pele aquece de imediato e meu coração bate a mil contra meu peito. — Eu não... — Andrew fecha os olhos com força enquanto seu peito sobe e desce.

Engulo em seco e cubro sua mão com a minha, mantendo-a no lugar.

— O quê? — pergunto baixinho.

Ele abre os olhos e me fita com ternura, desejo e algo mais.

— Não suporto a ideia dele te tocar — responde num fio de voz, como se dizer tais palavras tivesse lhe custado muito.

Meu coração enche-se de alegria e ao mesmo tempo de dor. Como ele ousa me dizer isso, quando havia passado a noite com outra mulher?

Deixo minha mão cair ao lado do meu corpo e me afasto dele, incapaz de continuar tão perto.

— Eu não sei o que você está planejando Andrew, mas não vou cair nesse seu joguinho novamente — pigarreio, tentando desfazer o nó que se formou em minha garganta.

Ele sorri sem entender.

— Do que você está falando?

Mordo o lábio e desvio o olhar por um segundo antes de lhe responder:

— Você vem me dizer isso agora? Sério isso? Você acabou de dormir com outra pessoa! — grito. — Não venha com essa de que você se importa comigo, pois não cola. — Respiro fundo, sentindo-me exausta. — Eu vi a forma como você olhava para ela a noite toda. A forma como você a tocava e beijava, então não me venha com essa. Não finja que sente algo por mim.

Ele abre a boca para falar, porém nesse momento é interrompido pelo som da caminhonete de Nicholas, que para em frente à casa.



Andrew olha para o local onde a caminhonete acabou de estacionar e volta-se para mim.

— O que, porra, ele está fazendo aqui? — questiona-me num rosnado baixo.

Olho de relance para Nicholas, que caminha em nossa direção, e volto-me para Andrew com um sorriso nos lábios, recordando-me de que havíamos combinado na noite anterior que iríamos passar o dia juntos em sua fazenda.

— Não que seja da sua conta, mas ele vai me levar para conhecer a fazenda dele.

Andrew estreita os olhos furioso e lança um olhar mortal para Nicholas, que está bem próximo de onde estamos.

— Allie — Nicholas diz o meu nome alegremente, quando enfim para ao meu lado.

Abro meu melhor sorriso, ignorando Andrew completamente.

Ele estende a mão em minha direção e eu pouso a minha sobre a sua.

— Nicholas — pronuncio seu nome da forma mais sensual que posso, apenas para irritar Andrew, que nos observa ferozmente.

Nicholas leva minha mão à boca, depositando um beijo suave na mesma.

— Está radiante essa manhã — diz de forma sedutora piscando um olho na minha direção.

Pelo canto de olho, vejo Andrew revirar os olhos como se a cena estivesse lhe entediando.

Mordo o canto da boca para não soltar uma gargalhada.

— Obrigada. Você é muito gentil.

Ele sorri novamente e como se agora que tivesse notado que existe uma terceira pessoa na varanda, Nicholas volta-se para Andrew, que está impassível de braços cruzados enquanto nos assiste.

— Me desculpe, não te notei aqui — diz Nicholas com um sorriso fingido.

As feições de Andrew se retorcem de ira e eu ignoro o impulso de me colocar na frente de Nicholas para impedir que Andrew lhe dê um soco,

todavia, ele está pedindo exatamente por isso.

Nicholas estende a mão na direção de Andrew com seu melhor sorriso de inocente.

— Adam, certo?

Andrew descruza os braços e lhe lança um olhar mortal; um olhar que diz para que ele cale a boca antes que lhe quebre a cara.

— É Andrew, Nicholas — respondo, me colocando em sua frente.

Andrew volta sua atenção para mim. Seus olhos adquirem um tom escuro, quase sombrio.

— Desculpe, sou péssimo para guardar nomes — diz Nicholas com uma risadinha, fazendo com que eu desvie minha atenção de Andrew.

— É melhor irmos — digo apressada.

Volto-me para Nicholas, que parece satisfeito com minha sugestão.

— Ótima ideia. — Ele sorri novamente e eu tento controlar o impulso de revirar os olhos. Se ele der mais um sorriso irritante desses, é bem capaz que eu grite.

Andrew continua parado em nossa frente; a expressão séria e o olhar frio. Sinto um aperto no peito. Queria poder decifrá-lo. Saber o que se passa em sua cabeça. Gostaria de saber por que ele age de tal forma.

Nicholas cola uma mão em minha cintura e me guia até seu carro.

Ele abre a porta do passageiro para mim e a fecha em seguida. Quando ele se acomoda em seu banco e liga a ignição, arrisco uma última olhada para Andrew. Nossos olhares se cruzam e, mais uma vez, gostaria de poder decifrá-lo.



A fazenda fica a alguns quilômetros de distância. Poucos menos de vinte minutos e já estamos dentro de suas propriedades. Os poucos minutos que passei confinada em sua caminhonete, ouvindo um rock clássico ridículo e tendo que ouvir seus comentários sem graça a respeito de Andrew, me deixou catastrófica. Tudo o que eu queria era descer do seu carro e respirar um pouco de ar puro, e é exatamente isso que eu faço, assim que ele estaciona seu carro em frente a imensa casa de dois andares; desço apressada do carro, fechando a porta e puxo uma quantidade exagerada de ar. Sinto-me exausta, irritada e arrependida por ter saído de casa. Nicholas é um cara legal, todavia quando se trata de Andrew, ele é arrogante e mesquinho. Por mais que eu também tenha agido de tal forma a seu respeito, não suporto ver alguém que nem o conhece, agindo dessa forma.

— Você está bem? — pergunta ele, parando ao meu lado.

Respiro fundo novamente e arrumo meus cabelos.

— Sim. Está um pouco quente. — Forço um sorriso e olho em volta. O lugar é realmente lindo. Há uma fonte de água com um imenso anjo de asas

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

abertas em frente à grande casa branca de dois andares. Tudo aqui parece exageradamente lindo.

— Uau! — exclamo admirada. — É linda.

Nicholas dá de ombros, como se ele não se importasse com o lugar e de fato eu acho que ele não se importa.

— Venha, vamos fazer um tour pela fazenda. — Ele estende a mão em minha direção, um sorriso encantador brincando em seus lábios. Sorrio enquanto o deixo me conduzir pela fazenda.

Ele me mostra a casa, que é tão linda por dentro quanto por fora.

O moderno e o antigo se misturam na decoração, dando à casa uma elegância primordial.

A parte de baixo comporta um hall de entrada, três salas: sala de estar, jantar e de jogos. Uma biblioteca de tirar o fôlego e uma cozinha três vezes maior do que a da minha própria fazenda. A parte de cima tem dez quartos com suítes e uma sala com sofás brancos de couro, em frente a uma imensa varanda com vista para o jardim e a piscina.

— É realmente tudo muito lindo! — exclamo com admiração.

— Minha família sempre gostou do bom e do melhor. Eu particularmente nunca gostei desse lugar. Não entendo por que o meu pai voltou atrás em sua escolha de se manter distante daqui.

Olho para ele pasma. Como ele consegue não ver os motivos do pai querer

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

voltar para cá? Esse lugar é um verdadeiro paraíso.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, Nicholas passa as mãos por seus cabelos negros e sorri.

— Vamos lá, Allie, pelo que me falaram você também não é fã da vida no campo. Por que me olha como se eu estivesse blasfemando contra Deus?

Abro a boca para falar, no entanto estou chocada com suas palavras. Quem ele pensa que é para fazer suposições a meu respeito com base do que falam sobre mim?

Seu sorriso se desfaz.

— Desculpe, eu não quis ofender.

— Claro que não quis — digo com arrogância. — As pessoas costumam falar demais, Nicholas. Não devia dar ouvidos a tudo o que lhe dizem.

Ele segura minha mão e me conduz para o andar de baixo.

— Não fique irritada, linda. Foi apenas um comentário. — Ele me olha por sobre o ombro, enquanto caminhamos para o jardim, onde tem uma mesa posta para dois perto da piscina.

Apesar da irritação, tento me manter normal. Eu, mais do que ninguém, sei que é possível sim, fazer suposições sobre alguém sem conhecer. Foi assim com o Andrew e com o meu pai. Eu os odiava por coisas que nunca existiram.

Nicholas puxa uma cadeira para que eu possa me acomodar e, em seguida, ocupa o lugar vazio a minha frente.

A mesa posta para duas pessoas está impecável, com direito a uma rosa vermelha e tudo. Está tudo quase perfeito. Quase...

Dentro de mim uma voz grita, me dizendo que estou no lugar errado com a pessoa errada, no entanto, olhando para o homem lindo à minha frente, ignoro essa maldita voz, pois sei o quanto ela está certa e admitir isso me faz sentir uma sensação estranha dentro do peito.

— Não sabia o que você gostava de comer, então optei por algo simples.
— Ele sorri, estendendo sua mão sobre a mesa, pousando em cima da minha. Espero sentir alguma coisa com esse simples contato, todavia não sinto nada. Minha pele não queima sobre o seu toque, nem meu corpo estremece, minha cabeça não dá voltas e meu coração não dispara. Nada disso acontece com Nicholas, no entanto, sinto tudo isso em apenas estar no mesmo lugar que Andrew.

Sinto um aperto no peito ao pensar nele. Recordo seu olhar quando me viu partir com Nicholas mais cedo e, mais uma vez, sinto-me prestes a pirar com a minha falta de capacidade de entendê-lo.

— Allie? — A voz de Nicholas me traz de volta dos meus devaneios. Pisco várias vezes tentando afastar a imagem de Andrew e forço um sorriso.

— Desculpe. Eu não dormi bem noite passada.

Ele aperta minha mão carinhosamente, fazendo meu corpo ficar tenso.

— Perguntei se você vai dar continuidade ao haras.

Levo alguns segundos para entender sua pergunta. Não faço a mínima ideia do que ele está falando e, pelo seu sorriso sem jeito, Nicholas entendeu isso.

— Você não sabe do que eu estou falando, certo?

Liberto minha mão do seu aperto e as coloco sobre o colo, bem longe do seu alcance, antes de responder:

— Não. Na verdade, não me coloquei a par dos negócios do meu pai. O Andrew que toma conta dessas coisas.

Um pequeno sorriso cheio de sarcasmo nasce em seus lábios bem esculpidos.

— Não estou querendo me intrometer, mas não acho prudente da sua parte entregar os negócios da fazenda nas mãos daquele peão.

Ergo uma sobrancelha e o encaro como se estivesse interessada em sua conversa.

— Pelo que fiquei sabendo, Adam é apenas o filho dos empregados que morreram quando ele era pequeno. Esse cara é apenas um interesseiro que quer se apossar de seus bens. Eu vi a forma como ele se comporta. Ele age como se aquele lugar fosse dele.

— É Andrew — digo rispidamente interrompendo-o. — E ele não era filho de simples empregados que morreram. Ele era filho de amigos do meu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pai. Sim, eles trabalhavam para o Anthony, no entanto, isso não significa que o meu pai lhes tratava como inferiores. E outra, o Andrew não é interesseiro. Ele foi como um filho para o meu pai. Ele cuidou e amou o Anthony incondicionalmente, portanto, ele é tão dono daquela fazenda quanto eu, talvez mais. — Respiro fundo e me ergo da cadeira. — Não o julgue, Nicholas. Não crie uma imagem dele sem saber de tudo o que ele passou. Ele não é um aproveitador. — Sinto meu sangue ferver em minhas veias. Dou-lhe as costas e caminho em direção a saída.

— Allie, espere! — grita Nicholas vindo atrás de mim.

Continuo andando, ignorando seus chamados. Sinto-me exausta. Tudo o que eu quero é poder voltar para casa.

Ele segura meu pulso fazendo-me parar.

— Me solta! — digo entredentes, puxando minha mão.

Ele dá um passo para trás e ergue as mãos em sinal de rendição.

— Desculpe se disse algo que lhe chateou. Eu só estava dando um conselho.

— Nos conhecemos há poucos dias. O que lhe leva a pensar que eu preciso de seus conselhos? Ou melhor, o que lhe leva acreditar que sabe algo a respeito de mim ou do Andrew?

Ele abre a boca para falar, no entanto eu o interrompo.

— Se tem alguém aqui que só pensou no dinheiro do meu pai, essa pessoa

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

fui eu! — Cuspo as palavras como se fosse veneno. — Eu odiava esse lugar. Eu abominava. Só vim para cá porque foi uma exigência do meu pai no testamento, caso contrário tudo seria de Andrew, cujo nome estava no testamento sem seu consentimento. Ele, ao contrário de mim, nunca quis nada do meu pai, então sim. Eu posso confiar tudo que será meu nas mãos do Andrew, porque sei que ele cuidará de tudo melhor do que eu ou qualquer outra pessoa. — Respiro fundo, passando as mãos por meus cabelos. Sinto-me como se, de certa forma, tivesse tirado um pouco da carga que estou carregando nos ombros. Nunca falei a respeito disso com ninguém e usar todas essas palavras em alto e bom som é libertador. — Ele merece tudo aquilo mais do que eu. Ele foi para o meu pai tudo o que eu nunca fui, pois estava ocupada demais sendo um ser humano desprezível. — Volto meu olhar para Nicholas, que me olha como se tivesse nascido uma segunda cabeça em meu pescoço.

— Será que você poderia me levar de volta para casa? — pergunto com a voz mais controlada.

Ele leva alguns segundos para responder:

— Claro.

O caminho de volta para casa é dez vezes pior do que na ida para sua fazenda. A tensão entre nós dois paira na cabine da caminhonete, deixando a sensação de que é quase impossível respirar.

— Não pensei que ele fosse importante para você — diz ele por fim, quebrando o silêncio quando estaciona o carro em frente à minha casa.

— Não é — minto, olhando pela janela.

Ele deixa escapar uma pequena risada.

— Deu para ver, Allie. Você se importa com ele.

Volto-me para ele.

— Só não gosto que falem dele como se o conhecessem. Eu fiz isso por muito tempo e hoje vejo como estive errada. Ele é um homem bom. Não importa quantas pessoas venha me dizer o contrário, eu sei quem é Andrew Scott e o meu pai também sabia.

Ele morde o lábio, deslizando as mãos por seus cabelos.

— É uma pena que nosso “almoço” tenha acabado assim.

Respiro fundo, sentindo-me de certa forma culpada por ter deixado meu instinto de proteger Andrew falar mais alto. Eu sei que exagerei um pouco, no entanto, não há outro lugar no mundo onde eu gostaria de estar, senão aqui: na minha casa.

— Desculpe. Tudo isso... — Faço um gesto apontando de mim para ele.
— Não ia rolar de qualquer forma. Você está indo embora e eu vou continuar aqui.

Ele segura minhas mãos, mantendo seus olhos presos nos meus.

— Você não ficará aqui para sempre. Sei que em breve você vai voltar para casa, então, quem sabe não possamos começar novamente?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sentindo-me patética por estragar uma tarde que poderia ter sido maravilhosa, dou-lhe meu melhor sorriso de arrependimento.

— Sinto muito de verdade. Eu... acho que estou sobrecarregada e acabei descontando em você. Quando eu voltar para Nova York, eu te pago um almoço no meu restaurante favorito.

Soltando uma de minhas mãos, ele usa a mão livre para colocar uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Não vejo a hora disto acontecer. — Ele sorri, à medida que se inclina sobre mim. Seus lábios cobrem os meus e, mais uma vez, eu espero sentir pelo menos a menor faísca dentro de mim, porém nada acontece. Seus lábios são desconhecidos e não tem sincronia com os meus. Quando ele se afasta, sinto-me aliviada.

— Foi um prazer lhe conhecer.

Sorrio novamente e saio do carro.

— Allie! — chama Nicholas antes que eu comece a me afastar.

Dou a volta no carro até o lado do motorista.

— Quando voltar para Nova York, me liga. — Ele estende um cartão na minha direção. — Tem o telefone da minha empresa e o meu número pessoal.

Pego o pequeno cartão preto de sua mão.

— Eu ligarei.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Dezesseis

Observo Nicholas afastar-se, enquanto me pergunto se em outro tempo, eu estaria feliz por tê-lo conhecido. Sinto-me tão diferente de quem eu era antes de vir para cá, que não consigo me imaginar com alguém como ele ou mesmo como o Kevin.

Respiro fundo e guardo o pequeno cartão no bolso de trás do meu short. Agora tenho algo mais importante para lidar. Preciso saber do que o Nicholas estava falando quando se referiu a construção de um haras.

Quando dou as costas para a estrada, para caminhar em direção a minha casa, meus olhos encontram-se com expressivos olhos azuis. Meu coração dá um salto no peito como sempre acontece quando o vejo. Minha pele aquece, apenas por estar perto dele, e o ar fica preso em meus pulmões, deixando-me com dificuldades para respirar.

Andrew está parado de braços cruzados no último degrau da pequena
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

escada que leva a varanda.

Seus olhos azuis estão fixos em mim com uma expressão indecifrável.

Respirando fundo, obrigo minhas pernas a fazerem o percurso até ele.

— O passeio foi rápido — diz com ironia.

Reviro os olhos quando subo o último degrau.

— Por que não me falou a respeito da construção do haras? — questiono-o sem rodeios.

Seu olhar passa de indecifrável para surpreso. Ele descruza os braços e enfia as mãos nos bolsos da frente de sua calça.

— Não achei que isso fosse de sua conta. Você nunca se mostrou interessada a respeito de nada que tivesse a ver com a fazenda — diz sem emoção nenhuma na voz. Seus olhos me avaliam como se tentasse me decifrar.

— Realmente não tinha interesse em nada, mas as coisas mudaram.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Sério? Não consigo enxergar nenhuma mudança. — Ele me dá um pequeno sorriso irônico e controlo meu impulso de mandá-lo à merda. Ele sabe ser arrogante e irritante quando quer.

— Sério, Andrew? Não me venha com seu joguinho de palavras — digo

irritada. — Apenas me responda à pergunta.

Ele retira as mãos dos bolsos e desliza as mesmas por seu cabelo.

— Por que isso agora? Desde o momento que você chegou aqui, deixou bem claro que não se importa com nada a respeito da fazenda ou dos projetos do seu pai. — Andrew mantém seus olhos frios e intimidadores em mim. — Eu não lhe entendo. Não consigo acompanhar suas mudanças de personalidades — diz com desdém. Suas palavras acusatórias me atingem em cheio. Sinto as lágrimas queimarem meus olhos. Eu me sinto tão cansada de toda essa briga constante. Preciso de uma trégua de tudo isso.

Abro a boca para falar, no entanto ele é mais rápido que eu.

— Não precisa fingir que se importa, Allie. Nós dois sabemos que isso é mentira. — Ele sorri sem humor.

Sinto a raiva aquecer minhas veias, porém quando abro a boca para falar, as palavras saem trôpegas e me amaldiçoo por ele ter tanto poder sobre mim.

— Você fala tanto de mim. No entanto, está agindo da mesma forma que eu. Pelo menos reconheci o meu erro por ter julgado você e o meu pai. — Respiro fundo, enquanto uma única lágrima faz seu solitário caminho por minha face. — Não vou permitir que você me trate assim novamente, Andrew — digo com a voz firme. — Eu estou tentando ter uma boa convivência com você. Será que não consegue enxergar isso?! — grito furiosa. — Sei quem eu era quando cheguei de Nova York. Sei as coisas que lhe disse e como agi. Mas, pelo amor de Deus, Andrew! Eu não sou mais aquela pessoa. — Minha voz falha com a emoção presa em minha garganta.

Odeio como me sinto vulnerável em sua presença. Fecho os meus olhos por alguns segundos, buscando forças para continuar falando e, quando volto a encarar seus olhos, sou surpreendida por dois pares de olhos azuis me avaliando com intensidade. — Eu sinto muito — digo num fio de voz. As lágrimas embaçam minha visão e luto para não permitir que elas caiam. — Sinto muito por tudo o que eu disse. Eu sei que mereci cada palavra de desprezo que veio de você e sinto muito por ter sido aquela pessoa horrível... — Baixo o olhar, incapaz de continuar encarando Andrew. Uma pequena dor martela em minhas têmporas. Levo meus dedos ao local, massageando-os. — Eu não sou mais aquela pessoa — repito com a voz baixa, sem encará-lo. Uma parte de mim quer realmente acreditar em minhas palavras e a outra quer desesperadamente que ele acredite. — Eu só quero, de alguma forma, compensar tudo de mal que causei ao meu pai. — As palavras ficam presas em minha garganta novamente e um pequeno soluço escapa entre meus lábios. Cubro minha boca com uma das mãos, na tentativa de fazer com que o choro fique preso, mas é impossível. As lágrimas rolam por minha face sem que possa detê-las. Os soluços me sufocam, na tentativa de fazerem seu percurso para fora de mim.

Sinto-me tão pequena diante dessa situação. Tão quebrada. Tudo o que eu quero no momento é poder ir para o mais longe possível desse lugar; de Andrew e de todas as lembranças esmagadoras do meu pai.

— Allie... — ele diz meu nome suavemente e cada palavra passeia por meu corpo, atingindo meus sentidos como uma maldita doença. Seus dedos tocam meu braço e esse simples contato faz minha pele formigar. — Me desculpe — diz quase num sussurro. Ergo meus olhos na sua direção. Seu olhar me avalia com tristeza e arrependimento. — Não devia ter dito aquelas palavras. — Ele umedece os lábios com a ponta da língua. — Eu sou um

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

idiota, às vezes.

— Quase sempre — digo com um pequeno sorriso.

Seus dedos fazem caminho por meu braço até que os mesmos estejam tocando minha mão. Meu corpo fica tenso com o contato singelo. Minha respiração falha e meu coração dá um pulo em meu peito. Andrew ergue a mão livre levando-a até minha face. Seus dedos ásperos secam minhas lágrimas suavemente.

— Seu pai pediu que eu cuidasse de você — diz sem tirar os olhos dos meus. Sua voz rouca e aveludada faz cócegas em minha pele. — E não é isso que eu tenho feito.

Engulo em seco com sua declaração. Nunca fui do tipo que precisasse de cuidados. Fui criada para ser independente. Mas algo dentro de mim mudou ao ouvi-lo dizer isso.

— Sou crescida o suficiente para cuidar de mim, sem precisar de ninguém. — Dou um passo para trás, afastando-me do seu contato. Seja lá o que ele esteja planejando com seu joguinho, não vou me deixar seduzir dessa vez, não depois dele ter esfregado outra na minha cara menos de vinte e quatro horas. Ele abre a boca para falar, no entanto sou mais rápida dessa vez. — Eu não preciso de você — digo sem quebrar o contato visual e antes que ele tente falar novamente, dou-lhe as costas e faço meu caminho para dentro da casa, deixando-o sozinho na varanda.



Sinto-me faminta no final do dia. Estive sem comer o dia todo e agora minha barriga parece que carrega algo vivo dentro dela.

Largo meu livro *Orgulho e Preconceito*, que encontrei na estante do meu pai e que acabei devorando-o em menos de dois dias, em cima da cama.

Preguiçosamente calço minhas sandálias e faço meu caminho para a cozinha, na esperança de encontrar Nana e seus deliciosos lanches, mas para meu descontentamento a cozinha está vazia. Nem um sinal da minha querida salvadora de tardes sem comida.

Respirando fundo, tento convencer minha barriga a parar de fazer barulho. Vou até a geladeira, retiro o presunto, queijo e uma jarra de suco de manga. Depois vou até o armário e pego o pão. Faço dois sanduíches e me sento à mesa para me deliciar com meu lanche. Como sem pressa e quando estou no meu segundo sanduíche, Andrew entra na cozinha e quase engasgo com a visão que tenho. Ele está vestindo uma calça jeans clara e uma camiseta preta, que molda perfeitamente seu corpo, deixando cada um de seus músculos visíveis.

— Pensei que teria que chamar os bombeiros para te retirar do quarto — brinca, sorrindo, quando me vê. Reviro os olhos e ignoro seu comentário. Tento continuar comendo sem que meus olhos me traíam. Ele senta-se à minha frente e começa a preparar um sanduíche para ele. — Qual é, Allie? Vai me ignorar? — Uma pequena risada escapa de seus lábios. — Eu pedi desculpas pelo que disse mais cedo.

Ele diz a última frase como se realmente estivesse arrependido e isso me deixa irritada. Ergo meus olhos e encontro seus olhos azuis bem-humorados.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Me deixa em paz, Andrew — digo friamente. Deixo meu lanche cair no prato e ergo-me da cadeira.

— Pensei que você queria que tivéssemos uma convivência boa — diz como se de fato estivesse confuso com meu comportamento.

Sorrio ironicamente, mal acreditando no que ele está fazendo.

— Você é realmente inacreditável — digo ríspidamente e começo a me afastar, no entanto ele estende sua mão, agarrando meu pulso.

Meus olhos fitam o local que seus dedos seguram. Tento ignorar o calor que invade meu corpo por seu toque e volto-me para ele.

— Eu realmente não devia ter tido aquelas coisas. Peço desculpas de verdade. — A sinceridade em suas palavras quase me convence. Uma parte de mim quer acreditar nele e a outra apenas rir ironicamente do seu teatro.

— Eu estou cansada disto — digo num fio de voz. Ele me olha sem entender, o que me deixa ainda mais furiosa. — Disto. — Aponto um dedo de mim para ele. — Uma hora você age como se importasse comigo e na outra você simplesmente me odeia. — Afasto minha mão do seu contato. — Ou você me odeia ou...

— Ou o quê? — questiona-me deixando totalmente sem palavras. Seus olhos escurecem e suas feições ficam inexpressíveis.

Solto o ar que nem sabia que havia prendido e respiro profundamente.

Ele preenche o espaço que nos separava, ficando a centímetros de mim.
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Seus olhos me encaram com uma intensidade avassaladora.

— Ou o que, Allie? — ele repete a pergunta novamente, dessa vez pausadamente, com sua voz, num sussurro maravilhoso, que me deixa inebriada.

Tento encontrar uma palavra para dizer. Qualquer coisa para terminar a maldita frase, todavia eu não consigo.

Mordo o lábio e desvio o olhar, focando minha atenção em um ponto invisível, longe dos seus olhos penetrantes.

Seus dedos tocam meu queixo. Fecho os olhos deleitando-me da sua carícia.

— Diga — pede com a voz rouca.

Engulo em seco, quando sinto sua respiração quente em minha face.

Um milhão de palavras passam por minha cabeça, no entanto nenhuma delas parece apropriada para concluir essa frase. Tudo o que consigo pensar é no quanto desejo que seus lábios toquem os meus agora. Todavia, imagens dele com Hanna invadem minha cabeça como flashes, deixando-me enjoada. Afasto-me dele e abro os olhos.

— Amigos — respondo, tropeçando nas palavras. — Ou me odeia ou vamos tentar sermos amigos.

Ele parece desapontado por minha resposta por um momento, então esboça um sorriso, deixando meu coração em frangalhos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Isso parece uma boa ideia — diz satisfeito.

Forço um sorriso em sua direção, tentando esconder meu desgosto, por ele concordar em ser apenas meu amigo. Mas o que eu queria que ele quisesse comigo? Que eu fosse a sua próxima amiguinha com benefícios? Ou pior, que ele me dissesse que sente algo por mim? Meu consciente venenoso dá gargalhadas da minha imaginação. Provavelmente eu devo ter tomado sol demais essa manhã.

— Amigos? — pergunta, entendendo a mão em minha direção.

Hesito por um momento, tentando controlar a vontade avassaladora de me atirar em seus braços. Respiro fundo e relutante coloco minha mão sobre a sua.

— Amigos — concordo com um sorriso forçado.

Por mais desapontada que eu esteja interiormente, talvez ser amiga de Andrew Scott não venha a ser tão ruim. Nunca tivemos uma trégua de verdade. Nunca tentamos ter uma convivência pacífica. Agora parece uma oportunidade perfeita para tentarmos nos conhecer de verdade.



Dezessete

— Então... Sobre o haras — diz Andrew de súbito ao entrar na sala, onde me encontro lendo outro livro que peguei emprestado da estante do meu pai.

Ergo meus olhos da página e o encaro sem entender. Faz alguns dias que lhe abordei sobre o assunto, no entanto ele nunca me disse nada.

— O Anthony, começou a construção antes de descobrir a doença. — Ele senta-se no sofá à minha frente. Ele está usando uma calça jeans justa escura e uma camisa branca de mangas longas. Seus cabelos estão úmidos, o que me leva a conclusão de que ele acabara de sair do banho.

Nossa convivência está pacífica. Não discutimos mais depois que chegamos à conclusão que devíamos ser amigos. Dizer que sinto falta de suas implicâncias é eufemismo. Andrew adora me provocar, só que agora ele pega leve, da maneira dele. No final das contas, fazer uma trégua não foi uma má ideia.

Fecho meu exemplar de um romance de uma autora que nunca ouvi falar e o encaro.

Ele inclina-se para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, descansando o queixo nas mãos.

— Anthony nunca me disse o real motivo por querer tanto esse haras, mas no decorrer dos anos, eu enxerguei nele certa obsessão sobre isso. — Andrew me avalia pensativo. — Ele fez projetos e contratou profissionais para cuidarem de tudo, mas aí ele descobriu o câncer e desistiu da construção.

Sinto um aperto no peito. A verdade é que sei o motivo pela qual ele desejou tanto construir o haras. Há algumas noites tive uma pequena recordação de quando criança e ainda mantinha contato com o meu pai.

Lembrei-me de estar sentada com ele na varanda admirando as estrelas. Estava muito feliz por estar aqui.

— Seu aniversário está próximo — disse papai, enquanto segurava minha mão. — O que vai querer?

Coloquei um dedo no lábio pensativa. Eu já sabia o que queria, mas adorava fazer isso.

— Eu quero um haras — disse animada voltando-me para ele, que me olhava com seus grandes olhos verdes.

— Não acho que você possa levar um haras para o apartamento em Nova
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

York — disse papai com um sorriso.

Dei de ombros e o abracei, inspirando seu perfume com aroma suave. Eu amava seu cheiro.

— Não é para levar para lá, papai. — Ergo meus olhos para ele e sorrio. — É para ficar exatamente aqui. Assim, tenho um pretexto para dizer a mamãe que eu tenho que morar aqui com você. — Sorri da minha brilhante ideia e, pela expressão feliz no rosto do meu pai, ele também amou.

— Combinado — concordou ele com carinho depositando um beijo no topo da minha cabeça. — Eu faria qualquer coisa para tê-la permanentemente comigo. Qualquer coisa.

A lembrança daquela noite vem me atormentando desde então. Não consigo acreditar que havia esquecido isso. É claro que ele faria o haras. Foi o meu pedido de aniversário.

Essa foi a última lembrança feliz que tive com ele. Depois disso, não tivemos mais contato como antes. Minha mãe fez o que pôde para me afastar do Anthony e desse lugar.

Respiro fundo, tentando afastar o turbilhão de emoções que invade meu peito.

— Allie, você está bem? — Sorrio tristemente ao ouvir a preocupação na sua voz. Ainda não me acostumei com esse seu lado.

Enxugo uma lágrima do meu rosto e volto-me para ele.

— Ele estava fazendo para mim — digo num fio de voz. A dor esmagadora em meu peito deixa-me sem ar. — Era meu presente de aniversário de cinco anos — engasgo com um soluço. Já não posso conter as lágrimas traiçoeiras que molham minha face.

Tento respirar, no entanto não consigo. Cubro meu rosto com as mãos e inclino meu corpo para frente e choro. Choro por todos os motivos que devia ter chorado há meses ou anos. Choro por ter perdido a única pessoa que me amou de verdade e que sempre quis cuidar de mim. Choro por ter sido uma pessoa horrível e por tê-lo abandonado quando ele mais precisou. Choro porque perdi todos os momentos que poderíamos ter compartilhado. Choro por saber que nunca vou poder pedir-lhe perdão por tudo o que fiz e pelo que deixei de fazer. Choro porque nunca vou poder dizer-lhe o quanto ele significou para mim e o quanto eu o amava. Choro porque sei que ele nunca vai poder me levar ao altar ou segurar meus futuros filhos em seus braços e, por último, choro porque eu o perdi para sempre.

Sinto mãos fortes segurando meus ombros e quando dou por mim, estou agarrada a Andrew como uma criança assustada. Seus braços fortes me seguram com força, como se ele estivesse com medo que a qualquer momento eu fosse quebrar. Ele não sabe que já estou quebrada em um milhão de pedaços.

— Vai ficar tudo bem, Allie. — Sua voz demonstra a segurança e a esperança que não tenho.

Faço que não com a cabeça, enquanto minhas mãos seguram sua camisa

com força.

— Eu estraguei tudo — digo entre soluços. — Eu... Como eu pude fazer isso? — As palavras saem sem sentido de minha boca. São tantas coisas pela qual desejaria o perdão do meu pai, que tudo o que consigo sentir é o peso da culpa e da dor me invadindo cada vez mais. — Eu só queria uma chance para mudar tudo.

Andrew segura meu rosto entre suas mãos, me forçando a encará-lo.

— Allie, o Anthony te amou até o fim de sua vida. Não consigo te descrever o tamanho do amor e admiração que ele tinha por você. — Ele umedece os lábios com seus olhos presos nos meus tão intensos, que tenho medo de me perder neles. Suas palavras quebram o resto de compostura que me resta. Não consigo parar as lágrimas, no entanto, as mãos firmes de Andrew me impedem de esconder meu rosto novamente.

— Eu não quero sentir isso! — digo entredentes. A dor consome minha alma. Tenho certeza de que meu peito pode explodir a qualquer momento. Levo minha mão até meu coração, como se esse simples gesto fosse capaz de me livrar desse tormento. — Dói tanto! — Minha voz falha.

— Eu sei... — diz tristemente. — Mas precisa sentir. Precisa colocar para fora cada sentimento que está preso. Você precisa viver esse luto, só assim poderá seguir em frente.

Faço que sim com a cabeça, incapaz de pronunciar uma palavra sequer. Fecho os olhos com força e um soluço escapa entre meus lábios.

Andrew me puxa novamente para seus braços. Sinto-me tão pequena nesse momento. Nunca em toda a minha vida, deixei que alguém me visse tão vulnerável. Sinto como se ele agora conhecesse o mais profundo da minha alma. Depois de tantas brigas, nunca imaginei que seria Andrew, o homem que passei a maior parte da minha vida odiando, a me ver tão devastada.

Quando parece que chorei o suficiente por uma vida toda e me sinto segura para falar, afasto-me dos braços de Andrew, mesmo contra minha vontade e o encaro.

— Eu quero dar continuidade à construção do haras. — Mantenho minha voz firme, mesmo que, por dentro, ainda esteja completamente devastada.

Andrew arregala os olhos surpreso. Abre e fecha a boca algumas vezes antes de conseguir formar uma frase.

— Por quê?

Sorrio tristemente.

— Não está claro? — Dou de ombros e pisco para afastar as lágrimas que teimam em voltar. — Nunca fiz nada na minha vida para dar orgulho ao meu pai. Sempre fui fria e distante. Ele morreu achando que eu o odiava... o que de fato era verdade. Passei boa parte da minha vida o odiando. Achando que ele tinha abandonado a mim e a minha mãe. — Sorrio sem humor. — Foram tantas as desfeitas que fiz a ele. Eu o magoei imensamente no decorrer dos anos. — Respiro fundo e enxugo uma lágrima com as costas das mãos. — Deus! Eu não consigo nem te dizer as coisas que fiz! — Mordo o lábio e o encaro. Seus olhos me avaliam sem acusações ou qualquer sinal de

aborrecimento, há apenas uma tristeza imensa e algo que não consigo compreender. — É por isso que preciso fazer isso. Preciso, pelo menos uma vez na minha vida, fazer algo que eu sei que o deixaria orgulhoso de mim.

Andrew esboça um pequeno sorriso e segura minha mão. Seu toque é o suficiente para aquecer a minha pele e fazer meu corpo estremecer. Não importa em qual circunstância esteja, ele sempre terá efeito sobre mim.

— Ele sempre teve orgulho de você, Allie. — Suas palavras sinceras e confiantes, aquecem meu coração, fazendo com que novas lágrimas inundem meus olhos.

— Tudo o que quero é fazer a coisa certa dessa vez. Não é apenas por ele... É por mim também.

Ele concorda com a cabeça, porém nada diz. Seus dedos apertam os meus levemente, enquanto seus olhos continuam me avaliando atentamente; causando um turbilhão de emoções dentro de mim.

Desvio meus olhos dos seus e me concentro em nossas mãos.

— O que pretende fazer então? — Sua pergunta me pega de surpresa. Ergo meus olhos e novamente me sinto perdida com a intensidade do seu olhar. — Vai dar continuidade às construções e depois?

Mordo o lábio, pensativa. Não tinha pensado sobre o que fazer, porém, como uma luz acendendo em minha cabeça, sorrio animada como uma criança, quando tenho uma ideia brilhante.

— Vamos ajudar as pessoas — respondo sorrindo. — Eu não sei... Podemos empregar as famílias mais carentes da região e oferecer para as crianças sem recursos aulas de equitação, entre outras coisas. Deve ser um espaço grande... Podemos fazer eventos beneficentes e...

— Eu me enganei a seu respeito também — ele interrompe-me, me avaliando em silêncio, esperando que eu diga algo. Mantenho meu olhar preso ao seu e espero que ele continue. — Um dia te disse que não havia nada do Anthony em você. — Ele ergue a mão e toca meu rosto. Seu toque suave faz minha pele arrepiar-se. Contenho o impulso de fechar meus olhos e aproveitar esse momento. — Eu me enganei. Há mais dele em você do que podia um dia imaginar.

Meu coração se enche de uma emoção nova. Nunca haviam me comparado a meu pai e houve um tempo que eu abominaria essa hipótese, no entanto agora, que conheci um pouco a história do Anthony, é um orgulho para eu saber que tenho algo semelhante a ele.

— Não falo de sua aparência — diz como se tivesse acabado de ler meus pensamentos. — Falo de quem você é de verdade. Você chegou aqui mostrando ser alguém detestável. Alguém que eu tenho certeza de que não é de fato você e agora... eu vejo na minha frente, alguém que eu nunca soube que existia. Alguém doce, sensível e com um coração enorme como o do homem que um dia foi tudo para mim. Tem muito do Anthony em você, Allie. Não deixe que a vida te diga o contrário.

Sinto as lágrimas queimarem em meus olhos novamente. Tento sorrir, mas meus lábios trêmulos não permitem.

— Eu vou te ajudar. Não está nessa sozinha — diz ele confiante. Seus olhos presos aos meus transbordam orgulho, carinho e esperança. Ele não está apenas confiando em mim. Está depositando sua fé em alguém que nunca fez nada para ele, além de lhe humilhar. Andrew está dando-me uma chance para provar que sou realmente uma pessoa digna de confiança. Nesse momento, percebo que sou capaz de tudo para não decepcioná-lo. Eu vou provar a todos que não sou igual a minha mãe. Que ao contrário do que pensam a meu respeito, não estou aqui apenas pela herança que me foi dada. Estou aqui, porque esse é o meu lar.



Faz exatamente três semanas e quatro dias que as obras no haras voltaram a funcionar. Depois de passar noites a fio, revendo os projetos do meu pai junto com Andrew, ligamos para a empresa responsável pelos serviços e aqui estamos nós, satisfeitos e ansiosos para o dia da inauguração. Sei que vai demorar um pouco, no entanto, não conto os dias para que isso aconteça.

Passamos boa parte dos últimos dias ocupados com novas ideias para a construção. Andrew não me deixou por nem um segundo sequer. Ele se dedicou dia e noite a me mostrar todos os planos e projetos do meu pai e eu não podia estar mais feliz e agradecida por isso.

Nunca em toda a minha vida me senti tão viva e prestativa como me sinto agora e esse lugar nunca me pareceu tão perfeito como hoje.

Beberico meu café quente e admiro o nascer do sol dessa linda manhã de sexta-feira, da varanda da minha casa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sinto uma calma em meu interior que nunca senti antes. Sinto-me leve e feliz.

— Acordou junto com os galos, pirralha? — pergunta Andrew se colocando ao meu lado.

Reviro os olhos e sorrio. Apesar de estarmos nos dando bem nos últimos dias, ele nunca deixará de me alfinetar.

Ignoro as borboletas em meu estômago e volto meu olhar para ele, que está usando jeans velho e justo. Uma camiseta preta colada em seu corpo e um camisão azul-escuro por cima. Seu cabelo está coberto por um chapéu preto.

Ele está lindo! Não sei se um dia conseguirei me acostumar a todas essas sensações que ele me causa, em apenas estar perto de mim.

— Bom dia para você também, peão — respondo com um pequeno sorriso.

Ele cruza os braços em frente ao peito e ergue uma sobrancelha.

— Então voltamos a isso? — Ele abre um sorriso divertido.

Não posso deixar de sorrir. Andrew sendo amigável acaba com todas as minhas estruturas.

— Ora! Vá cuidar das vacas e pare de me atormentar.

Seu sorriso fica mais amplo, mostrando seus dentes brancos e perfeitos.

— Vamos dar uma volta, senhorita — ele muda de assunto.

— Oi? — pergunto surpresa.

Ele descruza os braços e faz um gesto extravagante com as mãos.

— Você ouviu, mulher! Vamos logo!

Cruzo os braços e o encaro.

— Aonde vamos?

Ele tira o chapéu da cabeça e passa a mão livre por seus fios ondulados.

— Te falo no caminho — responde distraidamente, enquanto coloca o chapéu de volta no seu lugar.

Reviro os olhos.

— Você é muito mandão.

— E você, teimosa feito uma mula — desdenha com um sorriso.

Abro a boca chocada com seu insulto, mas nada digo. Sei que começar um joguinho de ofensas com ele não vai ser legal. Andrew é um bom jogador e odeia perder.

— Deixe-me guardar essa xícara, pegar meus óculos de sol e já volto.

— Seja rápida, por favor!

Bufo irritada por sua impaciência, enquanto sigo de volta para dentro da casa.



Quando chegamos ao celeiro, sinto uma onda de pânico me invadir. Não venho aqui desde que era uma criança. Venho evitando esse lugar durante todo esse tempo que voltei para a fazenda.

Andrew para a poucos metros da porta e volta-se para mim.

— Qual o problema? — questiona-me sem entender.

Cruzo os braços e faço que não com a cabeça.

— Eu não vou fazer isso — digo num fio de voz.

Ele parece surpreso e ao mesmo tempo confuso com minhas palavras.

— Fazer o quê?

Dou de ombros e descruzo os braços.

— Isso! — Faço um gesto para o celeiro. — A última vez que vim aqui foi com o meu pai. Ele adorava passear comigo todas as manhãs ou fins de tardes. — Sinto uma físgada no peito e peço aos céus para que eu não caia em prantos agora.

Andrew parece perdido diante de minha confissão.

— Eu sinto muito. Não precisamos fazer isso, se você não se sente à vontade.

Mordo o lábio, pensativa. Eu amava os passeios que fazia junto com meu pai quando eu era pequena, e parte de mim sempre sentiu saudades disso.

— Eu posso fazer isso! — digo as palavras com pressa. — Na verdade, eu quero fazer. Mas que fique bem claro que montei quando era muito pequena e com o meu pai...

Um sorriso satisfeito surge nos lábios carnudos de Andrew e eu me parabenizo mentalmente por isso.

— Certo! Então vamos lá.

Após algumas aulas e dicas, Andrew me ajuda a montar no cavalo. Suas mãos grandes seguram meus quadris e me ajuda a subir em uma égua mansa e dócil. Ignoro o formigamento em minha pele, causado por seu toque e tento me concentrar no que estou prestes a fazer.

— Ah, meu Deus! — digo num fio de voz. Estou amedrontada, ou melhor, apavorada. Faz tanto tempo que não faço isso. Não consigo nem recordar a última vez que estive em um cavalo.

— Você está bem? — pergunta ele aparentemente preocupado.

Fecho os olhos e respiro fundo algumas vezes.

— Acho que sim — respondo ofegando. Abro os olhos e volto-me para Andrew, que está montado em seu cavalo tão confiante e seguro de si, que chego a ter um pouco de inveja.

— Não precisa ficar com medo. O animal sente sua tensão. Relaxe e divirta-se. — Ele sorri docemente. — Estou bem ao seu lado. Não deixarei que nada lhe aconteça.

Meu coração se aquece diante de suas palavras e me pego desejando que isso seja mais do que preocupação.

Eu daria qualquer coisa para que fosse algo a mais...



Caminhamos lado a lado, pelo caminho estreito e totalmente desconhecido para mim. Há árvores dos dois lados da estrada, fazendo sombra pelo caminho.

Estou encantada pela beleza desse lugar e me arrependo de não ter trazido minha câmera para tirar algumas fotos.

— Que lugar é esse? Não me recordo dele. — Olho de relance para Andrew, que está calado e pensativo desde que saímos do celeiro.

— Você vai ver. Estamos quase chegando — diz distraidamente.

Fico com vontade de lhe bombardear com perguntas, no entanto, antes que

eu possa abrir minha boca, vejo não tão longe de onde estamos, um pequeno chalé de madeira.

Olho de relance para Andrew, que mantém seus olhos fixos na estrada.

A brisa da manhã toca meu rosto e o vento bagunça meus cabelos, desprendendo-os da trança que fiz antes de sair de casa, porém isso não importa agora. Há algo de errado com Andrew e preciso desesperadamente saber o que é.

Paramos nossos cavalos na frente do pequeno chalé, onde uma grande árvore faz sombra para que os animais possam se proteger do sol. Andrew desce do seu cavalo e me ajuda a descer do meu.

Suas mãos grandes seguram minha cintura firmemente, enquanto eu seguro em seus ombros.

— Chegamos — diz com um pequeno sorriso, ainda me segurando. Seu perfume preenche o pequeno espaço que nos separa e sua respiração quente faz cócegas em minha pele.

Seus olhos estão presos nos meus e agora consigo enxergar por trás deles a preocupação que está tentando esconder de mim.

— Que lugar é esse? — pergunto sem quebrar o contato visual.

Andrew desvia o olhar e tira suas mãos de minha cintura.

Sinto o vazio tomar conta de mim. Meu corpo reclama pela ausência do seu toque.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ele retira uma chave do bolso e abre a porta simples e velha da pequena casa.

— Entra! — diz, fazendo um gesto com a mão em direção à porta aberta.

Sinto um aperto no peito quando me dou conta de onde estou.

A pequena sala é composta de um sofá velho, na cor marrom. Uma pequena mesinha de centro e uma estante velha com uma TV são as únicas coisas na sala.

Um pequeno balcão faz a divisão entre sala e cozinha.

Há alguns quadros na parede e estão cobertos por poeiras.

— Esta é minha casa. — O tom de sua voz é pesado e triste.

Mordo o lábio, na tentativa de pará-los de tremer.

Faço uma varredura pelo lugar simples e esquecido pelo tempo e tudo o que consigo pensar é na criança que teve sua vida mudada drasticamente aos nove anos.

Quantas lembranças esse lugar deve trazer para Andrew? Lembranças de uma vida que lhe fora roubada de uma forma tão cruel.

Pisco algumas vezes antes de voltar-me para Andrew.

Ele está parado em frente à porta com seus olhos fixos em um porta-

retratos em uma mesinha no canto da parede.

Sigo seu olhar e me deparo com um casal abraçando um garotinho de cabelos ondulados e expressivos olhos azuis. Eles estão sorrindo em frente ao chalé.

— Por que me trouxe aqui? — faço a pergunta que esteve presa em minha garganta desde que entrei nesse lugar.

De todos os lugares que esperava que ele me levasse, esse era o único que não me passou pela cabeça.

Andrew passa por mim e caminha até a pequena mesinha. Ele pega o porta-retratos, retira a poeira do vidro com a mão livre e o avalia atentamente.

Meu coração comprime em meu peito e as lágrimas ameaçam sair a qualquer momento.

— Eles morreram jovens. Por um longo tempo, eu me perguntava como Deus era capaz de tirar seus pais de uma criança. Como ele era capaz de deixar uma criança sozinha? — Ele sorri tristemente e olha em minha direção. Sua feição está retorcida pela tristeza e seus olhos estão sem foco. — Você sabe que eu ia ser mandado para adoção se não fosse seu pai? — Ele fica em silêncio por alguns segundos, esperando minha resposta, antes de prosseguir. Eu não sabia disso. Aliás, não sei nada a seu respeito e, mesmo se soubesse, duvido que conseguiria lhe responder algo. — O meu pai não tinha parentes vivos e minha mãe não tinha contato com sua família há anos. Recordo que estava amedrontado com a ideia de estar com outra família... E... — Sua voz falha. Ele morde o lábio e desvia o olhar. — O Anthony era a

única pessoa próxima de uma família que eu tinha e esse lugar era o único lar que conhecia. Não estava pronto para ir embora. Não era justo, depois de ter perdido meus pais, perder meu lar e tudo o que representava minha família. — Andrew faz uma longa pausa. Sua respiração está pesada e seus olhos marejados estão fixos na foto em suas mãos e tudo o que sei agora é que eu daria minha vida para lhe arrancar toda essa dor.

— Era uma manhã de terça, chovia muito e eu estava na varanda com o Anthony. Já havia se passado um mês desde a morte dos meus pais. O padrinho foi minha âncora naquele momento. Ele sempre brincava comigo e me contava histórias antes de dormir. Ele foi meu porto seguro naquela fase sombria da minha vida. — Ele volta-se para mim com seus olhos tristes e úmidos de lágrimas. — Anthony era minha família. Eu sabia que chegaria a hora que seria levado dali a qualquer momento e foi o que aconteceu naquela manhã... — Ele morde o lábio e desvia novamente o olhar.

Observo sua feição triste, fitando o pequeno cômodo do chalé. Há tanta tristeza em seus olhos. Tudo o que quero nesse momento é abraçá-lo e confortá-lo, mas me contenho. Sei que ele ainda tem muito a me dizer.

— Me agarrei ao Anthony como se de alguma forma ele pudesse impedir que eles me levassem. Eu chorava e me debatia dos braços daquelas pessoas. — Andrew volta-se para mim. Uma lágrima rola por seu rosto. Meu coração comprime em meu peito. Não suporto vê-lo assim. — Mesmo diante daquela cena, seu pai tentou conversar com aquelas pessoas, mas nada adiantava. Eles não o ouviam. Falavam que ele não era da família. Então, depois de um tempo, Anthony segurou meus ombros, afastando-me dele, ajoelhou-se na minha frente e com lágrimas nos olhos me falou: “Eu vou te buscar, filho. Não tenha medo. Farei tudo o que for preciso para trazer-lhe de novo para

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

casa”. Apesar do medo e aflição que estava sentindo, algo dentro de mim disse que eu podia confiar nele. Que Anthony jamais me deixaria, que ele faria de tudo para lutar por mim.

Um pequeno sorriso nasce em seus lábios.

— Passei alguns dias num orfanato. Tinha muitas crianças que estavam passando pela mesma coisa que eu. As pessoas eram legais e eu não recorde de ter visto tanta criança junta em um só lugar antes. Mesmo assim, eu continuava triste e cheguei a pensar que o padrinho tinha me esquecido. Mas então ele foi até mim. Anthony me explicou que tinha estado à procura da minha tia. Ela era uma senhora humilde e interesseira, então o seu pai lhe contou o que havia acontecido, lhe ofereceu uma boa quantia em dinheiro e lhe convenceu a passar a minha guarda para ele. O processo demorou um pouco, mas valeu a pena. — Ele sorri novamente, porém seus olhos continuam tristes. — Quando voltei para casa, aquele me pareceu o dia mais feliz da minha vida. Depois de ter perdido tudo o que mais me importava no mundo todo, eu tinha novamente uma família, um novo lar e alguém em quem me espelhar. Anthony era tudo para mim, Allie, e quando descobri sua doença, vi minha vida desmoronar aos poucos; e quando ele morreu, eu perdi tudo... — Sua voz falha, enquanto as lágrimas rolam por sua face.

Meu peito parece que vai se abrir com a dor que me invade. Eu sabia que Andrew amava meu pai, mas não sabia que esse amor era tão grande, ao ponto de lhe destruir com sua morte.

— Andrew... — Dou um passo em sua direção, sentindo minhas próprias palavras ficarem presas em minha garganta, dando lugar às lágrimas.

Vendo-o tão quebrado e vulnerável em minha frente, consigo entender todas as vezes em que ele tentou me fazer ir embora. Esse lugar guarda todas as suas lembranças. Sua vida está gravada em cada lugar dessa fazenda. Tudo o que ele me fez foi para proteger quem ele é.

— Eu perdi tudo... — repete ele, com a voz embargada. — Não tenho nada e nem ninguém... — Andrew fecha os olhos com força. Sua respiração pesada, faz seu peito subir e descer rapidamente.

Preencho o pequeno espaço que nos separa, parando diante dele.

Meu coração bate tão forte, que tenho medo que ele pule para fora da minha caixa torácica a qualquer momento.

Eu também havia perdido tudo quando meu pai morreu. Andrew pelo menos tinha todas as boas lembranças que construiu ao seu lado no decorrer de todos esses anos.

Mas, o que eu tinha? Além da culpa e remorso por tê-lo abandonado no momento em que ele mais precisou de mim, tudo o que recordo do meu pai, dos nossos momentos juntos, são vagas lembranças que venho lutando para mantê-las vivas, dia após dia.

Daria minha vida para ter construído um castelo de bons momentos com o Anthony, como Andrew fez. Assim poderia me refugiar nesse lugar, nos meus dias tristes e sombrios.

Ergo minha mão, colocando-a sobre o ombro de Andrew. Ele abre os olhos molhados de lágrimas e me fita intensamente. Há tanta dor em seu

olhar que me deixa perdida. Esse homem diante de mim não passa de um garotinho que perdera seus pais abruptamente e seu melhor amigo. Essa versão de Andrew é a que menos gosto, no entanto, me faz ver a intensidade dos meus sentimentos por ele.

— Você tem a mim. — As palavras escapam de meus lábios, pegando a mim e ao Andrew de surpresa. — Não importa o que a vida te tirou... Você tem a mim, agora. — Sinto o peso da sinceridade em cada palavra que acabei de dizer. Nunca pensei que um dia sentiria algo tão forte por alguém, como estou sentindo por ele.

Andrew parece confuso com o que acabei de dizer. Tenho certeza de que ele não esperava ouvi-las de mim nunca, mas a verdade é que nunca pensei que as diria.

— O que isso significa? — questiona-me confuso.

Dou de ombros e forço um sorriso, em meio às lágrimas.

— Significa que não irei a lugar algum. — Seguro sua mão, sem quebrar o contato visual. — Meu lugar é exatamente aqui.

Eu sabia que, no momento seguinte que tomasse minha decisão, não poderia voltar atrás novamente. Estou ciente de que abri mão de toda a minha vida em Nova York, no entanto, pensar em voltar para lá me parece estranho agora.

Pensar na possibilidade de ir para outro lugar longe de Andrew e de tudo o que venho construindo aqui é torturante.

Independentemente do que acontecer de agora em diante, não posso voltar atrás na minha decisão.

Um pequeno sorriso forma-se em seus lábios e um brilho nasce em seus olhos. Pela primeira vez, desde que chegamos ao chalé, sinto-o relaxar. A tristeza dá lugar a algo que não consigo decifrar. Alegria, talvez.

Ele ergue uma mão e arruma uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. Seus dedos tocam de leve minha pele, fazendo-a aquecer quase que instantaneamente.

O ar fica preso em minha garganta, fazendo com que fique difícil respirar.

Andrew volta a tocar minha face. Seus dedos passeiam sorrateiramente em minha pele, fazendo-a ficar arrepiada.

Seus olhos desviam dos meus e fitam minha boca.

Engulo em seco, sentindo antecipadamente a emoção que me atinge quando seus lábios estão nos meus.

A respiração de Andrew torna-se pesada. Ele inclina-se para mais perto, nossos lábios quase se tocando. Fecho as mãos em punhos ao lado do meu corpo, na tentativa de mantê-las imóveis.

— Allie... — ele sussurra meu nome com a voz rouca. Sinto um leve tremor percorrer meu corpo com a intensidade de sua voz.

Solto a respiração que estava presa e deixo minhas mãos livres fazerem caminho até sua camisa e o puxar para mim.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não precisa dizer nada — digo quando seus lábios tocam os meus e isso é apenas o suficiente para que ele faça o que eu tenho sonhado há muito tempo.

Diferente da última vez que ele me beijara, esse beijo é gentil e apaixonado. Seus lábios se movem lentamente, como se fossem a primeira vez que estivessem sobre os meus.

Uma de suas mãos está em minha nuca e a outra me segura contra seu corpo.

Minhas mãos fazem seu caminho por seu peito musculoso, até seu cabelo ondulado, mergulhando meus dedos em seus fios.

Meu coração bate forte e eu não me importo que ele possa sentir minha pulsação acelerada, ou os tremores que invadem meu corpo. Não me importo de deixar que os gemidos escapem da minha boca, quando ele me beija o pescoço e aperta minha cintura com mais força. Eu o desejo! Eu o desejo tanto, que tudo o que quero nesse momento é que ele perceba o controle que tem sobre mim.

Andrew afasta-se de mim, quebrando nosso beijo. Seus olhos buscam os meus com aflição, desejo e algo que eu poderia jurar que é amor?

— Eu o desejo tanto — confessa com a voz pesada.

Sinto um comichão na minha barriga e uma emoção inexplicável diante de sua confissão.

Andrew volta a tocar minha face. Seus olhos analisam cada traço meu, como se estivesse memorizando cada detalhe.

Fecho os olhos, saboreando a maravilhosa sensação torturante de ser tocada por ele.

Seus dentes prendem meu lábio inferior entre os seus levemente. Seu gesto me pega de surpresa e um pequeno gemido de prazer escapa dos meus lábios.

— Me peça para parar! — suplica, mordendo novamente meu lábio.

Abro os olhos e busco os seus, que me fitam intensamente.

— Eu não posso! — murmuro, inclinando-me para mais perto. — Eu preciso de você.

— Allie... — ele pronuncia meu nome com luxúria, antes de voltar a me beijar. Dessa vez, o beijo é feroz. Como se sua vida dependesse única e exclusivamente de mim. Cada partícula do meu corpo vibra com a intensidade do seu beijo.

Suas mãos estão em meu corpo, explorando cada parte minuciosamente, marcando-me como sua.

Enlaço seu pescoço com meus braços, erguendo meu corpo para que possa encaixar-se ao seu.

Andrew me ergue do chão, colocando minhas pernas ao seu redor, enquanto sua boca brinca em meu pescoço, com beijos quentes e molhados.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Agarro seu cabelo, puxando-os levemente. Um gemido rouco escapa de sua boca, que está grudada em minha pele.

Aperto minhas pernas ainda mais em sua cintura, me contorcendo de prazer.

Andrew cruza a pequena sala e, quando dou por mim, estamos em um pequeno quarto, composto apenas por uma cama de casal e uma cômoda.

Ele afasta-se de mim e observa o quarto antes de voltar-se para mim.

Estou surpresa com a intensidade que são seus olhos. Suas pupilas estão dilatadas, deixando o azul quase imperceptível.

Andrew me coloca no chão com cuidado sem nunca quebrar o contato visual.

— Tem certeza de que você quer isso? — pergunta com a voz entrecortada.

Respiro fundo e fecho os olhos, quando seus dedos traçam seu caminho por minha face até meus lábios.

Não tenho certeza se conseguirei formular alguma frase nesse momento. É claro que quero fazer isso. Quero dizer todas as palavras que o façam entender que o quero, no entanto não consigo. As palavras não fazem sentido quando ele está me tocando. Nada faz sentido quando Andrew Scott está por perto.

Abro meus olhos e o encaro.

Ele está concentrado em minha face. Estudando cada traço meu, como se de alguma forma eu fosse recuar. Seus olhos me olham com dúvida, medo, desejo e ternura. Há um milhão de sentimentos no azul dos seus olhos e não consigo recordar em que momento eu passei a amá-lo tanto.

Sinto um aperto no peito com esse pensamento. Meu sangue ferve em minhas veias de medo com essa realidade.

Como não percebi isso antes? Estava tão claro...

Como fui capaz de deixar o medo e a dúvida camuflar um sentimento como esse?

Sinto as lágrimas queimarem em meus olhos. Sinto como se, pela primeira vez em muitos anos, estivesse respirando.

Ergo minha mão, tocando-lhe a face. Os pelos de sua barba furam minha pele, no entanto não me importo. Eu amo essa sensação. Amo a forma como ele prende a respiração com o meu toque, como se de alguma maneira, eu tivesse sobre ele o mesmo efeito que ele tem sobre mim. Amo seu sorriso e seus olhos. Amo sua voz e o modo como me toca. Deus! Eu o amo! O amo como nunca pensei que fosse capaz de amar alguém.

O amo incondicionalmente independentemente dele sentir o mesmo por mim.

Acima de tudo, amo o que ele fez comigo. Ele me fez querer ser alguém

melhor. Alguém digno de amor.

— Eu o amo — falo baixinho, sentindo a emoção dessas pequenas palavras tomarem conta de mim.

Andrew abre os olhos e fita os meus em busca de algo que lhe diga que ele de alguma forma, ouviu errado.

— Não sei como... Não sei quando isso aconteceu... Mas eu o amo. O amo tanto que não suportaria... Não suportaria ser rejeitada novamente. — As palavras saem apressadas. Seguro seu rosto entre minhas mãos. — Eu o quero, Andrew. O quero de todas as formas possíveis e serei sua, apenas sua. Só preciso ouvir que, de alguma forma, você também sente o mesmo, mesmo que seja uma pequena parte sua. — Minha voz falha, enquanto as lágrimas rolam por minha face. O medo e a aflição tomam conta do meu ser com a possibilidade dele não me amar, no entanto, se esse for o caso, eu lutarei com todas as minhas forças para conquistá-lo.

Andrew prende o lábio entre os dentes e desvia o olhar por um momento, como se seus pensamentos estivessem confusos demais com o que acebei de lhe dizer.

O silêncio que se apodera do pequeno cômodo é quase insuportável. A esperança que outrora carregava em meu peito, aos poucos vai se esvaindo à medida que as lágrimas rolam por minha face. Deixo minhas mãos caírem pesadamente de sua face e dou um passo para trás, quase esbarrando na cama.

Andrew continua fitando o nada, perdido em pensamentos, e isso é o suficiente para que eu compreenda que não importa o quanto ele me deseje,

não importa o quanto eu esteja mudada, Andrew Scott nunca me verá como alguém digna do seu amor. Eu sempre serei para ele apenas alguém que esteve prestes a acabar com toda sua vida.

Arfo, sentindo os soluços ficarem presos em minha garganta. A dor esmagadora em meu peito deixa-me tonta e tudo o que quero agora é sair correndo e desaparecer para sempre.

Obrigo minhas pernas a fazerem seu caminho até a porta. Passo por Andrew, tentando o máximo não esbarrar nele, no entanto sua grande mão segura meu pulso, impedindo-me de sair.

— Não se diz que ama alguém e na mesma hora vai embora, Allison Thomas — diz ele com a voz rouca. Andrew ergue meu queixo com o polegar, obrigando-me a olhá-lo. — Por diversas vezes, você foi a criatura mais detestável e desprezível que conheci. Houve momentos em que eu a odiei com toda a minha força. — Sua confissão faz com que a dor em meu peito fique mais intensa. Faço que sim com a cabeça, enquanto um pequeno soluço escapa dos meus lábios.

Andrew enxuga uma lágrima em meu rosto e um pequeno sorriso nasce em seus lábios. Seus olhos me fitam com ternura, deixando-me confusa.

— Mas aí, eu conheci você. Conheci a mulher forte e determinada que luta para dar orgulho ao seu pai e que quer ajudar o próximo. Essa pessoa linda que tem um coração enorme e que chora por tudo. E por mais que eu tentasse manter meu coração distante de você, cada tentativa minha falhava. Porque não importava o quanto eu tinha te odiado, já que uma parte de mim sempre soube que eu a amei desde o primeiro momento em que coloquei os

olhos em você.

Solto a respiração que estava prendendo e deixo que todo o peso do medo deixe meu corpo. Minha cabeça gira diante de suas palavras e peço a Deus que eu não esteja sonhando.

— Eu te amo, pirralha. E a quero de todas as formas inimagináveis possíveis. — Ele sorri, inclinando seu rosto para mais perto. — A quero na minha cama todos os dias e em minha vida. Quero que você seja minha amiga, minha companheira, minha mulher. — Andrew roça seus lábios nos meus. — Quero acordar todos os dias ao seu lado. — Ele beija-me suavemente. — Deixe-me cuidar de você e te fazer feliz.

Balanço a cabeça, incapaz de falar. A emoção é tão forte que tudo o que consigo fazer é puxá-lo para mim. Preciso sentir que tudo é real. Preciso que ele me torne sua e me ame como nunca fui amada em toda a minha vida.

Andrew desfaz minha trança delicadamente. Seus dedos brincam com meus fios loiros, enquanto seus olhos avaliam-me com tanta ternura, que sinto vontade de me beliscar para ter certeza de que não estou sonhando.

— Você é tão linda. — Ele sorri e traça um dedo por minha face. — Como um anjo.

Mordo o lábio e sorrio, sentindo borboletas fazerem piruetas em meu estômago.

— Me diga que isso não é um jogo — suplico, sentindo o medo querendo voltar. Não suportaria saber que tudo o que ele me dissera não passou de uma

mentira.

Andrew balança a cabeça em negação.

— Acredite, Allie, não é. — A sinceridade em suas palavras faz meu coração pular.

Ergo uma mão e toco sua face, contornando cada detalhe da perfeição que compõe o seu rosto.

— Confio em você — digo com a voz baixa, antes de seus lábios pousarem nos meus, num beijo suave e apaixonado.

Arranco seu camisão jogando-o em algum lugar no quarto e exploro seus braços que me seguram forte junto ao seu corpo musculoso.

Andrew afasta-se de mim, apenas o suficiente para tirar minha blusa, deixando-me somente com o sutiã. Seus olhos admiram meu corpo seminu, como se ele nunca tivesse me visto sem roupa antes.

— Ainda está muito vestida — diz com um sorriso travesso, enquanto suas mãos tocam meus ombros, fazendo seu caminho por minha pele, acariciando-me sobre o tecido fino do sutiã de renda vermelho.

Prendo a respiração e me agarro nele para não cair.

Ele solta o fecho do sutiã, deslizando as alças por meus ombros, até que caia em meus pés.

Seus dedos tocam minha pele, subindo novamente por meus ombros, até

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

as mãos cobrirem cada um dos meus seios.

Um gemido escapa de meus lábios com a intensidade do desejo que me invade.

Fecho os olhos com força, jogando a cabeça para trás, sentindo-me inebriada com o seu toque.

Seus lábios pousam em meu pescoço, deixando beijos e mordidas no local logo abaixo da minha orelha, enquanto suas mãos brincam com meus mamilos.

Afundo minhas unhas em suas costas, fazendo-o morder minha carne com força.

Gemo novamente e busco seus lábios. Eu preciso dele. Preciso que ele me tome agora.

— Eu o quero! Agora! — digo com a boca ainda na sua.

Sua língua passeia em meus lábios, antes de invadir minha boca num beijo viril e cheio de luxúria.

Suas mãos descem por meu estômago, parando no cóis do meu short.

Ele abre o botão e o baixa cuidadosamente, fazendo questão de puxar minha calcinha junto. Suas mãos tocam minha pele enquanto faz isso e um pequeno sorriso brinca em seus lábios ainda grudados aos meus.

Quando meus shorts caem aos meus pés, ele recua um passo para longe de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mim. Seus olhos me devoram completamente, como se de alguma forma eu fosse tudo o que ele mais deseja.

— Agora está perfeita. — Sua voz é um sussurro suave, deixando-me ainda mais perdida de desejo. Ele ergue o olhar para mim e sorri.

Sinto que não posso suportar essa tortura por muito mais tempo. Eu preciso desesperadamente dele.

— Por favor, Andrew, não me faça esperar nem mais um segundo — digo com a voz rouca, avançando em sua direção.

O beijo com urgência, enquanto minhas mãos ágeis soltam seu cinto e abrem o zíper de sua calça.

Andrew tira suas botas apressadamente, enquanto suas mãos viajam por meu corpo, causando-me arrepios em cada pequeno lugar que ele me toca.

O desejo que invade meu corpo é intenso, fazendo com que me segure em seus braços fortes.

Ele me deita cuidadosamente na cama, sobre o lençol branco.

Observo-o parado na minha frente. Viril e glorioso como um deus, enquanto ele retira a calça sem pressa, sem quebrar o contato visual.

Já o tinha visto em toda a sua glória antes, na noite em que estive em seu quarto e ele me rejeitara. Tantas coisas mudaram desde aquele dia, que sinto como se essa fosse a primeira vez que coloco meus olhos sobre ele. Cada detalhe do seu corpo parece novo para mim e quero desvendar cada

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pedacinho seu. Quero gravar em minha memória cada detalhe desse momento.

Andrew sobe na cama, deitando seu corpo sobre o meu com cuidado, apoiando seu peso no braço que está ao lado de minha cabeça.

Com a mão livre, ele toca minha face suavemente. Seus olhos têm um brilho hipnótico grudados nos meus.

Meu coração bate forte em meu peito e todo o meu corpo anseia por ele.

— Allie... — Sua voz é um sussurro doce. Sua respiração quente faz cócegas em minha pele. Fecho os olhos por um momento, deixando a maravilhosa sensação de paz tomar conta de mim, quando seus lábios percorrem meu pescoço, enquanto sua mão, que outrora estava em minha face, faz seu caminho pelo meu corpo. — Eu a quero tanto, há tanto tempo — ele diz, com a boca de encontro a minha. — Mas não se trata apenas de sexo.

Mordo seu queixo, erguendo meu corpo em direção ao seu. Sua ereção está pressionada em minha perna.

Ele solta um gemido rouco e juro por Deus que é o som mais erótico que ouvi na vida.

— Apenas faça amor comigo! — digo, buscando seus olhos.

Andrew roça seus lábios nos meus, enquanto sua mão desliza para minhas pernas, as afastando. Ele me cobre completamente com o seu corpo grande, enquanto sua boca esmaga a minha em um beijo cheio de paixão e desejo.

Afundo minhas mãos em seus cabelos, puxando-os de leve, enquanto ele pressiona sua ereção contra minha entrada úmida.

Deslizo minhas mãos por seu peito duro e sua barriga definida. Uso toda minha coragem para chegar até sua ereção.

Seus dentes cravam em meu pescoço e um gemido abafado escapa de sua boca, quando começo a mover minhas mãos lentamente, para cima e para baixo.

Uma de suas mãos faz caminho por meu corpo, chegando à minha parte sensível.

Ele me toca gentilmente, como se estivesse com medo de me machucar.

Meu corpo queima de desejo e parte de mim quer apenas que ele termine logo com essa tortura, porém a parte sádica quer aproveitar cada segundo desse momento.

Andrew morde meu lábio, enquanto desliza um dedo dentro de mim, fazendo com que o desejo cresça. Arqueio meu corpo e faço pressão no meu movimento em seu membro duro e longo.

— Allie! — ele rosna com a boca contra a minha. Sua respiração pesada me prova o quanto está tentando manter o controle.

Meu coração bate forte contra meu peito. Meus pensamentos estão confusos e não tenho tanta certeza se conseguirei aguentar essa tortura por mais tempo. Meu corpo precisa desesperadamente de Andrew.

Beijo seus lábios urgentemente, de forma que mostre o quanto o desejo.

— Eu a quero agora! — diz com a voz rouca.

A euforia toma conta de mim. As palavras voam para longe. Não consigo nem mover meus lábios para lhe implorar que me tome. Todavia, nada disso é preciso. Andrew sabe exatamente o que quero.

Ele afasta minha mão gentilmente da sua ereção, tomando controle da situação.

Andrew pressiona seu pênis duro na minha entrada. Seus olhos estão grudados nos meus enquanto me penetra lentamente.

A sensação de ser preenchida por ele é inimaginável. É o tipo de sensação que nos faz pensar que estamos tocando o céu.

É simplesmente a melhor coisa que já senti na minha vida.

Agarro seus braços com força, cravando minhas unhas em sua carne, enquanto Andrew aumenta a velocidade de suas investidas. O desejo que sinto me consome inteiramente e já não consigo controlar meus gemidos.

Sua boca faz caminho em meu pescoço até meus mamilos rígidos. Sua língua brinca com os bicos endurecidos, fazendo com que me contorça, quase chegando ao ápice do prazer.

— Andrew! — digo seu nome entre gemidos abafados, quando ele morde levemente meu mamilo.

Suas investidas tornam-se mais rápidas e fortes, levando de mim tudo o que resta da minha sanidade.

Ele agarra uma de minhas pernas, colocando-a em seu ombro, penetrando-me mais profundamente.

Jogo minha cabeça para trás, fechando os olhos. Saboreando a maravilhosa sensação de fazer amor com Andrew.

Agarro os lençóis com força, à medida que vou chegando ao meu limite.

Sinto que não conseguirei me segurar por muito mais tempo.

Andrew percebe que estou prestes a gozar e diminui suas estocadas de propósito, deixando-me desesperada.

Busco seus olhos sentindo a fúria tomar conta de mim.

— Ainda não, linda — diz com um sorriso travesso em seus lábios, saindo de cima de mim e me virando, de modo que fico de costas para ele, com as mãos e os joelhos apoiados no colchão.

Andrew coloca meus cabelos para o lado, deixando meu pescoço à mostra, então sinto seus lábios em minha pele.

Arrepios me percorrem por inteiro, à medida que seus lábios descem por minha espinha. Uma de suas mãos está em meu sexo, fazendo movimentos sutis em meu clitóris, enquanto a outra segura firme meu quadril.

— Você é tão linda! — diz com a boca ainda em minha pele.

Andrew segura meus quadris com as duas mãos, enquanto me penetra novamente.

Mordo o lábio segurando um gemido. Sinto como se o mundo estivesse se desfazendo em meus pés, como se nada mais existisse fora desse pequeno chalé. É como se só existisse eu e ele.

Nunca me senti tão completa e amada. A sensação de fazer amor com Andrew é tão diferente, que é como se, de fato, essa fosse minha primeira vez.

Talvez essa seja a sensação viciante dos amantes. A paixão avassaladora que consome cada partícula do corpo, deixando-nos embriagados de desejo.

Nossos gemidos preenchem o pequeno espaço, à medida que somos consumidos pela sensação esmagadora da nossa paixão.

Andrew rosna meu nome a cada investida, levando-me à loucura e fazendo-me desejar mais.

Arqueio meu corpo, de forma que minhas costas fiquem grudadas em seu peito.

Apoio minha cabeça em seu ombro, enlaçando seu pescoço com os braços. Enquanto suas mãos seguram meus seios.

Sua boca explorando meu pescoço faz-me gemer ainda mais alto.

— Eu te amo — ele diz as palavras mais doces que meus ouvidos já ouviram e eu sinto que poderia chorar nesse momento.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Como pode tantos sentimentos caber em apenas um momento? É como se fosse um mar infinito de amor, ternura, carinho, desejo e paixão.

Sempre sonhei com algo assim e agora estou vivendo um momento mágico com o homem que roubou meu coração, tornando-o seu.

— Eu te amo — digo num som quase inaudível, quando o prazer explode em meu corpo, levando tudo de mim, fazendo-me atingir o clímax.

Os braços fortes de Andrew estreitam ao meu redor, enquanto meu corpo treme de prazer.

— Isso, amor! Goze para mim — ele rosna em meu ouvido. — Estou quase lá. — Andrew pressiona sua boca em meu pescoço, sugando minha pele, enquanto ele torna seus movimentos mais intensos e, quando finalmente derrama-se dentro de mim, ele grita meu nome com paixão.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, esperando nossas respirações acalmarem. Sua respiração faz cócegas em minha pele e não recordo de me sentir tão bem antes.

Andrew passa a ponta do nariz no meu pescoço inspirando meu cheiro.

Sorrio, enquanto os pelos da minha nuca ficam eriçados.

— Isso foi melhor do que imaginei. — Ri.

Não posso deixar de sorrir com suas palavras.

Afundo minhas mãos em seus cabelos, puxando seus fios com cuidado.

Andrew beija meu pescoço apertando-me ainda mais forte contra seu corpo.

— Isso é bom — digo sorrindo.

— Eu sei. — Sua voz é um sussurro doce, que me enche de alegria.

Suas mãos seguram meus quadris, afastando-me de seu corpo e sai de dentro de mim.

Meu corpo sente a ausência do seu. Quero protestar e pedir que volte para mim novamente, porém antes que eu abra a boca, ele deita-se na cama, me puxando para si.

Andrew envolve meu corpo com os braços e eu pouso minha cabeça em seu peito.

Ficamos em silêncio, um ouvindo a respiração do outro.

É um momento íntimo que me diz tantas coisas sobre esse homem que odiei tanto, por tanto tempo.

Andrew faz círculos na pele exposta do meu ombro com a ponta dos dedos e eu brinco com os pelos do seu peito, enquanto ouço as batidas, agora rítmicas do seu coração.

— Posso te fazer uma pergunta? — questiona-me Andrew quebrando nosso silêncio.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Claro! — respondo sem olhá-lo.

Andrew respira fundo e seus dedos ficam paralisados em minha pele.

— Você transou com ele? — pergunta ele com frieza.

Ergo-me da cama, puxando o lençol na frente do meu corpo e volto toda minha atenção para o Andrew.

Seu olhar está preso ao meu. Seus olhos demonstram a urgência que faltava em sua voz.

— Você já me perguntou isso — respondo sem emoção aparente na voz. Parte de mim, sente-se frustrada com seu questionamento, porém, vendo o medo brilhando em seus olhos, quero apenas acalmar seu coração. — Por que isso de novo?

Andrew passa as mãos em seus cabelos, deixando os fios mais rebeldes.

— Eu sei que já perguntei antes, e sei que você me respondeu, mas foi antes de você sair com ele e... — Ele toma minhas mãos nas suas sem quebrar o contato visual. — Eu só preciso que você me responda — diz com a voz pesada.

— Não transei com o Nicholas, Andrew. — Forço um sorriso. — Sei o que você pensa a meu respeito, mas vai por mim, não sou esse tipo de garota — digo com amargura, sentindo as lágrimas queimarem em meus olhos.

Por mais que ele tivesse acabado de dizer que me amava e me dado o momento mais lindo e sincero da minha vida, saber que pensa que me

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

deitaria com qualquer um, me deixa totalmente magoada.

— Droga, Allie, eu não quis dizer isso — diz com pressa, tomando meu rosto entre as mãos. — É que... não suporto a ideia dele ter te tocado — confessa com a voz baixa. A forma como me fita demonstra toda a sinceridade de suas palavras. — Você não imagina o quanto fiquei furioso quando ele apareceu. Quando vi a forma como você parecia bem ao lado dele, como se tivessem sido feitos um para o outro. — Ele me avalia atentamente. Seus olhos são tão puros e hipnóticos. — Não me recordo de outra ocasião que me senti impotente diante de uma situação. Você estava tão distante de mim e parecia que não tinha nada que eu pudesse fazer para trazê-la de volta. Fiquei desesperado com a hipótese de ele te tocar ou, na pior das hipóteses, você se apaixonar por ele.

Andrew contorna meus lábios com a ponta do dedo. Prendo a respiração, sentindo meu corpo reagir a esse simples contato.

— Eu queria ser o motivo dos seus sorrisos e queria ser o sortudo a desvendar cada centímetro do seu corpo. Esse desejo estava me deixando louco. Por mais que dissesse a mim mesmo o quanto isso era insano, mais eu te queria. Mais te desejava.

— Você é muito bom em esconder o que sente — digo com a voz arrastada, lembrando a forma como ele se comportou com a Hanna.

— Eu precisava esconder, Allie. Não estava pronto para assumir que estava apaixonado por você.

— Por isso ficou com a Hanna? — questiono-o sem entender.

Ele parece confuso com minha pergunta.

— Te expliquei sobre minha relação com ela. Temos uma história juntos, mas não há nada mais entre nós.

Sorrio sem humor, sentindo o ciúme tomar conta de mim.

— Vocês pareciam apaixonados e, acima de tudo, você vem me cobrar respostas sobre eu ter ou não dormido com o Nicholas, quando foi você que transou com alguém e eu não estou te cobrando nada, porque não é da minha conta. Por mais que pensar sobre isso me deixe com raiva — digo apressada. — Sei que me falou sobre o relacionamento de vocês, mas não explica nada. Ela te ama e você... Bem, você disse que me amava, mas mesmo assim, transou com ela. Eu não consigo entender.

Andrew mantém seu olhar fixo em mim, absorvendo tudo o que despejei em cima dele, então ele simplesmente ri. Não um riso qualquer, mas um riso cheio de vida, como se eu tivesse acabado de lhe contar uma piada.

Cruzo os braços em frente ao peito e o encaro, fuzilando-o com o olhar.

— Qual a graça? — pergunto furiosa.

Andrew respira fundo, tentando controlar o riso.

— Você acha mesmo que transei com a Hanna? — questiona ainda rindo.

Reviro os olhos, sem conseguir encontrar a graça em tudo isto.

— Foi bem óbvio, peão! “Vou te esperar no quarto” — digo a frase que
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

me atormentou bastante naquela noite, tentando fazer uma imitação da voz enjoada da Hanna, o que faz Andrew rir ainda mais.

É impossível me manter séria diante dessa cena. Não recordo de tê-lo visto rir assim antes.

— Para de rir de mim, Andrew! — peço sem conter o riso, empurrando-lhe o ombro.

Andrew segura minha mão puxando-me para ele. Tento me desvencilhar de sua pegada, no entanto seus braços estreitam-se mais forte ao redor do meu corpo, mantendo-me presa no lugar.

— Não transei com a Hanna naquela noite, Allie — esclarece, buscando meus olhos. — Além de estarmos completamente embriagados, seria impossível pensar em... tocar nela, depois de ter estado tão próximo de você. — Seus dedos longos e ásperos tocam gentilmente minha face. — Tudo o que queria era estar com você. Não importava o quanto aquele sentimento parecesse errado para mim. Tudo o que queria era você.

Meu coração bate forte com suas palavras. Posso ver a sinceridade em seus olhos e isso é o bastante para ter certeza de que meu coração está seguro em suas mãos.

— Então... Não transou com ela? — Ergo uma sobrancelha, tentando manter um semblante sério.

Andrew sorri, fazendo que não com a cabeça.

— Ela dormiu no meu quarto e eu dormi no quarto de hóspedes ao lado do seu — diz pausadamente tocando minha face. — E você, pirralha, onde dormiu? — Ele ergue uma sobrancelha e me encara.

Mordo o lábio, deixando meu corpo relaxar junto ao seu.

— Estava confusa naquela noite. Tudo o que estava sentindo em relação a você estava me enlouquecendo e a ideia de você e a Hanna juntos no mesmo quarto me enjoava, então... fui dormir no quarto do meu pai — digo a última frase baixinho, com medo de ele me julgar de alguma forma, porém, tudo o que vejo em seus olhos é surpresa. — Só queria um lugar seguro para ficar e, naquele momento, ali era o lugar certo.

Andrew respira fundo, parecendo perdido e confuso.

— Sinto muito por tudo. Por tê-la magoado tantas vezes. Não estava raciocinando direito. Tudo o que queria era fazer a coisa certa.

Sinto as lágrimas queimarem em meus olhos.

— Nós dois erramos. Mas agora podemos começar do zero. Escrever uma nova história.

Um pequeno sorriso se apossa de seus lábios e seus olhos intensos e apaixonantes queimam nos meus.

— Eu a amo — sussurra, aproximando-se ainda mais.

Sinto meu corpo reagir antecipadamente e tudo o que quero agora é me perder novamente na maravilhosa e incomparável sensação de fazer amor

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

com Andrew Scott.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Quando chegamos de volta à fazenda, já passa de uma da tarde. Estou faminta, exausta e, acima de tudo, muito feliz.

Quando acordei pela manhã, não tinha ideia que meu dia ficaria tão perfeito.

Nem parece que faz horas que saímos para dar um passeio. O clima de paz, intimidade e cumplicidade que nos envolve, me faz pensar que faz dias que estivemos fora, vivendo em nossa bolha.

— Chegamos! — diz Andrew, sorrindo para mim. Ele está tão relaxado, de um jeito que nunca vi. Se minha alegria estiver estampada em meu rosto, como está no dele, sei que devo estar radiante.

Ele desce do cavalo e me ajuda a descer do meu.

— Gostou do passeio? — pergunta ainda me segurando firme.

Enlaço meus braços em torno do seu pescoço e sorrio, aproximando meu rosto do seu.

— Eu amei cada segundo do nosso passeio — sussurro, enquanto roço meus lábios nos seus.

Andrew estreita seus braços em torno do meu corpo e um pequeno gemido escapa de seus lábios.

— Também amei cada segundo. — Ele prende meu lábio inferior entre seus dentes e é minha vez de gemer. Não importa quanto ele tenha me tocado no chulé, meu corpo sempre ansiará por mais.

— Então é isso? Estamos juntos agora? — Andrew afasta-se de mim o suficiente para me olhar nos olhos.

Há tanto amor, ternura e carinho no seu olhar que é impossível não pensar que é um sonho.

— Talvez... — respondo sorrindo.

Andrew esboça um sorriso radiante e satisfeito, antes de me puxar de volta para seus braços e esmagar sua boca na minha.

Ele me beija suavemente, com sua língua deslizando na minha de um jeito provocante.

— Não consigo me cansar disso — digo com a boca ainda grudada na sua.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Andrew beija o canto da minha boca e desce, fazendo um caminho de beijos até meu pescoço.

Sua barba arranha minha pele e eu não posso deixar de sorrir pela sensação maravilhosa que me invade.

— Agora vamos. Tenho que lhe alimentar e deixar você descansar um pouco. O passeio foi *muito* cansativo — diz Andrew com um sorriso travesso, dando ênfase à última frase.

Ele afasta-se de mim e segura minha mão. Não esperava essa atitude dele. Pelo menos, não agora. Ainda não rotulamos nossa relação e por mais que ame o fato de Andrew querer assumir para todos que estamos juntos, não consigo me sentir completamente feliz, sabendo que a Nana, uma das pessoas que mais tenho respeito na vida, ainda sonha com a volta do relacionamento da filha com Andrew.

Ele faz menção de sair do celeiro, no entanto continuo parada no lugar, olhando para nossas mãos entrelaçadas.

— O que foi? — questiona-me.

Respiro fundo e volto meu olhar para os dois pares de olhos azuis confusos.

— Olha, não fica com raiva, ok? Mas, antes de dizermos a todos que estamos juntos, eu quero falar primeiro com a Nana.

Andrew continua me olhando sem entender.

— Ela ainda acredita em uma possível volta com a Hanna — explico, como se ele já não soubesse desse fato. — E não quero que ela pense que roubei o homem de sua filha. — Torço o nariz com a última frase. Eu sei que Nana não pensaria assim a meu respeito, no entanto, eu devo isso a ela. Quero lhe contar tudo primeiro.

Andrew toca minha face e sorri.

— Eu entendo você, Allie, mesmo não sendo necessário nada disso. A Nana sabe que eu e a Hanna não temos volta, independente do que possa ter acontecido. E acredito que ela já deve estar desconfiada a respeito da gente.

— Por quê? — pergunto sem entender.

Andrew sorri dando de ombros e se inclina depositando um beijo nos meus lábios.

— Vamos para casa — diz ele ainda me beijando.



Caminhamos lado a lado de volta para casa. Estamos sorrindo e brincando, mal contendo a vontade de nos tocar. Não sei como vou fazer para me manter longe dele até conversar com a Nana, então, prometo a mim mesma que essa será a minha primeira tarefa assim que entrar.

Por obra do destino, ou mera coincidência, Nana está parada na varanda, olhando para todos os lados, como se estivesse esperando ou procurando

alguém. Sua expressão é de pura aflição, o que me deixa preocupada.

Apresso meus passos deixando Andrew para trás. Nunca a vi dessa forma, então deve ter acontecido alguma coisa grave.

Rezo para que não tenha sido com sua filha. Mesmo que eu não goste dela, não quero que nenhum mal lhe aconteça.

— Nana! — grito, antes de chegar à pequena escada que leva a varanda.

Ela volta seu rosto em minha direção e o alívio toma conta de si.

— Graças a Deus vocês chegaram! — exclama do último degrau.

— O que aconteceu? — pergunta Andrew bem ao meu lado.

Ela passa as pequenas mãos por seus fios grisalhos e desce as escadas apressada.

— É a sua mãe, Allie — diz aflita.

Sinto meu corpo congelar no lugar. Mil coisas passam por minha cabeça ao mesmo tempo.

— O que tem ela? Aconteceu alguma coisa com a minha mãe? — As perguntas saem apressadas e eu temo que as respostas não sejam boas. Sei agora das coisas que ela fez a mim e ao meu pai, no entanto, ela é a única pessoa que tenho como família e não sei se suportaria se algo de ruim tivesse lhe acontecido. Instintivamente procuro pela mão de Andrew, sem me importar com a presença de Nana. Estou aflita e tudo o que preciso é do

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

conforto do seu toque.

Nana percebe meu nervosismo e toca meu ombro.

— Calma, Allie! Não aconteceu nada com ela — diz de imediato.

Fico aliviada e deixo que um suspiro saia da minha boca. Olho de relance para Andrew, que me dá um sorriso caloroso.

— Porém, diria que é pior do que se tivesse de fato acontecido algo — diz Nana, fazendo-me voltar minha atenção para ela.

Seus olhos voltam-se para nossas mãos entrelaçadas e de imediato puxo minha mão, na intenção de quebrar o contato, todavia, ele apenas prende minha mão com um pouco mais de força, mantendo-a presa a sua.

Deixo todos os fatores que me fizeram dizer a ele para manter nossa relação em sigilo de lado e tento me concentrar no que Nana tem para me dizer.

— O que é pior que isso? — questiono-a, tentando manter minha voz normal.

Nana volta seu olhar para a porta da nossa casa, antes de voltar-se para mim novamente.

— Ela está aqui — diz quase num sussurro.

Levo alguns segundos para processar sua informação, e quando finalmente consigo, sinto todo o ar fugir dos meus pulmões.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Andrew percebe de imediato minha mudança de postura. Ele coloca a mão livre em minha cintura, dando-me apoio.

Não consigo entender minha reação. Se fosse há algumas semanas, estaria radiante por tê-la aqui, no entanto, tantas coisas mudaram. Eu mudei. Não sei se estou pronta para encará-la depois de tudo o que fiquei sabendo.

Respiro fundo e fecho os olhos por um momento, tentando recuperar a paz que estivera comigo há alguns minutos.

Ela não devia estar aqui. Minha mãe deveria estar na sua viagem ao Brasil com o seu novo marido. Se a viagem dos sonhos acabou antes do prazo, significava apenas uma coisa: Mike a largou.

Esse seria o único motivo que a levaria vir até aqui. Minha mãe sempre odiou esse lugar. Prometera a si mesma nunca colocar os pés aqui novamente.

Seja o que for, tenho que enfrentá-la. Saber o que a trouxe de fato até aqui.

Abro os olhos e me deparo com o olhar assustado de Nana me fitando.

Forço um sorriso para tranquilizá-la. Sei que ela não gosta da minha mãe e com toda razão e, tê-la aqui, no lugar que sempre fora sagrado para o meu pai, deve estar lhe deixando aborrecida.

— Há quanto tempo ela está aqui?

— Há umas três horas — responde de imediato.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Respiro fundo e olho de relance para Andrew.

— Eu vou falar com ela — digo sem quebrar o contato visual com ele. Seus olhos me avaliam com atenção, transmitindo-me a coragem que estou precisando. — Vem comigo. — Deveria ser uma pergunta, porém preciso tão desesperadamente dele ao meu lado nesse momento, que não tenho coragem de lhe dar uma alternativa.

Ele sorri, fazendo que sim com a cabeça.

Volto-me para Nana, que nos observa com reconhecimento em seus olhos.

— Boa sorte, filha. — Ela sorri docemente, antes de subir os degraus e desaparecer do meu ponto de vista.

— Tem certeza de que quer que eu vá? — Andrew se coloca à minha frente, buscando meus olhos.

Em vez de responder, fico nas pontas dos pés e o beijo longa e demoradamente. Cada partícula do meu corpo vibra com esse contato. É como se a paz voltasse a reinar em mim. Não importa se muitas vezes Andrew seja como uma tempestade, nesse momento ele é meu porto seguro.

Afasto-me dele, mesmo sob os protestos do meu corpo.

— Apenas venha comigo! — suplico, sentindo o medo me invadir.

Andrew toca minha face com carinho e beija o alto da minha cabeça.

— Sempre estarei com você — diz com a voz carregada de sinceridade.

Sinto um aperto no meu peito. Algo me diz que essa conversa não acabará bem. Minha mãe sempre fora arrogante e dona da verdade. Ela jamais aceitará minha vida atual ou o que me tornei nesses meses que estou na fazenda e, acima de tudo, não apoiará meu relacionamento com Andrew.



Margareth está parada em frente à janela. Ela está trajando um vestido preto, que vai até a altura dos joelhos e calçando sandálias altíssimas da mesma cor. Seu cabelo está solto, indo até a altura dos ombros. Sua postura confiante e impecável me faz pensar na pessoa que eu era antes de chegar aqui.

Minha mãe sempre fora rígida com a beleza. Sempre nos melhores salões de beleza, estéticas e usando as melhores marcas de roupas e calçados.

Ela é uma mulher vaidosa, arrogante e confiante. Mentiria se dissesse que nunca a invejei ou idolatrei.

Houve uma época que a tornei meu espelho. Queria ser e agir de acordo como ela agia.

Sempre fui seu troféu, apesar de mal convivermos juntas. Margareth sempre cuidou para que eu fosse nada mais, nada menos do que uma mulher de classe.

Faço uma rápida vistória nas minhas roupas, sabendo que com certeza ela desaprovárá o que estou vestindo e com a mão livre, tento colocar os fios rebeldes do meu cabelo no lugar.

Sempre me vesti e agi para agradá-la e, por um momento, me arrependo por não ter ido me trocar antes de enfrentá-la.

Olho de relance para Andrew, que me dá um olhar reconfortante, transmitindo-me a confiança que preciso para falar.

— Mãe! — Minha voz soa como a de uma criança amedrontada.

Ela mantém sua postura firme. Seu olhar perdido em algum lugar além da janela.

Se não conhecesse tão bem minha mãe, diria que ela não me ouviu, porém sei que ela está fazendo uma de suas manobras para me deixar insegura.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, ela vira sua cabeça em nossa direção, no entanto seus olhos estão fixos na pessoa ao meu lado.

A forma como Margareth olha para Andrew deixaria qualquer pessoa insegura, mas conheço-o e sei que jamais se deixaria afetar por ela.

Olho de minha mãe para Andrew, sentindo a tensão crescer no cômodo que estamos dividindo.

Ela está prestes a atacar e sei que Andrew agirá à altura, então, resolvo intervir antes que essa conversa vire uma grande confusão.

— O que faz aqui? — pergunto com a voz firme, tentando trazer sua atenção para mim.

Ela mantém o olhar cheio de desprezo e reprovação em Andrew.

— Tanto esforço para te dar uma boa criação e você se rebaixa a isso. — Suas palavras são frias e cheias de veneno. Ela desvia o olhar de Andrew e fuzila nossas mãos entrelaçadas.

Sinto a raiva tomar conta de mim e luto com todas as minhas forças para não agir por impulso. Apesar de tudo o que ela fez a mim e a meu pai, ainda continua sendo minha mãe.

— O que faz aqui? Não deveria estar no Brasil com o seu marido? — questiono-a com ironia.

Ela volta seu olhar para mim e nesse momento tudo o que queria, é que ela nunca tivesse vindo aqui. Ela é tão fria e vazia, que seu olhar não podia transmitir algo diferente.

— Senti saudades da minha filha. — Ela força um sorriso, que não chega aos seus olhos castanhos.

Sinto uma pontada de tristeza me invadir. Por um momento, gostaria que esse tivesse sido o motivo que a trouxera à fazenda, mas a conheço muito bem para saber que isso é apenas uma mentira. Ela nunca deixaria seu marido milionário para me ver, não importa qual fosse o motivo. Ela sempre se colocou em primeiro lugar em tudo.

— Ele te largou? Quanto tempo faz? Sete meses? — A raiva transborda em cada uma de minhas palavras e, por mais que eu tente me conter, não consigo parar agora. — Demorou mais do que previ.

Uma sombra de choque passa rapidamente por sua face bem maquiada, mas é muito rápido. Margareth nunca deixa suas emoções transparecerem, não importa a ocasião, ela sempre se mantém firme e segura.

— Como ousa falar assim comigo? Não admito que me trate assim! — Ela usa as palavras com firmeza e arrogância.

Sorrio sem humor diante de sua encenação. Ela sempre fora boa com teatro. Sempre soube representar muito bem, mas agora seu teatro não funciona comigo.

— O que faz aqui? — Faço a pergunta com frieza.

Ela olha para Andrew por um segundo antes de responder:

— Podemos falar a sós? — Sua voz é suave, livre de qualquer emoção.

— Tudo o que quiser me dizer, pode falar na frente do Andrew. Estamos juntos agora.

Geralmente minha mãe é como uma rocha. Nunca demonstra suas emoções. Não importa o que aconteça, ela sempre está ali, firme, como se nada tivesse acontecido. No entanto, essa não foi uma dessas ocasiões. Há muito tempo não vejo o choque e a raiva estampados em sua face. Seus olhos me olham com incredulidade e nojo.

— Juntos? — Ela parece ter dificuldade em proferir essas palavras. Há tanta amargura e reprovação no tom de sua voz. Outrora me deixaria triste ou magoada, porém, tudo o que consigo sentir é raiva pela forma como Margareth está agindo.

Minha mãe continua nos olhando, pasma, como se estivesse esperando que eu lhe diga que estou apenas brincando. Não digo nada. Continuo lhe encarando em silêncio.

Impaciente, Margareth passa as mãos por seus fios castanhos, desviando o olhar do meu por um segundo.

Posso sentir a tensão crescendo a cada segundo em que o silêncio predomina.

Eu a conheço a ponto de saber que ela está apenas tentando se controlar. Minha mãe adora ter o controle de tudo, inclusive de suas emoções. E da minha vida.

Ela respira fundo, voltando-se novamente em minha direção.

Andrew aperta minha mão com um pouco mais de força, como se soubesse exatamente o que está prestes a acontecer.

— Podemos, por favor, nos falar a sós? — pede com a voz suave, porém consigo sentir a raiva e frustração em cada uma de suas palavras.

Não quero ficar sozinha com ela. Ainda não estou preparada para isso, no entanto, sei que se não ceder ao seu pedido, ela não irá embora. Preciso saber

o que de tão importante lhe trouxe à fazenda.

Respiro fundo, sentindo-me derrotada. Olho de relance para Andrew, que me fita com carinho.

— Eu vou ficar bem — digo baixinho, como uma promessa.

Ele puxa seus lábios em um sorriso torto e faz que sim com a cabeça.

— Vou te esperar no quarto — diz alto o suficiente para que minha mãe escute.

Margareth bufa irritada e mal consigo conter o riso diante da provocação de Andrew.

— Certo — digo com um sorriso. Ele curva sua cabeça e deposita um beijo suave em meus lábios.

O observo sair da sala com passos lentos e sua postura confiante. Sinto como se tivesse deixado toda minha coragem junto com Andrew, todavia preciso enfrentar minha mãe, que continua em silêncio, apenas me observando.

Respiro fundo, ainda incapaz de olhá-la. Sei que ela está furiosa e prestes a explodir feito uma granada.

— É sério isso, Allie? — Sua voz fria quebra o silêncio que se instalou entre nós.

Volto meu olhar para ela, me preparando mentalmente para o que está por

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vir.

Um sorriso irônico está estampado em seus lábios, perfeitamente pintados de vermelho. Seu olhar está em chamas de puro ódio.

Margareth faz um gesto exagerado em direção ao local que Andrew seguiu.

— Você e esse morto de fome. É verdade? Você está dormindo com ele?
— questiona-me incrédula.

O veneno em suas palavras é como um choque de realidade para que eu possa agir. Não posso deixar que ela continue o tratando dessa forma. Andrew não é um morto de fome ou interesseiro como ela sempre me incentivou a acreditar. Ele é um homem de caráter que sempre lutou para vencer na vida.

— Em primeiro lugar, ele não é um morto de fome. Seu nome é Andrew Scott e é herdeiro da metade dessa fazenda, o que o torna rico. — Dou um passo em sua direção, erguendo o queixo em uma atitude determinada a colocá-la em seu lugar. — Em segundo lugar, você não pode chegar aqui tratando as pessoas dessa forma. Aliás, você nem deveria estar aqui. E por último, sim, mamãe. É verdade que estou com o Andrew. Estamos em um relacionamento. E espero muito passar todas as noites em sua cama.

O choque estampado no rosto bonito da minha mãe é notável.

Ela parece tão decepcionada. Como se seu mundo tivesse virado de cabeça para baixo.

— Você está louca? — questiona-me com a voz carregada de desespero.
— Eu não a criei para se deitar com um zé-ninguém! — diz com desprezo.

— Assim como você fez? — pergunto com ironia, sentindo a raiva fluindo dentro de mim. Já estou farta dos seus julgamentos. Ela não é ninguém para falar assim comigo. — Eu já sei de tudo, mãe.

Ela arregala os olhos surpresa por minha ousadia. Nunca a enfrentei, mesmo quando discordava dela, sempre me mantive calada. Sempre acreditei que minha mãe sempre quis o melhor para mim. Que tudo o que fazia era pensando em mim, porém estava enganada. Todo esse tempo Margareth estava me usando. Ela só pensava em si mesma.

— Como ousa falar assim comigo? Eu sou sua mãe! — diz enraivecida com seus olhos ainda presos aos meus, soltando faíscas.

— Mãe... Você nem ao menos sabe o que é ser mãe. — Dou outro passo em sua direção, sentindo meu coração bater forte em meu peito. Toda a raiva acumulada dentro de mim, desde que soube a verdade sobre ela, está prestes a sair. — Nunca me quis. Nunca cuidou de mim. Fui criada por tantas babás que nem sequer lembro o nome delas. — Respiro fundo, deixando que todas as minhas emoções fluam para fora de mim. — Nunca me colocou para dormir ou me ajudou com as tarefas. Por Deus! Você nunca me perguntou como eu estava! — Sinto as lágrimas queimarem em meus olhos e, pela primeira vez, não me importo de chorar em sua frente. Minha mãe sempre disse que me criou para ser forte como ela. Alguém que não se deixa abalar por nada. Porém, agora sei que ela não me criou para ser forte, ela me criou para ser um ser humano desprezível, assim como ela é. — Sempre estive tão ocupada com sua própria vida, que nunca se preocupou comigo... Não

consigo recordar de uma única conversa por mais de cinco minutos que tivemos. — Minha voz falha e tenho que me controlar para não desmoronar. — Onde estava quando te liguei? Quando mandei mensagem? Estou aqui há meses e você nem se deu o trabalho de me mandar uma mensagem! — digo entre lágrimas. — Eu vivi dias terríveis aqui, quando ainda estava sobre sua influência odiando tudo o que era relacionado ao meu pai. Eu precisei de você. Precisei ouvir uma palavra que me fizesse ter forças para continuar nesse lugar... Mas você nunca me atendeu.

Minha mãe desliza as mãos por seu cabelo bem cuidado e dá de ombros, ignorando completamente o que acabei de dizer.

— Parece ter se adaptado rápido a esse lugar — diz com ironia, fazendo um gesto para minhas roupas. — E aos criados... Até já abriu as pernas para um.

— Como você consegue ser assim? Age como se nada do que acabei de dizer tivesse importância. Como consegue falar assim comigo? — A raiva queima em minhas veias, porém a mágoa fala mais alto. — Você não pode me julgar a respeito da minha relação com o Andrew, quando você mesma já fez pior — falo com amargura.

— Não sei do que está falando — usa sua melhor voz de inocente.

Sorrio ironicamente, sentindo-me frustrada demais para continuar com seus joguinhos.

— Não me venha com essa! Você sabe muito bem do que estou falando. Todos aqui sabem! — grito, sentindo a raiva tomar conta de mim. — Eu já

sei do seu casinho com um dos peões da fazenda. Foi por isso que meu pai te largou e não porque estava cansado de nós.

Margareth me olha com grandes olhos assustados e seu silêncio é tudo do que preciso para continuar.

— Você me fez acreditar todos esses anos que o meu pai tinha nos abandonado. Que ele não nos amava. Você me disse que o Anthony preferiu esse lugar a ficar comigo, quando, na verdade, ele te largou porque você estava dormindo com um empregado! Porque você, a mulher de classe, estava abrindo as pernas para um zé-ninguém! — As palavras escapam facilmente da minha boca, carregadas de ódio e desprezo. Não me importo se a ofendi ou se a magoei, tudo o que quero agora é feri-la por tudo o que ela fez a mim e ao meu pai.

A ação da minha mãe é rápida e, antes que eu possa processar o que ela estava prestes a fazer, sou silenciada por um tapa, desferido fortemente em minha face, pegando-me de surpresa.

Seus olhos carregados de raiva queimam nos meus. Sua respiração pesada faz seu peito subir e descer rápido demais.

Levo minha mão direita ao local atingido, enquanto lágrimas quentes rolam por minha face.

— Você não passa de uma menininha mimada. Não ouse nunca mais em sua vida falar assim comigo — diz ela entredentes. Sua voz está baixa, porém carregada de autoridade e desprezo. — Você deveria me agradecer! Tudo o que é e tudo o que tem, é graças a mim. Você não sabe o quanto eu tive que

sacrificar para que você tivesse isso! — diz, sem tirar os olhos de mim, fazendo um gesto com as mãos. — Você é rica! Herdeira de muitos bens. — Ela sorri amargamente. — Se não fosse por mim, você não teria nada.

Abro a boca pasma com suas palavras.

— Como pode dizer isso? Você acha que te devo alguma coisa? Pelo amor de Deus! Você só me fez mal! Afastou-me das pessoas que realmente se importavam comigo. Afastou-me do meu pai! Fez minha cabeça para odiá-lo! Como acha que vou te agradecer por ter me feito odiar alguém que me amou incondicionalmente? — Um soluço irrompe em minha garganta, fazendo-me calar. — Me afastou dele! Por sua causa não pude conhecê-lo.

Margareth endireita os ombros e me lança um olhar desdenhoso.

— Minha doce Allie! Posso até ter tido uma parcela de culpa nessa história, mas a escolha de excluí-lo da sua vida sempre foi sua. Não vou negar que grande parte das coisas que te falei a respeito do Anthony foi mentira, mas você cresceu e escolheu odiá-lo ao invés de conhecê-lo. Por diversas vezes, a escolha foi sua e o que você fez? Virou as costas para o homem que tanto te amou. — Ela sorri descaradamente com sarcasmo e eu contengo o impulso de lhe esbofetear. — Então não venha me culpar por algo que você fez.

— Você é um monstro! — digo em lágrimas. — Como pude ser tão cega? Como não enxerguei tanta crueldade em você antes? Você é vazia! Um ser sem alma e coração. Passei tanto tempo odiando meu pai, quando na verdade deveria estar te odiando por ter nos feito tanto mal.

— Mal? — questiona-me incrédula. — Olha para tudo o que você tem. Eu te fiz muito bem. Se não fosse por mim, você não teria nada. Sorte sua o Anthony ser um idiota de bom coração.

— Não fale assim do meu pai, sua cobra! — grito avançando para ela. — Não ouse colocar o nome dele nessa sua boca nunca mais.

A princípio ela parece assustada por minha reação, no entanto uma risada irrompe de sua garganta.

— Pai! Você nem ao menos o conhece — diz com deboche.

— Se não o conheci foi por culpa sua. Você me afastou dele.

Margareth balança a cabeça em negação ainda sorrindo.

— Não seja tola, Allie! Estou falando do seu pai. Seu pai de verdade.

Meu coração para diante de suas palavras.

— Do que você está falando? — As palavras saem arrastadas e não sei se quero ouvir sua resposta.

— Acha mesmo que se o Anthony fosse seu pai de verdade, ele não teria lutado por sua guarda na justiça, como fez com o bastardinho órfão? — Ela sorri, como se tivesse falado algo glorioso. Ela não sabia que suas palavras tinham sido como lâminas cortando-me cruelmente por dentro.

— Você está mentindo! — Sinto o ódio crescer em meu peito. — Está mentindo! — grito, dando um passo em sua direção. Seguro-a pelos ombros,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

deixo meu rosto a centímetros do seu.

— Não é mentira! — diz, tentando se desvencilhar do meu toque. — Acha mesmo que mentira sobre isso? — Ela dá um passo para trás, afastando-me de si. — Acha que se fosse mentira, você não teria crescido com esse homem que você agora acha espetacular? — Ela sorri. — O Anthony era louco por você. Ele teria lutado contra o mundo, se de fato fosse seu pai.

Sinto o chão girar embaixo dos meus pés. Dou um passo para trás, tentando encontrar algo em que me apoiar.

— Você não imagina o quanto ele ficou devastado ao descobrir que a pequena Allie não era sua filha. — O sorriso em seus lábios, ao pronunciar cada palavra, deixa tudo ainda mais desprezível.

— Para, eu não quero ouvir — sussurro, balançando minha cabeça em negação.

— Você era tudo para ele... Era mais importante do que tudo. Até mais do que a mim, que era a mulher dele — diz com amargura. — Então, quando ele descobriu minha infidelidade, me obrigou a sair da fazenda, eu sabia que estava perdida. Sabia que se não fizesse alguma coisa, perderia tudo o que lutei para conseguir, então tirei dele a única coisa que ele amava: você. — Ela me olha diretamente nos olhos, lançando-me um olhar cheio de desprezo e repulsa. — Eu sabia que ele era bom demais para abandoná-la. Não importava o quanto eu o tinha magoado ou enganado... ele nunca deixaria você desamparada. Mesmo depois de ter jogado em sua cara que você era filha do peão da fazenda, o Anthony continuou te amando... — Sua voz falha. Seus olhos antes focados em mim estão perdidos em algum ponto invisível.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Por um momento é como se ela tivesse se desligado desse mundo, revivendo em sua mais profunda memória o exato momento que destruiu a vida do homem que tanto lhe amou. — Foi por isso que não te deixei aqui para conviver com ele. — Margareth volta seu olhar para mim, com sua expressão derrotada, mostrando a raiva que vem guardando durante todos esses anos. — Não podia abrir mão da vida que tanto almejei ter. Então fiz um acordo com ele. Deixaria ele te ver, em troca de uma vida confortável. — Seu olhar se perde novamente e por alguns segundos ela nada diz. Apenas fica perdida em seus pensamentos. — Era para ter sido diferente... — diz num sussurro quase inaudível, mais para ela do que para mim. — Ele me prometeu que teríamos uma vida longe desse lugar. Que me levaria para longe. Anthony sabia o quanto queria sair daqui, desse lugar detestável. Se não fosse pela morte do pai dele, teria conseguido lhe tirar daqui. Ele me amava. Fazia tudo para me satisfazer. — Uma única lágrima rola em sua face, e eu tenho que piscar várias vezes para acreditar no que estou vendo. — Se ele não tivesse me trocado por esse lugar, nunca teria me deitado com outro. — Como se estivesse voltando a realidade, minha mãe respira fundo, enxugando o rosto com o dorso de sua mão direita, voltando seu olhar novamente em minha direção. Seus olhos estão vermelhos e úmidos. — Se não fosse por mim, você não teria nada. Não seria ninguém. — Ela sorri satisfeita, porém seu sorriso não alcança seus olhos.

Não consigo pensar direito. Toda essa informação está me deixando nauseada. Minha respiração está pesada e mal consigo ver por trás das lágrimas.

Meu coração está comprimido no peito e tudo o que consigo pensar é que não pode ser verdade o que ela acabou de jogar em minha cara.

Ela tem que estar mentindo!

Respiro fundo, tentando acalmar o turbilhão de emoções que me agitam.

— Você está blefando! — digo com confiança, forçando as palavras a saírem. — Não sei que espécie de jogo doentio você quer fazer comigo, mas fique sabendo que não vou cair nisso.

Uma risada histérica escapa de seus lábios, pegando-me de surpresa.

— Acha que estou mentindo? — questiona-me incrédula. — Por Deus, filha! O que ganharia mentindo a respeito disso? O Anthony já está morto! — diz friamente, fazendo meu coração parar de bater por alguns segundos. — Eu consegui! Não preciso mais de marido rico ou de mesadas de ex-marido. — Um amplo sorriso surge em seus lábios. — Tudo isso é nosso! Todo dinheiro que aquele miserável ganhou em toda sua vida é nosso!

A forma como ela sorri ao pronunciar cada palavra me deixa perplexa. Eu sempre soube o valor que minha mãe dava ao dinheiro, conforto e bens, no entanto nunca pensei que um dia fosse me sentir tão enojada ao vê-la confessar isso.

Observo a mulher em minha frente e não consigo acreditar que um dia invejei sua força e confiança. Não acredito que um dia ela foi um espelho para mim.

Margareth não passa de uma carcaça vazia, movida pelo interesse e amargura.

Não conheço essa mulher diante de mim, que fez tanto mal para a única pessoa que me amou e que agora descubro que não era nada meu.

Sinto uma dor forte em meu peito com essa conclusão. Eu não sou filha de Anthony Thomas.

— Como pode fazer comigo? Como pode fazer isso com ele? — pergunto entre lágrimas. — Você tem ideia do que fez? — grito. Meu coração bate forte com a realidade. — Tem ideia do quanto eu o odiei por sua causa? Por que fez isso? Por quê? — As palavras saem arrastadas por minhas lágrimas. — Você é um monstro! Você é um monstro! — grito cada vez mais alto. As lágrimas rolam descontroladamente por minha face. Meus pensamentos estão agitados e tudo o que quero é colocar essa mulher fria e desprezível para fora do lugar que já estava me acostumando a chamar de lar. — Você estragou tudo! Por que está fazendo isso comigo?

— Allie, pare! — Ouço a voz de Andrew atrás de mim, trazendo-me à realidade. Estou segurando minha mãe pelos ombros. Minhas unhas cravadas em sua pele.

Margareth me olha com grandes olhos assustados.

Sinto as mãos de Andrew em meus ombros, me puxando para si.

— Ai, meu Deus! — exclamo aflita, cobrindo minha boca com as mãos.

— Eu quero que você saia! — diz Andrew com a voz grave.

Minha mãe desvia o olhar do meu e volta-se para Andrew com uma

expressão confusa.

— Não vou a lugar nenhum — diz confiante, lhe lançando um olhar desafiador.

— Essa é a minha casa e você não é bem-vinda aqui. Tenho certeza de que a Allie também não a quer na fazenda.

Margareth volta seu olhar na minha direção. Seus olhos me imploram silenciosamente que lhe diga alguma coisa, no entanto, sou incapaz de sequer olhá-la no momento.

Giro meu corpo, de modo que meu rosto fique escondido no peito de Andrew. Seus braços estreitam-se a minha volta, como um escudo, enquanto choro, sem me importar que ouçam os soluços incontroláveis que sou incapaz de conter.

— Tudo bem! — diz minha mãe, soando incrédula. — Ao menos peça a alguém que me leve à cidade. Amanhã pegarei o primeiro voo para casa. — Ela faz uma pausa, como se estivesse esperando que eu diga alguma coisa. — Espero que não se oponha por eu ficar na sua cobertura, Allie.

Respiro fundo, tentando controlar as lágrimas. Sei que ela está esperando meu consentimento, mesmo que não se importe com isso ou não. Mesmo se lhe negar esse capricho, ela vai encontrar uma forma de se instalar no meu apartamento em Nova York, então não vejo outra saída a não ser concordar com isso. Pelo menos, até que eu volte para lá.

Afasto-me de Andrew, mas não me volto para ela.

— Não me importo. Só quero que saia daqui e não volte a me procurar. Entregarei um cheque para suas despesas em um hotel e para a passagem, mas será apenas isso! Não conte com o dinheiro do meu... Do Anthony para nada. Você está por sua própria conta agora.

— Você enlouqueceu? Você não pode fazer isso! Sabe muito bem que nunca trabalhei na vida. Como estou por minha própria conta? O que espera que eu faça para sobreviver? Venda minhas joias? — Suas palavras soam desesperadas e parte de mim sente-se feliz por isso. Margareth é vaidosa e sempre teve tudo ao seu alcance, agora as coisas começaram a mudar para ela.

Volto-me para ela, sentindo-me enojada. Essa mulher acabou literalmente com a vida de muitas pessoas e uma delas, foi a minha.

— Não me importo com o que terá de fazer. Isso não é mais da minha conta. Ainda estou te deixando ficar na minha casa, porque, infelizmente, você é minha mãe, mas sua estadia lá tem prazo de validade. Meu advogado entrará em contato com você nos próximos dias. Quanto a mim, espero não ter que vê-la por um bom tempo.

Margareth pisca seus olhos algumas vezes. Sua boca está rígida, segurando as palavras que sei que ela jamais deixará sair.

Ela é orgulhosa e não importa o que aconteça, ela nunca assumirá seus erros.

Vejo em sua face o quanto está abalada, mas acredito que seja mais pela perda dos seus luxos do que com a hipótese de não ter mais contato comigo.

Respiro fundo e volto-me para Andrew, que me olha com preocupação.

— Pode pedir que alguém a leve à cidade?

Ele toca minha face com carinho.

Seu toque é doce e suave, fazendo meu coração doer e as lágrimas voltarem com tudo aos meus olhos.

— Claro.

Forço um sorriso, enquanto as lágrimas rolam por minha face.

— Obrigada — digo num som inaudível, antes de sair da sala sem olhar para a minha mãe.



O cheque que fiz para a minha mãe deve ser o suficiente por um bom tempo.

Por mais que esteja lhe odiando agora, não a quero passando necessidades.

Respiro fundo passando as mãos por meus cabelos.

Nesse exato momento, ela já deve estar chegando à cidade.

Não consigo acreditar que meu dia perfeito chegou ao fim tão rápido, antes mesmo que eu pudesse acreditar que tudo entre mim e Andrew enfim tenha se resolvido.

Estava tão feliz. Tão completa e agora... Agora tudo o que sinto é um vazio causado pela revelação da minha mãe.

Sou novamente a garotinha perdida que chorava todas as noites, tendo como bote salva-vidas as poucas recordações do seu pai. O homem que ela via como seu herói.

Uma leve batida na porta me traz de volta do meu devaneio, todavia, não saio do lugar. Estou parada em frente à janela, Ainda à deriva dos últimos acontecimentos.

— Oi, amor. — A voz de Andrew preenche o ambiente, aquecendo um pouco do que restou do meu coração. — Você está bem? — Há preocupação em sua voz, fazendo meu coração, ou o que restou dele, bater pesadamente contra meu peito, causando-me uma dor dilacerante.

— Há algum tempo eu teria ficado feliz em saber que o Anthony não era meu pai. — As palavras saem monótonas dos meus lábios. Minha voz está estranha e eu mal a reconheço. — Mas agora tudo o que eu queria era que esse fato fosse uma mentira... — Minha voz quebra e as lágrimas voltam a molhar o meu rosto. — Anthony sempre foi a melhor parte da minha vida e eu vi isso tarde demais... Ele não tinha o meu sangue e mesmo assim, suportou todas as vezes em que lhe ignorei. Ele não precisava... E mesmo assim, ele continuou me ajudando... Continuou me amando, mesmo quando eu não merecia. — Volto-me para Andrew, que me olha com pesar. Seus olhos estão marejados e há tanta dor neles, como se, de certa forma, minha dor também fosse a sua. Isso me faz amá-lo ainda mais. — Nada disso é meu! — digo, fazendo um gesto com as mãos. — Essa fazenda, o dinheiro, os bens do Anthony... Nada é meu. Nem o sobrenome que uso é de fato meu. — Sorrio amargamente, entre lágrimas. — Sou filha de uma víbora com um homem que nem conheço.

— Allie... — Andrew dá um passo em minha direção com os braços abertos.

— Eu não tenho ninguém! — exclamo com a voz rouca, enquanto seus braços me envolvem em um abraço apertado.

— Você tem a mim, amor — diz ele com a voz rouca, enquanto me segura firme. — Você tem a mim — repete, enterrando o rosto em meu pescoço.

O seguro firme contra meu corpo, como se, de alguma forma, ele fosse a única coisa que ainda me mantém em pé.

Sinto como se todo o meu mundo tivesse desmoronado. Como se estivesse me afogando na correnteza e não tivesse como voltar à margem.

— Tudo ficará bem, Allie. Estou aqui com você e vamos dar um jeito nisso tudo. — A confiança em sua voz me faz acreditar por um momento que tudo ficará bem. Eu preciso acreditar nisso! A esperança é a única coisa que me resta.

Meu rosto está enterrado junto ao seu peito, onde derramo minhas lágrimas, enquanto os únicos sons que consigo me concentrar é nas batidas do seu coração.

Sinto-me dormente, como se estivesse em um sonho. As palavras proferidas por Andrew parecem distantes, deixando o pesadelo ainda mais terrível.

— Allie!

Sou puxada do meu conforto e obrigada a me distanciar do meu abrigo. As mãos de Andrew estão como conchas em cada lado do meu rosto, obrigando-me a fitá-lo.

— Escute, amor, eu sei que saber disso está te matando por dentro, mas acredite em mim, isso não vai mudar o fato de que o Anthony te amava. — Sua voz é doce ao pronunciar cada palavra. Ele está tão perto de mim que sua respiração faz cócegas em meu rosto.

— Você não entende? — pergunto com a voz embargada. — Nada disso me pertence! Nem deveria estar aqui.

— Não diga isso! — repreende-me ele. — Não importa o que sua mãe tenha lhe dito, isso não vai mudar o fato de que você é sim filha do Anthony. Ele te escolheu para ser dona desse lugar, ser sua herdeira. Mesmo sabendo da verdade, o padrinho nunca te virou as costas, até mesmo quando você o desprezou. — Andrew faz uma pausa, enquanto me avalia atentamente. Seus olhos azuis estão tão intensos, que, por um momento, tudo o que quero é me perder neles. — Ele te trouxe até aqui por uma razão, queria que você entendesse que não importa o que digam, esse é seu lar.

Sorrio diante de suas palavras. Mesmo que Andrew estivesse me dizendo tudo isso para me animar, ele estava certo. Nunca em toda a minha vida me senti tão feliz em um lugar como me sinto aqui. Estive em Nova York por tantos anos e mesmo amando aquele lugar, foi aqui, nessa fazenda, que me senti segura, me senti em casa.

Todavia, não podia continuar ocupando um lugar que não me pertencia. Não posso aceitar a herança que me foi deixada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Toda minha vida foi construída com base de mentiras e agora preciso desesperadamente saber quem eu sou.

— Preciso voltar para Nova York — digo sem olhá-lo. Sei que ele jamais vai entender minha decisão, mas preciso disso agora. Preciso me distanciar de tudo e colocar minha cabeça no lugar. Estar aqui agora me parece errado.

Andrew afasta-se de mim como se eu tivesse lhe dado uma bofetada. Seus olhos buscam em mim algum vestígio de que esteja apenas blefando, mas ele me conhece. Mesmo estando tão pouco tempo ao meu lado, sinto que ele consegue ler todos os meus segredos, apenas olhando em meus olhos.

— Não pode fazer isso! Não pode simplesmente dizer que me ama e no segundo seguinte ir embora! — Há tanta tristeza em sua voz, como em seus olhos. Sinto-me destruída por causar isso a ele. Tudo o que menos quero no momento é destruir a única coisa real que parece existir em minha vida. — Você está desistindo de uma vida feliz aqui, ao meu lado, por causa do que sua mãe disse?

— Não se trata disso — digo entre lágrimas, sentindo o desespero tomar conta de mim.

Seus olhos estão presos aos meus, suplicando por uma explicação.

— Do que se trata então? — Sua voz é grave, camuflando a ira por trás de cada palavra.

Balanço minha cabeça em negação, incapaz de lhe responder essa pergunta agora. Sinto-me tão perdida que tudo o que quero é ficar sozinha.

— Eu não sei... — Essas são as únicas palavras que consigo pronunciar. Não há uma explicação ou justificativa para minha decisão no momento. Apenas sinto que preciso partir.

Um sorriso sem humor nasce em seus lábios, enquanto Andrew faz um gesto positivo com a cabeça.

Seus olhos me fitam com mágoa e desaprovação, causando em mim uma das piores sensações que já tive na vida.

Ele havia depositado sua confiança em mim e agora... Agora estou lhe decepcionando. No final das contas, não sou a mulher forte que ele pensara que eu era.

— Se você for embora não haverá chance alguma de continuarmos juntos. — A forma dura como ele me olha faz um pequeno soluço escapar dos meus lábios. — Não vou manter um relacionamento com você dessa forma.

Faço que sim com a cabeça. Sei que palavra nenhuma vai conseguir lhe explicar o quanto ouvir isso é doloroso.

Ele continua me olhando. Esperando que eu lhe diga algo. Talvez apenas querendo ouvir dos meus lábios que não irei embora, todavia, desvio o olhar dos seus e os fixo na paisagem por trás da janela, enquanto as lágrimas derramam-se dos meus olhos abundantemente. Parte do meu coração se quebrou quando minha mãe disse que não sou filha do Anthony e a outra parte... A outra parte quando Andrew fecha a porta, deixando-me sozinha no meu quarto.

Arrasto-me para cama, sentindo-me completamente destruída. Agarro o travesseiro com força contra meu peito, enquanto deito-me em posição fetal.

Estou tão cansada, magoada e extremamente perdida, que tudo o que quero no momento é poder ter um botão onde possa fazer esse dia terminar.

Repasso as últimas palavras de Andrew antes de me deixar sozinha e isso só aumenta meu desespero.

Se eu for embora terei que abrir mão dele. Não sei se serei capaz de fazer isso! Por mais que sinta que preciso sair da fazenda para colocar minha cabeça no lugar, deixar Andrew nunca foi uma opção.

Uma batida na porta me tira dos meus devaneios.

Sento-me na cama e enxugo as lágrimas. Não quero ver ou falar com ninguém. Tudo o que quero é ficar sozinha para poder pensar no que farei agora.

Abro a boca para pedir que quem quer que esteja atrás da porta vá embora, todavia ela é aberta antes que eu possa protestar.

— Posso entrar? — pergunta Nana, colocando apenas a cabeça para dentro.

Ela parece mais cansada que o habitual, o que me leva a conclusão de que ela esteja preocupada comigo depois de todo o episódio de mais cedo.

Mesmo querendo ficar sozinha, forço um sorriso e faço um gesto para que ela entre.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Como se sente? — Sua voz é baixa e carregada de preocupação.

Respiro fundo, deslizando as mãos por meus cabelos bagunçados.

— Confusa — respondo com tristeza.

Nana senta-se na borda da cama, segurando um envelope branco, que não havia notado em suas mãos.

— Tenho algo para você. — Ela segura minha mão direita com sua, depositando o envelope nela.

Sinto meu coração pesar em meu peito com o pensamento do que pode ter dentro dele. Parte de mim sabe exatamente do que se trata, porém não sei se consigo lidar com isso agora.

— Eu já sabia da verdade, Allie. — Ela usa as palavras com cuidado, enquanto seus olhos me estudam atentamente. — Desconfiava disso desde que ela engravidou, porém, a confirmação veio do seu pai, em seu leito de morte. Ele me confidenciou que não era seu pai e me pediu que lhe entregasse essa carta, no caso de você ficar sabendo da verdade.

Desvio o olhar dos seus e fixo no envelope em minhas mãos, sentindo as lágrimas voltarem aos meus olhos.

Mesmo que eu tentasse nesse momento não chorar, isso é impossível diante de suas palavras. Anthony de alguma forma sabia que esse dia chegaria e mesmo diante do meu desprezo, ele ainda se sentia na obrigação de me proteger.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Como ele podia continuar pensando em mim? — indago, erguendo os olhos para ela. — Eu o afastei da minha vida e... fui cruel.

Nana toca minha face, enxugando uma lágrima.

— Porque ele te amava mais do que a si mesmo.

Mordo o lábio e fecho os olhos abraçando forte o envelope contra meu peito.

Não importa o que tenha nessa carta, sei que aqui há as palavras mais preciosas e importantes que lerei em minha vida.

Nana envolve seus pequenos braços a minha volta, me puxando para si.

Seu abraço é reconfortante, me fazendo questionar se é assim que deve ser um abraço de uma mãe.

Não recordo nunca em minha vida ter tido algum contato semelhante com Margareth. Ela sempre foi fria para demonstrações de afetos.

— Ele sempre quis o melhor para você, filha. Não deixe que sua mãe tire todas as coisas boas que você conseguiu nos dias em que esteve aqui. — Ela afaga meus cabelos com carinho, enquanto continuo chorando em silêncio agarrada ao frágil papel. — O seu pai ficaria orgulhoso de você.

Afasto-me dela para olhá-la nos olhos.

— Não fiz nada que o deixasse orgulhoso, Nana. Só voltei para a fazenda

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

por dinheiro. Como ele ficaria orgulhoso de algo assim? — Faço que não com a cabeça. — Eu não mereço nada disso.

Nana segura meu rosto entre suas mãos.

— Ele se orgulharia, porque ter você aqui era tudo o que ele queria. Você não consegue enxergar a pessoa que você se tornou desde que chegou? Só o fato de você querer dar continuidade ao projeto do haras, já prova que seu pai sempre esteve certo a seu respeito. — Ela sorri, enquanto suas próprias lágrimas rolam por sua face marcada pelo tempo. — Ele sempre soube da pessoa incrível que você é. Ele nunca duvidou disso, nem quando você o desprezou. E é por isso que eu digo, que ele estaria sim, orgulhoso de você.

Faço que sim com a cabeça, sentindo-me incapaz de falar nesse momento.

Nana faz um carinho em minha face, antes de colocar suas mãos sobre as minhas.

— Sei que você deve estar se sentindo sozinha, mas você não está. Você tem aqui pessoas que te amam de verdade e que fariam de tudo para te fazer feliz. — Ela respira fundo e enxuga suas lágrimas com o dorso da mão direita. — Só te peço que não tome nenhuma decisão agora. O Andrew me contou que você quer voltar para Nova York.

Abro a boca para argumentar, todavia ela é mais rápida que eu.

— Não faça nada antes de ler essa carta. Seu pai me disse que tinha coisas importantes que você precisava saber a respeito da sua vida... Sobre seu pai biológico.

Solto pesadamente a respiração que estava prendendo, sentindo o choque tomar conta de mim. Não sei se quero saber a respeito do homem que, junto com a minha mãe, destruiu a vida do meu pai.

— Eu sei que o que eu vou dizer agora pode parecer algum tipo de chantagem emocional... Talvez seja, mas... — Nana aperta minhas mãos e desvia o olhar por alguns segundos. O silêncio paira sobre nós e eu me pergunto se ela está procurando as palavras certas para me dizer agora. — Há muito tempo eu não o via tão feliz. — Ela volta seu olhar novamente na minha direção. — Se você for embora, saiba que vai destruí-lo. Ele a ama, Allie... Não abra mão de um sentimento assim.

O peso de suas palavras faz meu coração parar de bater por alguns segundos no meu peito.

Por mais que eu precise me afastar, jamais faria isso sabendo que magoaria Andrew. Eu o amo demais para lhe causar qualquer tipo de sofrimento.

— Vou ler a carta e pensar muito antes de tomar minha decisão — digo com segurança, mesmo que minha voz tenha saído arrastada e triste. Sei que ela precisa acreditar que farei o certo, não apenas por mim, mas por Andrew.



Nunca pensei que um dia fosse visitar o túmulo do meu pai.

Quando ele morreu, eu disse a mim mesma que nunca faria isso. Estava tão cega de raiva e desprezo, que senti alívio em sua morte. Não consigo acreditar como fui cruel com a única pessoa que me amou de verdade. Pensar em tudo o que fiz com o Anthony e dos momentos que perdi ao lado dele, me deixa ainda mais vulnerável. Gostaria de poder voltar no tempo e começar tudo de novo.

Iria visitá-lo em todas as minhas férias e lhe incluiria em tudo em minha vida.

Ele iria dançar comigo na minha festa de aniversário de quinze anos e estaria presente na minha formatura do colegial.

Iríamos escolher juntos a minha universidade e quando fosse aceita, ele
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

seria o primeiro a saber.

Pediria-lhe conselhos sobre os garotos e ele me confortaria quando meu coração fosse quebrado pela primeira vez.

Dividiria com ele todas as minhas tristezas, conquistas e o teria como meu porto seguro.

Aproveitaria cada oportunidade para lhe visitar e, juntos, viajaríamos para todos os lugares que queria conhecer.

Seríamos melhores amigos! Inseparáveis.

Quando a vida lhe desse o diagnóstico da doença, eu choraria com ele por essa triste notícia e, ao mesmo tempo, me manteria forte para lhe proporcionar os melhores dias do fim de sua vida.

Largaria meu emprego e me mudaria para o Tennessee para cuidar do meu pai.

Caminharíamos juntos pelo vasto campo ao nascer do sol e quando o dia desse lugar ao crepúsculo, sentaríamos juntos na varanda para admirar as estrelas, enquanto ele me contava todas as suas aventuras.

E quando o dia de sua partida chegasse, eu iria estar ao seu lado, segurando sua mão, lhe dizendo que tudo estava bem... Que eu iria ficar bem. Que ele podia ir em paz...

Em outra vida ou outro tempo, eu seria uma filha perfeita, que fez de tudo pelo melhor pai do mundo, porém, isso é apenas um sonho. Um desejo
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

impossível que nunca acontecerá.

Ajoelho-me diante do seu túmulo, analisando as palavras escritas com letras douradas.

“Aqui jaz, Anthony Thomas, um homem admirável, amigo fiel e pai amoroso.”

Ergo minha mão livre e acaricio as letras, uma por uma, enquanto as lágrimas rolam por minha face.

Meu peito dói com o pensamento de que nunca terei uma chance de lhe mostrar que eu posso sim, ser uma pessoa melhor e lhe dar todo o amor que me recusei a dar no passado.

A pequena foto na lápide, mostra o homem forte e sorridente que ele fora.

Anthony está com um chapéu preto, semelhante ao que Andrew sempre usa. Seus olhos estão brilhantes e seu sorriso é maravilhoso.

Ele parece tão vivo e feliz nessa foto, que me pergunto em que momento ela foi tirada.

Há tantas coisas a respeito do meu pai que desconheço. Gostaria de memorizar todas as coisas que o fizeram feliz e lhe tornaram o homem adorado por todos.

Respiro fundo e enxugo as lágrimas com a minha mão livre, enquanto
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

com a outra continuo segurando fortemente o envelope.

Mesmo não sabendo o que me espera ao abri-lo, não posso deixar de me sentir nervosa com o conteúdo.

Nunca recebi sequer um cartão postal do meu pai no decorrer dos anos. Essa carta será o mais próximo de um diálogo que teremos nos últimos anos.

Eu preciso fazer isso! Talvez toda a minha história esteja dentro desse envelope. Sei que parece ridículo dizer isso, mas se o meu pai me deixou essa carta, caso soubesse da verdade sobre sua paternidade, é porque ele realmente tinha algo importante para me dizer.

Reunindo toda a minha coragem, abro cuidadosamente o envelope para não o rasgar e respiro algumas vezes, antes de voltar toda minha atenção ao papel em minhas mãos.

Sua letra impecável preenche o papel branco. Palavras e mais palavras que podem mudar minha vida.

Querida Allie,

Gostaria de nunca ter que escrever esta carta para você, assim como gostaria que nunca chegasse a lê-la. No entanto, não posso controlar tudo. Não posso mudar as coisas e não posso voltar no tempo. Às vezes, o destino e a vida são cruéis e sinto muito não poder ter essa conversa olhando em seus olhos.

Não posso imaginar como você descobriu a verdade sobre esse fato. Não consigo imaginar se foi sua mãe ou o homem que te gerou. Todavia, isso não importa agora! Tudo o que importa é que, independente de tudo, eu sempre serei o seu pai e você sempre será minha garotinha.

Filha, sei que nossa relação nunca foi uma das melhores, mas acredite em mim quando digo que um dia fomos felizes.

Recordo de todos os momentos que compartilhei com você, desde que ainda estava no ventre da sua mãe.

Sempre cuidei e amei você, mesmo quando descobri que não era seu pai.

A vida não podia me dizer uma coisa, quando em meu coração você já era parte de mim. Já estava em minha pele e já tinha se tornado a melhor parte da minha vida.

Não a culpo por nunca ter querido estar comigo. Sua mãe sempre foi uma ótima manipuladora. Digo isso porque também já fui uma vítima de Margareth.

Eu era jovem e a amava mais que tudo e acreditava que ela também amasse a mim.

Quando descobri a traição de sua mãe me senti sem chão e doente de tanta tristeza, porém isso não se comparou ao sentimento de perda e desespero que senti quando ela me tirou você.

Allie, sei que você acha que as abandonei. Sei que pensa que não as

amava, mas espero que tenha descoberto tudo o que aconteceu entre mim e sua mãe e desde já me perdoe se despejei em você informações que você desconhecia. Nunca foi minha intenção manchar a imagem de sua mãe para você. Sei o quanto você a ama e a idolatra e confesso que sinto inveja dela por isso. Teria dado tudo o que tenho para poder ter recebido um pouco do seu amor...

Sinto tanto, minha filha, por não ter estado ao seu lado durante esses anos... Mas sua mãe escolheu assim.

Todas as vezes em que eu te ligava, ela não me permitia falar com você. Ela sempre dizia que você estava brincando ou fazendo algo... Sei que não devia estar fazendo um desabafo sobre tudo o que perdi ao ficar longe de ti.

Essa carta é para te falar sobre o quanto eu te amo, mesmo você pensando o contrário, e te contar como tudo aconteceu... Porém, a história é longa e não tenho muito tempo para te dar todas as informações que você precisa, então serei breve e te direi apenas que eu não odeio o homem que te gerou, apesar de por um tempo tê-lo feito. Ele não tem culpa por ter se apaixonado pela Margareth. Como eu disse, ela sempre soube manipular muito bem todos a sua volta. E ele era jovem e acreditava que poderia ter um futuro ao lado dela, mas quando ele soube que sua mãe não o queria dessa forma, que não abriria mão do conforto que tinha ao meu lado por uma vida simples com ele, Max resolveu abrir o jogo comigo. Ele me contou que estava se encontrando com sua mãe muito antes dela engravidar e que, provavelmente, o bebê que ela tinha acabado de dar à luz era seu. A princípio, eu não acreditei, até que flagrei os dois em um momento íntimo.

Aquilo acabou comigo. Eu não conseguia entender por que ela fizera algo

tão desprezível.

Porém, mesmo em meio a tanta raiva, tudo o que me importava era você. Eu não estava disposto a abrir mão do meu bem mais precioso.

Você era minha filha! Isso era tudo o que importava. Mesmo depois que obriguei sua mãe a fazer um teste de DNA e isso me provou o contrário, você continuou sendo minha filha. Eu não iria abrir mão de você por nada!

Espero que esse tempo em que tenha estado na fazenda, tenha aprendido um pouco sobre mim e tenha descoberto que você sempre foi a razão da minha vida.

O amor que sinto por você vai além de tudo, filha. Vai além dessa doença miserável que está me tirando as forças para lhe escrever essa carta e vai além da minha morte.

Foi você que me manteve firme durante todos esses anos e mesmo sabendo que é um desejo impossível, ainda tenho esperanças de poder ter essa conversa olhando em seus olhos.

Mas se você está lendo essa carta, não fique triste por minhas palavras! Eu entendo sua decisão de se manter afastada de mim e eu nunca guardarei mágoas de você.

Se por alguma razão, você achar que precisa do meu perdão, saiba que não tenho o que perdoar... Eu quem tenho que te pedir perdão por não ter lutado por você... Deveria ter obrigado sua mãe a me deixar com sua guarda. Eu deveria ter te contado tudo o que aconteceu entre mim e ela há

anos.

Me perdoe, filha, por ter te perdido. Por ter recuado diante das ameaças de sua mãe.

Me perdoe por não ter tempo para corrigir nossa relação e te mostrar o quanto você é importante para mim e o quanto a amo.

Espero de coração que você leia essa carta... E que entenda que te trouxe aqui por uma única razão... Te mostrar que aqui é o seu lar, mesmo que seu coração te diga o contrário.

Espero que minha decisão realmente te mostre que você pode ser feliz aqui novamente, como já foi um dia.

Recorde-se, filha, das manhãs em que passeávamos ao nascer do sol...

Recorde-se dos nossos piqueniques na margem da cachoeira...

Recorde-se do quanto você amava brincar na chuva...

Recorde-se do quanto você amava esse lugar...

Recorde-se de tudo...

Encontre dentro de você tudo o que vivemos juntos aqui!

Recorde-se de tudo o que fazia esse lugar especial para você! Ainda há tempo, Allie! Seja feliz! Liberte-se e viva! Isso é tudo o que desejo para você...

Não abra mão de tudo o que te deixei. Não abra mão de seu lar.

Te amarei eternamente...

Com amor,

Papai

P.S.: No verso, deixei o endereço do seu pai biológico.

Você tem o direito de saber quem ele é e de o amá-lo se assim você quiser...

Estarei sempre ao seu lado. Tenho orgulho da mulher linda, inteligente e corajosa que você se tornou.

Fecho os olhos com força abraçando o papel contra meu peito, enquanto as lágrimas continuam molhando meu rosto.

Sinto que de fato meu mundo desmoronou por completo agora. Não imaginava que uma simples carta pudesse simplesmente me deixar em pedaços.

Apesar de todas as palavras de amor e carinho escritas pelo meu pai, tudo o que consigo pensar é que desperdicei todos esses anos odiando alguém que me amava mais que tudo, mesmo não tendo essa obrigação.

Não poderia me sentir mais miserável agora sabendo a verdade.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Se eu soubesse de tudo isso antes, talvez tivesse tentado entender suas razões... Por Deus! Eu podia tê-lo amado!

Curvo-me meu corpo para frente, até meu rosto estar apoiado na pedra fria do túmulo.

Meu coração parece estar comprimido em meu peito causando-me uma dor dilacerante.

Arfo sentindo dificuldade para respirar diante da quantidade de soluços que escapam da minha garganta incontrolavelmente.

Não consigo pensar direito, tudo o que sinto é uma agonia que me consome.

— Me perdoa! — digo baixinho em meio as lágrimas. — Por favor, me perdoa!

As palavras do meu pai dizendo que não há o que ser perdoado ecoam na minha cabeça. Porém, mesmo sabendo que ele não me odiava, há uma necessidade imensa dentro de mim de lhe pedir perdão por tudo o que lhe fiz, pelo que minha mãe fez.

Deus! Não consigo imaginar o quanto ele sofreu com tudo isso, todos esses anos.

Eu o afastei da minha vida e lhe virei as costas quando ele mais precisou. Não compareci nem ao seu enterro!

Que espécie de ser humano eu sou? Como alguém pode fazer isso com o
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

seu próprio pai?

A culpa e o remorso me invadem e tudo o que consigo fazer é chorar, enquanto continuo lhe pedindo perdão.

As palavras pronunciadas com dificuldade, misturam-se com soluços e lágrimas.

Há tanta dor em meu peito! Uma dor insuportável que me rasga de dentro para fora.

Não importa se não temos o mesmo sangue, a dor que sinto em meu peito é a dor de uma filha quando perde seu pai. Quando perde a pessoa mais importante de sua vida.

Não importa se não tivemos um relacionamento durante muitos anos, pois a dor que sinto agora é de saudade de tudo o que vivemos e de tudo o que jamais viveremos.

Daria tudo que tenho para poder lhe abraçar uma última vez e sentir seu perfume e o carinho de seus braços em torno de mim.

Daria tudo o que tenho para poder voltar ao tempo, no nosso último encontro.

Era meu aniversário e ele havia voado até Nova York para me ver e me dar um presente.

Apesar de ter amado o delicado colar com um pingente em formato de cavalo, agi como se fosse algo insignificante.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não devia ter se incomodado! Já tenho muitas joias — disse friamente, fechando a delicada caixa vermelha aveludada e a colocando em cima da mesinha de centro.

Anthony entrelaçou seus dedos e forçou um sorriso.

Não conseguia recordar da última vez que o vi, porém, ele parecia mais cansado do que o normal. Seu rosto estava abatido e ele com certeza estava mais magro.

Ficamos nos olhando em silêncio por minutos. Esses momentos sempre foram desconfortáveis para mim.

Não consigo entender por que ele continuava insistindo em vir me visitar. Estava na cara que não o queria aqui!

Respirei fundo e arrastei minhas mãos por meu cabelo, sentindo-me incomodada.

Já passavam das sete da noite e eu estava atrasada. Tinha marcado com minhas amigas de sair para comemorar meu aniversário.

— Será que eu poderia te levar para jantar? — perguntou ele meio sem jeito. — Há tanto tempo que não saímos juntos e... seria tão bom passar um tempo com você.

— Sinto muito, Anthony, mas já marquei com algumas amigas... Quem sabe outro dia — disse de imediato, tentando não ser grossa.

O desapontamento era claro em seus olhos verdes, porém isso não importava para mim. Passei anos longe dele e aprendi a viver sem precisar de sua presença.

Ele fez que sim com a cabeça, enquanto um sorriso triste se formou em seus lábios.

— Sei que não tenho direito de lhe pedir isso, mas... será que eu poderia pelo menos lhe dar um abraço antes de partir?

A forma que ele usou as palavras me fez sentir que havia algo errado com ele e a forma como ele me olhava só me fazia ter certeza disso, no entanto, mesmo que parte de mim me dissesse para deixar meu orgulho e raiva de lado e lhe dar o que ele me pediu, eu simplesmente desviei os olhos dos seus e cruzei os braços em frente ao meu corpo.

Houve um silêncio ensurdecedor na sala, deixando a tensão quase visível.

— Tudo bem — ele diz com pesar, quando entendeu que não havia possibilidades de um contato. — Divirta-se, filha! Eu te amo!

E essas foram suas últimas palavras antes dele sair para sempre da minha vida.



O sol está se pondo em meio as montanhas. As cores se misturando dando ao céu um lindo espetáculo de cores, digno de uma linda fotografia.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Tudo o que acontece nesse lugar parece mágico e perfeito.

Agora entendo o amor incondicional do meu pai e do Andrew por esse lugar.

Continuo diante do túmulo do meu pai. As lágrimas haviam cessado há algum tempo e meus pensamentos parecem estar se reorganizando novamente. Mesmo que a dor ainda esteja presente em mim, consigo enxergar as coisas com clareza agora.

Minha mãe havia mentido durante anos a respeito de muitas coisas e isso destruiu minha vida, porém não podia ficar sentada me lamentando para sempre.

Tive boa parcela de culpa sobre tudo. Deveria ter tido maturidade para enfrentar minha raiva e lidar com tudo, mas estive ocupada demais odiando o meu pai.

Não posso mudar o que aconteceu e Deus sabe o quanto gostaria que isso fosse possível! Mas posso mudar o agora!

Sei que no passado não fiz nada que deixasse meu pai feliz, porém tenho a chance de fazer isso agora.

Respiro fundo, sentindo-me de alguma forma renovada. Sei que as coisas não serão fáceis de agora em diante e que muitas decisões terão que ser tomadas, porém sinto-me mais forte para fazer as coisas certas.

Ouçoo passos vindo em minha direção e, mesmo sem ver quem se

aproxima, sei que é Andrew.

Ele deve estar chateado por minhas palavras horas atrás e eu devo um pedido de desculpas para ele. Sempre tomei decisões precipitadas e que magoavam a todos, mas não posso continuar cometendo os mesmos erros. Preciso fazê-lo acreditar que mudei e que estou disposta a lutar por nosso amor.

— Quando eu era criança, passava horas sentada ao lado do telefone, esperando que o meu pai me ligasse — digo ainda sem olhá-lo. Preciso fazê-lo entender tudo o que aconteceu comigo. Os motivos que me levaram a ser essa pessoa. — Recordo que fazia isso todos os dias. Era como se fosse um ritual para mim. Aniversário, Ação de Graças, Natal... Eram todas as datas festivas que eu ansiava por uma simples ligação, porém ele nunca ligava. — Sorrio tristemente com a lembrança e recordo sua menção na carta sobre suas ligações. — Mamãe nunca me deixava atender ao telefone. Tinha ordens extremas de nunca tocá-lo. — Olho-o de relance. Andrew está parado bem ao meu lado. Seus olhos focados em mim, sem expressão. Apenas atentos em cada movimento. Desejo poder tocá-lo e sentir seu corpo, mas sei que agora não é o momento. — Agora sei que tudo não passava de uma estratégia da minha mãe... Ela não queria que eu tivesse contato com o Anthony. — Sinto um aperto em meu peito e as lágrimas involuntariamente inundam meus olhos. — Ela o odiava tanto que me usar contra ele foi a sua melhor vingança. — Respiro fundo e tento controlar as lágrimas, mesmo que pareça impossível. Sinto as mãos de Andrew em meus ombros me ajudando a me erguer do chão.

Envolvo meus braços em torno de sua cintura e enterro meu rosto em seu peito.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Inspiro seu cheiro sentindo-me estranhamente familiarizada com a mistura de sabonete, loção pós-barba e perfume. É tão estranho e ao mesmo tempo reconfortante me sentir como se estivesse em casa.

Essa é a sensação que tenho quando estou com Andrew. Ele é meu lar. Meu lugar favorito e, por Deus, meu coração sabe que não abriria mão dessa paz por nada.

— Allie, por mais difícil que seja... eu vou tentar aceitar sua decisão de ir embora, mesmo que isso signifique que não ficaremos juntos — diz ele com a voz baixa e carregada de emoção.

Afasto-me dele o suficiente para olhar em seus olhos, que estão tristes.

— Sinto muito — digo com a voz embargada.

A forma como ele me fita, me faz quebrar em mil pedaços. Um sorriso triste nasce em seus lábios e seus olhos ficam marejados.

— Eu só quero que você seja feliz... Por um momento eu... — Ele faz que não com a cabeça e desvia o olhar.

Seguro seu rosto com as mãos e o obrigo a me olhar.

— Eu realmente sinto muito. Não devia ter te falado que ia embora. — Tento manter a voz firme, porém é difícil com Andrew me fitando com tanta tristeza. — Você tem razão, não se diz que ama alguém e no momento seguinte vai embora. — Sorrio enquanto as lágrimas rolam por minha face. — Eu sou uma tola que não pensa no que diz. Sou conhecida por tomar

sempre as piores decisões e... pela primeira vez na vida, sinto que fiz uma escolha certa... E essa escolha é você, Andrew Scott. Não importa o que aconteça, você é a melhor coisa que me aconteceu e mesmo que eu sinta que esse lugar não me pertença, o fato de que eu pertenço a você já é o suficiente. Eu o amo e isso é a única verdade que importa. — Sorrio sentindo-me completa e quando meus lábios se abrem para continuar meu discurso romântico, Andrew me silencia com um beijo. Se atitudes falam mais que mil palavras, esse beijo poderia se tornar um livro. Tantas palavras de carinho e promessas em um simples gesto.

— Eu a amo... — Andrew diz contra a minha boca. Suas palavras enchem meu coração de alegria e renovam minhas forças.



Estamos deitados em minha cama após fazermos amor.

Tinha sido um dia longo e desgastante e tudo o que eu queria era terminar meu dia que começara perfeito nos braços do homem que amo.

Seu toque, seu beijo são a solução para todos os meus problemas. Quando estou em seus braços não quero pensar em nada mais. Apenas quero ser amada e desejada por Andrew.

— Você vai procurá-lo? — pergunta Andrew, enquanto desenha círculos invisíveis nas minhas costas nuas.

Andrew havia lido a carta deixada para mim e ele sabia a respeito do meu pai biológico. Ainda não tenho certeza se quero ou não conhecer esse homem. Ele também foi o causador da dor do meu pai e não sei se estou pronta para encará-lo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não sei... — respondo sem olhá-lo.

Andrew deposita um beijo em meus cabelos e seus braços se estreitam em torno do meu corpo.

— Independente de sua escolha, saiba que estarei aqui para você.

Ergo minha cabeça para poder fitar-lhe nos olhos.

Sorrio e toco sua face, contornando seus lábios com os dedos.

— Não acho que eu mereça ter você.

Andrew senta-se na cama e me puxa para o seu colo, de forma que fico montada em cima dele, com apenas o lençol fino nos separando de um contato mais íntimo.

Ele coloca uma de suas mãos na minha cintura, enquanto a outra toca minha face com carinho, antes de descê-la por meu pescoço. Seus dedos longos massageiam minha pele, fazendo todos os meus pelos ficarem eriçados.

Seus olhos presos aos meus brilham de desejo.

— Sabe o que acho? — Ele inclina sua cabeça e roça seus lábios nos meus. — Que fomos feitos um para o outro.

Sorrio de encontro a sua boca e mordo seu lábio inferior.

— Não sabia que você era romântico, peão. — Sorrio, enquanto arrasto

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

minha boca até seu queixo e o mordo levemente, arrancando um gemido rouco de Andrew.

— Posso ser o que você quiser, pirralha. — Segura minha cintura com firmeza, pressionando-me contra sua ereção.

Sinto meu corpo em chamas. Não sei o que acontece comigo quando estou com Andrew. Nada parece ser suficiente. Sempre quero mais, mesmo que já tenha tido o bastante.

— Voltamos aos apelidos carinhosos? — Ergo uma sobrancelha, lhe provocando.

Andrew prende meu lábio com os dentes, o que faz meu corpo estremecer.

— Acho que sim... — Sua voz rouca faz meu coração dar piruetas no peito. Ele passa a língua no local que antes tinha mordido. — Gosto de te provocar. Você fica muito sexy quando está zangada.

— Gosto que você me provoque... — digo, fitando seus olhos e já não estou falando de seus apelidos e sim da forma como suas mãos brincam em minha pele. Da forma como sua ereção está pulsando embaixo do fino lençol e de como seus olhos estão me devorando.

Um pequeno sorriso nasce em seus lábios, antes de sua boca tomar a minha com paixão.

Sua língua brinca com a minha, atijando-me, provocando-me.

Afundo minhas mãos em seus cabelos e os puxo levemente, fazendo-o
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

gemer contra minha boca.

Eu amo esse som grave e profundo que ele emite sempre que faço algo que lhe proporciona prazer.

Suas mãos exploram meu corpo como se fosse a primeira vez que ele estivesse me tocando.

O prazer que sinto é tanto que mal posso me manter imóvel. Contorço-me em seu colo, enquanto minhas mãos fazem seu caminho por seu peito musculoso.

— Eu quero você — diz, enquanto me ajuda a levantar, apenas o suficiente para que ele afaste o lençol do seu corpo e me sente sobre seu membro rígido.

A sensação é maravilhosa. Mesmo que já tenhamos feito amor poucos minutos atrás, sinto-me inebriada de desejo.

Agarro seus ombros, afundando minhas unhas em sua carne, enquanto ele guia meus movimentos, num ritmo lento, para cima e para baixo. Jogo minha cabeça para trás, o que faz Andrew afundar seu rosto em meu pescoço. Sua língua passeia na minha pele, me saboreando.

Tomo seu rosto com as mãos e saboreio seus lábios com a ponta da língua. Ele geme enquanto toma o controle, aumentando suas investidas. Sinto que estou quase lá. A intensidade do prazer que sinto é inexplicável.

Andrew afasta seus lábios dos meus e os leva a um dos meus mamilos.

Sua língua brinca com o bico rosado, deixando-me no limite. Ele segura meu quadril com uma das mãos, enquanto a outra segura meu outro seio. Ele usa seus dedos para massagear meu bico rígido.

Estou cada vez mais próxima do orgasmo. Sinto minha cabeça girar e já não consigo conter meus gemidos. Agarro-me a ele com força quando meu corpo entra em combustão.

Entre gemidos e palavras sem sentido, chamo o seu nome.

Andrew não para seus movimentos. Sua boca continua fazendo seu trabalho, dessa vez no outro mamilo. Suas estocadas são firmes e profundas. Sua respiração quente e pesada se perde em minha pele.

Ele afasta sua boca da minha pele e volta a me beijar e num movimento rápido deita-me sobre os lençóis, sem quebrar nosso contato.

Seus olhos me avaliam com tanto desejo e amor. Não sei se é possível se apaixonar por alguém tantas vezes em um só dia, mas se for possível, esse é um momento em que estou me apaixonando outra vez por esse homem marrento, forte, bruto, romântico e gentil.

Estou me apaixonando novamente pelo homem que carregou o mundo em suas costas e mesmo assim ainda sabe o significado de amar, de se doar a outra pessoa sem esperar nada em troca.

Estou, mais uma vez, me apaixonando pelo único homem que parece me enxergar como sou e me amar mesmo conhecendo todos os meus piores defeitos. E agora, olhando em seus olhos, sei que ele está sentindo a mesma

coisa.

Ergo minha cabeça o suficiente para que possa tocar seus lábios. Dessa vez, o beijo é lento e apaixonado, enquanto ele me penetra. A intensidade desse momento é tão grande e mágica que deixo que meu corpo se entregue a essa incrível sensação de ser amada por Andrew e juntos chegamos ao auge do prazer.

Com nossas respirações ofegantes, Andrew sai de cima de mim, deitando-se ao meu lado e me puxando para seus braços.

Sorrio satisfeita, cansada e sonolenta e me aconchego juntinho ao seu corpo.

— Allie. — Sua voz profunda chama o meu nome. Estou tão cansada que mal consigo lhe responder.

— Oi...

Ele afaga meu cabelo, afastando-o do meu rosto.

— Não nos prevenimos... Será que você vai me dar um herdeiro?

Levo alguns segundos para entender o que ele estava dizendo. Ele não havia usado camisinha, em nenhum momento hoje. A ideia de ter um filho nunca me passou pela cabeça, no entanto, agora a ideia não me parece tão ruim, mas isso não será agora.

— Relaxa, peão! Sou uma moça da cidade grande. Nada de herdeiros por ora — digo com um pequeno sorriso e beijo seu peito.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Andrew fica em silêncio por alguns segundos. O que me faz pensar que ele adormeceu. Respiro fundo e deixo que a paz desse momento tome conta de mim e quando estou quase pegando no sono, ouço sua voz sussurrando:

— Não custa nada sonhar, amor!



Os dias pareceram voar desde que minha mãe esteve na fazenda.

O trabalho no haras está quase finalizado e eu não vejo a hora que chegue o dia da inauguração.

Tenho feito muitos planos para o que quero fazer nesse dia tão especial, porém não posso fazer isso sozinha, por isso resolvi pedir ajuda a minha melhor amiga que também é produtora de eventos, Melissa, que por sorte se dispôs a me ajudar de bom grado. Ela sempre quis conhecer a fazenda e essa foi a oportunidade que ela esperava.

Ela chega daqui a cinco semanas e eu não aguento de tanta ansiedade para vê-la.

Não tenho falado com Margareth desde a última vez que a vi. Meu advogado entrou em contato com ela e lhe pediu para sair do meu apartamento e lhe deu um cheque com uma boa quantia, assim ela pode arrumar um canto para morar e ir se virando até encontrar seu novo marido. Sinceramente, não quero ter nenhum contato com ela. Agora que sei que ela

nunca me amou, que sempre me usou para conseguir tudo o que ela queria, tudo o que quero, é manter distância dela.

Minha vida na fazenda está perfeita e tudo isso graças ao peão mais lindo, sexy, atencioso e perfeito que existe no mundo todo. Estou cada dia mais apaixonada por Andrew e o sentimento é recíproco.

Estamos sempre juntos, cavalgando pelo campo, fazendo longos passeios ao entardecer e namorando às margens das águas da cachoeira. Às vezes me pergunto se era assim que vivia meus pais antes que mamãe estragasse tudo. Ainda não tive coragem de procurar meu pai biológico. Já cogitei essa hipótese diversas vezes ao longo dos dias, mas sempre acabo deixando para depois. Acho que parte de mim tem medo de olhar esse homem nos olhos e encontrar alguma semelhança comigo. Talvez um traço, os olhos, o sorriso... Sempre me achei parecida com meu pai, todavia agora sei que é impossível ter características do Anthony, o homem que passei a amar e admirar no decorrer dos dias em que estive na fazenda. Mesmo não carregando seu sangue, ele sempre será meu pai.

Nas horas em que não estou com Andrew, gosto de ficar trancada no antigo quarto do meu pai. É meu lugar favorito na casa. Conheci mais do Anthony em dias do que poderia ter conhecido em uma vida. Nana também me contou muitas histórias a seu respeito. Eu amo ouvir tudo relacionado ao Anthony. Isso me faz sentir próxima a ele de alguma forma.

— Você está tão calada. — A voz de Andrew me traz de volta dos meus devaneios. Ergo meus olhos do livro que já nem lembrava que estava lendo e encaro seus olhos divertidos me fitando.

Estamos fazendo um piquenique na margem da cachoeira, depois de dias trabalhando em planos para o que poderíamos fazer no haras, resolvemos tirar um tempinho para nos curtir.

Andrew está usando uma calça jeans escura, uma camiseta branca justa ao corpo, botas pretas e seu chapéu está cobrindo seus cabelos ondulados. Ele está sentado ao meu lado sobre uma manta fofinha, que trouxemos de casa e tem em suas mãos minha câmera.

— Estou calada, porque estou lendo. — Ergo o livro e sorrio.

Andrew ergue a câmera diante de sua face e mira em minha direção.

— Você não estava lendo, digo isso porque está na mesma página há uns quinze minutos — diz ainda com a câmera diante da face. Sei que ele está me fotografando. Desde que o ensinei a usá-la, que ele ama tirar fotos de mim e mesmo que eu odeie ser fotografada, eu deixo que Andrew o faça.

Faço uma careta e ergo-me da manta, sentando-me de pernas cruzadas.

— Tem razão, amor. Não estava lendo... Estava pensando em como minha vida mudou de uma forma boa, desde que cheguei aqui. — Sorrio e olho ao redor. — Quando cheguei aqui, pensei que seria a pior fase da minha vida e por um tempo foi... Agora... — Volto-me para ele que já não tem a câmera cobrindo sua face perfeita. Ele a colocou ao seu lado e seus olhos estão voltados para mim com atenção. — Agora me sinto tão feliz e completa... Não consigo mais imaginar minha vida longe desse lugar, de você.

Andrew sorri docemente. Ele ergue a mão e toca meu rosto. Fecho os

olhos saboreando a doce sensação de seu toque.

— Também não consigo imaginar minha vida longe de você... É como se... — Ele faz uma pausa, como se estivesse procurando as palavras certas. Abro os olhos e o encaro. — Como se o padrinho estivesse planejando isso. — Ele faz um gesto entre mim e ele. — Eu e você somos duas misturas diferentes que se tornaram perfeitas. Acho que esse sempre foi o plano dele: trazer-te para cá, para enlouquecer minha vida, e colocar meu mundo de cabeça para baixo. Você domou meu coração e me fez sentir um amor que nunca pensei que fosse capaz de existir. — Andrew respira fundo, tomando meu rosto com as mãos. — Tenho certeza de que era isso que o Anthony queria quando te trouxe aqui... Nos mostrar que... somos perfeitos um para o outro, mesmo com tantas diferenças entre nós.

Sinto meu coração bater forte em meu peito diante de sua declaração.

Sinto a emoção tomar conta de mim e mesmo que eu conseguisse falar diante de tudo isso, eu não teria palavras para descrever a intensidade do sentimento que tenho por ele, então simplesmente o beijo. Um beijo lento, suave e carregado de todas as coisas que estou sentindo.

Suas mãos deslizam na lateral do meu corpo puxando-me para ele, guiando-me até que estou deitada novamente sobre a manta.

— Não importa quantas vezes faça amor com você no mesmo dia... Sempre sentirei como se fosse a primeira vez — diz com a voz rouca de desejo.

Sorrio, enquanto minhas mãos fazem seu trabalho arrancando-lhe a

camiseta.

— Eu sei... — Mordo o lábio, enquanto avalio seu corpo musculoso e definido. Seus traços fortes, os pelos em seu peito... Ele é perfeito. — No entanto... Não vamos fazer amor agora — digo com um sorriso malicioso nos lábios. Coloco minhas duas mãos sobre seu peito e faço meu caminho lentamente até o cinto, desprendendo-o com cuidado, sem nunca quebrar nosso contato visual. Andrew me olha com diversão.

— O que você está aprontando, pirralha?

Ergo uma sobrancelha e com muito sacrifício saio debaixo dele. Fico em pé em sua frente e começo a tirar minha roupa.

Meu vestido verde cai aos meus pés, deixando-me somente de calcinha e sutiã pretos.

Andrew morde o lábio e posso ver o desejo em seu olhar. Gosto da forma que ele me admira... como se estivesse me devorando, tomando para si cada pedacinho do meu corpo com apenas um olhar.

Sentindo meu corpo em chamas e prestes a ceder ao desejo, desabotoo o fecho do sutiã. Desço as alças uma por uma com cuidado, prolongando a tortura que sei que Andrew está sentindo.

Seus olhos acompanham cada um dos meus movimentos atentamente. Quando o sutiã cai aos meus pés, deixando meus seios expostos, vejo Andrew engolir em seco com a visão.

Posso ver a sua ereção sobre o tecido grosso da calça apertada. Ele está se segurando para não vir até mim. Uma parte de mim está orgulhosa dele, porém, a outra sente-se desapontada. Gostaria que ele me tomasse em seus braços e me fizesse parar de joguinhos. Isso é uma tortura até para mim.

Respiro fundo e levo minhas mãos até minha calcinha. Seus olhos fixam no local onde meus dedos tocam o tecido.

Sua respiração está pesada e suas mãos estão em punhos em cada lado do seu corpo.

Viro-me de costas, incapaz de continuar olhando-me e desço a calcinha da forma mais provocativa, quando me abaixo completamente, lhe dando uma visão do meu corpo exposto, retiro minha calcinha. Rodando-a em meu dedo, olho-o por sobre o ombro.

— Acho que você precisa de um banho frio, peão — digo com um sorriso malicioso, jogando minha calcinha em sua direção.

Andrew a pega antes que ela a atinja no rosto.

— Você é uma menina muito, muito má, Allie Thomas. — Sua voz está rouca, fazendo coisas surreais com o meu corpo.

Pisco um olho em sua direção e caminho até a margem da cachoeira.

A água está fria como imaginei. A princípio me arrependo de ter tido a brilhante ideia de nadar pelada, porém, meu corpo logo se acostuma com a temperatura.

Mergulho e quando volto a superfície, contemplo um Andrew completamente pelado a minha frente.

Meus olhos demoram-se na sua ereção e em minha mente visualizo vários cenários, onde faço amor com ele.

Ele mergulha e nada até que está de frente para mim. Seus braços enlaçam minha cintura puxando-me para ele. Envolver sua cintura com as pernas e enlaço seu pescoço com os braços, segurando-me a ele com firmeza. Seus lábios cobrem os meus, beijando-me com urgência e fome. O fogo da paixão me consome e tudo o que consigo pensar é no quanto lhe desejo.

— Agora vou te ensinar a ser uma boa garota — diz contra os meus lábios.

Um arrepio ultrapassa meu corpo e eu tenho certeza de que não é por causa da água fria.

Mordo seu lábio e passo a língua em seguida.

— Mal posso esperar por isso — ronro cheio de desejo e, em seguida, volto a lhe beijar.



Caminhamos de mãos dadas de volta para a fazenda. Falta pouco para o sol se pôr. Estou me sentindo cansada, satisfeita e feliz. Tivemos um dia perfeito e resolvemos prolongar isso por mais algumas horas. Decidimos que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vamos sair. Ainda não fomos a um encontro de verdade e hoje se parece um dia perfeito para fazer isso.

— Acho que quero conhecê-lo — digo de súbito, antes de processar minhas palavras.

Andrew me olha de relance sem entender e eu me corrijo.

— Meu pai biológico. Não sei se é a coisa certa a fazer no momento, mas sinto que preciso disso para virar essa página na minha vida.

Andrew morde o lábio e faz que sim com a cabeça.

— Podemos ir até lá amanhã ou posso entrar em contato com ele, antes que você apareça em sua porta. — Seus olhos buscam consentimento. Penso por um instante e a ideia de ir até ele primeiro me assusta. Não quero correr o risco dele não querer me conhecer. Não que isso importe. Não me vejo tendo uma relação com o homem que fez tanto mal para o meu pai, mas quero saber seu lado da história. Quero saber se o que minha mãe fez também o afetou de certa forma.

— Acho que prefiro chegar sem avisar, assim ele não terá tempo para fugir do encontro — digo com um sorriso forçado.

Andrew envolve seu braço em torno dos meus ombros e me puxa para si.

— Ok, amor. Amanhã iremos até a fazenda que ele mora.

Ergo meus olhos para ele e sorrio.

— Acho que era isso que o Anthony queria... De certa forma... Que soubesse dos dois lados da história e decidisse se valia a pena ou não dar uma chance para ele. O padrinho sempre quis o melhor para você — diz ele com carinho.

Respiro fundo sentindo-me triste de repente.

— Eu sei... Pena que percebi isso tarde demais.



Estamos sentados em uma mesa de canto, em um restaurante aconchegante. Não é o mesmo lugar que havia ido com Nicholas. Esse é menor e mais simples, porém, de certa forma, sinto-me muito melhor aqui. A escolha foi perfeita. Combina com a personalidade de Andrew. Um homem do campo que não é acostumado com luxos, apesar de ter dinheiro para isso. Andrew é simples e gosta das coisas dessa forma. Não consigo lhe imaginar em um grande restaurante em Nova York, mesmo sua beleza lhe enquadrando em qualquer lugar que ele quiser ir, uma cidade grande o deixaria como um peixe fora d'água.

Andrew se contorce na cadeira parecendo nervoso. Ele está inquieto desde que saímos de casa.

Quando o garçom nota nossos pedidos e sai, coloco minha mão sobre a dele.

— O que há com você? Nunca foi a um encontro com uma garota da cidade grande antes? — zombo para tentar descontraír.

Ele enlaça seus dedos nos meus e força um sorriso.

— Também é isso... É meu primeiro encontro com uma garota linda. Não sou muito de levar garotas a encontros.

Sorrio, sentindo-me lisonjeada em ser a primeira garota a ir a um encontro com Andrew.

— Sou um cara conservador e posso até ser romântico... Um pouco, na verdade. — Ele esboça um sorriso de verdade. O sorriso que eu tanto amo e que faz com que borboletas dançem em meu estômago.

— Você esteve em um relacionamento com a Hanna... — Deixo a frase no ar, não querendo continuar com minha pergunta. Sei que ele teve outras pessoas, como eu também tive, no entanto, isso não impede que sinta ciúmes.

Seus olhos me avaliam, sabendo exatamente onde eu quero chegar.

— Cresci praticamente com ela. Estávamos sempre juntos e tudo o que eu fazia estava bom... Não é como se eu tivesse que impressioná-la. — Ele toca minha face sobre a mesa e sorri. — Você está acostumada com homens refinados e que te levam a lugares maravilhosos. Olha para isso. — Ele olha ao redor e eu faço o mesmo. — Não chega aos pés dos que você costumava frequentar. Sinto que tenho que me esforçar ao máximo para fazer as coisas que você gosta — sua confissão me pega de surpresa deixando-me triste.

— Não quero que tente fazer coisas para me impressionar. Você não precisa disso — digo, tentando manter minha voz normal. Não quero que ele note que fiquei incomodada por suas palavras. — Gosto de você exatamente por ser diferente de todas as pessoas que passaram em minha vida. Gosto da sua simplicidade e o fato de você não se importar com riquezas. Não sei se eu fiz alguma coisa que te levou a pensar isso, mas está enganado. Nada do que vivi em Nova York se compara com tudo o que estou vivendo aqui. Tudo o que estou vivendo ao seu lado.

A compreensão em seus olhos traz um sorriso doce aos seus lábios. Seu corpo relaxa sobre o assento e, pela primeira vez desde que saímos de casa, ele parece realmente à vontade com nosso encontro.

— Me desculpe se fui inseguro... Não estou acostumado com esse sentimento... Nunca vivi algo assim antes... É tudo muito diferente e o fato de sermos opostos um do outro me assusta. Tenho medo de me envolver completamente e você cansar dessa vida e voltar para Nova York — diz, me olhando.

— Não vou a lugar nenhum, Andrew! Quantas vezes terei que repetir isso? — questiono-o tentando passar a segurança que ele precisa no momento. — Encontrei meu lar aqui e não vou abrir mão disso.

Ele ergue seus olhos para mim e posso ver a dúvida dançando no azul do seu olhar.

— E se você sentir saudades da vida badalada da cidade grande? Se um dia, eu já não for o suficiente para você, o que vai fazer? Vai me dizer adeus e ir embora?

Sinto meu peito encher de amor por esse homem à minha frente. Nunca pensei que Andrew Scott fosse ter medo de me perder.

Seguro suas mãos e o olho nos olhos.

— Se um dia isso acontecer, o que acho muito difícil, vou lembrar de todos os motivos que me fizeram me apaixonar por você. Isso será o suficiente para que eu abra mão de tudo e fique aqui com você.

Ele abre um pequeno sorriso e eu faço o mesmo.

— Agora para de ser chorão e me mostre o quanto um cowboy pode ser seguro e sexy. Não quero te ver assim! Eu devia estar insegura. Sou a ovelha negra aqui. A diferentona da região. Sou fresca, vaidosa, mimada, não sei andar no meio do mato, morro de medo de bichinhos peçonhentos e mal sei cavalgar. — Sorrio. — Eu devia estar com medo de você se cansar de mim e resolver que ainda quer a Hanna... Ela tem tudo a ver com você... — Baixo o olhar, recordando da vez em que os vi juntos. Eles realmente pareciam perfeitos juntos. — Ela é perfeita para esse lugar. Gostas das mesmas coisas que você e é habituada a vida na fazenda. Eu não. — Ergo meus olhos para fitá-lo. — Estou aprendendo a viver aqui, agora... Ainda não estou cem por cento adaptada, mas quero ter essa vida... Quero fazer parte da sua.

— Você já faz, amor. Não importa o quanto somos diferentes um do outro, você é o que quero. Não apenas por um momento, mas para a vida toda.

Sorrio, sentindo a emoção tomar conta de mim. Nunca pensei que fosse desejar tanto estar ao lado de alguém como estou agora. Andrew não estava

em meus planos, mas agora que está, não vou abrir mão dele por nada.

O garçom volta à nossa mesa com uma garrafa de vinho, quebrando nosso momento mágico.

Tudo o que desejo não só para esta noite, mas para todos os dias que estiver com Andrew, é que tudo seja assim, perfeito. Sei que é impossível. Somos humanos e essa é a vida real. Nada nunca será cem por cento perfeito. Não vamos viver eternamente em um mar de rosas, mas estamos juntos e nos amamos e é exatamente por isso que lutaremos sempre para enfrentarmos tudo um ao lado do outro.



Após o agradável jantar que tivemos, resolvemos passar no bar que tem o drinque que tanto amo, para prolongar a noite. Amanhã será um dia corrido e tudo o que quero agora é aproveitar o máximo da paz que reina ao meu redor. Quero esquecer tudo e apenas curtir meu peão.

— Tem uma coisa que não te contei — diz Andrew de súbito quando para o carro no estacionamento no bar. — Não queria te falar agora, mas... acho que você precisa saber.

O olho de relance, sentindo que o que ele está prestes a revelar pode estragar meus planos.

— Se for algo ruim, não precisa me dizer — digo, sentindo o medo me invadir.

Andrew solta seu cinto de segurança e vira seu corpo em minha direção.

— Não é ruim — diz com um sorriso. Ele solta meu cinto e segura minhas mãos. — Quando vi o sobrenome do seu pai biológico, achei muito familiar, não quis te dizer no momento, porque queria ter certeza de que se tratava de fato da pessoa que eu estava pensando. Baker. Max Baker. Não é um nome muito conhecido na região, mas já tinha ouvido falar do sobrenome. — Ele olha para o bar por um longo tempo, deixando-me confusa. — Dean Baker. — Ele volta seu olhar para mim. — Se eu estiver certo... Dean é o filho de Max.

Estou ciente que tenho que respirar, mas não consigo. Estou entrando em pânico e não sei ao certo o motivo.

Abro a porta do carro e desço, tentando respirar. Agora mais do que nunca preciso de uma bebida, mas não pode ser aqui. Não posso olhar para o meu suposto irmão e tentar ver semelhanças que talvez exista entre nós.

— Allie, respire! — Andrew coloca as mãos em meus ombros. Estava tão perdida em meus pensamentos, que nem vi quando ele saiu do carro.

— Não podemos entrar aí — digo apressada, tentando voltar para o carro.

— Amor, se você quer mesmo enfrentar o homem que carrega seu sangue, tem que se manter calma. Precisamos entrar e nos certificar de que se trata mesmo da mesma pessoa.

Faço que não com a cabeça.

— Eu não posso! Só... Vamos embora.

Andrew respira fundo e toma meu rosto em suas mãos.

— Olha, se você não quer fazer isso, não faremos, mas você me disse que precisa virar essa página. Então temos que entrar e enfrentar o que quer que seja. Estou do seu lado. Não vamos contar toda sua história para o Dean, apenas entrar, tomar algumas bebidas e perguntar se o pai dele trabalhou na fazenda do padrinho. Se a resposta for não, amanhã vamos procurar pelo Max, mas se a resposta for sim você terá que decidir se quer ou não o conhecer.

Fecho os olhos e respiro fundo algumas vezes. Eu preciso fazer isso. Mesmo que esteja em pânico para entrar nesse bar, eu preciso fazer. Tenho que ser forte e corajosa. Essa é apenas mais uma batalha que tenho que lutar para poder seguir em frente. Sei que não vou conseguir viver em paz sabendo que deixei boa parte da minha história em branco.

Abro os olhos e o encaro.

— E se ele desconfiar de sua pergunta e quiser saber por que estamos querendo informações sobre o pai dele?

— Não se preocupe com nada. Apenas me deixe fazer isso. — Ele toca minha face com carinho. — Não precisa entrar em pânico, pirralha, estou aqui com você. — Andrew baixa a cabeça e roça seus lábios nos meus.

Envolvo sua camisa em meus dedos e o puxo para mim, tomando sua boca na minha. Quando sua boca se abre e sua língua desliza sobre a minha, sinto a

paz tomar conta de mim. É disso que preciso agora, ficar calma e Andrew é a solução para isso.



O bar está lotado, mas por sorte ou azar, encontramos dois bancos vazios no balcão.

Dean está lá, fazendo seus drinques e atendendo pessoas ao mesmo tempo.

Ele continua do mesmo jeito desde a última vez que o vi, sua pele bronzeada faz seus olhos verdes-claros se destacarem. Sua cabeça hoje está livre do chapéu, deixando à mostra seus fios loiros. Seu rosto de alguma forma se torna mais familiar do que da última vez. Dessa vez é como se estivesse vendo um pouco de mim nele. Isso pode ser apenas coisa da minha cabeça, por ter a esperança de sermos filhos do mesmo pai. Não que isso importe para mim. Não quero ter contato com sua família, mas é estranho viver a vida toda sozinha sem irmãos e agora talvez encontrar um. Sempre quis irmãos. Sempre fui muito sozinha e sempre almejei alguém para me fazer companhia, porém esse sonho mudou quando cresci e aprendi a me virar.

Seus olhos grandes e brilhantes encontram os meus pegando-me no flagra o observando.

— Olha quem sentiu saudades do meu drink — diz com um sorriso aproximando-se do balcão.

Forço um sorriso e olho de relance para Andrew, que também o observa.

Ele pega um copo e despeja uma boa quantidade de uísque e coloca bem na frente de Andrew.

— Senti sua falta aqui, Scott. Espero que não tenha encontrado outro lugar para ir. — Ele lhe lança um sorriso irônico, o que faz Andrew bufar. Nunca questionei a respeito da relação dos dois. Da primeira vez que estive aqui, Andrew agiu como se não gostasse muito de Dean. Acho que eles gostam de implicar um com o outro.

— Me traz uma cerveja — diz Andrew antes de virar o conteúdo escuro, tomando de uma só vez.

— Você vai querer o de sempre? — pergunta olhando em minha direção.

Quero soltar alguma gracinha em relação a sua pergunta, todavia não consigo. Meus olhos estão presos em cada movimento que ele faz e tudo o que consigo pensar é na tamanha semelhança que existe entre nós.

— Claro — digo com dificuldade. Sinto que estou prestes a ter uma síncope. Se estou tão nervosa em estar perto do Dean, imagina quando colocar meus olhos em Max?

— Você está bem? — pergunta Andrew, próximo ao meu ouvido, fazendo minha pele arrepiar-se. Ele cobre minhas mãos que estão depositadas em meu colo com as suas. É um gesto simples, porém reconfortante.

Respiro fundo e observo Dean, meu suposto irmão, preparar minha

bebida.

— Não sei — respondo sem olhá-lo.

Andrew solta minhas mãos e toma meu rosto com as mesmas, obrigando-me a encará-lo.

— Você precisa parar de encará-lo. Ele vai achar que você está lhe paquerando — diz com um pequeno sorriso. — E... não quero ter que quebrar a cara de alguém que pode ser meu cunhado.

Um pequeno sorriso nasce em meus lábios com a piadinha sem graça de Andrew.

— Vou tentar me controlar. Para começar, poderíamos sentar em uma mesa um pouco afastada do balcão. — Olho em volta e para minha decepção parece que todas estão ocupadas. — É muito estranho... tudo isso. — Dou uma olhada de relance para Dean, que está se aproximando, trazendo nossos pedidos. — Acho que só quero ir para casa.

Andrew faz que sim com a cabeça, antes de curvar sua cabeça, beijando-me suavemente nos lábios.

— Bebidas entregues — diz, rindo, colocando nossas bebidas no balcão.

— Obrigada! — Pego minha bebida e tomo um bom gole, tentando relaxar. Talvez o álcool ajude com isso.

— Posso te fazer uma pergunta, Dean? — pergunta Andrew, me pegando de surpresa, quase me fazendo engasgar com minha bebida.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Se está querendo saber se ainda quero pegar sua namorada ou ex... a resposta é não! — responde Dean com ironia.

Olho de olhos arregalados para Dean, que está com um sorriso nos lábios.

— Não queria perguntar nada a respeito da Hanna, que a propósito não é minha namorada há muito tempo — diz sério, antes de levar sua garrafa de cerveja aos lábios.

Sinto uma leve pontada de ciúme ao ouvir o nome de Hanna. Sei que eles não estão mais em um relacionamento, porém ver o nome de Andrew ainda vinculado ao dela, como se de alguma forma eles pertencessem um ao outro, me deixa muito incomodada.

Mexo-me no banco e tomo um pouco mais do meu drinque.

— Na verdade, queria saber do seu pai, Max. Ele trabalhou na fazenda do meu padrinho anos atrás?

Sinto minha respiração falhar. Meu coração bate forte em meu peito, enquanto espero ansiosa por sua resposta que parece que nunca vem.

Coloco meu copo sobre o balcão sentindo minhas mãos trêmulas e suadas.

Sua resposta pode ser a chave que preciso para colocar um fim nessa história e poder começar uma nova, ao lado de Andrew, nesse lugar que tanto significou para o homem que me amou como filha.

— Desculpa, mas posso perguntar por que o interesse? — Dean solta uma
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

risada sem humor, o que me faz erguer meus olhos em sua direção. Ele mantém os olhos presos em Andrew, que por sua vez bebe despreocupadamente sua cerveja. Como ele consegue ser tão calmo diante de uma situação como essa?

— Digamos que é pessoal. — Andrew coloca sua garrafa no balcão e o olha com expectativa.

Dean volta-se para mim, como se esperasse que alguém lhe desse uma explicação. Não podemos dizer o que sabemos, não sem saber se estamos falando do mesmo homem que ajudou a acabar a vida do meu pai.

— Vamos conversar lá fora. Me encontrem lá atrás — diz ele sem humor. Dean pede a seu funcionário para segurar as pontas e desaparece do meu campo de visão.

Andrew volta-se para mim.

— Vamos! — Ele toma minha mão na sua, me ajudando a descer do banco e me guia entre a multidão até a saída.

— Não pagamos as bebidas! — tento chamar sua atenção.

— Isso não vai falir o Dean, Allie, pode ter certeza.



Encontramos Dean no local que ele mandou. Ele está sentado no último

degrau de uma pequena escada que leva para a porta dos fundos do bar.

Ele tem um cigarro entre seus dedos e sua expressão está séria.

Quando Dean nos vê se aproximar, joga o cigarro fora, ergue-se da escada e desce a mesma, até que está parado em nossa frente.

— Agora fala, o que você quer saber? — pergunta com raiva aparente na voz.

Olho de Andrew para ele, temendo que essa conversa acabe em briga.

— Olha, Dean, não é nada de mais... Só... queria falar com ele — respondo, tentando soar calma, porém o tremor em minha voz estraga meu plano.

Dean olha de mim para Andrew, seus olhos verdes brilham de raiva.

— Tem a ver com o maldito segredo entre meu pai e o Anthony? — questiona-me furioso.

Andrew me olha, ciente do que acabamos de descobrir.

— Então isso é um sim? — pergunto, mesmo já sabendo a resposta.

Dean passa as mãos por seus cabelos e respira fundo.

— Sim. Ele trabalhou com o seu pai... Porém, esse assunto é proibido lá em casa — responde com a expressão séria.

— Certo! Era apenas isso que queríamos saber — digo com um sorriso forçado e começo a me afastar, tentando puxar Andrew, que se mantém firme no lugar. — Andrew! — chamo entredentes.

— Você sabe que segredo é esse? — pergunta Andrew com a voz firme.

— Por favor, Andrew. Não! — suplico, tentando chamar sua atenção.

— Não ao certo — diz Dean com a voz baixa. — Ouvi uma conversa entre meu pai e minha mãe a respeito desse segredo quando o Anthony morreu. Questionei ambos a respeito, porém se negaram a me contar.

Andrew volta sua atenção para mim. Seus olhos buscam em mim a permissão para prosseguir.

Faço que não com a cabeça, incapaz de falar qualquer coisa que seja.

— O que vocês sabem que eu não sei? — pergunta Dean, impaciente.

Engulo em seco, voltando meus olhos para o meu suposto irmão. A confusão estampada em seus olhos faz meu coração doer.

Ser enganado a vida toda e ficar no escuro sem resposta é uma das piores coisas que pode nos acontecer.

Estive em sua posição a vida toda e isso acabou comigo. Por mais que eu não queira ter ligações com ele ou sua família, não quero que ele continue sem saber a verdade sobre sua família.

— Max Baker, seu pai... pode ser o meu pai — respondo apressada. Falar
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

isso em voz alta deixa um gosto amargo em minha boca. Sinto como se não fosse certo assumir isso.

Dean arregala os olhos e abre a boca. O choque está estampado em seu rosto.

— Quando ele trabalhou na fazenda, ele e minha mãe...

Dean ergue as mãos me fazendo calar.

— Já entendi. Não precisa entrar em detalhes. — Ele respira fundo e novamente desliza suas mãos em seus cabelos. — Não sei o que dizer.

Olho para Andrew e faço um sinal para que me deixe a sós com ele.

Ele faz que sim com a cabeça e toca minha face.

— Te espero no carro — diz antes de se afastar.

Respiro fundo e busco os olhos de Dean, que parece mais confuso do que antes.

— Olha, eu sei que é complicado e...

— Não! Você não sabe! — fala com a voz alterada. — O que você entende disso? — questiona-me com raiva. — Até onde sei, você nunca se deu o trabalho de vir até aqui, nem mesmo quando seu pai estava morrendo. — Ele cospe as palavras com fúria fazendo eu me encolher. Não sabia que todos eram conhecedores da minha relação distorcida com Anthony. — Você só está aqui por causa do dinheiro. E não me olhe assim, como se estivesse

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ofendida! — diz entredentes. — Não sei o que você pretende vindo desenterrar essa história, mas quero que fique bem longe da minha família — diz num tom ameaçador. — Você já tem tudo o que quer! Dinheiro, um nome, agora vá embora e não volte a pisar no meu bar e, por Deus, não ouse procurar o meu pai! — Dean me fuzila com os olhos em chamas e sem dizer mais nada sobe o lance de escada, abre a porta e entra, fechando a mesma furiosamente atrás de si.



Duas semanas se passaram desde que tive minha conversa com Dean. Apesar de ter ficado triste por suas palavras frias, sabia que ele estava fazendo isso para proteger sua família. Não o culpo por achar que quero destruir seu pai. Todos têm uma péssima imagem a meu respeito e isso graças a mim e minhas escolhas.

Deixei a ideia de procurar Max para o passado. Apesar de ainda querer desesperadamente olhar nos olhos do homem que carrega meu sangue, parte de mim sabe que isso é o certo a fazer. Não posso tentar corrigir minha relação com Anthony, procurando alguém que enganou meu pai. Mesmo querendo conhecer seu lado da história, mantereí minha palavra em primeiro lugar. Prometi a mim mesma naquela noite, esquecer essa história e seguir em frente.

Estou focada nos últimos preparativos para a inauguração do haras.

Em três semanas, ele estará pronto! Estou tão ansiosa com os detalhes da

festa beneficente que faremos que mal consigo dormir ou me concentrar em qualquer coisa que seja. Também estou ansiosa pela chegada da Mel. Ela me ajudará com os últimos detalhes. Claro que boa parte do seu trabalho ela já fez, mesmo estando em Nova York, como contratar um cantor country para a inauguração. Brad Paisley foi uma exigência minha, por ser um dos cantores favoritos do Andrew, assim como do meu pai. Claro que teremos outras atrações, mas ele será a principal. Não vejo a hora de contar ao Andrew.

Cruzo meus braços em frente ao peito, enquanto contemplo da varanda o dia maravilhoso. Acordei mais cedo do que de costume e resolvi assistir o nascer do sol. Andrew ficou dormindo em minha cama, não quis acordá-lo. Estava precisando pensar um pouco sobre os últimos acontecimentos e em tudo o que está para acontecer. Sinto-me tão ansiosa nos últimos dias que mal consigo dormir.

— Fico me perguntando onde sua cabeça está sempre que você fica pensativa! — A voz de Andrew me traz de volta. Suas mãos enlaçam minha cintura me puxando para si, de modo que minhas costas ficam grudadas em seu peito largo e forte.

Sorrio abraçando meu corpo sobre suas mãos. Ele inclina sua cabeça, roçando seu nariz em meu pescoço, causando-me arrepios.

— Hum! — gemo, jogando minha cabeça para o lado, dando-lhe mais acesso a minha pele nua. — Isso é muito bom! — murmuro com a voz rouca.

Ele beija suavemente minha pele.

— Eu sei que você ama isso! — diz com a voz baixa. Sua respiração faz

cócegas em minha pele, fazendo-me sorrir.

— Tão modesto! — digo, aconchegando-me ainda mais nele.

Seus braços estreitam-se ainda mais em torno de mim.

— Acordei e você não estava na cama. Por que acordou tão cedo?

— Estava sem sono — respondo ainda sem olhá-lo.

— O que quer fazer hoje? — pergunta-me logo após deixar um rastro de beijo em meu pescoço.

— Não sei... Não tenho muitas opções. — Viro meu rosto de modo que posso ver sua face. Seus olhos azuis brilham com o reflexo do sol, deixando-os mais vivos e hipnóticos. — O que você tem em mente?

Andrew beija meus lábios suavemente antes de responder:

— Está tendo um festival de rodeio na cidade. Estava pensando em te levar lá.

Forço uma risada. Nunca havia ido a um rodeio antes, todavia sempre soube do que se tratava e tenho que admitir que ver pobres animais sendo torturados, como seus testículos amarrados, não é muito a minha praia.

Andrew sorri vendo minha expressão apavorada.

— Sei o que você está pensando, pirralha! E nem tudo é como parece ser. Vamos apenas passar e dar uma olhada. Se você ficar entediada, nós

podemos voltar para casa.

— Ok! Mas se vir algum mau-trato com os coitadinhos dos animais, vou ter que chamar a polícia — digo, tentando parecer séria.

— Você não existe! — Andrew sorri.

Giro meu corpo ficando completamente em sua frente. Seus braços enlaçam minha cintura me puxando para si, enquanto seus lábios buscam os meus.

— Se continuar me beijando assim, acho que sei exatamente o que vou querer fazer pelo resto do dia — falo com malícia, ainda com a boca grudada na sua.

Ele sorri, afastando-se de mim apenas o suficiente para que nossos olhares se encontrem.

— Não iria reclamar em ficar o dia todo beijando você.

Sorrio satisfeita por suas palavras, puxando-o para mim novamente.



O festival está a todo vapor. Há pessoas usando calças apertadas, botas e chapéus para todo lugar que olho, inclusive meu namorado cowboy sexy, que está ainda mais charmoso do que antes.

Andrew está usando calça preta, uma camisa branca justa por dentro da calça.

O dia está muito quente, por sinal. Acho que é o dia mais quente desde que cheguei aqui, por isso optei por uma saia jeans curta escura, uma regata rosa claro e um colete jeans claro sem mangas, por cima. Fiz uma maquiagem leve e uma trança em meu cabelo rebelde, do qual joguei do lado do meu ombro direito.

O lugar está cheio de barracas de diversas coisas, desde lanches, brinquedos, até apetrechos, como cintos, chapéus e chicotes!

Por que alguém em sã consciência iria querer um chicote?

Quero dizer, alguém em sã consciência que não seja o Sr. Grey.

Sorrio com esse pensamento, enquanto continuo analisando o local.

Há brinquedos espalhados por quase todo o parque. Como pula-pula, roda-gigante e outros passatempos que qualquer criança iria adorar brincar.

A música alta, misturada com uma voz estridente de um homem, que ecoa nos alto-falantes do parque de evento, deixa minha cabeça agitada.

O vento quente bagunça meu cabelo, soltando alguns fios da minha trança.

— Está bem quente! — exclamo, alto o suficiente para que Andrew escute.

Solto sua mão, que está entrelaçada na minha, e limpo o suor da palma, na

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

parte de trás da minha saia.

Andrew sorri, arrumando uma mecha solta do meu cabelo atrás da orelha.

— Quer tomar alguma coisa? Uma água, suco ou um refrigerante?

— Adoraria uma cerveja bem gelada, mas me contento com uma água — respondo, ficando na ponta dos pés e depositando um selinho em seus lábios.

— Me espera aqui que eu já volto — diz sorrindo, antes de se afastar, indo em direção a uma barraca. Observo enquanto ele fala com uma mulher, mais ou menos da sua idade. Ela sorri para ele, enquanto caminha até um pequeno freezer e pega minha água. Andrew tira sua carteira do bolso de trás de sua calça e lhe entrega uma nota. Ela lhe entrega a água, dois copos descartáveis e lhe agradece com um sorriso simpático.

Reviro os olhos. Não consigo entender por que essas mulheres não conseguem se comportar diante de um homem bonito.

— Aqui — diz Andrew, ao se aproximar. Ele abre a garrafa e despeja uma boa quantidade de água em um dos copos.

— Simpática ela, não é? — digo, mal-humorada, enquanto pego o copo de sua mão.

Andrew franze o cenho sem entender.

— A vendedora — digo olhando de soslaio para a mulher, que ainda continua lançando olhares nada disfarçados na direção de Andrew.

Ele segue meu olhar e sorri.

— Acredita que nem percebi?

Reviro os olhos novamente, levando o copo aos meus lábios, tomando uma quantidade boa do líquido gelado.

— Não seja ciumenta, pirralha! — Toca minha face. — Será que você não entende que só tenho olhos para você?

Um sorriso involuntário nasce em meus lábios à medida que o ciúme se dissipa.

— Verdade? — pergunto, mordendo o lábio inferior.

Um sorriso brincalhão está em seus lábios carnudos.

— Sabe que sim. — Ele inclina sua cabeça e roça seus lábios na minha orelha. — Tenho a mulher mais linda, gostosa e perfeita, não há necessidade de eu ter interesse em outra pessoa. Só se eu fosse burro, coisa que tenho certeza de que não sou.

Pequenas ondas de calor brincam em meu corpo e não é por causa do calor que está fazendo.

— Para de me provocar, peão! — Empurro seu peito levemente.

Ele segura minha mão, levando-a aos lábios, depositando um beijo suave.

— Vamos dar uma volta e ver se já começou o rodeio. Quero ver se o
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Silas vai continuar no seu reinado! — diz ele, quando começamos a caminhar entre a multidão. — Ele vem ganhando quatro vezes seguidas. Oito segundos em cima do touro mais perigoso do rodeio. — Andrew me olha de relance e sorri.

— Não entendo como ficar batendo o saco nas costas de um touro furioso pode ser legal! — Faço que não com a cabeça, enquanto Andrew apenas sorri da minha observação. — Você já participou dessas coisas? — pergunto, olhando-o de relance. — Quero dizer, montar essas feras e tudo o mais...

— Bem... Gosto de assistir aos rodeios, porque é nossa tradição apreciar isso, mas nunca montei um touro em um rodeio. Até já senti vontade, tendo em vista que o meu pai amava esse tipo de coisa, mas o padrinho era protetor demais para me deixar arriscar minha vida em cima de um touro. — Volto meus olhos para ele, no momento em que ele olha em minha direção. — Já vi muitas mortes em festivais como esse.

Sinto um arrepio na nuca ao imaginar Andrew fazendo esse tipo de coisa.

— Ainda bem que você não faz isso! Acho que surtaria caso visse você montando. — Sorrio horrorizada.

Andrew nos guia até uma escada que nos leva para o local próprio para vermos os participantes montando nos touros.

O lugar está lotado, mas por sorte encontramos um local vazio, que nos permite uma ampla visão da arena.

Há um cara, vestido a caráter, tentando se equilibrar em cima do touro,

porém o mesmo é muito bravo e não permite que ele o monte por muito tempo, logo o derrubando.

Fecho os olhos quando o participante é lançado para longe e o animal feroz tenta lhe atacar.

— Calma, Allie! Os ajudantes não vão permitir que o animal o machuque — diz Andrew com os lábios próximos ao meu ouvido. Sua voz é baixa e reconfortante. Suas mãos estão sobre meus ombros. — Olha só, eles já retiraram o participante da arena.

Abro os olhos com cuidado apenas para me certificar de que Andrew está falando a verdade e de fato não há mais ninguém na arena.

Respiro fundo, colocando uma mão sobre meu coração.

— Não vou aguentar ficar aqui por muito tempo! — digo, olhando-o de relance.

Ele sorri e beija minha testa suavemente.

— Vamos dar uma volta então!

Andrew enlaça nossas mãos e, quando começamos a andar, a única pessoa no mundo que gostaria de não ver aqui ou em qualquer lugar, aparece bem na nossa frente.

— Andrew! — exclama Hanna com um sorriso animado, pulando em cima dele como um animal faminto quando vê sua presa.

Solto sua mão, quando acidentalmente sou empurrada por Hanna.

Ela está usando uma calça jeans bastante justa em seu corpo e uma blusinha minúscula que mal cobre seus seios, que estão quase pulando para fora e uma jaqueta jeans azul-claro sem mangas por cima da blusa.

Seus cabelos estão soltos, pretos, longos e brilhantes, como se tivesse acabado de sair de uma daquelas glamorosas propagandas de xampu e, para completar seu figurino, ela tem um lindo chapéu de couro na cabeça.

Do lugar de onde venho, ela seria chamada de vadia, aqui ela é chamada de amazona sexy.

Reviro os olhos, sentindo a raiva e o ciúme me invadir.

Ela ainda está grudada em Andrew e eu tenho que conter minha vontade de tirá-la de perto dele por seus lindos cabelos e arremessá-la na arena.

— Não sabia que você viria! — diz com a voz animada ao se afastar dele. — Devia ter me ligado, assim poderíamos tomar alguma coisa juntos. — Ela toca seu rosto com carinho, fazendo a raiva borbulhar dentro de mim. Andrew parece um pouco nervoso, mas não faz questão de tirar a maldita mão de Hanna de sua face.

— Não sabia que você estaria aqui — diz Andrew, finalmente dando um passo para longe dela.

Ela morde o lábio arqueando uma sobrancelha bem feita.

— Claro que sabia. Te falei há alguns dias quando nos falamos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Olho fixamente para Andrew, mal conseguindo continuar parada feito uma intrusa invisível ao seu lado. Hanna abre um pequeno sorriso, com os olhos esmeraldas fixos em Andrew. Ela está me ignorando. Agindo como se eu não estivesse aqui e Andrew, o cara que minutos atrás estava me tratando como sua namorada, está fazendo o mesmo.

Andrew me olha de relance. Seus olhos sustentam meu olhar por apenas poucos segundos antes de voltar sua atenção para Hanna.

— Acho que não prestei atenção — diz meio sem jeito. Talvez ele esteja nervoso por estar frente a frente com sua ex-namorada, enquanto está acompanhado da atual, que não se encaixa em sua vida.

Respiro fundo desviando meus olhos de Andrew, no momento em que Hanna volta sua atenção para mim, como se tivesse acabado de perceber minha presença.

— Allie! Que surpresa te ver por aqui! Não sabia que você gostava desse tipo de coisa... Você parece ser mais do tipo que prefere ir ao salão de beleza — diz Hanna com sarcasmo.

Engulo em seco e ergo o queixo, decidida a não deixar ela me humilhar.

— Você tem toda razão, Hanna. Realmente sou mais do tipo que prefere ir ao salão de beleza. — Sorrio sem humor e olho em volta. — Com certeza essa não é minha praia e... não estou no meu lugar favorito. Não sou como vocês que amam esse tipo de coisa idiota!

Dou uma olhada para Andrew de relance antes de começar a me afastar.

— Allie, aonde vai? — pergunta Andrew com a voz alta o suficiente para que eu o ouça.

Paro e volto meu olhar para ele, que me olha com grandes olhos confusos.

— Vou procurar minha turma — digo ironicamente, mantendo minha voz firme e com o queixo erguido e, na minha melhor postura, caminho para longe do casal perfeito.

Caminho a esmo sem direção, tentando desesperadamente não chorar.

Andrew não veio atrás de mim quando fui embora, como pensei que faria. Ele preferiu continuar com a vaca da Hanna.

Eu sou mesmo uma idiota! Claro que ele iria preferir a ela! Eles têm muitas coisas em comum e agora podem ver aquelas pessoas idiotas montando em cima dos touros. Eles apreciam isso! Com certeza ficar com ela será mil vezes melhor do que ter como companhia uma pessoa que não entende nada de sua cultura.

Respiro fundo olhando em volta. Estou bem afastada do local onde deixei Andrew e Hanna. Andei sem direção durante um bom tempo, que talvez eu nem saiba como voltar, o que é ótimo, pois não quero falar com Andrew agora.

Por que ele ainda estava mantendo contato com ela, mesmo tendo dito que me amava e queria ficar comigo? E por que ele não me disse isso? Por que

agiu de forma tão fria quando Hanna apareceu?

Pisco várias vezes, sentindo as lágrimas arderem em meus olhos.

Estou parecendo uma adolescente de 15 anos, sentada em um banco de madeira embaixo de uma árvore, afastada de tudo, chorando por causa do namorado idiota!

Estou me sentindo frustrada, irritada, magoada, com calor e prestes a chorar feito uma criancinha. Não posso continuar aqui. Tenho que encontrar um jeito de voltar para a fazenda sem ter que pedir isso a Andrew. Deus sabe que não seria nada agradável olhá-lo nesse momento.

— Ei, está perdida? — pergunta uma voz conhecida atrás de mim.

Limpo minhas lágrimas e giro minha cabeça para encontrar um par de olhos verdes me encarando.

— Dean — digo sem ânimo e volto a olhar para frente.

Ele aproxima-se de mim, sentando ao meu lado no banco.

— Posso sentar?

Reviro os olhos com sua pergunta idiota.

— A resposta é não, mas... você já está sentado.

Ele solta uma risadinha.

— O que faz aqui sozinha?

Respiro fundo e volto meu olhar para ele. Estou tão irritada que quero mandá-lo ir à merda, porém, tento usar o que me restou da minha educação.

— Não é da sua conta! Agora, cai fora!

Ele ergue as mãos para o alto e sorri.

— Calma aí, Allie. Só estou tentando ser legal.

Respiro fundo e arrumo uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Desculpa! É que... estou furiosa e não sei como voltar para casa — digo por fim, olhando-o de relance.

Dean morde o lábio e faz que sim com a cabeça. Seus olhos me analisam com atenção.

— Brigou com o Andrew?

Forço um sorriso e dou de ombros.

— Não... Estava tudo muito bem, mas a Hanna apareceu e ele me ignorou completamente. Nem parecia que estava ali — respondo tristemente. — Eu sou tão burra por acreditar que essa relação poderia dar certo. Olha para mim! Eu mal sei montar um cavalo. Odeio matos e bichinhos peçonhentos. Esse lugar é pavoroso! Não consigo entender como vocês podem gostar dessas coisas! — As palavras saem apressadas e quando termino de falar, sinto-me ainda mais exausta, porém Dean sorri, como se estivesse se divertindo com

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

meu inferno pessoal. — Não ria, seu idiota!

— Desculpa, mas é que... fico me perguntando como alguém como você pode ser insegura. Você é linda, Allie! Pode não ser a pessoa mais adaptada à vida no campo e nossa cultura, mas sei que você tem muitas qualidades e que ele deve te amar exatamente do jeito que você é.

Baixo meu olhar, sentindo um nó se formar em minha garganta.

— Ele não me ama. Acho que ficou comigo e me trouxe até aqui para fazer ciúmes para a Hanna.

— Os conheço há muito tempo. Hanna sempre foi disputada por todos os caras da região, inclusive eu. Mas ela só tinha olhos para o Andrew e ele para ela, mas a Hanna escolheu ir embora e não vi o Andrew levar mulher a sério desde então... Mas você apareceu e... — Ele ergue meu queixo com o polegar, me obrigando a fitá-lo. — Não seja uma bundona, Allie. Você é uma garota crescida, não pode baixar a cabeça por causa da primeira provocação que a Hanna ou qualquer outra mulher faça. Seja segura de si e deixe claro sua posição na vida do Andrew e, o mais importante, certifique-se de que vocês estejam na mesma página, pois vou odiar ter que chutar o saco daquele idiota se fizer minha irmãzinha sofrer.

Um pequeno sorriso nasce involuntariamente em meus lábios, não apenas por seus sábios conselhos, mas por ser chamada de irmãzinha.

— Sou mais velha que você — esclareço, enquanto uma lágrima rola em minha face.

— Mas não sou eu que estou chorando feito um bebezão, sozinho — diz com ironia, me empurrando com o ombro.

Fungo, enxugando minhas lágrimas.

— Verdade. Obrigada.

Dean umedece os lábios e ergue-se do banco.

— Você vai atrás do seu namorado ou ainda quer ir embora?

Ergo-me do banco e olho em volta.

Não quero ter que ir procurar Andrew e acabar me aborrecendo ainda mais. Podemos conversar em casa mais tarde.

— Quero ir embora. Vou procurar um táxi ou um ônibus que possa me levar de volta.

— Não! Eu te levo. Já estava voltando para casa mesmo.

— Tem certeza?

Ele sorri.

— Claro.



O caminho de volta é silencioso.

Penso em tudo o que aconteceu e chego à conclusão de que tenho que ter uma conversa séria com Andrew. Ele não pode me dizer que me ama, que quer ficar comigo e quando estiver de frente ao seu passado, agir como se eu não fosse nada. Ele sabe o que sinto em relação à Hanna e sua história com ela.

Respiro fundo voltando meu olhar para a paisagem, que passa diante dos meus olhos através da janela.

— Ei, esse não é o caminho para minha casa! — reclamo sobressaltada quando percebo que não estamos indo para a minha fazenda. Volto meu olhar para o Dean, que continua focado na estrada à frente. — Estou falando com você, Dean!

Ele me olha de relance.

— Eu sei. Mudança de planos — diz como se não fosse nada.

— Como assim, mudança de planos? — questiono irritada. — Pode dar meia volta e me levar para casa! — ordeno com a voz estridente.

— Calma aí! Relaxa e baixa a voz, cachinhos dourados — diz com ironia.
— Vou te levar para casa, mas primeiro vamos passar em outro lugar.

— Que lugar?

Dean ignora minha pergunta. Ele continua olhando fixamente para frente, deixando-me irritada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Bufo, cruzando os braços em frente ao peito.

Dean diminui a velocidade, entrando em uma estrada estreita que nos leva a uma pequena fazenda.

Sinto meu coração parar dentro do peito, com o entendimento de onde estamos.

— O que... Por que... — Tento formar uma frase coerente, todavia não consigo. Volto meu olhar para Dean, que me observa atentamente.

— Depois daquela noite em que conversamos no meu bar... eu refleti muito sobre tudo o que me disse e decidi falar com o meu pai. — Dean desvia o olhar do meu, voltando-se para a pequena casa a alguns metros de onde estamos. — Abri o jogo com ele sobre ter conhecido você e, por sua vez, ele me contou toda a história. — Ele olha novamente para mim. — Eu falei para ele que você queria vê-lo e eu a impedi. Sei que você não me deve nada, mas... você precisa ouvir o que ele tem a te dizer. — Ele força um sorriso, ainda me analisando. — Apesar de tudo o que ele fez, Allie, meu pai é um homem bom. Ele nunca teve intenção de magoar o seu pai — diz com a voz triste.

Olho para a casa no momento em que um homem alto e forte aparece na varanda. Ele está usando uma camisa branca e uma calça jeans escura. Seu cabelo é uma bagunça loira em sua cabeça e ao seu lado está uma menininha segurando uma boneca. Ela tem o mesmo tom de cabelo que ele.

— É a Lauren... Minha irmãzinha — diz Dean com carinho.

Volto meus olhos para ele e sorrio fracamente.

— Você tem uma família linda! — Olho novamente na direção da casa e vejo Max fitando o carro. Ele fala algo para Lauren e depois de alguns segundos ela some dentro de casa, parecendo irritada. Quando vejo Max descer o pequeno lance de três degraus e caminhar em nossa direção, sinto o pânico me invadir. Não estou pronta para isso! — Não posso fazer isso! — digo com a voz trêmula.

Dean toca meu ombro.

— Claro que pode. Você precisa disso e ele também.

Respiro fundo, juntando o que me resta de coragem e retiro o cinto de segurança.

Dean sai do carro e eu faço o mesmo. Minhas mãos estão trêmulas e mal consigo me manter em pé.

Não consigo compreender o porquê de eu estar tão nervosa.

Sempre pensei que parecia com Anthony, por termos a mesma tonalidade de pele, cor de cabelo e olhos, isso não era como se existisse semelhanças físicas e agora, olhando diretamente para Max, consigo enxergar a gritante semelhança entre nós.

Ele é a cópia mais velha do seu filho, Dean. Consigo enxergar nossas semelhanças apenas em fitar seu rosto.

Seus olhos verdes-claros me fitam com surpresa e admiração.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Dean está no nosso meio, ele tem uma mão sobre o ombro do seu pai, enquanto seus olhos estão voltados para mim.

— Pai, essa é a Allie — diz com a voz baixa e firme. — Allie, esse é o Max, meu pai.

Sinto meu corpo todo tremer. Nunca estive em uma situação dessas. Por um momento tudo o que queria era que ele fosse o Anthony. Parte de mim sente como se o estivesse traindo por estar diante do homem que lhe roubou seu único sonho. Porém, recordo de sua carta e de como suas palavras mostraram que não existia rancor para com o Max. Meu pai falou que esse homem havia sido mais uma vítima da minha mãe, mesmo assim, não consigo deixar de me sentir mal por estar diante dele agora. Não o quero em minha vida. Não quero ter uma relação com ele. Posso ter seu sangue correndo em minhas veias, porém ele jamais será o meu pai.

— Max — digo, tentando manter minha voz estável. Estendo minha mão esquerda em sua direção e espero que ele faça o mesmo.

Seus olhos estão presos aos meus, como se de certa forma ele não conseguisse acreditar que de fato sou real.

Max engole em seco e volta seus olhos por um segundo para a minha mão estendida.

— Allie — diz com a voz rouca, erguendo sua mão trêmula até a minha. Seu aperto é suave e demorado.

Sinto o desconforto tomar conta de mim e imediatamente puxo minha mão da sua e cruzo os braços em frente ao peito.

— Acho que vou deixar vocês conversarem a sós — diz Dean meio sem jeito.

Volto meu olhar para ele, sentindo-me desesperada. Não quero ficar sozinha com esse homem.

Quero pedir que ele não vá, todavia, sei que tenho que fazer isso sozinha. Preciso conhecer seu lado da história.

Faço que sim com a cabeça e forço um sorriso.

Dean se afasta, caminhando em direção a sua casa.

— Ele é um ótimo garoto — diz Max com um sorriso em seus lábios. Suas palavras e sua forma de olhar Dean mostram o quanto ele tem orgulho do seu filho.

— Sim, ele é. E faz um drinque perfeito! — acrescento, tentando amenizar a tensão.

Max volta seus olhos para mim e sorri.

— Sim, ele faz! — Ele morde o lábio e olha para os lados. Ele está mais perdido do que eu. Gostaria de saber o que devo falar para iniciar nossa conversa, porém sempre fui péssima com isso. Acho que deveria falar do tempo louco e desse calor infernal que está fazendo. — Quer dar uma volta? — pergunta inseguro. — Ou podemos entrar e tomar alguma coisa. Está

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

muito quente hoje.

Respiro fundo cogitando a segunda alternativa. Adoraria tomar um copo de água, porém, sei que lá não teremos tanta privacidade para falarmos sobre seu tórrido caso de amor com minha mãe, então, mesmo tendo que enfrentar esse calor, prefiro optar pela primeira opção.

— Vamos dar uma volta — digo seriamente.

Ele faz que sim com a cabeça e faz menção para que eu o siga.

Não vamos muito longe. A alguns metros de onde estávamos tem dois pares de árvores enormes, onde há um pequeno balanço e um banco de madeira, dando uma visão privilegiada da paisagem e de sua pequena casa.

— É muito bonito aqui — digo, enquanto sento-me ao seu lado.

— Não é tão belo e grande como as outras fazendas ao redor, mas é meu lar — diz fitando o pequeno balanço. A forma como ele usa as palavras me faz pensar que ele está se referendo a uma propriedade em particular.

Fico em silêncio. Não sei bem o que lhe dizer, tenho a impressão de que qualquer coisa que tentar falar, possa lhe ofender de alguma forma e não quero que isso aconteça, por isso espero que ele tome a iniciativa da nossa conversa.

— Tenho que admitir que nunca esperei que esse dia pudesse acontecer — diz Max, voltando seus olhos para mim. — Não que eu nunca tivesse pensado nesse momento durante muito tempo, porque eu pensei. — Um pequeno

sorriso triste forma-se em seus lábios e seus olhos ficam marejados. — Te vi tão pequena... Sempre me perguntei como você seria agora. Com quem pareceria e olha agora... Você é tão linda! — diz com a voz carregada de emoção.

Sinto as lágrimas queimarem em meus olhos e pisco várias vezes para impedir que elas caiam.

— Sempre pensei que me parecia com o Anthony... — Deixo a frase no ar, incapaz de terminá-la em voz alta. Deixo que meu olhar caia para minhas mãos entrelaçadas sobre meu colo. — É tão estranho — sussurro.

Respiro fundo e volto meu olhar para ele. Seus olhos estão presos em mim. Nunca vi tanta surpresa e admiração em um olhar, como estou vendo agora.

— Tenho que ser sincera com você, Max. Não vim até aqui te procurar porque quero ter, de alguma forma, uma relação de pai e filha.

Seus olhos ficam tristes e um pequeno sorriso de entendimento forma-se em seus lábios.

— Mesmo que eu carregue seu sangue, sempre serei filha do Anthony — digo, com toda a sinceridade da minha alma. — Quando soube da verdade sobre quem realmente era meu pai, eu odiei o homem que tirou tudo do meu pai... Odiei você, mesmo não sabendo sua versão da história e foi o Anthony, mediante uma carta, que me encorajou a te procurar e a não te odiar antes de falar com você... É por isso que estou aqui. Porque quero saber o seu lado.

Ele faz que sim com a cabeça e desvia o olhar para a paisagem a sua frente.

— Não penso no que aconteceu há muito tempo... Por mais que você pense que destruí a vida do seu pai, não foi bem assim. — Ele faz uma pausa, como se estivesse buscando na sua mais antiga lembrança o dia exato que tudo começou. — Quando meu pai morreu, vítima de uma infecção, ele deixou para trás sua esposa e três filhos. Eu era o mais velho deles, com dezenove anos. Minha irmã, Karen, tinha onze; e o mais novo, o Tonny, tinha apenas um ano. Minha família sempre foi humilde e logo após a morte do meu pai e o pouco dinheiro que nos restou acabar, começamos a passar necessidades. Vendemos o pouco de animal que tínhamos para que não passássemos fome. Lembro-me de que foram dias desesperadores para mim e minha mãe, então, quando ela chegou a pensar que era hora de se desfazer de nossas terras, tomei a decisão mais difícil da minha vida: era hora de sair de casa e ir em busca de uma vida melhor, não apenas para mim, mas para a minha família. — Max volta seu olhar para mim. A dor é visível e mesmo que eu não queira sinto uma enorme simpatia por ele e sua história. — Foi quando um amigo do meu pai falou a respeito da fazenda do seu pai. Seu avô tinha acabado de morrer e o senhor Anthony estava contratando novos empregados, isso foi a luz no final do túnel que eu precisava. Não pensei duas vezes e fui até seu pai, que me recebeu muito bem. Conteí minha história para ele e de imediato ele me deu o emprego. — Max baixa o olhar para suas mãos. — Ele foi um homem muito bom e generoso. Ajudou-me no que pôde com minha família. Sempre o respeitei e fui grato por tudo e juro por Deus que nunca tive a pretensão de causar mal algum a ele, ao contrário. Quando vi a sua mãe e nos aproximamos, eu lutei contra tudo para não me envolver. — Seus olhos tristes me fitam e posso sentir o quanto suas palavras

são sinceras. — Mas era tão difícil... Margareth era a mulher mais linda e doce que já havia conhecido. Quando seu pai saía para o campo ou quando ia à cidade, ela sempre ia onde eu estava e passávamos bastante tempo juntos, conversando sobre tudo... Margareth era tão gentil e amável... Ela me fazia sentir especial e único... Foi tão difícil não me apaixonar. Um dia... Ela veio até mim, e estava chorando, o seu pai havia viajado para outra cidade para resolver algumas coisas da fazenda... Margareth me contou que eles haviam brigado e que ele a agrediu. Fiquei tão furioso, que tudo o que sentia vontade era matar ele... Me perguntava como alguém poderia agredir alguém como ela... Margareth era um anjo... Delicada, sensível... — Max deixa a frase no ar. Ele ergue suas mãos, passando em seu rosto. Um suspiro pesado escapa de seus lábios.

Continuo em meu canto, em silêncio, com meus olhos vidrados em cada movimento dele, enquanto o ouço atentamente. A cada frase que ele diz, tenho mais certeza do quanto minha mãe foi cruel.

— Naquele momento, eu soube que meu coração pertencia a ela. Eu não queria. Era errado, mas foi tão difícil lutar contra aquele sentimento... — Seus olhos verdes me fitam com tristeza. — Eu juro por Deus, que eu tentei me manter afastado. Nunca quis prejudicar o Sr. Thomas... Mas quando ela me falou todas aquelas coisas, só queria tomá-la em meus braços e a levar para longe... E foi assim que nossa história começou... — Max desvia o olhar e uma pequena risada rouca e irônica escapa de seus lábios. — Sempre que seu pai saía, ela vinha até mim... Era tão difícil disfarçar a paixão que existia entre nós. Queria matar ele quando o via passeando com a Margareth de mãos dadas pela fazenda. Ela me dizia que não o amava... Que queria ir para longe comigo, mas nunca tomava uma decisão... Foi aí que ela me disse que estava grávida e que tínhamos que parar de nos ver. Fiquei destruído. Como

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ela podia me dizer aquilo depois de tantos planos? Eu não entendia, porém, tentava aceitar, aliás, ela teria um filho com o marido. Evitava ficar sozinho com sua mãe, mas sempre a observava de longe. Ela estava cada vez mais linda e quando a barriga começou a aparecer... seu pai estava tão feliz. Não parava de fazer planos para o nascimento do herdeiro... Então você nasceu... — Ele volta seu olhar novamente para mim. Um pequeno sorriso nasce em seus lábios. — O Sr. Thomas a levou para que todos a conhecessem... Você era tão pequena... Era um anjo lindo... Foi nesse momento que a dúvida me atingiu... Você podia ser minha filha. Então, em uma tarde em que sua mãe passeava sozinha pela fazenda, eu a abordei. Perguntei se havia possibilidade de ser seu pai e ela negou. Lembro que Margareth ficou furiosa e ameaçou me mandar embora da fazenda. Ela sabia que precisava do emprego para continuar ajudando minha família e ela usou isso contra mim. Senti vontade de contar tudo ao seu pai, porém eu a amava demais para fazer isso, então... resolvi me afastar novamente. Havia boatos que ela não queria estar perto de você e que o casamento deles não estava nada bem... Que eles estavam brigando sempre... Continuei na minha, esperando... Não sabia bem o que estava esperando, mas aí sua mãe apareceu no meu quarto tarde da noite e me confessou que existia uma grande chance de você ser minha filha e que ela me amava... Diante daquela confissão, não conseguia evitar fazer o que tanto queria... Estava tão feliz por, enfim, tê-la novamente comigo... Porém, minha alegria acabou no momento em que seu pai entrou pela porta.

Max respira fundo, deslizando as mãos nos cabelos. Ele parece cansado e frustrado. As lágrimas queimam meus olhos por imaginar a dor que meu pai sentiu ao ver sua esposa nos braços de outro. Anthony amava minha mãe, todavia, o Max também e, agora conhecendo a verdade, não consigo julgar quem a amava mais. Ambos foram vítimas de uma mulher fria e

manipuladora que usou todo o seu veneno para conseguir tudo o que mais queria: dinheiro.

— O Anthony estava furioso. Não recordo de tê-lo visto tão fora de si. — Ele força um sorriso. — No final, quando seu pai a mandou embora, eu pedi que viesse comigo para a minha casa e que levasse você, afinal podia ser minha filha e mesmo que não fosse, eu iria te amar da mesma forma, mas ela não quis. Margareth se transformou em uma pessoa totalmente diferente da qual eu havia me apaixonado... Ela me disse coisas que nunca consegui esquecer... Margareth nunca me amou. Ela somente me usou porque se sentia entediada da vida na fazenda. Eu não era nada para ela, apenas um peão morto de fome. Foi a coisa mais difícil que ouvi... Destruiu-me completamente, porque eu a amava.

Respiro fundo, sentindo-me destruída. Margareth não só arruinou minha vida e a do meu pai, como também destruiu a vida de um homem humilde que a amava. Mesmo que quisesse odiar esse homem que carrega meu sangue eu não conseguiria.

— Então, você exigiu um exame de DNA para comprovar sua paternidade? — pergunto com a voz baixa e trêmula.

Max nega com a cabeça.

— Quando seu pai teve a certeza de que existiam chances de que eu fosse seu pai, ele veio até mim e pediu que eu fizesse o exame. Não podia negar isso a ele, pois, independente de tudo o que tinha acontecido, eu era muito grato por tudo o que ele tinha feito por minha família. Então fizemos o teste e ele apenas comprovou o que já sabia, desde o momento em que coloquei

meus olhos em você... Eu era seu pai. Estava disposto a lutar para ter sua guarda, mas ver o Anthony desmoronar diante de mim... Não tenho palavras para descrever a forma como ele ficou quando viu o resultado... Ele a amava, Allie... A amava tanto que tirar aquilo dele naquele momento parecia a coisa mais errada que eu poderia fazer na vida, então, eu jurei que jamais diria a ninguém a verdade. Mantive-me afastado da fazenda, do Anthony e de todos que pudessem fazer parte da sua vida, eu devia isso ao seu pai.

Mordo meu lábio na fracassada tentativa de pará-lo de tremer. As lágrimas rolam por minha face, sem que eu possa impedi-las.

— Desculpa... — digo entre lágrimas, erguendo-me do banco e caminhando para longe dele. Não consigo continuar ouvindo sua história. Saber da dor do meu pai e do quanto ele me queria perto dele só me faz sentir pior. Parte de mim queria apenas que Anthony tivesse seguido sua vida, sem se importar comigo, porque a outra parte... A parte que aprendeu a amá-lo, não consegue se perdoar por tê-lo feito tão mal.

Sinto um toque hesitante em meu ombro. O toque é desconhecido e sei que é Max.

— Você está bem? — Sua voz é baixa e cheia de preocupação.

Respiro fundo e balanço um pouco a cabeça em negação.

Meu coração bate dolorosamente contra meu peito. Tudo o que queria nesse momento era o apoio de Andrew.

— Passei minha vida toda odiando a única pessoa que me amou de

verdade — digo com a voz entrecortada. — Se tivessem me contado toda a verdade... Se não tivesse sido tão fraca ao ponto de deixar que minha mãe me manipulasse... Se eu tivesse sido madura o suficiente para falar com ele abertamente, assim como estou fazendo com você, eu teria tido a chance de recuperar um pouco do tempo que perdemos... Teria estado ao lado dele quando ele mais precisou.

— Eu sinto muito, Allie... Nunca me passou por minha cabeça que um dia você saberia da verdade. Nunca sequer achei que você pudesse vir a morar na fazenda após a morte do senhor Anthony.

Enxugo minhas lágrimas e volto-me para ele.

— Eu sei... Nunca me passou pela cabeça antes voltar para cá... Eu sempre odiei tudo que envolvesse ele. — Forço um sorriso e coloco uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. — Margareth passou sua vida se empenhando para que eu não gostasse do Anthony... Esse papel ela soube fazer muito bem, por sinal... Minha mãe sempre posou de vítima. A esposa abandonada. No entanto, seria hipocrisia demais da minha parte colocar toda a culpa nela. Também fui culpada. Também errei quando afastei meu pai da minha vida. Voltar para essa fazenda foi apenas uma obrigação para receber a herança deixada para mim. — Respiro fundo, e pesadamente, sentindo as lágrimas rolarem por minha face. — Se não fosse pelo dinheiro, não teria voltado. Mas tenho que confessar que voltar para a fazenda acabou se tornando a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Conheci um lado do meu pai que nunca soube que existia... Aprendi a amá-lo, respeitá-lo e admirá-lo. Sei que foi tarde demais, mas... — Deixo a frase no ar. Não sei exatamente o que quero dizer. Não sei o que pretendo com tudo isso. — Estou tentando ser uma pessoa melhor... Alguém digno de tudo o que ele sentia por mim.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Seus olhos marejados me avaliam atentamente. Sei que há muito a dizer ainda, mas não consigo mais ouvi-lo. Só quero voltar para casa, para o único lugar que posso ficar segura de tudo, mesmo que isso signifique enfrentar Andrew, se é que ele está lá.

— Eu tenho que ir — digo de imediato, antes que ele possa falar mais alguma coisa. — Espero que minha visita não lhe cause nenhum problema com sua esposa.

— Não se preocupe. A Linda sabe a respeito do meu passado e ela respeita tudo o que passei.

Faço que sim com a cabeça e sorrio.

— Obrigada por ter me contado toda a história, sei que não deve ser fácil para você falar a respeito, então... eu agradeço.

Ele segura minha mão esquerda num gesto súbito, pegando-me de surpresa.

— Não me agradeça. Você tinha todo o direito de saber a verdade. Eu quem agradeço por você ter se disposto a me ouvir. Você não sabe o quanto fiquei feliz por, enfim, te conhecer.

Abro a boca para falar mais uma vez que não quero ter nenhuma relação com ele, porém Max é mais rápido que eu.

— Sei que você não me procurou para me conhecer, ou para fazer parte da minha vida, mas mesmo assim estou feliz por tê-la visto — diz, como se

estivesse lendo meus pensamentos. — O Anthony amava você e mesmo que você não tenha agido certo com ele, sei que seu pai entendia todos os seus motivos. Não se culpe por algo que passou, Allie. A vida nem sempre é justa, mas você tem a vida toda pela frente para fazer as coisas certas e ser uma pessoa melhor.

— Obrigada! — agradeço com um pequeno sorriso.

Max sorri e esse gesto me faz perceber ainda mais nossa semelhança.

Ele solta minha mão e juntos caminhamos em silêncio até onde a caminhonete de Dean está estacionada.

— Posso te pedir uma única coisa? — pergunto, antes que possa começar a colocar freios nos meus pensamentos.

Max me olha com curiosidade e uma ponta de esperança.

— Claro!

Mordo o lábio e olho na direção da casa, onde vejo Dean, uma mulher, que deve ser Linda, e a garotinha de cabelos loiros: minha irmã. Esse pensamento enche meu coração de alegria. Mesmo que ainda não ache isso certo, não posso mudar o fato de que tenho outra família. Sempre quis ter irmãos e agora que tenho, não quero deixá-los fora da minha vida.

— Eu quero conhecê-la... A sua filhinha... Posso? — pergunto com hesitação.

Um sorriso satisfeito nasce em seus lábios.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Claro! Ela vai adorar você — responde, fazendo um gesto para eu o siga até sua casa.

Linda é uma mulher jovem, apesar de já passar dos quarenta. Seu cabelo é longo e preto, combinando perfeitamente com a cor bronzeada de sua pele. Seus olhos cor de mel são grandes e expressivos, deixando seu rosto ainda mais bonito.

Ela sorri ao nos ver se aproximar da varanda.

— Querido — ela diz com carinho, estendendo uma mão em sua direção.

Eles trocam olhares e esse simples gesto me faz ver o quanto eles se amam. Acho que, por pior que tenha sido toda a história com a minha mãe, de certa forma isso foi o ponto chave para ele pudesse encontrar seu grande amor: alguém que o completasse. Gostaria que meu pai também tivesse tido essa chance de amar novamente. De, enfim, ser feliz com alguém que o amasse com todo o coração. Alguém que o apoiasse e estivesse sempre ao seu lado. Gostaria de saber o motivo que o fez se guardar tanto ao ponto de fechar seu coração.

Em seguida, Linda dirige seu olhar para mim.

— Allie — diz com a voz doce. Seus lábios trazem um sorriso cheio de simpatia e carinho. — É um prazer, enfim, conhecê-la. — Dá um passo em minha direção e, sem que eu espere, envolve-me em um abraço apertado.

Fico imóvel por alguns segundos, sem saber ao certo o que fazer, até que

decido retribuir seu gesto de carinho.

Seu abraço demora mais do que o necessário para uma apresentação, todavia, não me sinto desconfortável com isso, apesar de não ter sido criada com demonstrações de afeto.

— Mãe, já chega! Pode soltar a Allie — diz Dean com humor.

Linda afasta-se de mim com um sorriso tímido nos lábios.

— Desculpa — diz meio sem jeito.

— Não tem problema. — Dou um sorriso. — É um prazer conhecê-la — digo com toda sinceridade.

Ela olha de mim para Max, como se estivesse avaliando nossas semelhanças, e pelo seu sorriso sei que é exatamente isto que ela está fazendo.

Sinto-me meio sem jeito com isso. Gostaria que não tivéssemos tantas semelhanças, assim não ficaria tão óbvio a traição da minha mãe.

Max faz um gesto com a mão para que a pequena Lauren se aproxime dele. Ela está agarrada a perna de Dean, observando todos os nossos movimentos com seus grandes e expressivos olhos verdes. Ela está usando um vestido rosa claro rodado, abaixo dos joelhos. No topo de sua cabeça, sobre seu cabelo loiro e ondulado, está uma coroa de princesa. Lauren é muito parecida com o pai. Os mesmos traços do rosto, a forma de olhar.

Dean acaricia seus longos cabelos com carinho, abaixando-se para ficar

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

frente a frente com a pequena.

— Está tudo bem, querida! — diz docemente, trazendo a atenção de sua irmãzinha para si.

— Quem é ela? — pergunta com a voz baixa, olhando de relance para mim.

Dean segue seu olhar e nossos olhos se encontram. Ele parece confuso, relutante até. Talvez, assim como eu, Dean não saiba o que dizer. Ele volta sua atenção para Lauren.

— Ela é uma amiga. O seu nome é Allie e ela mora em uma fazenda enorme, cheia de cavalos.

Os expressivos olhos de Lauren brilham quando ele menciona os cavalos. Ela olha para mim e um pequeno sorriso surge em seus lábios.

— Vocês são namorados? — pergunta sem rodeios, olhando de mim para Dean.

Sua pergunta inesperada pega a todos de surpresa.

Abro a boca para falar, todavia é Max que intervém por mim.

— Não, princesa. Eles são apenas amigos... Como irmãos. — Max estende a mão em direção à pequena e, dessa vez, Lauren caminha até ele, sem tirar os olhos de mim.

— Como irmãos? — questiona, colocando o dedo mindinho entre os
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

lábios, como se estivesse absorvendo as palavras do pai. — Se vocês são como irmãos, por que nunca vi você com ele?

Sorrio diante de sua esperteza.

— Porque eu morava em outra cidade, muito, muito longe daqui — respondendo tentando manter a voz estável.

Ela balança a cabeça em um gesto afirmativo.

— Você gostava da sua cidade?

— Muito. — Não consigo conter o sorriso. Ela é uma garota adorável.

— Por que veio para cá se você gostava da sua cidade? Você vai morar aqui para sempre? Posso ir até sua fazenda ver seus cavalos? Eu amo cavalos! Meu pai disse que quando eu *tiver* maior vai me dar um, mas ele não entende que já sou grande! — ela fala apressadamente, sem pausa para que eu responda suas perguntas, o que me faz rir.

— Devagar aí, tampinha! — diz Dean sorrindo. — Uma coisa de cada vez.

Lauren olha de relance para o irmão e mostra a língua, então volta seu olhar novamente para mim, o que me faz lembrar que não lhe respondi suas perguntas.

— Então vamos lá... — Tento relembrar suas perguntas. — Meu pai faleceu, por isso que tive que voltar para cá. Não sei se ficarei aqui para sempre. — Essas palavras deixam meu coração triste. Não sei ao certo como

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

minha relação com Andrew está. Há tantas coisas que preciso saber antes de tomar uma decisão definitiva quanto a minha estadia na fazenda. Preciso saber por que ele não disse para Hanna que estávamos juntos e, acima de tudo, quero saber por que ele escondeu de mim que ainda mantinha contato com ela. Deus! Só quero ter certeza de que ele já não sente nada por ela. — E claro que você pode me visitar. Ficaria muito feliz se você viesse até minha fazenda, claro, se seus pais estiverem de acordo.

Lauren volta seus olhos para seus pais e sigo seu olhar.

— Eu posso visitar a Allie? — pede com a voz doce. — Por favor?

Max olha de relance para mim, como se estivesse esperando que eu retirasse minhas palavras. Mas não farei. Tenho uma segunda chance para fazer a coisa certa com minha vida e quero começar por essa garotinha.

Balanço a cabeça num gesto afirmativo, o que faz Max sorrir.

— Claro que sim, filha.

Lauren dá pulinhos e bate palmas de alegria.

— Quando posso ir? — pergunta ela com euforia, aproximando-se de mim.

— Vamos combinar direitinho, ok?

Ela concorda com a cabeça e segura minha mão.

— Você também será minha amiga?

Sua pergunta faz meu coração se encher de emoção. Abaixo na sua frente, para poder fitar seus olhos.

— Se você quiser...

— Não tenho muitos amigos... Então... Vou adorar ser sua amiga — ela diz pensativa.

Sorrio e toco uma mecha do seu cabelo.

— Então, está combinado. Seremos amigas.

— Como irmãs?

Sinto as lágrimas arderem em meus olhos. Daria tudo para ter de volta a inocência dessa pequena garotinha, que está alheia a tudo que a cerca.

— Como irmãs — respondo com a voz baixa.

Então, ela envolve meu pescoço com seus pequenos bracinhos, num abraço apertado, pegando-me de surpresa.

Seu gesto enche meu coração de amor por essa criaturinha que acabei de conhecer e que já quero mantê-la sempre na minha vida. Gostaria que as coisas fossem mais simples e que pudesse dizer-lhe que de fato somos irmãs, mas não posso! Lauren é apenas uma criança e tudo o que não quero é que sua cabecinha fique confusa.

Afasto-a de mim com delicadeza e fito seus olhos.

— Prometo que nos veremos novamente em breve — digo com um sorriso e levanto-me, voltando minha atenção para Max e Linda. — Obrigada por terem me recebido.

Linda troca olhares com seu marido, antes de dar um passo em minha direção.

— Sinta-se à vontade para voltar sempre que quiser — diz com um pequeno sorriso.

Concordo com a cabeça e forço um sorriso.

— Obrigada — agradeço apenas, pois não quero dar-lhes esperança de que um dia voltarei até aqui. Preciso voltar para casa e colocar minha cabeça no lugar.

Lanço um olhar na direção de Dean, que rapidamente se coloca ao meu lado.

— Vou levar a Allie até a fazenda e depois dar uma passada no bar.

Max faz um gesto afirmativo com a cabeça para o filho e volta-se para mim.

— Obrigado por ter vindo — diz com a voz baixa e rouca.

Sorrio em resposta, porém nada digo, somente me despeço de todos e sigo Dean até a caminhonete.



A volta para casa é silenciosa. Dean não me pergunta como foi a conversa com seu pai. Ele permanece calado enquanto dirige. Uma hora e outra sinto seu olhar em mim, porém continuo observando através da janela.

Sinto-me tão cansada, como se não dormisse há dias. Tudo o que quero é tomar um banho demorado e dormir um pouco. Sei que ainda preciso enfrentar Andrew, mas por ora tudo o que menos quero é cruzar com ele.

Quando Dean para o carro em frente à minha casa, solto o cinto de segurança e volto-me para ele.

— Obrigada pela carona e por...

— Você está bem? — pergunta, interrompendo-me.

Dou de ombros e arrumo meu cabelo atrás da orelha.

— Não sei como estou me sentindo.

Dean morde o lábio e olha para a minha casa.

— Você tem uma casa muito bonita. — Não há maldade em sua voz ao fazer tal comentário, como eu esperava. Ele volta seu olhar para mim e tenta sorrir, mas é algo torto e desajeitado.

— Se sua mãe tivesse ficado com o meu pai, nada disso seria seu.

Engulo em seco diante de suas palavras.

— Dean, não sou a mesma pessoa que era antes de chegar aqui. Sei que todos têm uma péssima ideia a meu respeito e, sinceramente, eu não os culpo. Mas não sou mais aquela garota. — Olho em volta e respiro fundo. — Nada disso tem mais importância para mim. — Sinto as lágrimas arderem em meus olhos e não me importo de chorar na frente de alguém que é desconhecido e, ao mesmo tempo, parte de mim. — Daria tudo o que tenho para ter um único momento com o meu pai... Com o Anthony.

— Mas não pode — diz Dean com a voz baixa, sem tirar os olhos dos meus.

— Não posso — digo tristemente. — Estou tentando ser uma pessoa melhor. Tentando fazer as coisas certas. Por favor, não me julgue.

Um pequeno sorriso nasce em seus lábios. Ele segura minha mão direita.

— Não quero te julgar ou tirar conclusões baseadas no que as pessoas falam a seu respeito. Este não sou eu. Nunca pensei que tivesse uma irmã mais velha e isto é tão estranho e, ao mesmo tempo, tão legal. Sei que talvez você não queira me ver dessa forma, mas... independente de qualquer coisa, quero ser seu amigo.

Suas palavras me pegam de surpresa, enchendo meu coração de carinho e admiração por esse cara que acabei de conhecer e que já sinto que faz parte da minha vida. Sorrio entre lágrimas e envolvo seu pescoço com meus braços, o abraçando forte.

— Obrigada — digo com a voz embargada.

Afasto-me dele e sorrio. Dean toca meu rosto enxugando minhas lágrimas.

— Agora para de ser chorona e desce do carro. Não tenho o dia todo para ficar de babá — brinca, me fazendo sorrir.

— Tão gentil. Se isso é ter um irmão mais novo, prefiro fingir que você não existe.

Ele ri me empurrando no ombro de brincadeira.

— Você se acostuma... Vá por mim.

Despedimo-nos e eu saio do carro. Espero até que ele vá embora para fazer meu caminho até minha casa. Olho em volta e não vejo nenhum sinal do carro de Andrew, o que me leva a conclusão de que ele não está em casa. Talvez ele ainda esteja no festival, com Hanna. Este pensamento deixa meu estômago embrulhado e trato de pensar em outra coisa que não envolva Andrew e sua amiguinha.



Encontro Nana na sala, andando de um lado para o outro, parecendo que está prestes a ter um ataque.

— Nana? O que houve? — pergunto com preocupação, caminhando em sua direção.

Ela volta-se para mim e sua face parece relaxar quando me vê.

— Graças a Deus você chegou! — exclama, enquanto caminha até mim. Seus braços me envolvem num abraço apertado, como se não nos víssemos há anos.

— Ei! O que aconteceu? — questiono-a enquanto me afasto dela.

Nana limpa uma lágrima, sem tirar os olhos de mim. Sinto um aperto no peito com a hipótese que tenha acontecido algo ruim.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— O Andrew... — Ela começa a dizer, mas a corto rapidamente, sentindo meu coração prestes a sair do peito.

— O que aconteceu com ele? Ele está bem? — As palavras saem apressadas enquanto começo a entrar em pânico.

É a vez de Nana ficar confusa.

— Sim, ele está bem... Nós que achávamos que você não estava.

Sinto meu corpo relaxar com sua informação. Respiro fundo, enquanto tento me acalmar.

— Por que não estaria bem? — pergunto com um sorriso confuso.

Nana passa as pequenas mãos por seus cabelos.

— Você saiu mais cedo com o Andrew e então ele chegou aqui sozinho procurando por você. Ele estava surtando.

— Ah! — digo com indiferença. — Bem, como pode ver, estou inteirinha.
— Faço um gesto para meu corpo e sorrio, na tentativa de amenizar a tensão.

Nana continua séria me encarando.

— Ele realmente estava preocupado. O que aconteceu? Onde você estava?
— A reprovação é nítida no seu tom de voz, o que me faz sentir uma adolescente quando apronta alguma “adolescência”. Minha mãe nunca se importou com o que eu fazia, mas, pelo olhar acusador de Nana, penso que era assim que Margareth deveria ter agido comigo, quando eu fugia de casa
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

para ir a alguma festa ou fazia algo errado, como beber seu licor escondido, enquanto ela estava fora.

Respiro fundo, tentando me manter calma. Sei que devo uma explicação para ela e talvez para Andrew, porém, agora tudo o que quero é ir para o meu quarto e tentar pensar em tudo o que aconteceu.

Tenho muitas coisas para decidir e preciso estar de cabeça fria para isso.

— Sei que você estava preocupada e o Andrew também, mas... agora eu só quero descansar um pouco. Prometo que te contarei tudo depois — digo com a voz calma. Nana nada diz, apenas meneia a cabeça de forma positiva, sem tirar os olhos de mim.

Forço um sorriso e deposito um beijo em sua face, antes de seguir para o meu quarto.



A água fria tirou um pouco da tensão que estava sentindo, porém ainda me sinto perdida e confusa.

Queria poder dividir tudo isso com Andrew, mas nem sei onde ele está ou com quem. As últimas horas me fez ficar em dúvida a respeito do que estávamos construindo juntos.

Andrew sempre fazia questão de me dizer que não sentia mais nada por Hanna, porém eles continuam se comunicando e Andrew não a deixou a par

do seu status de relacionamento.

Será que o relacionamento só existia da minha parte? Será que eu fantasiei tudo o que aconteceu? Todas as declarações de amor e planos? Será que apenas eu estava acreditando que tudo era real? Não quero aceitar que me deixei enganar tão facilmente por ele, mas a cada segundo que passa, tenho medo de que de fato eu tenha sido uma tola em acreditar em Andrew.

Ele devia ter me contado que andava falando com a ex. Deveria ter me contado que encontraríamos ela no evento e que não tinha lhe dito nada a respeito de nós dois.

Andrew deveria ter sido honesto comigo.

Respiro fundo e termino de pentear meus cabelos. Não posso continuar me torturando com este assunto. Preciso descansar um pouco e, quando acordar, pensarei melhor em tudo o que aconteceu, inclusive minha visita a fazenda do Max e em como tudo isso me afetou.

Nunca pensei que saber a verdade sobre meu pai biológico poderia mudar tudo o que eu queria.

O plano era tão simples: eu iria até Max, ele me contaria sua versão da história com minha mãe e eu seguiria em frente, deixando para tudo para trás. No entanto, eu não contava com o fato de descobrir que eu tinha dois irmãos.

Sempre fui tão sozinha, sempre desejei ter irmãos e agora que sei que tenho, não sei se quero abrir mão disso.

Caminho até meu closet e pego uma roupa leve para vestir. Uma camiseta branca e uma calcinha estilo shortinho cor-de-rosa.

Estou prestes a tirar a toalha quando a porta do meu quarto é aberta abruptamente, dando-me o maior susto.

Seguro firme o tecido macio contra meu corpo e volto-me em direção a porta.

Andrew tem os cabelos desgrehados e sua face está distorcida de raiva. Seus olhos azuis estão escuros como um dia de tempestade e sua respiração está pesada fazendo seu peito subir e descer sobre o tecido de sua camisa.

Se fosse em outra ocasião, eu teria medo do que poderia vir a seguir.

Quando Andrew está fora de si, suas palavras podem ser duras e cruéis, todavia, isso não importa agora. Não vou deixar que o que ele tenha a me dizer, seja lá o que for, me afete como das outras vezes em que o enfrentei.

— Onde você estava e com quem? — pergunta com a voz carregada de fúria.

Balanço a cabeça e mordo o lábio.

— Saia do meu quarto — respondo com a voz calma, sem tirar os olhos dos seus.

Andrew me lança um olhar mortal. Ele passa as mãos em seus cabelos, puxando-os no processo.

— Onde estava, Allie? — questiona novamente, ignorando minha ordem.

Nego com a cabeça novamente, sentindo-me cansada e furiosa.

— Agora não, Andrew. Por favor, saia. — Tento manter minha voz o mais calma possível. Sei que se começar a gritar com ele, não vamos chegar a lugar nenhum. Andrew é teimoso e um cabeça-dura. O conheço bem o suficiente para saber que se começarmos uma briga agora, ambos sairemos machucados.

— Como agora não? Você acha que sou idiota? Passei a porra do dia todo te procurando feito um louco. Você não acha que o mínimo que você pode fazer é abrir sua boca e me dizer onde e com quem esteve todo esse tempo?

Sorrio sem humor e desvio meu olhar do dele por um momento.

— Você é patético! — digo sem olhá-lo. — Qual direito você acha que tem para vir até mim, me exigir algo, quando na verdade deveria ser você a começar a me explicar algumas coisas. — Volto-me para ele, que parece confuso com minhas palavras.

— Explicar? — questiona-me sem entender. — Não há nada do que eu precise te dar explicação, até onde sei — diz friamente, cruzando os braços fortes em frente ao peito.

Sorrio sem humor e jogo as mãos para cima, sentindo-me derrotada. Andrew continua me olhando, esperando que eu lhe diga algo, porém não quero mais continuar essa maldita conversa.

— Saia! — peço firmemente, fazendo um gesto com a mão em direção à porta.

— Primeiro me fale, onde e com quem você estava — repete sua pergunta, pelo que parece a milésima vez nos últimos minutos. Sua voz fria e controlada faz com que meu coração bata dolorosamente no peito.

A forma como ele me olha, me faz sentir como se tivesse feito algo errado.

A raiva, tristeza e mágoa travam uma batalha contra meu lado sensato que quer apenas acabar com essa discussão.

— Como você tem coragem de me exigir algo, quando você não é capaz de assumir seus próprios erros? — pergunto tristemente, sentindo as malditas lágrimas arderem em meus olhos. — Depois dos dias maravilhosos que tivemos, achei que poderia confiar em você, no que você dizia que sentia por mim.

— Do que está falando, Allie?

— Do que estou falando, Andrew? — pergunto com a voz mais alta do que gostaria. — Estou falando do fato de você ter me escondido que ainda tinha contato com a Hanna. Estou falando do fato de ter me levado para um evento idiota, sabendo que a sua ex estava lá. Estou falando do fato de você ter me ignorado completamente quando a Hanna apareceu e, principalmente, por ter escondido dela que estávamos juntos. — Respiro fundo e enxugo as lágrimas que rolam por minha face.

A expressão de Andrew continua neutra e seu olhar frio.

— Então é isso? — questiona-me dando de ombros. — Você foi embora com o primeiro cara que apareceu por causa de ciúme?

Suas palavras causam um efeito devastador em meu peito. Andrew não apenas estava ignorando tudo o que eu acabara de dizer, como também estava insinuando que saí com um cara qualquer.

— É isso que acha? — pergunto com a voz trêmula. — Acha que saí com um estranho apenas por que estava com raiva de você?

— Não seria a primeira vez que você faria algo assim — diz indiferente, se referindo à vez que saí com o Nicholas.

Faço que sim com a cabeça, sentindo-me incapaz de falar qualquer coisa para me defender. Esse é o problema com Andrew, ele sempre vai pensar o pior a meu respeito, mesmo que ele diga que sua opinião sobre mim mudou, sempre haverá um dia que ele me enxergará como a garota vulgar de Nova York, que voltou para Maryville apenas pelo dinheiro do pai.

— Saia! — peço sem olhá-lo, enquanto as lágrimas molham meu rosto.

Sinto seu olhar em mim, mas não consigo sequer pensar em olhá-lo agora. Um nó se forma em minha garganta, deixando-me com dificuldade para respirar.

Sei que é questão de segundos para que eu desmorone e não preciso de plateia para ver o quanto tudo isso me afetou.

Sinto-me uma idiota por ter acreditado que Andrew realmente não sentia mais nada por Hanna.

Cruzo meus braços em volta do meu corpo e volto-me em direção a janela. Deixo que meus olhos se percam na paisagem lá fora, enquanto espero que Andrew vá embora.

Então, depois do que parecem horas, ouço seus passos seguindo em direção a saída e a porta sendo trancada violentamente.



O sol nasceu há pouco mais de uma hora. Depois das minhas inúmeras tentativas fracassadas de dormir, me debrucei em meu travesseiro e chorei até que minhas lágrimas cessassem, dando lugar apenas a uma tristeza que parecia esmagar meu peito.

As palavras de Andrew ainda ressoavam em minha cabeça e não existia nada que eu conseguisse fazer para esquecê-las.

Assisti a noite dar lugar ao dia, aninhada em minha cama, segurando forte a coberta contra meu corpo.

Sentia-me cansada física e emocionalmente. Depois de um tempo comecei a me sentir catastrófica e soube imediatamente que precisava sair dali, não apenas do meu quarto, mas da fazenda. Precisava ir para longe de Andrew.

Ergui-me da cama e tomei um banho morno na esperança de relaxar um

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pouco, porém foi em vão. Após alguns minutos deixando que a água caísse sobre meu corpo, deixei que as lágrimas se misturassem a ela. Agachei-me no canto da parede e chorei.

Não sei o que farei em relação ao Andrew ou ao nosso relacionamento, se é que ainda temos um, mas sei que preciso falar com ele quando me sentir pronta para encará-lo. Por ora, quero somente pegar meu cavalo e sair pelo campo. Preciso limpar meus pensamentos.

Ao contrário do dia anterior, o dia amanheceu frio. Vesti uma calça jeans escura, uma camiseta branca e minha jaqueta de couro. Calcei minhas botas pretas sem salto de cano longo e preendi meu cabelo em um rabo de cavalo.

Analiso minha imagem no espelho e mesmo não estando com a mínima vontade de me maquiar, eu resolvo passar um pouco de corretivo nos olhos para tentar disfarçar as olheiras e um pouco de batom para dar cor aos meus lábios e minha pele, que está mais pálida do que o normal.

Caminho com passos largos até a porta e quando a abro, algo pesado cai sobre meus pés.

O corpo de Andrew causa um impacto no chão o acordando de imediato.

Ele parece confuso quando abre os olhos e ergue um pouco o corpo com uma das mãos, enquanto a outra alisa a parte de trás da cabeça onde bateu contra o chão.

Ele está usando a mesma roupa de ontem. Seu cabelo é uma bagunça. Andrew parece que teve uma noite tão ruim quanto eu.

Ele precisa de alguns segundos para entender onde está. Ergue seus olhos azuis em minha direção. Ele tem o olho direito roxo e seu lábio está cortado e inchado.

— Allie... — ele começa a falar ao mesmo tempo que tenta erguer seu enorme corpo do chão. Sua voz está rouca e arrastada.

— O que houve com você? — questiono-o interrompendo-o. Sei que estou brava com ele, porém, preciso saber o que aconteceu. O ajudo a levantar, usando toda a minha força e só quando Andrew fica a poucos centímetros de mim, que consigo sentir o cheiro forte de uísque. — Você fede a uísque! Que porra aconteceu com você? — Minha voz sai mais alta do que eu gostaria. Analiso seu rosto em busca de outro hematoma, mas por sorte não há nada mais machucado, além do olho e do lábio.

Andrew passa as mãos pelos cabelos, que estão desgrenhados. Ele está com a aparência horrível. Não consigo recordar de alguma vez tê-lo visto de tal forma.

— O que aconteceu? — questiono-o novamente, quando ele nada diz.

Andrew respira fundo e troca o peso de uma perna para outra, como se mal conseguisse se manter em pé.

— Tenho tanta coisa para dizer... — Ele respira fundo novamente, fechando os olhos por alguns segundos. — Desculpa — diz com a voz baixa. Ele abre seus olhos, voltando-os na minha direção. — Sei que fui um idiota ontem. Agi e falei coisas que te magoaram, mas... — A frase fica parada no ar e Andrew parece não encontrar as palavras certas para me dizer.

— Por que não me disse que ainda falava com ela? — pergunto, antes que ele prossiga. — Por que não lhe disse que estávamos juntos? — Minha voz soa estranhamente desesperada.

Andrew morde o lábio e sua face se retorce de dor.

— É muito complicado, Allie — diz com a voz estranhamente calma.

— Então me explique! — peço, sentindo-me exausta. — Você sabe como me sinto em relação a vocês dois.

— Sim eu sei. Talvez não tenha te dito que havia falado com ela exatamente por saber como você se sente.

— Isso não explica o por que não disse a Hanna que estávamos juntos ou por que me levou para aquele maldito evento, sabendo que ela estaria lá! — grito, sentindo a raiva borbulhar dentro de mim.

— Eu sei! — diz entredentes. Ele passa as mãos nos cabelos e caminha até a janela. — Você tem todos os motivos para estar brava comigo e eu te entendo! — Andrew volta-se para mim. — Allie, quero que saiba que não sabia que a Hanna estaria lá — diz, olhando-me diretamente nos olhos. Ele parece sincero, mas parte de mim quer somente ignorar isso. — Deveria ter te contado que estive conversando com a Hanna e, acima de tudo, deveria ter contado a ela sobre nós, mas... — Andrew balança a cabeça sutilmente de um lado para o outro.

— Mas? — insisto com a voz arrastada, sentindo meu coração apertar dentro do meu peito.

Andrew me olha como se me pedisse desculpas pelo que diria a seguir.

— Estive com a Hanna por muito tempo, não era certo dizer que estava com outra pessoa por telefone.

Suas palavras me atingem em cheio. Saber que ele se importa com Hanna ao ponto de me magoar é demais para mim.

Eu sei que parece infantil da minha parte, mas sinto como se eu fosse a segunda opção dele.

Respiro tremulamente e mordo o lábio.

— Não vou ser a pessoa com quem você passa seu tempo, enquanto espera que a Hanna decida voltar para a sua vida. Não vou ser sua segunda opção — murmuro a última frase, enquanto as lágrimas queimam em meus olhos.

Andrew caminha até mim e toma meu rosto em suas mãos.

— Não, amor... Você não é e nunca será minha segunda opção — diz, buscando meus olhos. — Você é a melhor coisa que me aconteceu. O fato de me importar com a Hanna, não significa que ainda sinta alguma coisa por ela. — Ele força um sorriso e encosta sua testa na minha. — Eu amo você, Allison Thomas. Amo tanto!

Fecho os olhos com força, já não conseguindo conter minhas lágrimas.

Quero tanto acreditar em suas palavras. Quero tanto que isso seja verdade.

— Eu sinto muito por ontem! Sinto muito por minha atitude e minhas palavras. — Andrew afasta-se de mim o suficiente para olhar em meus olhos. — Olha para mim! — pede com a voz rouca e baixa.

Abro os olhos e me deixo prender aos seus, que estão vermelhos. Quero dizer, apenas o olho bom está vermelho, o outro está bem roxo e quase fechado.

— Eu sinto muito!

Faço que sim com a cabeça e o abraço, em parte porque não consigo falar nada agora e também porque senti falta do seu corpo junto ao meu.

Andrew envolve seus braços em torno de mim fortemente e beija o topo da minha cabeça.

— Senti sua falta — diz ele contra meus cabelos.

Agarro sua camisa com força entre meus dedos e ergo meu olhar em sua direção. Nossos rostos ficam a centímetros um do outro. Ergo minha mão e toco delicadamente o lado do seu rosto que está machucado.

— O que aconteceu?

Andrew dá de ombros e sorri.

— O Dean me bateu — diz com naturalidade, fazendo-me rir.

— Como assim? — questiono-o sem entender.

Ele baixa o rosto e passa a ponta do nariz em meu pescoço, fazendo meus pelos eriçarem.

— Fui ao bar beber e ele estava falando sem parar no quanto eu era idiota e eu não entendia o motivo dele estar tão zangado comigo, então acabamos discutindo e só depois que trocamos alguns murros, que ele me disse que havia te encontrado. — Ele volta seu olhar para mim. — Por que não me disse que era com ele que você estava?

Demoro um momento para lhe responder. O fato de Dean ter atacado Andrew por minha causa me deixa sem saber o que pensar. Acho que ninguém até agora havia entrado em uma briga apenas para me defender.

— Bem... Em primeiro lugar, eu estava furiosa demais com você para te dar explicações da minha vida, ainda estou, só para deixar claro. E segundo, porque você entrou me acusando. Estava fora de si e sem razões, até onde eu sei.

Andrew sorri e beija suavemente meus lábios.

— Eu sei. Sou um idiota!

Afasto-me dele o suficiente para fitar seus olhos cansados.

— Às vezes, você é — afirmo com um sorriso.

Ele faz uma careta e volta a me abraçar.

— Se serve para alguma coisa, depois que você saiu, eu disse a Hanna que estávamos juntos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Respiro fundo e o abraço mais forte.

— Como ela reagiu? — pergunto sem olhá-lo.

— Não sei. Não fiquei lá para saber, tinha algo mais importante para fazer naquele momento. — Andrew me afasta delicadamente de si e busca meus olhos. — Eu só queria encontrar você e tentar te explicar as coisas. — Ele toca minha face suavemente. — Não queria te magoar, Allie... Sei que mesmo não querendo foi exatamente isso que fiz e eu sinto muito, de verdade.

— Tudo bem. Só vamos esquecer isto. Estou tão cansada e acho que você também. O chão não é o melhor lugar para se passar a noite.

Andrew sorri, me puxando para si.

— Não mesmo — concorda, buscando meus lábios.

Seus lábios são suaves contra os meus. Suas mãos percorrem meu corpo como se fosse a primeira vez que estivesse tocando minha pele.

— Acho que preciso de um banho — ele diz contra meus lábios e, antes que eu consiga processar o que ele está fazendo, meu corpo é erguido do chão, enquanto Andrew nos leva para o banheiro.

— O que está fazendo? — questiono sem conter uma risadinha nervosa.

Andrew me coloca cuidadosamente no chão. Ele me lança um olhar perverso enquanto liga o chuveiro me puxando para baixo da água.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Andrew! — grito, enquanto a água me atinge em cheio.

Andrew sorri, aproximando-se de mim. Suas mãos seguram minha cintura me puxando para junto do seu corpo.

— Adoro quando você está toda molhadinha! — diz com um sorriso sedutor.

Enlaço meus braços em volta do seu pescoço, ficando na ponta dos pés.

— Eu sei que você gosta — falo em voz baixa, enquanto seus lábios cobrem os meus. Apesar de estar com o lábio machucado, ele parece não se importar com o incômodo que, provavelmente, está sentindo ao me beijar.

Deixo que minhas mãos deslizem do seu pescoço, percorrendo a frente de sua camisa, sentindo seus músculos se contraindo sob meu toque. Seguro a bainha de sua camisa e a puxo para cima, e o ajudo a tirá-la.

Seus olhos me fitam com desejo, enquanto ele me ajuda a ficar livre das minhas próprias roupas.

Andrew tira suas botas encharcadas, se desequilibrando ao retirar suas meias.

Não consigo conter o riso com essa cena que deveria ser sexy.

— Me deixa te ajudar com a calça — peço ainda sorrindo. Solto seu cinto e abro lentamente o botão da calça.

— Você é boa nisso — diz provocativo enquanto desço lentamente sua

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

calça e cueca, deixando sua ereção livre.

— Sou boa em muitas coisas, peão. — Envolver seu pênis em uma de suas mãos fazendo movimentos suaves para cima e para baixo.

Andrew fecha os olhos e solta um gemido abafado, enquanto continuo masturbando-o. Em seguida, ele abre os olhos e me fita com desejo.

— Também sou bom em muitas coisas e vou te mostrar isso agora mesmo — diz com a voz rouca de desejo enquanto aproxima seu rosto do meu. Ele segura minhas mãos acima da minha cabeça e as prende contra a parede com uma de suas mãos.

A água cai abundantemente em nossos corpos, porém isso não me incomoda. Estou excitada demais para me importar com as gotas de água que estão embaçando minha visão ou entrando em minha boca sempre que tento respirar.

Tudo o que importa é Andrew e em como ele está me tocando nesse exato momento.

Seus lábios provam os meus com luxúria, enquanto sua mão livre segura uma de minhas pernas, erguendo-a e colocando-a em seu quadril. Sua ereção está pressionada contra meu sexo, deixando-me ainda mais excitada.

Sua língua invade minha boca, provocando-me em uma dança sensual.

Contorço meu corpo de modo que sua ereção pulsa contra minha pele.

— Andrew... — digo num gemido, enquanto tento sem sucesso soltar
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

minhas mãos.

— Shhh! — ele diz contra meus lábios. — Vou te dar o que você quer, pirralha.

Andrew solta minhas mãos e desce sua mão por meu corpo, acariciando meus seios um por um. Gemo, jogando a cabeça para trás, suplicando silenciosamente que ele acabe logo com essa tortura. Eu preciso senti-lo dentro de mim, preenchendo-me completamente.

Ele segura minha perna retirando-a do seu quadril e abaixa-se à minha frente, colocando a mesma sobre seu ombro.

Engulo em seco, ciente do que ele fará a seguir.

Ele ergue seus olhos para mim e um pequeno sorriso provocador nasce em seus lábios, fazendo meu corpo todo vibrar.

Fecho os olhos com força, quando sua boca quente toca minha pele úmida. Sua língua me provoca e quase me leva à loucura.

Agarro seus cabelos com as mãos, contorcendo-me em sua boca.

Suas mãos seguram meus quadris firmes, enquanto ele trabalha sua língua em minha carne, provocando-me e devorando-me.

Meu corpo está no limite. Não consigo mais aguentar por muito mais tempo. Sinto que posso explodir em mil pedacinhos a qualquer momento.

A intensidade do prazer me consome e sei que isso é apenas o começo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Andrew... — digo em voz baixa, tentando chamar sua atenção, todavia ele está concentrado em sua tarefa de me dar prazer.

Jogo a cabeça para trás e cravo minhas unhas em seus ombros quando meu corpo é invadido por uma corrente elétrica, fazendo-me tremer incontrolavelmente quando chego ao auge do prazer.

Andrew afasta-se de mim o suficiente para olhar em meus olhos.

Ele sorri satisfeito, colocando minha perna cuidadosamente no chão e ergue-se, ainda mantendo uma mão na minha cintura.

— Agora é minha vez — diz com a voz rouca e me vira delicadamente, deixando-me de costas para ele, com as mãos apoiadas contra a cerâmica fria.

Suas mãos afastam meus cabelos, colocando-os do lado direito do meu ombro, deixando meu pescoço completamente exposto. Em seguida, elas descem lentamente por minha coluna, causando-me pequenos arrepios. Andrew beija suavemente meu pescoço, enquanto suas mãos acariciam minhas nádegas antes de me penetrar profunda e completamente.

— Ahhh! — ele rosna contra meu pescoço, enquanto faz movimentos sutis, para dentro e para fora, antes de tornar seus golpes mais fortes.

A sensação é surreal!

A água antes quente está fria tocando minha pele, porém por alguma razão isso me deixa ainda mais excitada e quente.

Andrew morde meu ombro, deslizando suas mãos para cima, passando por

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

minha barriga até que estão em meus seios, acariciando meus mamilos endurecidos.

Deixo que meu corpo trabalhe junto com o dele, em uma sincronia perfeita.

Nada mais importa, apenas Andrew e eu, no nosso momento perfeito de amor e promessas que são feitas silenciosamente a cada beijo, toque e palavras coerentes que são sussurradas enquanto atingimos o auge do prazer juntos.



— Desculpe não ter estado lá com você — diz Andrew, após ouvir toda a história do meu encontro com Max e sua família.

Estamos deitados em minha cama, aninhados um no outro.

Apoio meu queixo em seu peito e o encaro.

— Tudo bem, Andrew! Sabe, não foi tão ruim assim.

Ele sorri, acariciando meu cabelo.

— E o que vai fazer agora?

Respiro fundo, erguendo meu corpo da cama. Seguro firme o lençol contra meu peito e olho através da janela. O dia está ensolarado, perfeito para um

passaio ou um banho na cachoeira. Se não estivesse me sentindo tão cansada, com certeza faria um dos dois, porém, hoje, o aconchego da minha cama e Andrew estão mais convidativos.

— Eu não sei — digo sem olhá-lo. — Não esperava encontrar um homem bom. — Volto meu olhar para ele. — Confesso que esperava conhecer um homem frio, rude e cheio de razão. Saber que Max não é nada do que eu pensava me desarmou completamente. E a Lauren... — Sorrio com a lembrança da pequena garotinha. — Ela é tão linda, esperta e... — Sinto as lágrimas arderem em meus olhos. — Ela se parece comigo, na sua idade. — Andrew segura minha mão, num gesto acolhedor. — Não sei se quero abrir mão de conviver com meus irmãos. Querendo ou não, o Dean e a Lauren são minha família também — digo num fio de voz. Falar isso em voz alta me faz sentir culpa. Culpa de tudo o que não vivi com Anthony. De tudo o que deixei passar, por ter sido egoísta e mesquinha. Me faz sentir culpa por querer resgatar um pouco da família que nunca tive.

— Se é isso que você quer, então eu vou te apoiar — diz com a voz doce, tocando meu rosto.

— Não se trata somente de mim, Andrew! Não posso simplesmente tomar a decisão de trazê-los para a minha vida e esquecer tudo o que aconteceu!

Andrew nada diz. Apenas me olha com compreensão e afeto.

— A vida do meu pai foi destruída com a traição da minha mãe. Eu destruí a vida dele com minhas rejeições... Como posso viver em paz, aceitando uma nova família, quando eu desprezei o meu próprio pai? — Mordo o lábio e encaro os hipnóticos olhos azuis de Andrew em busca de

uma resposta. — Não é justo sequer pensar nessa possibilidade, que me faz sentir a pior pessoa do mundo.

— Não, amor! — Andrew toma meu rosto com as mãos, me fazendo encará-lo. — Eu sei que é uma história complicada e delicada, que não envolve apenas a sua vida, mas... Porra! Apesar de tudo o que aconteceu, você tem o direito de fazer uma escolha. Era isso que o Anthony queria para você.

Fecho os olhos e mordo o lábio, enquanto as lágrimas rolam por minha face.

— Nos últimos meses me tornei tão emocional. Estou sempre chorando — digo entre lágrimas. — É uma merda isso!

Andrew sorri, puxando-me para si. Seus braços se estreitam a minha volta, mantendo-me presa e protegida contra seu peito.

— Você agora é uma mocinha cheia de sentimentos. É normal chorar com tudo — brinca.

Respiro fundo, afastando-me dele o suficiente para olhar em seus olhos.

— Você não acha que se eu optar por conviver com eles, isso não seja um desrespeito a memória do meu pai? Todos vão começar a falar do que aconteceu... Apesar de querer ter meus irmãos perto de mim, não quero agir como uma traidora com o Anthony. Já o feri muito em vida...

— O que eu acho é que a vida e a escolha são suas. Se o padrinho não

estivesse te dando livre-arbítrio a respeito da sua família de sangue, não teria te deixado aquela carta. Sua felicidade era o bem mais precioso dele. Tenho certeza de que seja qual for a sua decisão, o Anthony ficará orgulhoso de você.

Faço que sim com a cabeça e volto a abraçá-lo. Sei que preciso tomar uma decisão a respeito de tudo isso, mas primeiro preciso falar com a Nana. Ela também faz parte da minha família e sua opinião sobre esse assunto é muito importante para mim.



Andrew dorme tranquilamente com um dos braços enlaçando minha cintura e uma perna sobre a minha.

Sua respiração suave e pesada faz cócegas em minha nuca e por mais aconchegante e convidativo que seja esse contato para que eu caia no sono, sei que tenho algumas coisas que preciso resolver e não posso me dar o luxo de dormir agora.

Saio da cama tentando não acordar Andrew. Ele resmunga um pouco, falando palavras incoerentes e tenta me manter presa ao seu corpo, no entanto, depois de muito tentar consigo pular da cama.

Visto roupas secas, arrumo meu cabelo em um coque e saio do quarto sem fazer barulho.

Já são quase onze da manhã e estou faminta. Preciso me alimentar e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

preparar algo para Andrew, que também deve estar morto de fome.

Encontro Nana na cozinha terminando de preparar o almoço, que por sinal está com um cheiro irresistível.

— Bom dia! — digo, abraçando-a por trás e dando um beijo estalado em sua bochecha.

Ela sorri, voltando-se para mim.

— Acordou de bom humor! — diz erguendo uma sobrancelha.

Afasto-me dela e pego uma xícara, servindo-me de café.

— Nem dormi para começar — digo enquanto puxo uma cadeira e me sento à mesa.

Nana me observa por um segundo, antes de pegar um prato e vir até mim para me servir um pedaço de bolo.

Ela me observa em silêncio e sei que está à espera que eu diga alguma coisa.

Sei que lhe devo uma explicação, porém não quero lhe contar tudo, logo porque boa parte da confusão envolve sua filha.

Ela senta-se à minha frente, colocando suas mãos sobre a mesa.

— Viu o Andrew hoje? — sonda-me ela, com preocupação aparente em seu tom de voz.

Mastigo um pequeno pedaço de bolo de milho demoradamente antes de lhe responder.

— Ele está dormindo... no meu quarto — respondo hesitante e tomo um pouco do meu café.

Há mais um momento de silêncio, que parece tenso demais para aquela hora do dia.

— Sei que não deveria estar me intrometendo nos seus assuntos pessoais, mas... gostaria de saber o que aconteceu. O Andrew estava tão preocupado ontem, por seu sumiço.

Pouso minha xícara na mesa e a encaro.

— Em primeiro lugar, Nana, você é uma das pessoas que mais merecem saber o que acontece em minha vida. Desde o primeiro dia que coloquei meus pés aqui na fazenda, você esteve ao meu lado e cuidou de mim. Sou muito grata por isso. Você tinha todos os motivos para nem querer olhar na minha cara e mesmo assim, você cuidou de mim como se eu fosse sua filha. Em segundo lugar, eu fiquei chateada com o Andrew por ele ainda manter contato com a Hanna — digo a última frase com a voz baixa, sentindo medo do que Nana possa pensar de mim por minha confissão. — Encontramos ela no evento ontem e... você sabe como ela é com o Andrew. — Sorrio meio sem jeito, mantendo meus olhos presos na xícara. — Ele não disse para a Hanna que estava em um relacionamento comigo. Sei que parece idiota isso, mas fiquei muito magoada, então saí de perto de ambos para o mais longe que pude. Estava com ciúmes, furiosa e magoada. Tudo o que menos queria naquele momento era ficar perto deles.

Ergo meus olhos para Nana, esperando ver reprovação em seu olhar, no entanto, ela parecia atenta as minhas palavras, o que me deixou à vontade para continuar.

— Foi aí que me encontrei com o Dean... O filho do Max Baker... Meu pai biológico — digo a última frase como se Nana já não soubesse de quem se tratava.

O choque fica estampado em sua face marcada pelo tempo e não consigo decifrar se isso é algo bom ou não.

Espero em silêncio que ela diga algo, mas sua boca está apenas aberta formando um grande “O”.

— Estive com o Max ontem. O Dean me levou até a fazenda e eu conheci sua família.

Nana engole em seco e passa as mãos em seus cabelos.

— Nossa! — É a única coisa que ela fala antes de levantar e se servir de um copo com água.

Sinto-me apreensiva com sua reação. Ela parece perdida, sem saber exatamente o que fazer ou como agir.

— Nana... Olha... — Começo a falar, enquanto ergo-me da cadeira.

Ela ergue a mão, em um gesto claro para que eu fique quieta. Obedeço sem objeções e volto a me acomodar no assento de madeira.

— Olha, filha... Fico feliz por você dividir isso comigo sem me achar uma intrometida — diz com a voz calma, o que me deixa um pouco nervosa. Nana volta para o seu lugar, ocupando a cadeira à minha frente. — Conheço toda a história, desde o começo. Sei o quanto seu pai sofreu com a descoberta da traição e pelo fato de não ser seu pai. Sei também que sua mãe usou e manipulou o Max, na época um rapaz, posso dizer, ingênuo, que se deixou levar pelos encantos de uma bela mulher. Sei que ele também sofreu. — Nana segura minhas mãos sobre a mesa, sem tirar os olhos de mim. — É difícil não odiar alguém que fez mal para uma pessoa como o senhor Anthony, Allie, no entanto, não posso fechar os olhos para o que ele passou naquela época. Ele teria lutado por sua guarda se o desespero do seu pai não fosse de cortar o coração. Sei que ele teria feito tudo para tê-la. Max me fez mudar de ideia a respeito do seu caráter quando ele abriu mão de você, de ser seu pai, por causa do Anthony. — Nana baixa o olhar para nossas mãos e uma lágrima silenciosa rola por sua face.

Só quando tento falar algo é que percebo que eu mesma estou chorando. Um nó do tamanho de uma bola de gude parece estar preso em minha garganta. — Não a julgaria se quisesse ter contato com eles — diz com a voz embargada, erguendo seus olhos em minha direção. — Era isso que seu pai queria... Que você tivesse uma segunda chance para ter uma família.

Fecho os olhos com força, quando um soluço involuntário escapa da minha garganta. Sinto como se um peso enorme tivesse sido tirado das minhas costas apenas pelas palavras dessa mulher, que fez por mim em alguns meses mais do que minha própria mãe na minha vida inteira.

— Oh, filha! — exclama ela, saindo do seu lugar e vindo até mim. Nana se ajoelha a minha frente, abraçando-me forte, enquanto eu choro

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

descontroladamente, sentindo todo medo, remorso e culpa aos poucos deixando meu corpo, alma e coração.

Eu não precisava dizer nada. Nana sabia exatamente o que aquelas palavras significavam para mim.

Sei que fiz coisas ruins para meu pai, mas tenho uma segunda chance de consertar as coisas e mesmo que não possa mudar o que fiz com ele no passado, posso fazer a única coisa que sei que era o que ele queria: vou me perdoar por tudo o que fiz, começar de novo e ser feliz nesse lugar, onde nunca deveria ter saído.



— Gostou do nosso passeio? — pergunto a Lauren, que está no banco de trás da caminhonete de Andrew.

Havia buscado ela mais cedo, para passar o dia na fazenda comigo, assim como eu havia lhe prometido da primeira vez que nos vimos. Ela abre um amplo sorriso e faz um gesto positivo com a cabeça, enquanto devora o sorvete que Andrew comprou na cidade, antes de trazermos ela para casa.

Andrew fez questão de nos trazer, já que não tinha se apresentado formalmente para a família que agora, de certa forma, já faz parte da minha vida. Não me opus a isso. Se quero ter contato com a família do meu pai biológico, nada mais lógico que meu namorado os conheça e se dê bem com eles.

Não posso negar que me sinto apreensiva por Andrew conhecer Max. Sei que, assim como eu, ele compreendeu que meu pai biológico foi mais uma

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

das vítimas da minha mãe, porém, mesmo assim, não sei como ele vai reagir diante do homem que, de alguma forma, acabou destruindo a vida do homem que ele tanto amou.

— Não precisa ficar nervosa, pirralha — ele diz, como se conseguisse ler meus pensamentos. Andrew segura minha mão, sem nunca tirar a atenção da estrada e entrelaça nossos dedos. — Só quero conhecer o homem que, de certa forma, devolveu a alegria do meu padrinho — fala com doçura, levando minha mão aos lábios.

O olho de relance e sorriso, enquanto meu corpo relaxa diante de suas palavras.

Arrisco uma olhada para Lauren, ela acabou adormecendo e o sorvete virou apenas uma bagunça em seu colo. Contenho a vontade de limpar a sujeira de sua roupa, no entanto, já estamos quase chegando na fazenda do seu pai e ela parece estar realmente exausta.

— Ela me lembra de você — o comentário de Andrew me faz sorrir.

— Ela é tão linda e esperta. — Solto o cinto de segurança e giro meu corpo, de modo que tenho uma visão total de Lauren. Seu cabelo loiro está solto e boa parte dele cai sobre sua face, como uma cortina dourada e volumosa. Ela é a criança mais adorável que tive o prazer de conhecer.

Passamos o dia juntas. Andrew montou alguns cavalos com ela e eu a ensinei a usar minha câmera fotográfica. Fizemos um piquenique às margens da cachoeira e foi realmente gratificante ver o quanto Andrew era atencioso com ela. Sempre que ele estava com ela, me pegava imaginando como seria

se um dia chegássemos a ter filhos. É fato que ele tem jeito para crianças e não duvido que venha a ser o melhor pai do mundo.

O dia de hoje me fez apenas enxergar o quanto senti falta de ter de fato uma família. Ter Lauren comigo me fez sentir viva e ter ainda mais certeza de que os quero perto de mim. Foi exatamente por isso que decidi que quero que toda família Baker esteja na inauguração do haras.

Nana e Andrew não se incomodaram com minha decisão, o que me deixou extremamente feliz. Agora era só esperar para saber se minha nova família também se sentirá bem em participar de algo em homenagem ao meu pai.

— O padrinho ficaria muito satisfeito se pudesse ver o quanto você está feliz agora.

Volto meu olhar para ele, no momento em que entramos na propriedade de Max.

— Você é um dos motivos para eu estar feliz — afirmo, tocando sua face.

— Eu sei disso — confirma com um sorriso enorme. Empurro seu ombro antes de me inclinar sobre ele e beijar o ponto abaixo de sua orelha.

A vida com Andrew está sendo assim, calma e perfeitamente linda. Claro que vez ou outra acabamos discutindo por alguma bobagem, mas conseguimos resolver sempre da melhor forma.

Andrew estaciona sua caminhonete em frente à casa de Max, que já nos espera na varanda com sua esposa. Ele solta seu cinto de segurança e sai do

carro e eu faço o mesmo. Ele abre a porta do passageiro, pegando Lauren nos seus braços, tomando bastante cuidado para não a acordar. Observo a cena com um sorriso, enquanto caminhamos até a varanda.

— Ela acabou adormecendo. — Faço um gesto em direção a pequena Lauren, que dorme profundamente no aconchego dos braços de Andrew.

Linda e Max sorriem diante da cena. Posso ver em seus rostos a satisfação por esse momento, o que me faz ter ainda mais simpatia por eles.

— Espero que ela não tenha dado muito trabalho — Linda diz, enquanto se aproxima de Andrew.

— Ela é uma garotinha adorável — elogia Andrew com um sorriso bobo.
— A propósito, eu sou o Andrew, afilhado do Anthony e namorado da Allie.
— Ele estende uma mão em direção à Linda, que por sua vez a ignora e o abraça desajeitadamente, tomando cuidado para não acordar a filha.

— É um prazer conhecê-lo. — Ela se afasta de Andrew e sorri.

— O prazer é meu. Allie me falou muito bem de vocês.

— Ah, é? — Max parece surpreso com o comentário de Andrew e um sorriso se forma em seus lábios. — Acho que isso é bom. Sou o Max Baker, é bom conhecê-lo finalmente. Dean andou me falando de você — comenta com um sorriso divertido.

— Tenho certeza de que ele falou.

Eles trocam apertos de mão e eu observo a cena aliviada que Andrew
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pareça ter gostado dele.

— Deixa eu colocar ela na cama. — Linda faz menção de pegar sua filha, no entanto, Andrew é mais rápido, se oferecendo para fazer isso. Talvez Linda e Max não tenham notado, mas ele fez isso para que eu pudesse ter um momento a sós com o meu pai biológico.

Linda concorda, mal conseguindo conter sua alegria e o guia para dentro de casa.

Max sorri sem jeito quando ficamos a sós. A última vez que estive aqui, não tivemos a conversa mais agradável do mundo e isso talvez o tenha feito pensar que eu não iria voltar a manter contato com eles, mas tanta coisa mudou desde a última vez que estive aqui.

— Obrigada por ter deixado a Lauren passar o dia comigo — agradeço, com a voz baixa, sentindo-me tão perdida quanto ele deve estar se sentindo. Max mantém seus olhos presos aos meus e um pequeno sorriso forma-se em seus lábios.

— Ela é sua irmã. Você tem direito de vê-la. — Seu sorriso se desfaz e posso ver a tristeza brilhar em seus olhos. — Só quero que saiba que eu sinto muito por tudo o que você passou, em relação a toda essa história.

Faço um gesto positivo com a cabeça e dou um passo em sua direção.

— Pensei que você fosse ter uma vida feliz ao lado do Anthony... Nunca me passou pela cabeça o que sua mãe faria com você — diz com pesar.

— Eu sei que nunca foi sua intenção nos fazer mal. Sei também que você é um homem bom, um marido atencioso e um pai maravilhoso. O Dean e a Lauren têm sorte de ter você. — Sorrio, sentindo a emoção tomar conta de mim.

Max força um sorriso e seus olhos ficam marejados.

— Sei que falei que não queria contato com você e sua família, mas... acho que era isso que meu pai queria. Ele queria que eu tivesse uma chance de saber como é ter uma família de verdade e é por isso que eu queria... — deixo a frase no ar e tento controlar minha respiração, mas parece impossível agora. Não tinha noção do quanto isso era significativo para mim até agora. Ensaiei essas palavras durante horas e agora não consigo sequer terminar a frase.

— Seria um prazer tê-la em minha família, Allie — ele diz com a voz embargada, respondendo à pergunta que não consegui fazer. — Tudo o que mais quero nessa vida é poder conhecê-la melhor.

Faço que sim com a cabeça, enquanto as lágrimas rolam por minha face.

Max dá um passo em minha direção.

— Posso te dar um abraço? — pede inseguro. Seu pedido me faz recordar da última vez que estive com meu pai. Eu havia lhe negado algo simples e, hoje, tudo o que eu queria era poder voltar no tempo e lhe abraçar fortemente e é exatamente por isso que envolvo meus braços em torno de Max e o abraço fortemente e, por um momento, sinto que estou abraçando meu pai. Sinto que estou abraçando Anthony.

— Posso fazer um pedido? — Afasto-me dele o suficiente para fitar seus olhos.

— Claro! — responde em meio às lágrimas.

— Quero que vocês estejam na inauguração do haras. É importante para mim tê-los lá.

Max parece hesitante diante do meu pedido e eu não o culpo. Talvez ele não se sinta à vontade em estar em um lugar repleto de amigos do meu pai.

— Vou entender se você não quiser ir — completo com um sorriso.

Max balança a cabeça num gesto negativo e segura minha mão.

— Se é isso que você realmente quer, estaremos lá com você.

— Obrigada — agradeço tomada de emoção, voltando a abraçá-lo.



Os dias voaram com num passe de mágica.

Os trabalhos no haras estão concluídos e falta apenas três dias para a inauguração. Não vejo a hora desse dia chegar. Me sinto mais ansiosa a cada segundo que passa.

Tudo estará perfeito!

As pessoas que eu amo estarão ao meu lado nesse dia especial, inclusive Mel, minha melhor amiga, adorável e louca, que chega hoje de Nova York. Mal posso esperar para colocá-la a par de todos os acontecimentos.

Andrew saiu para cuidar de alguns animais na fazenda vizinha e me deixou na tarefa de ir à cidade sozinha para buscar minha amiga e fazer algumas comprinhas do que estou precisando. Confesso que estou rezando para que não caia uma tempestade ou fure um dos pneus ou, se tratando da minha sorte, não aconteça os dois, como da última vez.

Sorrio ao recordar daquele dia, foi a primeira vez que Andrew me beijou e, apesar de ter sido um estúpido logo em seguida, não posso deixar de recordar daquele curto momento com carinho. Éramos tão tolos e orgulhosos, que não conseguíamos aceitar que já estávamos apaixonados um pelo outro.

Apesar de todo o inferno que Andrew me fez passar no início, me apaixonar por ele fora tão fácil... Sinto que, desde o primeiro momento em que o vi e torci o nariz fingindo que ele cheirava mal, eu o amei. Havia algo forte e intenso que sempre me puxava para ele.

Não sei como consegui viver tanto tempo sem conhecer Andrew Scott. Como consegui sobreviver sem aqueles olhos azuis e aquele furinho no queixo.

Seu sorriso doce é o que traz alegria para os meus dias, acho que é por isso que minha vida era tão vazia e infeliz... Eu não conhecia Andrew e não conhecia o significado do amor verdadeiro.

Agora que tenho as duas coisas mais importantes, sinto-me completa e

realizada. Não há nada nesse mundo que me faça abrir mão de tudo isso.



O dia está lindo. O sol nunca pareceu tão vivo e quente, como hoje.

Dirijo a picape de Andrew com os vidros baixados, deixando que o ar fresco e revigorante toque minha face e o vento bagunce meu cabelo.

God gave me you, de Blake Shelton, preenche a cabine. A melodia doce e romântica combina com o dia perfeito que está fazendo.

Andrew adora esse cantor e, apesar de não curtir música desse gênero, aprendi a apreciar algumas músicas e essa é sem sombra de dúvida a minha canção favorita do Blake.

Quando estaciono meu carro, assim que chego ao estacionamento do aeroporto, verifico a hora para me certificar de que não estou atrasada. Tenho vinte minutos antes do avião da Mel pousar. Pego o cartaz de boas-vindas que fiz com a ajuda da Lauren, com direito a glitter e corações coloridos, minha bolsa e saio do carro travando o mesmo em seguida.

Arrumo meu vestido branco florido de pequenas rosas vermelhas, de alças finas e faço meu caminho até meu destino.

Ergo o cartaz que diz “Seja bem-vinda, Mel” o mais alto que posso, quando os passageiros começam a surgir e lá está minha melhor amiga, com seu cabelo divertidamente pintado, agora roxo, usando suas roupas

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

descoladas de grife: uma blusa preta sem mangas, justa ao corpo, e uma jaqueta jeans azul desbotada por cima; uma calça jeans escura, com mais rasgões que eu possa contar, e uma bota cano longo de salto altíssimo.

Ela tem uma bolsa sobre o ombro e uma pequena caixa cor-de-rosa em uma das mãos.

Meu coração se enche de alegria e mal posso conter as lágrimas que se formam em meus olhos, quando Mel consegue ver o cartaz, parando por um segundo e fazendo um gesto quase dramático, levando a mão livre até o coração e encolhendo os ombros, antes de literalmente correr até a mim.

— Allie! — ela grita, me abraçando. Deixo o cartaz cair no chão e retribuo o abraço, apertando-a forte. Seu cheiro doce e familiar me leva novamente para um tempo há muito esquecido. Um tempo em que eu tinha apenas ela para me apoiar. Nossa amizade sempre fora forte. Mel é como uma irmã que nunca tive. — Que saudades de você, minha amiga! — diz ainda me abraçando. — Me deixa ver você. — Mel me afasta delicadamente e me olha da cabeça aos pés. Um sorriso doce nasce em seus lábios em meio às lágrimas que rolam por sua face, perfeitamente maquiada. — Você está tão linda! — exclama voltando a me abraçar.

Após um longo tempo apenas nos abraçando e chorando feito duas bobas, pegamos suas malas e seguimos para o carro.

— Como foi o voo? — pergunto, enquanto me acomodo no banco do motorista.

— Foi tranquilo. Passei quase todo o voo dormindo. — Ela sorri, olhando-

me de soslaio. — Você sabe como viagens me deixam sonolenta — diz com a voz baixa, como se estivesse confessando um segredo, mas isso não é segredo. Todo mundo sabe como ela é quando entra em um avião. Ela simplesmente apaga. É instantâneo. Não importa se ela está com sono ou não, ela simplesmente dorme.

Sorrio revirando os olhos e saio do estacionamento.

— Vamos almoçar em algum lugar e se você não estiver muito cansada, vamos fazer umas comprinhas. Quero comprar algumas coisas para mim, a Nana, o marido dela e para o Andrew. Acho que ele não comprou nada adequado para a inauguração — digo sem tirar os olhos da estrada.

— Andrew? — pergunta confusa, só então me cai a ficha que não tive tempo para lhe deixar a par dos acontecimentos. Olho de relance para ela e lhe dou um meio sorriso, como pedido de desculpas.

— Temos muito o que conversar pelo visto — diz ela sem desgrudar os olhos de mim.

Faço que sim com a cabeça e novamente forço um sorriso, sabendo que levarei uma boa bronca por não ter lhe contado o que estava se passando em minha nova vida.



O restaurante no centro da cidade está bem movimentado para um dia de quinta-feira e precisamos esperar no bar até que uma mesa desocupe.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mel pede uma cerveja e eu opto por uma água, já que estou dirigindo.

Aproveito o tempo de espera que temos e lhe conto tudo o que acontecera nos últimos dias. Meu relacionamento com Andrew, a vinda da minha mãe à fazenda. O segredo que ela escondera de mim durante todos esses anos. Minha nova família.

Ela me ouve atentamente, com olhos arregalados de surpresa, em silêncio, apenas balançando sua cabeça e tomando sua cerveja, enquanto faço um resumo de tudo.

Quando vamos para a nossa mesa e fazemos nossos pedidos, lhe conto como tudo me afetou de uma forma boa e do quanto mudei desde que chequei aqui.

Apesar de saber que ela está um pouco chateada por não ter lhe contado antes, posso ver em seus cálidos olhos cinzas que Mel está feliz por mim.



Após o nosso almoço, vamos a algumas lojas, onde compro um vestido para usar no domingo: ele é vermelho, longo e elegante. Compro uma sandália e uma bolsa de mão para combinar.

Aproveito para comprar um vestido para Nana. Não sei ao certo o seu tamanho, então por via das dúvidas compro dois, na esperança de um lhe servir. Compro também dois pares de sandália e bolsa, além de um par de brincos, uma pulseira e uma delicada correntinha.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mel opta apenas por olhar. Segundo ela, já tem coisas suficientes para uma vida, mas que antes de voltar para Nova York, quer voltar para comprar algumas lembrancinhas.

Quando vamos a uma loja masculina, compro camisa e calça social para Andrew e o marido de Nana, além de sapatos e dois pares de relógio. Sei que Andrew não vai usar o seu, mas mesmo assim, vou levar.

Quando voltamos para casa, o sol já está se pondo.

Mel parece exausta, com o rosto recostado no vidro da janela, observando a paisagem lá fora.

— Esse lugar é lindo! — exclama, perdida em pensamentos. — Não te culparia se não quisesse voltar para Nova York. — Mel volta seu olhar para mim, esperando que eu lhe diga alguma coisa, porém permaneço atenta à estrada. Meu silêncio foi a resposta que Mel buscava.

— Realmente não te culpo por escolher esse lugar. — Ri.

A olho de relance e sorrio.

— Tenho uma vida perfeita aqui. — Dou de ombros. — Acho que, pela primeira vez na vida, me sinto realmente em casa. Tenho dois irmãos incríveis, um namorado lindo, sexy e perfeito e... lembranças lindas do homem que sempre me amou como sua filha. — Volto meu olhar para a estrada e sorrio. — Meu pai me trouxe aqui para ter um recomeço. Para mudar minha vida e é isso que estou fazendo. — Volto-me novamente para ela. — Estou recomeçando e sendo feliz.

Mel estende sua mão e eu pouso a minha sobre a sua.

— Mesmo que isso signifique que vou perder a minha parceira favorita no mundo todo, quero que saiba que estou realmente muito feliz por você. — Ela faz um biquinho e uma carinha triste, o que me faz rir.

— Não seja dramática! Sempre seremos as melhores amigas do mundo todo — digo, entrelaçando nossos dedos.

— Own... Eu amo você — diz emocionada.

Solto minha mão da sua e a empurro no ombro.

— Eu sei que ama, sua chorona.



Encontramos Andrew na varanda, sentado em uma cadeira com uma garrafa de cerveja na mão. Ele usa uma camisa preta justa ao corpo e uma calça jeans clara. Seu cabelo está úmido, penteado para trás. Quando nos vê, ele deixa a garrafa ao lado da cadeira e levanta-se, vindo em nossa direção. Apresento ele a minha amiga, que lhe dá dois beijinhos de cada lado da bochecha.

Andrew a avalia discretamente. Eu lhe avisei que Mel gostava de roupas e cores excêntricas, mas acho que ele não acreditou muito em mim. Talvez estivesse esperando uma versão de mim e não alguém tão diferente.

Quando as apresentações terminam, ele me puxa para perto de si e me abraça apertado, antes de me dar um beijo suave nos lábios.

Havíamos passado o dia todo longe e eu estava morrendo de saudade dele.

— Senti sua falta — digo ainda com a boca na sua.

— Eca! — exclama Mel, nos fazendo rir. — Pelo amor de Deus, vão logo para o quarto que eu não quero ser testemunha da dança do acasalamento.

— Não seja tão ridícula, Melissa! — Tento não rir, porém é impossível. Minha amiga é a pessoa mais desbocada, irritante e engraçada que conheço.

Ela revira os olhos e faz um gesto na direção da cerveja.

— Tem mais de onde veio essa? Estou morta de sede.

— Claro que sim — diz ele rindo e beija o alto da minha cabeça. — Mas, primeiro, deixa eu carregar suas coisas para o seu quarto.

Depois de colocar as malas da Mel no quarto de hóspedes e me ajudar com as compras que fiz, deixo minha amiga em seu quarto para tomar um banho e relaxar um pouco antes de nos encontrarmos para o jantar e vou para o meu quarto com Andrew para lhe mostrar o que comprara para ele.

— Quer que eu use isso? — questiona-me apontando um dedo para as roupas que estão sobre a cama.

Limpo a garganta, sentindo-me um pouco desapontada pela reação dele. Sei que Andrew não é do tipo que veste roupas sociais, mas pensei que talvez

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

para uma ocasião especial, ele pudesse fazer um esforço.

— Desculpa, amor, mas não vou sair feito almofadinha por aí e tenho certeza de que o Dimitri também não.

— É só uma camisa social...

— E calça de linho e sapatos — diz com reprovação. — E um relógio que deve ter custado mais que o salário do Dimitri e da Nana juntos.

Cruzo os braços em frente ao peito e o encaro na defensiva.

— Comprei com o meu dinheiro, Andrew. Com o dinheiro que estava guardado dos meses que trabalhei em Nova York.

Andrew respira fundo, passando as mãos por seu cabelo.

— Não estou falando do dinheiro, Allie... Só que... eles são pessoas simples, talvez não vão se sentir bem usando roupas tão caras e eu também não gosto.

Mordo o canto da boca por dentro e faço que sim com a cabeça, começando a guardar todas as coisas novamente nas sacolas.

— Ei! — diz ele com a voz suave, segurando meu braço. — Não quero que fique chateada.

— Não estou — digo sem olhá-lo.

Ele me puxa delicadamente, me fazendo encará-lo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Seus olhos azuis me avaliam com atenção, enquanto uma de suas mãos tocam minha face.

— Olha, desculpa. Não queria te chatear, é sério. — Ele força um sorriso. — Agradeço que tenha pensado em mim, mas... eu...

— Tudo bem! — digo antes que ele termine a frase. — Não devia ter comprado essas coisas... Eu apenas estava tentando... — Dou de ombros, sem saber exatamente o que dizer. — Vamos deixar pra lá, ok. Vou até a cozinha entregar as coisas para Nana e para o Dimitri e deixar bem claro que eles não são obrigados a usar. É somente um presente.

Tento me afastar dele, mas Andrew me puxa grudando nossos corpos.

— Estamos bem? — pergunta com o rosto a centímetros do meu.

Respiro fundo e relaxo. Não vale a pena ficar chateada por algo tão pequeno. Esse é Andrew, afinal. Simples, humilde e que não precisa de roupas caras para se sentir feliz. Não posso mudar isso. É quem ele é e ponto.

Envolvo meus braços em torno do seu pescoço, ficando nas pontas dos pés e mordo de leve seu queixo.

— Claro que estamos bem. É apenas uma roupa. — Sorrio, afastando-me o suficiente para olhá-lo em seus olhos. — Agora, me deixa ir até a Nana. Estou morta de cansada. Ainda vou tomar um banho antes do jantar — digo, tentando me soltar do seu abraço.

— Não vai a lugar algum agora. — Abraça-me ainda mais firme contra

seu corpo. — Passamos o dia longe um do outro e eu estava morrendo de saudades de você — diz com a voz terrivelmente sexy, roçando o nariz em meu pescoço. — Saudades do seu cheiro. Sua pele em contato com a minha. — Sua mão sobe por minha coluna até minha nuca, enquanto a outra faz seu caminho até meu ombro direito, baixando lentamente a alça do meu vestido.

Seu toque suave faz minha pele arrepiar-se.

— Andrew... — protesto com a voz baixa, mas já não sei se é por desejo ou apenas por lembrar que tenho algumas coisas para fazer antes do jantar.

— Shhh! — diz ele, roçando os lábios nos meus. — Apenas fica comigo.

Andrew morde meu lábio inferior, passando a língua no mesmo em seguida. Esse simples gesto é suficiente para me incendiar, me fazendo esquecer de todos os motivos que tenho para sair do quarto agora.



Os últimos dias para a inauguração do haras fora corrido ao extremo.

Mel cuidou dos últimos detalhes da festa que daremos, buffet, e recebeu pessoalmente o pessoal responsável pela montagem do palco, para a apresentação do cantor, que fez questão que fosse contratado, por se tratar de um dos cantores favoritos de Andrew.

— Acho que merecemos uma noite de folga — diz Mel, enquanto terminamos nosso jantar. Ela lança um olhar pidão na minha direção. —

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Preciso de uma bebida, amiga, e me recuso a sentar naquela varanda maravilhosa e observar as estrelas, enquanto você e o bonitão ficam se pegando.

Sorrio e volto meu olhar para Andrew, que faz um sinal de aprovação com a cabeça.

— Vamos ao bar do Dean, ele faz os melhores drinques do mundo — digo animada.

Mel bate palmas animada.

— Conhecerei o irmão gato da minha amiga finalmente!

Reviro os olhos e ergo-me da mesa.

— Mantenha sua calcinha no lugar, Melissa. Tudo o que menos quero agora é uma cunhada.

Mel cruza os braços e me mostra a língua.

— Você é uma cuzona, Allison Thomas.

Gargalho e volto minha atenção novamente para Andrew, que me observa com admiração e um pequeno sorriso nos lábios. Ele estende a mão em minha direção e eu pouso a minha sobre a dele.

— Vamos, peão?

Ele me puxa para perto de si, enlaçando seus braços em torno da minha

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cintura.

— Claro que sim, pirralha.



O bar está lotado, mas por sorte conseguimos uma mesa perto do pequeno palco, onde um jovem faz sua apresentação.

Ele toca uma música lenta e a melodia preenche o ambiente, tornando-o ainda mais agradável e aconchegante.

— Por que não esperam aqui, enquanto vou pedir nossas bebidas? — sugere Andrew, ainda de pé.

Olho em direção do balcão, onde vejo Dean preparando alguns drinques.

A semelhança entre nós, com o passar dos dias, se tornara familiar para mim.

Já não acho estranho conseguir enxergar muito de mim em Dean, Lauren e até em Max.

— Por que não faz companhia a Mel e me deixa ir até lá — digo, já ficando de pé.

Andrew me olha um pouco hesitante, mas acaba concordando e senta-se na cadeira à frente da minha amiga.

Faço meu caminho entre as mesas, desviando de alguns caras que tentam segurar minha mão, até que consigo chegar ao balcão lotado.

Depois de muito esforço, consigo uma vaguinha entre um bêbado que está praticamente dormindo em cima da sua bebida e um casal de namorados que estão se beijando loucamente.

— Ei, não deveria estar em casa descansando para o grande dia? — questiona-me Dean, quando me vê. Ele entrega a bebida que estava preparando para um cliente e vem até onde estou, pegando uma garrafa de cerveja no caminho e colocando à minha frente.

Agradeço-lhe com um sorriso e tomo um pequeno gole antes de lhe responder.

— Minha amiga queria conhecer o meu irmão gato e beber o seu delicioso drinque — respondo, fazendo um gesto na direção da nossa mesa.

Dean inclina-se sobre o balcão, dando uma olhada no salão lotado.

— A de cabelo colorido é sua amiga? — pergunta com um pouco de espanto.

Sorrio e faço que sim com a cabeça.

— Quando me falou que receberia a visita de uma amiga, pensei que fosse outra Barbie — diz, sem esconder o tom de deboche.

— Não seja um idiota, Dean! — Bato em seu ombro.

Ele ergue as mãos para cima em sinal de redenção.

— Por que não volta para a sua mesa e deixa que eu leve algumas bebidas para vocês? — sugere.

— Ok. — Pegue minha cerveja e volto para a minha mesa.

Mel e Andrew estão em uma conversa divertida e para minha vergonha o tema sou eu. Andrew está lhe contando como meus primeiros dias foram terríveis. Claro que ele não cita as coisas ruins que me fez, como a vez que me deixou no meio da estrada sozinha, com uma tempestade a caminho.

Ele conta as coisas simples e bobas, como meu pavor das galinhas, grilos e qualquer coisa que possa se mover dentro do mato.

Contenho minha vontade de jogar minha cerveja em meu namorado e apenas rio com humor de tudo o que ele fala.

Quando Dean chega com nossas bebidas, não posso deixar de notar a forma como ele observa Melissa. Ele parece um tanto surpreso ao encará-la.

— Então, você é a famosa Mel? — pergunta, tentando se manter normal, ao colocar a bebida em sua frente.

Ela sorri, fingindo estar sem jeito, mas sei que é somente um jogo. Melissa nunca fica sem jeito diante de homens, seja quem for, ela nunca se intimida.

— E você o famoso Dean, irmão gato da minha best.

Ela levanta-se da mesa e dá três beijinhos na face de Dean, que por sua vez fica um pouco tímido com a ação da minha amiga.

— Espero que aproveite sua estadia aqui e seja bem-vinda ao *Ops bar*.

Mel segura sua bebida erguendo-a e, em seguida, tomando um pequeno gole da mesma.

— Tenho que concordar que realmente é o melhor drinque que já tomei.
— Ela sorri em minha direção. — Acho que vou levar o seu irmão para Nova York.

Dean ri do comentário da minha amiga e volta seu olhar para mim.

— Posso falar com você?

Olho de Andrew para ele, antes de responder:

— Claro.

Dou um selinho em Andrew e levanto da cadeira, seguindo Dean para o depósito do bar.

— Só queria ter certeza se está tudo bem em comparecermos amanhã na inauguração — diz preocupado. — Não queremos te constranger, Allie.

— Constranger? Por que você está pensando isso? — pergunto sem entender. — Eu quero todos lá. É um dia muito importante para mim e eu quero dividir com meus amigos e... minha família.

Dean sorri, mal conseguindo conter sua satisfação.

— É bom tê-la como irmã — diz abrindo os braços e sem pensar duas vezes o abraço forte.

É a primeira vez que compartilhamos de algo tão íntimo e a sensação de abraçar, não qualquer pessoa, mas meu irmão, é inexplicável.



A noite fora agradável. Bebemos, dançamos e até Dean deixou um pouco do seu posto de *bartender* para ficar um pouco com a gente, em especial com minha amiga.

Eles se deram muito bem. Para falar a verdade, nunca tinha visto minha amiga interagir tão bem com alguém antes. Mas meu lado protetor está com um pouco de medo de que Dean acabe se envolvendo com a Mel. Ela não é do tipo que se apaixona ou se envolve sentimentalmente com alguém. Depois de ter sofrido uma grande desilusão amorosa, da qual Melissa nunca quis comentar comigo, ela quer apenas curtir, conhecer homens e transar. Como diz ela, coisa típica de garota de cidade grande, mas Dean não é desse tipo. Apesar de sua fama de conquistador, sei que ele, assim como Andrew, é um cara de princípios, que busca algo a mais em uma garota.

Dean fez questão de levar Melissa para casa e mesmo que eu tenha protestado um pouco, acabei cedendo, aliás, não quero ser o tipo de irmã ciumenta e protetora.

Andrew fora todo o caminho rindo da minha preocupação, me dizendo que Dean sabia muito bem se cuidar sozinho e eu apenas revirei os olhos e me concentrei na mão do meu namorado, que fazia pequenos círculos na pele nua da minha coxa.

Andrew sabia como me distrair e agora era exatamente o que ele estava fazendo.



Vinte e Seis

Seus lábios estão contra os meus, movendo-se sem presa, enquanto suas mãos retiram minha calcinha.

Não consigo encontrar em minha mente melhor forma de acordar do que essa.

Andrew é simplesmente insaciável. Não que eu esteja reclamando. Eu amo esse lado selvagem dele.

Amo a forma como ele me acorda todas as manhãs.

Como ele sussurra meu nome com a voz ainda rouca e sonolenta.

A forma como se move lentamente para dentro de mim, como se estivesse aproveitando cada segundo desse momento.

A forma como sua pele quente fica arrepiada contra a minha.

Essa é, sem sombra de dúvida, a melhor forma de se acordar.



Após o café da manhã, levo Nana e Mel ao salão de beleza na cidade, para fazer as unhas e arrumar os cabelos. Nana protestou no início, mas acabei lhe convencendo a ir, assim como a convenci a aceitar os presentes que tinha lhe comprado.

Andrew foi até o haras para ver se estava tudo bem. Ele queria se certificar de que as barracas de lanches estavam nos lugares certos e que os brinquedos para entreter as crianças já estavam prontos.

O palco havia sido montado na tarde anterior e agora era só esperar a chegada do cantor e sua banda.

Não posso negar que me sinto nervosa. Parte de mim tem medo que ninguém compareça a esse momento, mas Andrew me garantiu que o local estará lotado.

Se minha mãe soubesse o que estava prestes a acontecer, ela surtaria. Posso até imaginar o que ela diria: “Você gastou tudo isso para não ter nenhum retorno?”, “Está mesmo fazendo caridade?”. Minha mãe nunca gostou de ajudar o próximo. Nunca foi de ir a eventos beneficentes, a não ser quando isso pudesse lhe promover na sociedade. Confesso que também nunca havia pensado no próximo. Nunca pensei em ajudar no bem-estar de alguém

do qual não tinha conhecimento, porém tudo mudou quando voltei para a fazenda. Quando voltei para casa.

Boa parte do dinheiro investido no haras, fora da minha poupança. Meu pai sempre se certificou de não me deixar faltar nada e, apesar de ter sido uma pessoa que amava consumir, consegui guardar um bom dinheiro, dinheiro esse que fora investido em algo que ajudaria muitas pessoas daqui. Oferecendo emprego às famílias e um lugar que pudesse ensinar algo para seus filhos.

Já fechamos contratos com alguns professores de equitação e não vejo a hora de ver as crianças aprendendo a montar.

Também abriremos espaços para eventos beneficentes e aulas de pintura, natação e quem sabe fotografia.

Eu só quero poder fazer o que deixaria meu pai feliz e orgulhoso.



Quando voltamos da cidade, vamos para nossos quartos, tomar banho e nos preparar para o grande momento.

Tivemos uma manhã agradável de garotas e Nana pareceu se divertir muito em nossa companhia.

Eu estava muito feliz e isso só foi um pouco interrompido quando Nana disse que sua filha chegaria antes da inauguração.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Segundo ela, Hanna não perderia isso por nada.

Nana parecia tão feliz e satisfeita pela visita da filha, que tive que engolir meu ciúme e irritação e me obrigar a sorrir e dizer que estava tudo bem. Que eu não me importava que ela viesse, afinal, ela é praticamente da família e Andrew com certeza ficará feliz em revê-la.

Porém, era mentira! Apesar de amar Nana, não sinto a menor vontade de ver Hanna novamente. Ela não gosta de mim e o sentimento é recíproco. A presença de Hanna não me fez bem, mas não posso lhe impedir de voltar para casa. Não posso lhe impedir de falar ou estar com o Andrew, por mais que eu quisesse ter esse poder.

Analiso o longo vestido vermelho que molda perfeitamente minhas curvas.

As pequenas alças fazem encontros nas costas, que por sua vez está completamente exposta.

Ele é tão lindo e elegante, que subitamente me fez recordar de Nova York. Esse é o tipo de roupa que eu usaria em algum evento chique da agência de moda que eu trabalhava como fotógrafa. Por mais perfeito que seja, esse vestido não é adequado para usar aqui.

Meu cabelo está preso em um coque, com alguns fios soltos.

Essa garota no espelho é exatamente quem eu era, dez meses atrás.

A garota que pensei que tivesse ficado em Nova York, junto com minha

antiga vida.

A garota perfeita que só se importava consigo mesma.

Ergo minha mão e toco levemente no espelho.

É tão estranho me ver assim agora. Como se... Como se essa pessoa do outro lado não fosse eu. Como se fosse outra pessoa e de certa forma é.

Fecho minha mão e deixo-a cair ao lado do meu corpo.

Não posso deixar que minha antiga vida, invada esse momento tão especial. Escolhi seguir em frente e ser uma nova mulher.

Desfaço o coque, deixando que meus cabelos caiam como ondas em minhas costas. Passo os dedos pelos mesmos, arrumando os fios. Retiro as sandálias de salto alto e, em seguida, me livro do vestido.

Caminho até o closet e procuro em meio as minhas roupas novas algo que possa ser útil para uma ocasião como essa.

Encontro outro vestido vermelho, mais adequado para se usar em uma fazenda. Ele tem alças finas e um decote comportado, justo ao corpo. Seu comprimento é acima dos joelhos. Coloco um delicado cinto preto e pego uma jaqueta de couro da mesma cor, vestindo-a. Calço minhas botas pretas de cano longo com um salto médio.

Olho-me no espelho contemplando a nossa versão de mim. Meu cabelo ondulado caindo em minhas costas, cheios e brilhosos. A maquiagem leve e uma camada sutil de batom cor-de-rosa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Apesar de simples, a roupa é mais adequada para essa ocasião que aquele deslumbrante vestido vermelho.

Coloco minha delicada corrente dourada com um pequeno pingente em forma de cavalo que ganhara do meu pai, porém nunca havia usado. Eu havia adorado o colar, mas meu orgulho era demais para admitir isso para meu pai na época. Sempre a carregava comigo para onde quer que fosse, mesmo não tendo a intenção de usá-la.

Sorte minha tê-la trazido, pois deixei quase todas minhas joias em Nova York.

Uma leve batida na porta me traz de volta a realidade. Andrew entra usando uma roupa que nunca havia visto ele usar antes, o que significa que talvez ele tenha feito compras.

Ele está trajando um camisa azul-marinho de mangas longas, que estão dobradas até a altura dos cotovelos.

Ela está colocada por dentro da calça jeans escura e há três botões abertos, deixando à mostra alguns pelinhos do seu peito.

Seu chapéu favorito está em sua cabeça, escondendo seus cabelos ondulados.

Andrew está simplesmente lindo!

Seus olhos me avaliam atentamente de cima a baixo, enquanto sua boca abre e fecha algumas vezes.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Desistiu do vestido vermelho? — pergunta, fazendo um gesto com a mão para o vestido que está jogado em cima da minha cama.

Dou de ombros e tento ver o que ele está escondendo atrás de si.

— Não achei que ele fosse apropriado para usar hoje. Por quê? Não gostou do que vesti? — questiono-o, sentindo-me insegura da minha escolha.

Andrew sorri, dando um passo em minha direção, ainda escondendo uma mão atrás de suas costas.

— Não importa o que você vista, pirralha, você sempre ficará perfeita. — Ele estende uma mão em minha direção, pegando a minha e enlaçando nossos dedos. — Mas tenho que confessar que você está ainda mais linda usando esse vestido.

Sorrio, sentindo minhas bochechas corarem.

— Que bom que você escolheu algo mais simples, assim você pode usar meu presente — diz com um sorriso divertido.

— Presente? — pergunto, sem conter o entusiasmo.

Ele faz que sim com a cabeça, ao mesmo tempo que traz sua mão para frente. Ele está segurando um lindo chapéu preto, semelhante ao que está usando, só que menor e mais delicado.

Abro a boca surpresa, porém nada digo.

— Você gostou? — pergunta com insegurança, ainda segurando o chapéu em minha frente. — Mandei gravar as suas iniciais aqui dentro. — Apontando para o local onde estão gravadas as letras A e T.

Sorrio, sentindo a emoção tomar conta de mim.

— Claro que gostei! É lindo! — exclamo, tomando o rosto dele com as mãos e lhe beijando delicadamente nos lábios. — Coloca em mim? — peço, afastando-me dele.

Andrew sorri, não apenas um sorriso, mas um sorriso enorme que ilumina todo o seu rosto.

— Claro! — diz, enquanto ergue o chapéu e coloca em minha cabeça.

Volto-me para o espelho e fico encantada com o que vejo.

Já não sou a patricinha mimada da cidade grande, o que vejo é uma mulher diferente que se encaixa perfeitamente nesse lugar.

— Eu amei! Agora estou perfeita. — Dou uma voltinha na frente de Andrew.

Seus olhos me fitam com admiração, ternura e amor.

— Tenho outro presente para você. Ia esperar para mais tarde, mas... não sei se quero esperar. — Andrew sorri, tomando minha mão na sua. — Uma vez me disseram que tudo acontece exatamente quando tem que acontecer. Que seus dias ficam mais belos, após uma forte tempestade. Que não importa o quanto estejamos machucados, um dia voltamos a sorrir. Um dia voltamos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

a sonhar e enxergar a vida com outros olhos. — Ele me dá um pequeno sorriso. — Se me dissessem alguns meses atrás que me apaixonaria por você, eu teria rido, porque nunca me passou pela cabeça que isso seria possível. Estava tão centrado em te odiar que... por um bom tempo, esse sentimento era a única coisa que parecia fazer sentido, mas aí você chegou, toda atrapalhada, com suas roupas chiques e seus saltos altos. Tão durona e língua afiada. Parecia tentar me odiar, tanto quanto eu tentava odiar você. Mas com o passar dos dias, nutrir tal sentimento ficava cada dia mais difícil. Adorava te provocar apenas para te ver irritada. — Ele toca minha face com a mão livre. — Era tão difícil te odiar quando você me olhava com esses olhos, quando falava meu nome, quando sorria. — Ele delineia meus lábios com o polegar. Deixo um pequeno suspiro escapar, sentindo as lágrimas arderem em meus olhos. — Eu lutei tanto contra esse amor. Ficava o tempo todo planejando algo para falar com você, mesmo que fosse algo para te irritar, eu só queria ficar perto de você. Eu sinto tanto ter te magoado e ter te feito chorar. Na noite que te trouxe do bar, depois que nos beijamos no meu carro... eu tive a certeza de que não importava os motivos que eu tinha para te odiar, eu já estava apaixonado por você. Mesmo que eu negasse a mim mesmo, eu já te amava. — Andrew respira fundo e pisca seus olhos algumas vezes tentando afastar as lágrimas. — Você mudou a minha vida, Allie. Quando eu pensei que não seria mais feliz, você me mostrou o quanto eu estava errado. Foi com você que descobri o verdadeiro significado do amor. Você me faz sentir o homem mais sortudo e amado do planeta. Você deu um sentido a minha vida e eu não consigo imaginar minha vida sem você. Seu sorriso, seu toque, seu beijo... Eu simplesmente não quero uma vida se não for ao seu lado. — Andrew remexe no bolso da frente da calça. Ele ergue uma delicada aliança com um pequeno diamante no centro e ajoelha-se diante de mim, ainda segurando minha mão direita na sua.

Sinto que tudo ao meu redor parou nesse exato momento. Minha garganta fica seca, minhas mãos ficam trêmulas e as lágrimas rolam silenciosas por minha face. Meu coração está batendo tão forte contra meu peito que estou com medo dele pular por minha boca.

— Oh, meu Deus! — exclamo num som quase inaudível, enquanto cubro meus lábios com a mão livre.

— Allison Thomas, eu te amo mais do que tudo nessa vida e te prometo, diante de Deus, que vou cuidar de você e te fazer a mulher mais feliz do mundo. Vou fazer valer a pena cada momento que passarmos juntos e mesmo se houver momentos que você quiser chorar, te darei motivos para sorrir e... sempre, sempre, sempre, completamente e verdadeiramente vou amar você. — Ele faz uma pausa, enquanto as lágrimas rolam por sua face. Engulo em seco, tentando desfazer o nó em minha garganta. Sinto-me tão feliz e emocionada que parece que a qualquer momento vou explodir. Andrew ergue a aliança diante de mim, enquanto seus olhos me fitam com expectativa. — Você me daria a honra de ser minha esposa? — pergunta-me com a voz embargada.

Solto um suspiro trêmulo e balanço minha cabeça várias vezes, enquanto um pequeno soluço escapa dos meus lábios.

— Sim! Sim! Sim! — respondo entre lágrimas, me ajoelhando diante dele. — Não há nada que eu mais queira nesse mundo do que ser a sua esposa, sua companheira e... futura mãe de seus filhos. Eu te amo, Andrew Scott. E te prometo que vou te fazer feliz.

Andrew sorri entre lágrimas, enquanto desliza o delicado anel em meu

dedo anelar.

— Eu te amo! — diz ele, após beijar meu dedo onde se encontra a aliança.
— Eu te amo! — repete antes de selar nosso compromisso beijando-me apaixonadamente.

É um beijo diferente. Doce e carregado de promessas.

Um beijo que representa o primeiro passo do nosso feliz para sempre.

Meu coração parece estar prestes a explodir a qualquer momento de tanta felicidade.

Nunca imaginei que pudesse haver sentimento tão inexplicável como o que estou sentindo agora.

Não sei se quero sair contando a todos a novidade ou se quero apenas admirar minha aliança perfeita e continuar beijando e dizendo o quanto amo meu noivo.

— Sei que não é um anel caro, mas... — Andrew baixa o olhar para o anel em meu dedo por um segundo, percorrendo seu polegar em meu dedo anelar.
— Pertencia a minha mãe. Ela me falou que meu pai economizou por anos para poder pagar por ele. — Sua voz é baixa e cheia de emoção. Quando volta seu olhar para mim, seus olhos estão marejados. — Eu sei que você merece algo maior e...

— Esse é perfeito! — digo, antes que ele conclua a frase. Seguro seu rosto com as mãos, sentindo a emoção tomar conta de mim. — Você não imagina o

quanto estou me sentindo sortuda. Estou tão feliz... E não importa se essa não seja uma aliança cara, o que importa é o valor que ela carrega. A importância que ela tem para você. Me sinto a mulher mais sortuda do mundo, por receber algo que tem tanto significado na sua vida. — Enxugo uma lágrima que rola por sua face com o dorso da minha mão direita. — Você mudou tanto a minha vida, Andrew Scott, e eu sou tão grata a você por te me mostrado o significado da vida. O significado do amor. Você trouxe cor para a minha vida. Eu não sabia que estava perdida, até encontrar você. — Respiro fundo, enquanto um pequeno soluço escapa de meus lábios. — Não importa o que aconteça de agora em diante. Não importa onde eu esteja ou onde eu vá, você é o meu lar e eu sempre, sempre, encontrarei o caminho de volta para casa. Eu te amo! — digo entre lágrimas.

Andrew sorri, enquanto inclina sua cabeça, encostando sua testa na minha, fazendo meu chapéu cair no chão.

— Tem certeza de que é isso mesmo que você quer? — pergunto, buscando seus olhos.

Andrew roça seus lábios nos meus de um jeito provocador.

— Você é a única certeza que eu tenho.

Seus lábios lentamente cobrem os meus num beijo lento e apaixonado. Aquele tipo de beijo que faz tudo ao nosso redor estremecer. Nos faz acreditar que de fato o tempo está parando nesse momento. É o tipo de beijo que devemos guardar para sempre em nossa memória. Meu corpo estremece com o seu toque suave em minha cintura, me puxando para junto do seu corpo, enquanto minhas mãos enlaçam seu pescoço. Gostaria de poder retirar

sua roupa, peça por peça, e beijar cada centímetro do seu corpo. Gostaria de guardar esse momento em um potinho de vidro para poder recordar dele sempre que meus dias estivessem cinzas.

Nunca me senti tão amada, completa e feliz em toda a minha vida e isso eu devo a Andrew, o homem que mudou todos os meus planos.

Afasto-me dele, mesmo contra a minha vontade.

— Não quero ser estraga-prazeres, mas temos um compromisso importante que não podemos faltar.

Andrew faz biquinho, me puxando contra seu peito. Ele afasta meu cabelo para o lado, deixando meu pescoço visível e deixa um rastro de beijos em minha pele.

— Tem certeza de que não podemos ficar em casa e comemorar? — murmura passando o nariz na minha pele, fazendo-me estremecer.

Sorrio, me encolhendo um pouco.

— Prometo comemorar mais tarde e será memorável. — Sorrio.

Andrew beija suavemente meus lábios antes de se afastar.

— Certo... Vou tentar ser um bom garoto e esperar até o final da noite — diz com um tom provocador, enquanto pega o meu chapéu no chão e coloca em minha cabeça.



Entramos na cozinha de mãos dadas, para chamar o pessoal para ir.

Estou tão feliz e ansiosa para contar a novidade para todos, que mal me contenho ao chegar no local.

Ergo minha mão assim que passamos da porta de entrada, com um sorriso que chega a doer nas minhas bochechas.

— Adivinhem quem acabou de ser pedida em casamento? — pergunto eufórica fitando o rosto de Nana, do marido dela e da minha melhor amiga.

Mel arregala os olhos surpresa, enquanto olha de mim, Andrew e o anel em meu dedo anelar.

— Não acredito! — ela grita, dando um pulo da cadeira e correndo até mim, mas antes de me abraçar, ela dá uma boa conferida no anel.

— Oh, meu Deus! É lindo! — exclama antes de me abraçar. — Parabéns!

Ela envolve seus braços em torno de mim, abraçando-me fortemente e, em seguida, dá um abraço rápido em Andrew, que parece pouco à vontade com a cena e eu só entendo o motivo de sua reação, quando meus olhos cruzam com os de Hanna, que está próxima à pia, nos olhando com um olhar mortal.

Ela está usando um vestido branco justo na cintura e rodado no comprimento, que vai até a altura dos joelhos. Uma jaqueta azul-claro de

mangas longas e botas pretas. Seu cabelo está perfeitamente ondulado e sua maquiagem é impecável.

Sinceramente, por mais que eu não goste de admitir, ela é linda e a visão dela na minha cozinha, só me faz pensar em como ela e Andrew formam um casal lindo.

Afasto esse pensamento para longe. Ele não a ama. Andrew ama a mim e é comigo que ele quer casar. Isso já ficou bem claro! Não há por que eu sentir ciúmes de Hanna.

Respiro fundo, buscando a mão de Andrew e apertando-a junto a minha.

Os olhos esmerados de Hanna fitam nossas mãos, antes de voltar-se para Andrew. A forma como ela lhe encara, me faz pensar no que ela está pensando. É como se ela estivesse de certa forma, tentando entender alguma coisa.

— Eu não acredito que o Andrew te pediu em casamento, filha! — diz Nana caminhando até mim.

Apesar do sorriso em seus lábios, posso ver que ela também parece um pouco surpresa com isso.

— Pois é — digo, tentando soar tão animada quanto antes.

Ela segura minha mão direita e sorri ao olhar a delicada aliança.

— Tenho certeza de que vocês vão ser muito felizes. — Seus olhos me avaliam atentamente. — Vocês merecem isso. Começar uma vida nova.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sorrio e, pela primeira vez desde que percebi a presença de Hanna, sinto que é um sorriso de verdade.

Nana me abraça fortemente, beijando-me na face.

— Estou muito feliz por vocês — ela diz com a voz baixa ao se afastar de mim. Nana segura a mão de Andrew, trazendo sua atenção para ela. — Você não podia ter feito escolha melhor. Sei o quanto você quis um dia construir uma família... Sei que você encontrou a pessoa certa para realizar seu sonho.

Olho com lágrimas nos olhos para Andrew, que sorri para Nana antes de abraçá-la.

Dimitri também nos parabeniza pelo noivado e brinca perguntando se eles podem esperar pela chegada de um herdeiro. Andrew apenas sorri com a brincadeira do amigo e eu... estremeço com esse pensamento. Não é que eu não queira ter filhos, mas ainda é muito cedo para pensar nisso e eu não me sinto preparada para ser mãe.

— Acho que só falta eu parabenizar o casal — diz Hanna, tentando parecer feliz. Mas sei que é apenas encenação e, pela forma que Andrew a fita, sei que ele também pensa o mesmo.

Ela que até então continuava parada no mesmo lugar, caminha até onde estamos, com passos firmes e o olhar preso no de Andrew.

— Deveríamos ter champanhe, assim brindaríamos a felicidade dos noivos — diz com a voz fria. — Fico feliz que você esteja apaixonado ao

ponto de querer um futuro com alguém, mesmo que esse alguém seja a pessoa do qual do você tinha tanto desprezo.

Enrijeço diante de suas palavras.

— Hanna — diz Andrew com a voz grave. — Não faça isso — repreende ele.

Ela dá um pequeno sorriso azedo e volta seu olhar para mim.

— Aproveita seus cinco minutos de alegria, Allison... Sabe como é, relacionamento não é flores para sempre.

A forma como ela usa as palavras me faz pensar que há muita coisa por trás do que disse.

— O que quer dizer com isso, Hanna? — questiono-a com a voz firme, erguendo o queixo.

Ela sorri, olhando de relance para Andrew.

— Não precisa que eu diga nada, você vai descobrir em breve que nem tudo é perfeito. — Ri e sai da cozinha com passos lentos e confiantes.



Após o episódio com Hanna, Dimitri e Nana decidem ir no próprio carro. Eles alegam que talvez tenham que voltar mais cedo, mas eu sei que é apenas

porque temem que a filha acabe dizendo algo que não deva e causando uma discórdia.

Odeio que a Nana se sinta dividida entre mim e a filha. Sei que ela está feliz por mim, mas ao mesmo tempo sei que no fundo ela esperava que Andrew fosse casar-se com a Hanna.

A euforia e entusiasmo que eu senti o dia todo, parece que nunca existiu. Estou chateada e incomodada com as palavras de Hanna.

Gostaria de confrontá-la, mas sei que se fizer isso, só deixarei essa situação pior.

Sei que Andrew se importa com ela e não quero que ele se sinta dividido, assim como Nana.

— Você está bem? — A voz de Andrew me traz de volta dos devaneios e só então percebo que ele acabara de parar o carro no estacionamento restrito para funcionários do haras.

Ele coloca a mão grande e quente em minha coxa, inclinando-se um pouco em minha direção.

— Te pedi em casamento há uma hora e você está com uma cara de que morreu alguém. Onde foi parar toda a sua alegria?

Respiro fundo e me mexo no banco.

— Vou entrar e olhar se está tudo ok por lá — diz Mel do banco de trás.

Volto meu olhar para ela e sorrio.

— Já estamos indo — digo com a voz baixa.

Ela toca meu ombro e me dá um sorriso acolhedor.

— Relaxa, amiga. Hoje é um dia especial. Não deixe que ninguém tire isso de você.

Retribuo o sorriso e viro minha cabeça para a janela, para observá-la enquanto ela sai do carro e percorre o caminho até a entrada do haras.

Há um silêncio devastador na caminhonete e, por um segundo, penso estar sozinha nela.

— Ela parecia muito chateada com a notícia — digo sem olhá-lo.

Andrew não diz nada por alguns segundos, apenas faz pequenos círculos em minha perna.

— Ela só foi pega de surpresa — diz ele como se não fosse nada.

Volto meu olhar em sua direção. Apesar do sorriso sereno, posso ver que há algo que Andrew não quer me contar.

— O que ela quis dizer com aquilo? Há algo que eu deva saber? — questiono, sentindo a apreensão tomar conta de mim.

Andrew balança a cabeça em negação, tomando minhas mãos nas suas.

— Não há nada que você deva saber, que já não saiba — diz com um sorriso. — A Hanna foi pega de surpresa, por isso agiu de tal forma. Não dê ouvidos ao que ela diz, ela só quer te aborrecer.

Faço que sim com a cabeça e volto meu olhar para nossas mãos entrelaçadas.

— Não quero que nada estrague esse momento. Estou tão feliz... Pela primeira vez na vida, sinto que as coisas estão dando certo para mim e... não suportaria a ideia de algo mudando isso.

Andrew solta uma de minhas mãos e toca meu queixo, me obrigando a encará-lo.

— Nada vai atrapalhar esse momento, eu prometo.

A convicção em sua voz me dá esperança e é isso que me faz relaxar, mesmo sabendo que há algo que não se encaixa nessa história toda.



Há tantas pessoas!

Dezenas delas na verdade e eu não posso conter as lágrimas que rolam em minha face. Parte de mim achava que poucas pessoas se dariam o trabalho de comparecer a esse momento. Não por causa do meu pai, mas por saberem que sou eu, Allison Thomas, a filha interesseira que faria a recepção.

Tenho sorte que eles vejam que isso é algo em memória do Anthony. Algo que fiz para ajudar as pessoas desse lugar e não para me beneficiar.

— Está na hora de você pegar a tesoura e cortar a fitinha vermelha e dar início a esse grande evento, Allie — diz Mel toda animada, erguendo uma tesoura em minha direção.

Sorrio, sentindo a emoção tomar conta de mim e caminho até ela, pegando o objeto de suas mãos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Quero dizer algumas palavras, antes de fazer isso — digo, olhando ao meu redor. — Mas quero dizer para que todos possam me ouvir.

Mel sorri, entendendo perfeitamente o que quero dizer.

— Te arrumarei um microfone em cinco minutos — diz sorridente, antes de sair de perto de nós.

— O Max e a família vão vir? — pergunta Andrew, baixo o bastante para que somente eu ouça.

Dou de ombros e olho ao meu redor em busca de algum deles, mas não vejo muitos rostos familiares.

— Espero que eles venham — respondo, voltando meu olhar para Andrew, que me dá um sorriso reconfortante e antes que ele diga qualquer outra coisa, Mel volta com um microfone sem fio e um sorriso triunfante nos lábios.

— Eu te disse que arrumaria em cinco minutos.

Andrew ergue o pulso e olha a hora em seu relógio imaginário.

— Pelo que vejo, foi antes de cinco. Poderia dizer, três minutos e meio — diz, como se estivesse impressionado.

— Eu sei que sou foda, Scott! — diz Mel com um amplo sorriso, entregando-me o microfone.

Respiro fundo algumas vezes, olhando para todas aquelas pessoas e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

começo a caminhar em direção a enorme fita vermelha que vai de um canto a outro da entrada principal.

— Boa noite! — digo com a voz vacilante. — Gostaria de pedir um minuto da atenção de todos vocês...

Limpo a garganta, ficando de frente para aquelas pessoas desconhecidas. Andrew está entre Mel e Nana e sorri quando meu olhar encontra o seu.

— Em primeiro lugar, quero agradecer a presença de cada um de vocês. É muito importante para mim que todas as pessoas que admiravam e amavam o meu pai façam parte desse momento tão especial. Sei que talvez a imagem que vocês tenham a meu respeito não é uma das melhores e não os julgo por isso. Nenhum de vocês tiveram a oportunidade de me conhecer. Conhecer a minha história.

Mordo o lábio e sorrio.

— Conhecer tudo o que passei até chegar onde estou... sendo quem sou hoje. Confesso que minha relação com o meu pai nunca foi boa, não por causa dele, mas por minha causa... Aconteceram muitas coisas que me afastaram dele e só consegui enxergar isso depois que vim para cá, para o lugar que eu mais detestava no mundo. Não posso deixar de ressaltar que foi nesse lugar que consegui me encontrar verdadeiramente. Conhecer minha história e enxergar quem era Anthony Thomas. Foi nesse lugar que tanto desprezei que encontrei o verdadeiro amor.

Lanço um olhar em direção a Andrew.

— Gostaria de poder voltar no tempo e consertar as coisas com o meu pai, mas não posso, no entanto, posso lutar cada dia para ser uma pessoa melhor. Alguém de quem ele sentiria orgulho. E é exatamente isso que estou fazendo. Esse haras é apenas o começo da minha jornada. Foi pelo meu pai que quis dar continuidade a esse projeto e é por ele que farei tudo o que estiver ao meu alcance, para que tudo seja perfeito. Meu pai era a pessoa mais generosa que conheci... Pena que me dei conta disto tarde demais. Esse lugar não é apenas parte de mim... É parte do meu pai. Quero ajudar as pessoas a terem uma vida melhor. Quero poder dar oportunidades para seus filhos encontrarem uma vocação. Esse lugar não será apenas um entretenimento, mas será também um espaço de aprendizagem. Sou tão grata a todos que estiveram ao meu lado, me apoiando e entrando nesse projeto de cabeça. Nana, Dimitri e todos os amigos do meu pai que se disponibilizaram a ajudar.

Olho para a multidão, em busca dos rostos conhecidos. E lá estão eles, um por um, sorrindo com os olhos marejados.

— Obrigada! Vocês são uns anjos que tive o prazer de conhecer. Obrigada por terem cuidado tão bem desse projeto. Sei que o meu pai, onde quer que esteja, está orgulhoso de todos nós.

Respiro fundo, tentando afastar as lágrimas. A emoção é tão grande que mal consigo me conter.

— Quero agradecer também a pessoa que mais me apoiou em tudo. Que perdeu noites de sono enquanto estudávamos o projeto para deixá-lo ainda mais perfeito. Andrew Scott — digo, olhando em sua direção. Estendo a mão em sua direção e espero até que ele esteja parado ao meu lado para que eu possa continuar. — Meu companheiro, confidente, melhor amigo e noivo. —

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sorrio, enquanto as lágrimas rolam minha face. — Esse sonho é tão meu quanto seu. Sem seu apoio, eu não teria conseguido. Obrigada por tudo.

Andrew sorri, erguendo a mão e levando à minha face. Seu toque é suave, fazendo meu coração bater forte em meu peito.

— O meu pai tinha razão, você é uma pessoa única. Agora entendo por que ele tinha tanto amor por você. Eu te amo.

Baixo o microfone no momento em que ele se inclina em minha direção, beijando-me suavemente nos lábios, fazendo a multidão explodir em aplausos e assovios.

Afasto-me dele, sentindo-me envergonhada e ao mesmo tempo feliz.

Andrew mantém seus olhos presos em mim. Ele toca suavemente minha face, trazendo minha atenção para si.

— Eu te amo e estou muito orgulhoso de você — ele diz com a voz rouca e suave.

Sorrio e o abraço fortemente e, em seguida, cortamos a enorme fita vermelha.



Caminho lentamente em meio à multidão, que se aglomerou em frente ao palco, onde está tendo uma das apresentações da noite. É um cantor da

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

região, que foi chamado por indicação de Dean. O nome dele é Garry. Tem pouco mais de vinte anos e costuma cantar no bar do Dean. Seu cabelo é negro, sua pele é levemente bronzeada e seus olhos são de um azul muito intenso, quase cinza. Já o ouvi antes, cantando no bar, mas hoje posso dizer que ele se superou. Sua voz é suave e rouca, enquanto canta uma canção lenta, cuja letra é muito triste por sinal.

A atração principal chega daqui uma hora e eu não vejo a hora de poder dividir esse momento com Andrew, que por sinal sumiu há bastante tempo.

Mel havia me chamado para resolver umas coisas e Andrew tinha aproveitado para cumprimentar uns amigos.

Mas ele devia ter me encontrado perto do palco há vinte minutos. Não quero ficar procurando por Andrew, porém, também não quero ficar parada sozinha no meio de tantas pessoas que não conheço.

Mel pediu ajuda a Dean para preparar uns drinques e nem sei onde estão agora. Deus! Espero que eles não estejam se pegando.

Sinto um leve puxão na barra do meu vestido e quando me viro, vejo a pequena Lauren vestindo um lindo vestido cor-de-rosa e uma linda tiara combinando, com seu cabelo loiro caindo em lindos cachos em suas costas.

— Oi, pequena! — digo, abaixando-me em sua frente.

Ela envolve seus pequenos braços em torno do meu pescoço, abraçando-me fortemente. Retribuo o abraço, tomando cuidado para não amassar sua roupa ou bagunçar seu cabelo.

— Você está muito linda! — digo ao me afastar.

Ela sorri timidamente.

— Você também está — diz com a voz doce.

Olho em volta em busca de seus pais, no momento em que eles aparecem no meu campo de visão.

Linda está usando um vestido branco com pequenas flores azuis. Seu cabelo está solto e sua maquiagem é leve. Quando seu olhar encontra o meu, ela sorri e isso a faz parecer mais jovem do que realmente é.

Max está trajado como quase todos os homens que estão aqui presentes. Calça justa, cinto, botas e uma bela camisa xadrez e no topo da sua cabeça, um chapéu preto cobrindo seu cabelo platinado.

Quando cheguei aqui, não conseguia entender porque todos se caracterizavam dessa forma, mas agora já me acostumei com o modo de viver da região.

— Estávamos te procurando há algum tempo. A Lauren estava querendo muito te ver antes de irmos embora — diz Max, quando chega mais perto, alto o suficiente para que eu o ouça, sobre o som da música.

— Vocês já vão? — pergunto, erguendo-me do chão e puxando Lauren para mais perto de mim. Ela enlaça seus bracinhos em torno da minha cintura.

— Podemos ficar mais um pouco se você nos prometer que vai passar um

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

tempinho com a gente — diz Linda antes que Max responda. Ela sorri para mim, antes de voltar-se para seu marido enlaçando seu braço em torno do dele, aconchegando-se mais ao seu corpo. — Podemos ficar, não é? Ainda nem começou a melhor atração da noite e sei que você quer ficar um pouco com a Allie. — Linda me olha de relance antes de voltar sua atenção para o marido, que fica sem jeito.

Sinto uma enorme simpatia por eles nesse momento. É tão bom saber que eles querem minha companhia.

— Eu prometo ficar com vocês, se não forem embora agora — me adianto, pois sei que Max está tímido para concordar com sua esposa.

Ele me dá um sorriso que ilumina todo o seu rosto.

— Para mim está perfeito — Max diz animado. — A propósito, está tudo perfeito. Andamos um pouco para conhecer o lugar e vocês estão de parabéns. — Ele dá um passo em minha direção. — Parabéns pelo noivado também. Espero que vocês sejam muito felizes — ele fala com um brilho no olhar.

— Obrigada. De verdade. É tão importante poder ter vocês aqui. — Olho para baixo, encontrando o olhar de Lauren. — É bom saber que ainda tenho uma família — digo com toda a sinceridade do meu coração.

Max mexe nas mãos e sei que ele está lutando contra a vontade de me tocar, então estendo minha mão em sua direção e quando ele a segura o puxo para um abraço desajeitado, já que minha irmãzinha está abraçada a mim.

— Seu pai está muito orgulhoso de você, Allie, e eu também — Max diz com a voz embargada, próximo ao meu ouvido.

Afasto-me dele sentindo as lágrimas arderem em meus olhos.

— Obrigada, Max — agradeço com um sorriso, antes de olhar em volta em busca de Andrew, tomando cuidado para não parecer tão óbvio que estou procurando alguém. Quero ficar um pouco com eles, porém quero que Andrew esteja comigo. Já faz tempo que era para ele ter me encontrado e já estou começando a ficar preocupada.

— Está procurando o Andrew? — pergunta-me Max, como se estivesse lendo meus pensamentos.

Volto minha atenção para ele e sorrio sem jeito.

— É que ficamos de nos encontrar há vinte minutos e ele não apareceu.

Max olha de relance para Linda antes de falar:

— O vi há pouco com uma garota perto da cantina. — Ele me olha atentamente.

— Uma garota? — questiono tentando não soar estranha. Não quero que ele pense que sou o tipo de namorada ciumenta e possessiva, mas, sinceramente, não gosto que meu namorado, ou melhor noivo, fique conversando com mulheres sozinho.

— É... Acho que é a filha da Nana — responde inseguro. Talvez ele saiba que que Andrew e Hanna já tiveram um passado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Forço um sorriso para ele e volto minha atenção para Lauren.

— Por que você não pede para seus pais te levarem aos brinquedos, enquanto vou procurar o Andrew? Prometo que daqui a pouco estarei com vocês novamente.

— Certo — ela diz com a voz suave.

Abaixo-me o suficiente para conseguir beijar sua face e me disperso deles prometendo encontrá-los no parque.



Sigo para o local onde Max diz ter visto Andrew. Cruzo meus braços em frente ao peito, enquanto caminho em direção a cantina. A noite está linda, no entanto está mais fria do que eu esperava. Espero que não resolva chover de surpresa e acabe com a melhor apresentação da noite. Ao longe, vejo Andrew e Hanna, que parecem estar no meio de uma discussão. Sinto meu coração apertar no peito. Não gosto que eles fiquem juntos. Mesmo sabendo que Andrew me ama, ainda me sinto mal por ter Hanna por perto. Andrew parece agitado. Ele passa suas mãos repetidas vezes em seus cabelos e Hanna apenas continua falando e gesticulando sua mão, como se estivesse a ponto de ter um colapso. Acho que ela não gostou da notícia que demos mais cedo a respeito do nosso noivado. Diminuo a velocidade dos meus passos à medida que vou chegando mais perto. Não quero que Andrew pense que quero bisbilhotar sua conversa com Hanna, mas tenho que admitir que daria tudo para conseguir ouvir o que eles falam sem que me vissem.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Eu não quero falar sobre isso — Andrew diz irritado.

— Você nunca quer, Andrew — Hanna diz, jogando suas mãos para cima, derrotada. — Eu não entendo! Você me disse que tudo o que estava fazendo era para fazer a Allie não vender a fazenda. Que tudo não passava de um plano. Agora... Agora estão noivos?

Engulo em seco diante de suas palavras. Do lugar onde estou, consigo ouvi-los perfeitamente e acredito que eles não me viram, já que está um pouco escuro.

— Andrew! — Ela dá um passo em sua direção. — Você não precisa mais fazer isso... Não precisa agir como se importasse com ela. Sei que você não a ama — diz com a voz quase desesperada.

— Hanna, agora não. — Ele olha para os lados, como se estivesse com medo que alguém os ouvisse. — Não quero falar disso agora.

Hanna faz que não com a cabeça.

— Eu não vou ficar aqui, fingindo que não sei dessa farsa! Não vou ficar calada, enquanto aquela patricinha bastarda desfila com uma aliança, que por sinal devia ser minha, achando que você a ama. Eu não vou! — ela rosna. Mais uma vez, Andrew passa suas mãos em seu cabelo, respirando fundo.

— Hanna, entenda... Muita coisa mudou. Sei que você não entende ou não quer entender, mas...

— Mas o quê? — ela grita, dando outro passo em sua direção. — Não

diga que você a ama! Não ouse me dizer isso, porque eu não vou acreditar! — Ela segura o rosto de Andrew com as mãos, o fazendo encará-la. — Eu sei que você ainda me ama. Sei que te magoei quando fui embora, mas eu estou disposta a voltar e ficar com você. Estou disposta a ter a vida que você tanto sonhou para nós.

Nada. Exatamente nada acontece. Andrew continua parado olhando Hanna nos olhos em completo silêncio. Parte de mim quer gritar para que ele diga alguma coisa. Que diga que ela está louca, que ele me ama e quer ficar comigo, no entanto, ele nada diz. Sinto como se tudo a minha volta estivesse se desmoronando diante dos meus olhos.

— Eu amo você, Andrew. Sempre amei e não vou deixar que essa garota fique com você — ela diz com a voz embargada, antes de beijá-lo.

Li em algum lugar certa vez, que quando a dor paralisa nosso corpo fica difícil sentir algo.

É mentira! Gostaria nesse momento de não sentir nada. Minha cabeça está girando e mal consigo respirar, enquanto caminho sem rumo diante das pessoas. A música alta se mistura com as vozes em minha cabeça, deixando-me tonta e desorientada.

— Respire, Allie! — digo a mim mesma, mas não consigo ouvir ou reconhecer minha voz. Minha visão está turva e mal consigo caminhar sem esbarrar em alguém.

— Você está bem? — Algumas pessoas me perguntam, mas não consigo dizer nada. Não consigo nem sequer saber para onde ir ou quem estou

procurando. Preciso sair daqui. Preciso ir para um lugar onde não haja música ou pessoas. Preciso fazer com que as imagens e palavras de Hanna e Andrew se apaguem da minha mente. A dor... A dor está em todo canto: em meu corpo, em meu coração e em minha alma. Sinto que fui rasgada de dentro para fora. Estou sangrando, enquanto a dor se torna insuportável. Paro no meio da multidão e olho de um lado para o outro. Por alguma razão, não consigo encontrar o caminho até o estacionamento.

— Respire! — continuo dizendo. Mas eu não consigo. Nunca senti tanta dificuldade de respirar como estou sentindo agora. Arfo, levando a mão ao peito. Meu coração bate forte, deixando a dor ainda mais intensa. A música. Eu reconheço essa música. Mas não quero ouvi-la agora. Não nesse momento. Ela me faz lembrar de Andrew. Ele ama essa música. Já ouvimos tantas vezes ela juntos. Tento respirar novamente. Por que tudo parece estar girando? Estou perdendo o controle. Preciso sair daqui. Preciso respirar. Por que eu não consigo me mover? Levo as mãos à cabeça, tentando respirar novamente.

— Allie? — Alguém chama o meu nome, porém não consigo dizer se é minha voz em minha mente ou outra pessoa.

— Allie? — Dessa vez a voz é mais firme, seguido de um toque. Abro os olhos que nem sabia que estavam fechados e me deparo com Mel, olhando-me assustada. — O que houve?

— Me tire daqui — quero dizer, mas as palavras não saem de minha boca. Meu corpo está trêmulo e tudo parece distante.

— Pelo amor de Deus, Allie, o que aconteceu? — ela pergunta aflita.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Fecho os olhos com força e tento puxar o ar dos meus pulmões.

— Me ajuda a sair daqui — Mal reconheço minha voz, que sai baixa, arrastada e trêmula. Ela faz que sim com a cabeça, colocando um braço em torno da minha cintura e me guiando para longe da multidão. Não sei como chegamos ao estacionamento tão rápido. Dean está do meu lado agora, me segurando como se estivesse com medo que eu caísse. Em que momento ele nos encontrou? Não recordo de tê-lo visto chegar. Mel abre a porta do lado do passageiro da caminhonete, que acredito que seja de Dean, e ele me ajuda a me acomodar no banco.

— Allie, respire — diz Mel, segurando minhas mãos. Sua voz é tão suave e reconfortante, que meu corpo por um momento relaxa e eu consigo respirar, mas apenas por um rápido momento, antes de começar a tremer e os soluços descontrolados tomarem conta de mim. As lágrimas rolam por minha face. Não consigo evitar. Meu peito está tão apertado que novamente não consigo respirar. As vozes de Mel e Dean se misturam com as da minha cabeça. Deus! Por que eles não param de falar? Eu só quero que eles se calem! Eu preciso de silêncio!

— Me tirem daqui, por favor — suplico entre lágrimas.

— O que ele fez? — rosna Dean. Não preciso olhá-lo para saber que ele está furioso.

— Agora não, por favor — respondo sem olhá-lo. — Só... me tire daqui. Eu... Eu preciso... — As palavras ficam presas em minha garganta, enquanto os soluços tomam conta de mim novamente. Mel solta minhas mãos, afastando-se de mim. Ouço a porta de trás ser aberta e fechada em seguida.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ela permanece em silêncio no banco traseiro. Porém, continuo sentindo os olhos de Dean presos em mim. Minha porta continua aberta. Sei que ele quer protestar. Ele sabe que há algo errado, mas não tenho forças para falar nada agora.

— Por favor... — peço baixinho, erguendo meus olhos para lhe encarar pela primeira vez desde que cheguei aqui. Ele umedece os lábios e fecha a porta, dando a volta no carro. Ele acomoda-se em seu lugar e dá partida em seguida.



Contemplo em silêncio a paisagem que passa feito um borrão diante dos meus olhos, se perdendo na escuridão lá fora.

As lágrimas rolam silenciosas em minha face e a dor em meu peito continua me torturando.

— Não quer me contar o que aconteceu? — pergunta Mel do banco de trás, colocando uma mão sobre meu ombro.

— Não — respondo com a voz baixa e estranha, sem olhá-la.

Sinto o olhar de Dean em mim. Sei que ele está furioso, mas se manteve calado durante todo o caminho.

Fecho meus olhos por um segundo. Preciso pensar no que fazer. Andrew não me verá e não saberá que o vi com Hanna. Talvez ele esteja me

procurando agora ou deve estar com ela em algum lugar.

Pensar nisso me faz ficar enjoada. Apesar de tudo o que ouvi, meu coração não consegue aceitar que tudo fora uma farsa. Uma grande mentira!

Abro os olhos no momento que Dean estaciona a caminhonete em frente à minha casa.

Olho-a, sentindo meu coração bater forte em meu peito, fazendo-me prender o ar.

Aqui, nesse lugar, aprendi tantas coisas, não só a respeito do Anthony, mas a respeito de mim. Aqui eu fui feliz ou pensei que era. Tudo de alguma forma parece estar ligado a Andrew e é tão doloroso saber que nada do que vivemos fora verdade.

Não posso continuar aqui, não sabendo do que ele fez.

— Dean, será que você pode esperar um pouco? — pergunto, voltando meus olhos em sua direção. — Prometo não demorar muito.

Ele me lança um olhar confuso e interrogativo, mas nada diz, apenas meneia a cabeça de forma positiva.

— Mel... Vem comigo — digo sem olhá-la e saio do carro.

Caminhamos lado a lado até a porta de entrada. Tento abri-la, porém está fechada.

— Merda! — resmungo, sentindo a frustração crescer dentro de mim. —
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Minha bolsa ficou no carro do Andrew.

— Podemos voltar e pegá-la — sugere Mel.

Volto-me para ela, que me olha com seus grandes olhos azuis acinzentados. Mel parece assustada, confusa e preocupada e não a culpo por isso.

— Não podemos voltar. Tenho que dar um jeito de abrir — digo, voltando minha atenção para a porta.

— Allie...

— Não, Mel! — grito, voltando a olhar para ela. — Só preciso abrir a maldita porta.

Ela faz que sim com a cabeça e sai de perto de mim. Segundos depois, Dean está ao meu lado, me afastando com o ombro para que ele possa abrir a porta.

Não demora muito. Ele tem algumas chaves de fenda e consegue quebrar a fechadura. Espero que Nana não fique chateada por isso.

Sigo para o meu quarto, não me importando de acender as luzes no caminho, no entanto, Mel se encarrega de fazê-lo.

Meu quarto está do mesmo jeito de horas atrás, porém ele parece muito diferente agora. Parece maior, vazio e sem vida. Há uma camisa de Andrew jogada em minha cama. Eu havia dormido com ela. Ignoro a louca vontade de pegá-la para sentir o cheiro dele no tecido.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Respiro fundo algumas vezes, fechando meus olhos com força. Meu coração destroçado bate dolorosamente em meu peito. Passo as mãos por meu cabelo, tentando me focar em alguma coisa que não seja a voz de Hanna em minha cabeça.

Vou até meu closet, pego minha mala e a coloco sobre a cama, abrindo a mesma.

— Preciso que você pegue minha agenda e minha carteira que por sorte deixei em casa e vá até o escritório — digo a Mel, sem olhá-la, enquanto começo a colocar algumas coisas em minha mala. Só quero levar o essencial daqui.

— Allie, preciso saber o que aconteceu — ela diz com a voz calma.

— Primeiro, ligue para o aeroporto e marque duas passagens para Nova York no primeiro voo amanhã. Não importa em que classe seja, só... Só marque. E, em segundo, preciso que ligue para o Dr. Fill. Diga que preciso vê-lo amanhã cedo, antes de ir para o aeroporto — digo, ignorando o que ela falara antes.

Pego a foto do meu pai na cabeceira da minha cama e coloco dentro da mala com cuidado para não quebrar a moldura. Guardo o livro que peguei da sua estante, do qual já li duas vezes e onde deixei a carta que ele me deixou, guardada nele. Minha câmera e alguns itens pessoais e acho que só. Trouxe muita coisa para cá e quando cheguei aqui, fiz um novo estoque de compras. Não posso levar tudo de volta. Preciso ser rápida e sair daqui antes que Andrew volte.

— Allie, para! — grita Mel, ficando à minha frente. — Para! — repete dessa vez com a voz mais calma. — Me diz o que aconteceu — suplica com os olhos marejados.

— Acabou! — Dou de ombros e forço um sorriso. — Eu e o Andrew... Era tudo uma mentira — digo com a voz trêmula.

Mel abre a boca em um enorme “O”, mas nada diz, apenas me abraça forte e eu desmorono mais uma vez.



— Acho que isso é tudo — digo a Dean, que está esperando por mim e Mel na sala. Estou levando apenas uma mala, onde guardei algumas coisas que quero levar comigo para Nova York e minha bolsa a tiracolo.

Dean olha de mim para Mel, sem esconder seu aborrecimento.

— Eu te ajudo a levar as coisas para o carro — diz Mel para Dean, antes de voltar-se para mim. — Vou deixar você um pouco sozinha. — Olha-me nos olhos.

Faço que sim com a cabeça e viro meu corpo, indo em direção as escadas. Apesar do meu coração estar destruído, eu preciso me despedir de tudo e vou começar pelo quarto da pessoa que amo. A pessoa que me destruiu completamente.

Seu quarto impecável me traz lembranças devastadoras de momentos

felizes.

As lágrimas rolam por minha face abundantemente. Tudo o que mais quero agora é acordar desse maldito pesadelo, porque não é justo que esse dia seja verdade. Depois de tudo o que passei para, enfim, conseguir ser feliz, não parece certo tudo acabar assim.

Caminho até o closet e o abro. Toco em cada uma de suas camisas, enquanto seu cheiro único e inesquecível invade minhas narinas. Abraço o tecido de uma camisa branca, a favorita dele, e fecho os olhos me permitindo pela última vez recordar da sensação do seu toque. Da ansiedade antecipada do meu corpo antes do beijo. De como meu corpo reagia quando estava em contato com o seu. De como era bom dormir e acordar em seus braços. De como eu me sentia completa e feliz ao seu lado.

Abro os olhos, sentindo-me ainda mais devastada. Não sei como vou sobreviver a isso, depois de ter experimentado o mais intenso e verdadeiro sentimento da minha vida.

Não sei como vou conseguir seguir minha vida, se ela foi arrancada de mim com o silêncio e a traição de Andrew.

— Você deveria ter falado com ele — disse-me Mel, quando lhe contei o que ouvi. Sei que ela está certa. Eu deveria ter engolido minha dor e ido até eles. Deveria ter exigido uma maldita explicação, se é que existe. Eu deveria ter perguntado Por quê? Todavia, naquele momento, tudo o que eu queria era ir para o mais longe possível deles. A dor foi tão insuportável que parecia que minha alma estava sendo arrancada do meu corpo.

Eu não queria ver ou ouvir nada de Andrew naquele momento e talvez também não queira agora. Tudo o que consigo pensar é que ele me enganou da forma mais fria e desumana. Andrew me fez acreditar em algo que nunca existiu. Eu o amei com toda a minha vida e ele tripudiou em meus sentimentos. É difícil e esmagador, mas é a verdade.

Fecho o closet e me preparo para ir embora, quando dou de cara com a última pessoa que não gostaria ver agora.

Hanna está parada no meio do quarto, me olhando com seus grandes olhos verdes. Há um pequeno sorriso em seus lábios, perfeitamente pintados de vermelho.

— Está indo embora às escondidas? — questiona-me ironicamente, cruzando os braços à frente do peito.

Enxugo minhas lágrimas com as costas das mãos e endireito minha postura, erguendo meu queixo.

— Não é da sua conta, Hanna — respondo com a voz firme. — Até onde sei, não lhe devo satisfações da minha vida.

Hanna descruza os braços e sorri, arrumando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha.

— Você nos viu, não é? Estava ouvindo minha conversa com o Andrew — ela diz com a voz carregada de veneno. — É por isso que está indo embora.

Sinto meu sangue ferver em minhas veias. Tento controlar a vontade que estou sentindo de arrastá-la pelos cabelos para fora da minha casa.

— Eu quero que você saia da minha frente e da minha casa, agora! — digo com a voz mais alta e mais firme.

Hanna me lança um olhar desafiador, mantendo sua postura ereta e confiante.

— Sua casa? — questiona-me com ironia. — Até onde sei, você não passa de uma bastarda, filha de uma vadia que se deitou com um peão morto de fome, para dar o famoso golpe da barriga. — Ela usa as palavras friamente, fazendo todo o meu corpo congelar no lugar. Eu não fazia ideia que Hanna tinha conhecimento dessa história, mas, sabendo o que sei agora sobre Andrew e ela, isso não deveria ser novidade para mim. É claro que ele lhe contou. Por que não contaria? Os dois estavam rindo de mim todo esse tempo.

— Ele te contou? — pergunto, mesmo sabendo a resposta. Minha voz sai estranha. Por um segundo, é como se outra pessoa estivesse falando e não eu.

Um pequeno sorriso nasce nos seus lábios. Ela dá um passo em minha direção, ficando muito próxima a mim.

— Claro que sim. Sei disso há muito tempo, muito antes do Anthony morrer — ela fala com a voz carregada de veneno. Seus olhos me avaliando com atenção. — É uma pena que a sua mãe tenha jogado isso na sua cara antes do Andrew.

Engulo em seco, sentindo uma pontada no peito. Andrew sabia disso esse tempo todo? Mais uma vez, sinto vontade de me bater por ficar surpresa com isso. Claro que ele sabia. Provavelmente esteve esperando o momento certo para me dizer a verdade sobre meu verdadeiro pai. Esse era seu plano?

Sinto as lágrimas arderem em meus olhos, no entanto, me recuso a chorar na frente de Hanna. Não vou lhe dar esse prazer de me ver desmoronar.

Respiro fundo e ergo meu queixo, tentando parecer confiante.

— Sabe, fico me perguntando por que pessoas tão boas como os seus pais foram ter uma filha tão maldosa — digo com a voz firme. Avalio-a de cima a baixo. — Para que tanta beleza por fora, se por dentro você é tão feia e asquerosa — concluo com repulsa.

Ela sorri, não demonstrando estar afetada por minhas palavras.

— O Andrew não acha isso — diz cinicamente.

Meu coração aperta dentro do meu peito e, mais uma vez, luto contra as malditas lágrimas.

— O que ele acha a seu respeito já não me importa — tento manter a voz firme.

— Sério? — questiona-me, erguendo uma sobrancelha. — Eu não acredito nisso!

— Se não acredita, o problema é seu! — respondo rudemente e faço menção de sair do quarto, no entanto, Hanna bloqueia meu caminho.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Saia da minha frente! — ordeno, sentindo a raiva tomar conta de mim.

— Você acreditou mesmo que o Andrew te amava? — Ela sorri da própria pergunta. — Pelo amor de Deus, Allison! Olha para você. — Ela faz um gesto com as mãos em minha direção. — Você não passa de uma garotinha mimada, que acha que consegue tudo o que quer.

Respiro fundo novamente, tentando controlar a vontade de matá-la.

— Saia. Da. Minha. Frente — digo pausadamente, sem tirar os olhos dela.

— Ele nunca sentiu nada por você. Nunca! Você tem noção do quanto deve ter sido torturante para o Andrew passar todo aquele tempo fingindo que sentia algo por você? Te tocando. Dizendo que te amava? — Ela ri. — Eu sabia que ele era capaz de tudo para conseguir o que queria, mas por Deus! O pedido de casamento foi sua melhor estratégia. — Ela lança um olhar para minha mão e percebo que ainda estou usando a aliança que Andrew me dera mais cedo, quando me pediu para ser sua esposa.

A dor em meu peito é insuportável. As lágrimas embaçam minha visão e tenho que piscar várias vezes para impedir que elas caiam sobre minha face.

— Tenho que confessar que ele me pegou de surpresa com esse falso pedido.

— Saia! — grito, ficando a centímetros dela.

— Olha só para você... Destruída, sozinha e com o coração em pedaços. Você não é ninguém, Allison. Você não passa de uma...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mas eu não a deixo terminar a frase. Ergo minha mão e bato com toda a minha força e raiva em sua face, pegando-a de surpresa.

— Eu deveria te ensinar a nunca mais falar assim comigo. — Puxo-a pelo braço. Seus olhos verdes brilham de raiva. Sua respiração está pesada e sua face perfeitamente vermelha com a marca dos meus cinco dedos. — Mas não vou. Não por você, mas pela Nana. Apesar de tudo, sei que ela não iria ficar feliz em saber que dei uma surra na vadia da filha dela. — Solto-a violentamente, a fazendo perder um pouco o equilíbrio. Passo por ela com a cabeça erguida, porém antes de sair do quarto, volto-me para ela, que está agora de costas para mim, com uma mão na face. — Vocês dois se merecem! — Então vou embora, fechando a porta atrás de mim.



Dean nos levou para sua casa, que fica no prédio em cima do bar.

Ele não me fez perguntas ou tentou me fazer falar sobre o motivo que estava me fazendo sair de casa às escondidas. Dean dirigiu até seu bar e nos acomodou no espaço pequeno e organizado que é sua casa, composta por uma sala, cozinha americana e apenas um quarto. Há um sofá de couro preto no centro da sala, de frente para um painel de TV. As paredes estão livres de pôsteres de mulheres peladas ou de cerveja, como eu pensei que seria. Tudo está limpo e organizado.

Ele nos leva diretamente para o quarto, onde há uma cama grande de casal, uma cômoda e um closet.

— Hum! Vocês podem ficar no quarto e eu durmo na sala — ele diz, enquanto coloca uma de nossas malas no canto do quarto.

Quero protestar com ele e dizer que está tudo bem que eu fique na sala, porém, estou cansada demais para isso e ele é homem, não há nada de mais em dormir em um sofá de vez em quando.

— Obrigada, Dean — agradeço, antes de caminhar até ele e o abraçar fortemente.

Seus braços estreitam-se em minha volta. Sinto as lágrimas voltarem com tudo e, dessa vez, me permito ser fraca.

Dean me aninha ainda mais em seus braços, mas nada diz. Apenas encosta seu queixo no topo da minha cabeça.

Sua respiração está pesada e seu coração acelerado.

— Eu juro por Deus, que se o maldito tiver feito algo, eu vou matá-lo — ele diz entredentes.

Afasto-me dele o suficiente para olhar em seus olhos.

— Não, Dean! Não diga isso! — suplico entre lágrimas. Apesar de tudo o que Andrew fez, não quero que ele se machuque. — Me prometa que não vai fazer nada com ele.

— Então me diga o que ele fez! — exige com raiva. — Você estava bem mais cedo! Estava feliz com toda aquela merda de inauguração e o pedido de casamento. — Ele passa as mãos pelo cabelo curto. — O que aconteceu para você ter mudado de uma hora para outra? E não me diga que não foi nada. Vi o estado que você estava lá em frente ao palco e estou vendo como está

agora! — Dean respira fundo antes de segurar uma de minhas mãos. —
Confia em mim — ele pede com a voz mais calma.

— Vou deixar vocês a sós — diz Mel com a voz insegura.

Dean e eu voltamos nossos olhares para ela.

— Estarei na sala esvaziando uma de suas garrafas de Bourbon — ela diz
com um meio sorriso e pisca o olho em nossa direção, antes de sair do quarto
deixando-nos a sós.

Respiro fundo, voltando minha atenção para Dean.

— Então, é melhor nos sentarmos. — Tento sorrir.

Dean me guia até sua cama e sentamos um ao lado do outro e, enquanto
eu lhe conto tudo o que aconteceu, ele apenas me olha em silêncio, tentando
permanecer calmo e concentrado em minhas palavras, no entanto, pelo pouco
que o conheço, sei que a sua vontade é de sair desse quarto para caçar a
cabeça de Andrew Scott, o homem que destruiu a vida da sua irmã.



Uma batida na porta me traz de volta à realidade. Já faz algum tempo que
Dean me deixou sozinha em seu quarto e eu permaneci inerte, sentada no
mesmo canto, olhando para um pontinho invisível na parede à minha frente.

— Está com fome? — pergunta-me Melissa ao entrar no quarto.

— Não — respondo com a voz arrastada e estranha.

Ela me avalia por alguns segundos antes de sentar-se ao meu lado.

— Quer beber alguma coisa?

Faço que não com a cabeça sem olhá-la.

— Allie...

— Eu só quero ficar quieta no meu canto, Mel.

Olho para ela de relance e forço um sorriso.

Mel faz que sim com a cabeça e enlaça seu braço em torno dos meus ombros, me puxando para si. Ficamos em silêncio abraçadas por algum tempo, perdidas em nossos próprios pensamentos.

— Onde está o Dean? — pergunto de súbito. Afasto-me de Mel buscando seus olhos.

— Ele saiu há algum tempo — responde dando de ombros.

Sinto uma pontada de medo.

— Você acha que ele foi atrás do Andrew? — pergunto, sentindo o pânico me invadir.

Mel respira fundo.

— Não sei, Allie, mas, sinceramente, ele bem que podia ter ido! — diz com raiva. — Sei que você o ama, mas... o que ele fez não tem perdão.

Baixo o olhar e mordo o lábio.

— Eu sei... — digo baixinho e deito na cama, abraçando meus joelhos em frente ao peito, enquanto as lágrimas rolam por minha face e, mais uma vez nesse dia, sinto meu mundo desmoronar e perder todo o sentido.



O sol nasceu há algumas horas. Não consegui dormir a noite toda. Passei boa parte da noite me remexendo na cama desconhecida, como se estivesse procurando uma posição onde meu coração não doesse. Porém, isso era impossível! A dor estava ali. Firme, persistente, me mostrando que nada que eu fizesse naquele momento a tiraria de mim.

Outra parte da noite fiquei sentada em uma poltrona perto da janela. Dean voltou para casa por volta das três da manhã. Parte de mim queria ir até a sala lhe perguntar se ele havia ido procurar Andrew, porém, apenas continuei no meu canto, olhando a noite virar dia.

Meu corpo está todo dolorido e eu me sinto cansada, física e mentalmente.

Mel conseguiu que o Dr. Fill me atendesse hoje. Então, terei que ir ao seu escritório daqui à uma hora. Meu voo está marcado para às duas, então tenho tempo de sobra.

Não consigo acreditar que estou mesmo voltando para Nova York. Para o lugar que eu julguei ser meu lugar favorito em todo o mundo e agora sinto-me apavorada por ter que enfrentar toda aquela agitação novamente.

Termino minha maquiagem para tentar disfarçar as olheiras da noite maldormida. Saio do banheiro e vou para a pequena sala, onde encontro Dean e Melissa tomando café na pequena bancada que separa a sala da cozinha.

— Café? — pergunta-me Dean, quando percebe minha presença.

— Sim, obrigada. — Sorrio e caminho até eles, me acomodando no banco vazio ao lado de Mel.

Dean levanta-se e me serve com uma xícara de café fumegante.

— Conseguiu dormir? — pergunta Dean, mas, pela forma que me avalia, sei que ele já sabe a resposta.

Baixo o olhar para a xícara à minha frente, concentrando meu olhar nela.

— Tem certeza de que quer fazer isso sem conversar com o Andrew? — questiona meu irmão, me pegando de surpresa.

Ouvir o nome de Andrew faz meu coração dar um salto no peito.

Respiro fundo e engulo em seco.

— Sim — respondo sem olhá-lo e mesmo sem vontade, levo a xícara aos lábios e tomo um pequeno gole.

— Allie... — Dean começa, no entanto, não posso mais falar sobre isso agora. Ergo meu olhar para ele no mesmo instante que me levanto do banco.

— Dean, eu tenho certeza do que estou fazendo — tento manter minha voz firme. — Não posso continuar aqui depois de tudo o que soube... — Relembro a conversa com Hanna. A conversa que não contei a nenhum dos dois que tive e pelo fato deles não terem mencionado nada a respeito dela, acho que Dean e Melissa não a viram chegar em casa na noite passada. — Só quero terminar logo isso e ir embora. Não posso continuar aqui.

Dean faz que sim com a cabeça e volta sua atenção para seu café.

— O que direi ao meu pai e a Lauren? — pergunta ele sem me olhar.

Com tudo o que aconteceu, não tive tempo para parar e pensar em todas as pessoas que estarei deixando para trás sem me despedir. Lauren, Max, Linda... Nana. Pensar neles faz com que lágrimas rolem por minha face.

— Diga que precisei ir embora. — Minha voz sai trêmula. — Que entrarei em contato quando puder. Que sinto muito não ter me despedido.

Dean me olha de relance.

— Eles estavam felizes por ter você. Eu estava feliz — diz tristemente.

— Eu sei, Dean, e eu também estava. — Apresso-me em dizer. Saio do meu lugar e vou até ele. Toco seu ombro, sentindo a dor da despedida me invadir. — Quando eu cheguei aqui, eu era sozinha. Não tinha uma família sólida, exceto minha mãe, que descobri que nunca me amou. E agora eu vou

embora sabendo que tenho uma família. Pessoas maravilhosas que sempre poderei contar.

Dean segura minha mão, ficando de frente para mim.

— Então fica. Pode vir morar comigo ou se preferir pode ir para a fazenda dos meus pais. Sei que eles ficariam muito felizes em te receber. Não precisa ir embora, Allie. Deixa a gente te ajudar. Cuidar de você.

Por um momento, sinto uma enorme vontade de aceitar sua oferta. Sei que ao voltar para Nova York, nada será como antes e que me sentirei ainda mais sozinha, no entanto, pensar em ficar aqui e ter que cruzar com Andrew e talvez Hanna, me faz sentir enjoos. Não posso ficar em um lugar onde terei que presenciar o homem que eu tanto amo ser feliz com outra mulher.

— Eu não posso, Dean. Me desculpa, mas... — Mordo o lábio, sentindo-me incapaz de continuar a frase.

— Eu sei. — Essas são suas únicas palavras antes de me envolver em um abraço apertado.



— Está ciente que, ao sair da cidade antes do prazo estipulado no testamento, você perderá toda a herança deixada pelo seu pai, não é? — questiona-me o Dr. Fill, olhando-me como se eu fosse uma completa retardada.

— Sim — respondo simplesmente remexendo-me na cadeira.

Ele pigarreja, voltando sua atenção para os papéis em sua frente.

— Tenho que perguntar, senhorita Allison Thomas, você tem certeza disto? Pois uma vez que você assinar esses papéis, não pode voltar atrás.

— Sim — digo convicta.

Ele faz um pequeno gesto afirmativo com a cabeça e empurra em minha direção algumas das folhas que estava analisando.

— Espero que saiba do quanto está abrindo mão — ele diz calmamente, me entregando uma caneta.

Sustento seu olhar por alguns segundos.

— Estou ciente do quanto eu abri mão no passado, Dr. Fill, e isso dinheiro nenhum pode me recompensar. — Uso as palavras friamente. — Tudo o que perdi não tem preço. Esse dinheiro não me pertence, então não tenho por que ficar com ele. — Volto meus olhos para os papéis e os assino, sem ao menos me dar o trabalho de ler.

Depois que os assino, eu me despeço do Dr. Fill com um aperto de mão, ao contrário da primeira vez, que o mandei ir embora rudemente.

Há dez meses, eu estava confiante que nada me faria abrir mão da herança que meu pai havia me deixado. Olha só que engraçado! Eu abri mão e não me arrependo disto.

Saio da sala do advogado e procuro por Dean e Mel, porém eles não estão aqui. Provavelmente estão me esperando no estacionamento. Saio do escritório e como havia previsto, encontro os dois perto da caminhonete de Dean.

— Pronto! Está feito — tento parecer animada. — Agora, vamos voltar até sua casa para que possamos pegar nossas coisas e ir embora.

Dean faz que sim com a cabeça e Melissa vem até mim, abraçando-me forte. Retribuo o abraço, mantendo firme para não desmoronar novamente.

— Você vai ficar bem, Allie. Eu prometo — diz ela baixinho, apenas para que eu a ouça.

Afasto-me dela e forço um sorriso.

— Estou feliz que você esteja aqui. Não sei se conseguiria fazer tudo isso, sem tê-la ao meu lado — digo com a voz embargada.

Melissa sorri tristemente e segura minha mão.

— Sempre estarei ao seu lado, minha amiga. Agora vamos para casa.

“Não vou para casa, Melissa. Aqui era minha casa”, quero lhe dizer, mas não digo. Apenas concordo com a cabeça e entro na caminhonete em silêncio.



Dean faz um almoço simples para nós. Tento comer um pouco, mas nada desce, então apenas remexo a comida em meu prato em silêncio, sentindo dois pares de olhos me fitarem.

— Você precisa comer! — repreende-me Melissa.

— Eu sei, mas não estou com fome — digo, deixando cair meu garfo no prato.

Respiro fundo, tentando controlar o turbilhão de emoções que me atormenta.

Andrew não veio atrás de mim e eu sei que ele já sabe que saí de casa. Ele não veio ontem e não veio até agora, então isso só deixa ainda mais claro a farsa que ele foi.

Sei que não quero ver e nem falar com ele, mas saber que ele não se importa em, pelo menos, tentar me explicar o que aconteceu está me matando, mas talvez seja melhor assim. Já ouvi mentiras demais dele.

A delicada aliança brilha em meu dedo, fazendo com que eu a toque com a outra mão.

Recordo suas palavras do dia anterior quando me fez o pedido de casamento e isso é demais para continuar segurando minhas lágrimas.

“Allison Thomas, eu te amo mais do que tudo nessa vida e te prometo, diante de Deus, que vou cuidar de você e te fazer a mulher mais feliz do mundo. Vou fazer valer a pena cada momento que passarmos juntos e mesmo

se houver momentos que você quiser chorar, te darei motivos para sorrir e... Sempre, sempre, sempre, completamente e verdadeiramente vou amar você.”

— Você mentiu para mim! — digo baixinho, fechando os olhos com força.

Lágrimas rolam por minha face e eu já não me importo se Mel e Dean estão me olhando.

A dor é insuportável e eu daria tudo para fazê-la parar.

— Você deveria falar com ele — diz Dean com a voz suave.

Balanço minha cabeça em negação, ainda de olhos fechados.

Ouçoo passos se aproximando de mim e sei que é Dean.

Ele coloca uma mão em meu ombro.

— Allie... Estive com o Andrew ontem à noite.

Suas palavras me pegam de surpresa. Abro os olhos e o fito aflita.

— Por quê? Você me prometeu que não faria nada — digo sentindo o pânico me invadir.

— Eu sei o que prometi, mas estava furioso pelo que ele fez. — Dean ajoelha-se à minha frente. — Estava disposto a acabar com a raça dele, mas... dei a ele a chance de me explicar o que aconteceu. Ele parecia desesperado por não saber onde você estava. — Dean me analisa atentamente antes de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

continuar: — Acho que você deveria falar com ele antes de tomar qualquer decisão.

Ergo-me do pequeno banco e me afasto de Dean.

— Eu já tomei minha decisão, Dean e ela não inclui ouvi-lo — digo entre lágrimas. — Tudo o que menos quero agora é ouvir as mentiras que ele tem a me dizer. — Respiro fundo, enxugando minhas lágrimas. — Vou pegar minhas coisas e depois quero que nos leve para o aeroporto. — Dito isso, sigo meu caminho até seu quarto.



— É uma pena ter que ir embora agora — diz Mel, enquanto faz seu último retoque na maquiagem.

Olho para minhas mãos e meu olhar paira novamente na delicada aliança. Não sei o que fazer com ela. Talvez eu peça a Dean que a devolva a Andrew.

— Pode ficar mais uns dias se quiser — respondo distraidamente.

— Sério, Allie? — questiona-me ela, com tom de voz séria. — Sabe que jamais faria isso com você.

Volto meu olhar para ela e forço um sorriso.

— Sinto muito ter estragado suas férias. Juro que se eu soubesse que tudo acabaria assim... — Respiro fundo e arrumo uma mecha do meu cabelo atrás

da orelha. — Só quero entrar naquele avião e ir para o mais longe possível. Não sei como vai ser a partir de agora, Mel. Sempre tive tudo e nunca precisei me preocupar com o dia de amanhã. Tenho tantas coisas para resolver em Nova York, como vender minhas joias, apartamento, carro. — Fecho os olhos apavorada. — Vou ter que começar tudo novamente, como outra pessoa.

Mel segura minhas mãos.

— Sei que está sendo difícil, mas estou ao seu lado e não vou te abandonar nunca.

— Terei que arrumar um emprego. — Volto meu olhar para ela.

Mel sorri tristemente.

— Vamos falar com a Carly. Ela sempre amou o seu trabalho, tenho certeza de que vai adorar tê-la de volta.

Faço que sim com a cabeça.

— Estou com medo, Mel! — admito baixinho. — Já me senti sozinha tantas, tantas vezes, mas agora... Agora sei que realmente estou! — As palavras saem em meio a um pequeno soluço. — Essa sensação é terrível!

— Você não está sozinha, Allie! Você tem a mim! — diz ela tristemente. — Você tem a mim — repete baixinho, envolvendo-me em um abraço apertado.



— Allie, tem certeza disto? — pergunta-me novamente Dean, enquanto nos ajuda carregar as malas até o portão de embarque.

Repasso tudo o que vivi nesse lugar. Os momentos bons, os ruins. Tudo o que pensei que fosse verdade, mas que acabaram se tornando uma grande mentira.

Quero dizer que não tenho certeza, mas sei que estou fazendo a coisa certa. Sei que estou.

— Tenho certeza — digo com convicção, na esperança de me fazer acreditar em minhas palavras.

Meu coração aperta em meu peito e luto bravamente para me manter firme.

Olho para todos os lados, na esperança de quem sabe...

Não! Eu não posso esperar que Andrew venha até aqui. Tenho certeza de que ele sabe exatamente o que está acontecendo. Se ele não me procurou até agora é porque de fato tudo não passou de uma grande mentira.

A primeira chamada do meu voo é anunciada e isso faz com que o pânico cresça dentro de mim. Esta é a hora de dizer adeus a Dean. Dizer adeus a tudo o que vivi nesse lugar.

— Está na hora — digo tristemente, voltando meu olhar para Dean. — Obrigada por tudo. Esses dias em que tive o prazer de conviver um pouco com você e... Sua... Nossa família foram tão gratificantes. — Sorrio, segurando sua mão. — Vou levá-los para sempre no meu coração e, um dia, quando toda essa dor em meu peito passar, eu volto para vê-los. Espero também, um dia recebê-los em minha casa. — Mordo o lábio e baixo o olhar. — Sinto muito ter que ir sem me despedir de todos, Dean... Mas será melhor assim — concluo baixinho. Respiro fundo voltando meus olhos para os seus. — Cuida bem da Lauren e diz que vou sentir muita saudade dela. — As lágrimas queimam em meus olhos ao recordar da minha irmãzinha. — Adeus — digo com a voz embargada e o abraço, escondendo meu rosto em seu peito.

Seus braços fortes estreitam-se em torno de mim. Abraçando-me fortemente, ele beija o topo da minha cabeça, antes de se afastar de mim.

— Se cuida, minha irmã — diz com um pequeno sorriso.

Seus olhos estão marejados e ele não tenta esconder a emoção.

— Se cuida também — digo, com um pequeno sorriso.

Volto minha atenção para Mel, que nos observa com lágrimas nos olhos.

— Te espero lá dentro — digo, antes de começar a me afastar.

As lágrimas rolam por minha face e já não tenho mais forças para contê-las.

É o fim! Agora eu tenho certeza.

Minha respiração falha à medida que vou chegando ao portão de embarque.

Nunca imaginei que ir embora desse lugar seria tão difícil.

Aqui vivi os melhores momentos da minha vida e agora o pior.

Olho para a aliança em meu dedo. Deveria ter entregado a Dean. Ela não me pertence. Ela não significa nada. Esse anel é apenas a prova viva das mentiras do homem que eu julguei me amar.

— Allie! — Alguém grita no meio da multidão. Não uma pessoa qualquer.

Meu corpo congela ao reconhecer a voz de Andrew.

Não pode ser! Ele não pode estar aqui.

Obrigo minhas pernas a continuarem andando. Não posso enfrentá-lo agora. Não posso vê-lo ou ouvi-lo.

— Allie! — ele grita, mais próximo de mim dessa vez.

O portão de embarque parece ter ficado mil vezes mais distante e mesmo que esteja quase correndo agora, não estou nem perto de chegar lá.

— Allie. — Andrew agarra meu braço, me fazendo parar. E por algum motivo doentio, meu corpo reconhece seu toque. Sinto uma chama me

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

aquecer e isso é tão doloroso.

— Não, Andrew! — digo sem olhá-lo. — Me deixa ir.

— Não. Não antes de você me escutar — ele diz com a voz aflita e apressada, colocando-se à minha frente.

Mesmo contra minha vontade, deixo que meus olhos fitem seu rosto. Ele tem a barba por fazer e em seus olhos há marcas roxas, me fazendo pensar que ele não havia dormido.

— Está indo embora? — pergunta-me com a voz triste. — Estava indo sem me dar a chance de te explicar? — Andrew esfrega os olhos com as costas da mão livre. — Por quê?

Sinto a raiva tomar conta de mim. Afasto-me dele, o olhando incrédula.

— Por quê? — questiono-o pasma. — Como você tem a cara de pau de me perguntar isso? Andrew, para! Eu já sei toda a verdade. Não precisa mais fingir. Não precisa agir como se importasse comigo! — digo as palavras altas demais. As pessoas ao nosso redor nos lançam olhares tortos, no entanto eu não me importo. Nada mais importa agora. — Acabou! — digo friamente.

Andrew balança a cabeça em negação, tentando tocar em mim, mas não permito que o faça. Não posso sentir o calor do seu toque, não enquanto meu coração sangra miseravelmente por sua causa.

Meu gesto faz com que ele me fite com desespero.

— Não, Allie! Não pode acabar sem ao menos me deixar explicar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Explicar o quê? Que estive brincando comigo durante todo esse tempo? — questiono-o aos berros. — Eu não quero ouvir suas mentiras! Acabou! Vá para casa!

— Não foi bem assim, Allie, eu juro. — Mais uma vez ele tenta me tocar, porém esquivo-me do seu toque com repulsa.

— Esse tempo todo você esteve comigo por causa do dinheiro? Por causa da fazenda? — pergunto com a voz trêmula.

Andrew faz que não com a cabeça e morde o lábio.

— Então, por quê? — pergunto entre lágrimas.

Andrew respira fundo, passando suas mãos em seu cabelo, porém nada diz, apenas me olha firmemente em meus olhos, como se de alguma forma estivesse tentando encontrar as palavras certas para me dizer.

— Eu acreditei em você, Andrew. Acreditei que podia confiar em você. Acreditei que você me amasse.

— Eu amo! — diz ele com a voz firme. — Eu te amo.

Sinto como se minha alma estivesse sendo rasgada com suas palavras.

— Ama? — pergunto friamente. — Você é doente, Andrew. Você me enganou desde o início. Tenho que admitir que... você fez um ótimo trabalho.

— Allie... — Ele tenta se aproximar, mas ergo uma mão em frente ao seu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

peito, lhe detendo.

— Você conseguiu o que tanto queria, Andrew.

— Do que você está falando? — pergunta-me confuso.

Abro minha bolsa e tiro de dentro as cópias dos papéis que havia assinado no escritório do Dr. Fill mais cedo e estendo em sua direção.

Ele os pega da minha mão e os olha sem entender.

— É tudo seu. O dinheiro, a fazenda, as terras... — Respiro fundo, enquanto as lágrimas rolam por minha face. — É tudo seu. Como você quis, desde o começo.

Andrew ergue seus olhos em minha direção. Sua boca está aberta em um grande “O”.

— Você conseguiu. Conseguiu o que queria. Agora... Agora você pode ser feliz com a Hanna.

— Allie, nunca se tratou de dinheiro! Por Deus! — ele diz, erguendo os papéis. — Sei que o que fiz foi errado, mas nunca se tratou de dinheiro.

Sua confissão faz meu coração doer em meu peito.

— Então, você apenas me odiava ao ponto de magoar — afirmo com lágrimas nos olhos. — Ao ponto de... — Deixo a frase no ar, sentindo-me incapaz de concluir em voz alta. Andrew nunca me amou! Nada do que me dissera fora verdade. Há tantas perguntas que gostaria de lhe fazer, mas não

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

adianta. Ele nunca será honesto comigo. — Eu amei você...

— Allie... — Ele dá um passo em minha direção e instintivamente dou um passo para trás.

— Por que, Andrew? Por quê? — pergunto com a voz trêmula.

Andrew fecha os olhos com força, enquanto as lágrimas rolam por sua face.

Respiro fundo quando vejo Mel e Dean se aproximarem.

— É a última chamada do voo — diz Mel, olhando de mim para Andrew, que ao ouvir suas palavras parece despertar do seu transe.

— Não — diz, segurando-me pelos ombros. Tento me desvencilhar da sua pegada, porém ele é mais forte que eu. — Não, Allie. Você não pode ir. Não pode me deixar... Não agora. — Suas palavras saem apressadas e o desespero é visível em seus olhos. — Eu sei que você está magoada. Que eu errei, mas... vamos dar um jeito... Eu posso te explicar tudo. Eu prometo que vou consertar as coisas. — Andrew segura meu rosto com as mãos. As lágrimas rolam por sua face e eu me pergunto se elas são verdadeiras ou apenas mais uma de suas encenações. — Não vá, Allie. Não vá — suplica em um fio de voz. — Vamos para casa...

— Acabou, Andrew! — As palavras saem como lâminas, rasgando-me de dentro para fora. Retiro a delicada aliança do meu dedo e seguro uma das mãos de Andrew, colocando o pequeno anel na palma de sua mão. — Acabou.

Seus olhos suplicam em silêncio que eu não faça isso, enquanto meu coração deseja que nada do que acontecera nas últimas horas fosse verdade. Em seguida, dou-lhe as costas e volto a fazer meu caminho, que me levará para o lugar que um dia eu chamei de lar.



Vinte e Nove

Três semanas depois...

Nova York nunca pareceu tão viva.

Recordo do quanto amava a agitação desse lugar, de como amava caminhar na avenida da Times Square e apenas observar as pessoas que estavam alheias a tudo o que acontecia ao seu redor.

Hoje, depois de tudo o que passei nas últimas três semanas, estar aqui agora me faz sentir perdida. Como se... de alguma forma, não mais pertencesse a esse lugar.

Há muita poluição, agitação e vozes.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sinto falta da calmaria da fazenda. De acordar com os sons dos animais. De abrir a janela e contemplar a natureza. Sinto falta da paz que me transmitia tudo, da Nana, das lembranças do meu pai e, acima de tudo, sinto falta de Andrew.

Os dias que se passaram não foram o suficiente para me fazer esquecê-lo. A cada dia que passa, o buraco em meu peito parece estar ainda maior. Tem dias que chega a ser insuportável a saudade que sinto dele.

Não voltei para meu apartamento. Pedi a Mel que me deixasse ficar com ela por uns dias e ela não se negou ao meu pedido. Mal consegui sair da cama nas duas primeiras semanas. Entrei em um estado vegetativo, onde apenas chorava e dormia.

Nana, Dean e Max me ligaram algumas vezes, porém eu deixei que todas as ligações se encaminhassem para a caixa de mensagem. Ainda não me sinto pronta para falar eles.

Mel me obrigou a sair da cama e tentar seguir minha vida e mesmo que ainda não esteja bem o suficiente para sorrir, aceitei sua oferta de ir até minha antiga agência de moda, tentar recuperar meu emprego logo, porque não posso me dar ao luxo de ficar em casa vendo o que me sobrou do dinheiro ir embora. Por sorte, a dona ama meu trabalho com fotografia e ficou feliz em me ter de volta.

Decidi vender minhas joias, apartamento e meu carro. Não vejo razões para continuar com eles. Quando abri mão da minha herança, sabia que levaria um padrão de vida bem diferente do qual estou acostumada.

O corretor de imóveis me ligou mais cedo, dizendo que havia encontrado um comprador para meu apartamento, mas que o tal queria fechar negócio diretamente comigo. Talvez ele esteja achando alto demais o valor que pedi e queira tentar me convencer do contrário, por isso fiz questão de pedir ao irmão da Mel, que é advogado, que me acompanhasse. Nunca fui muito boa com negócios e tudo o que menos quero agora é ser passada para trás.

Encontrarei-me com ele às onze e meia, no restaurante perto do meu trabalho.

Quando chego à agência, a primeira cara que vejo é do meu ex-namorado Kevin. Ele está sem camisa, usando apenas uma cueca da Calvin Klein.

Faríamos umas fotografias da marca, porém não sabia que o Kevin seria um dos modelos que estariam aqui hoje.

Com tudo o que me aconteceu, ele era uma das muitas pessoas que gostaria de não ter o desprazer de ver.

Sirvo-me de uma xícara de café e tento me concentrar no que devo fazer.

— Ei! Não sabia que havia voltado — diz a voz irritante do babaca do meu ex bem atrás de mim.

Respiro fundo antes de me voltar para ele.

— Pois é — digo simplesmente e passo por ele, indo em direção a Carly, para falar com os modelos.

Kevin me segue como um cachorrinho.
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Estou feliz que esteja de volta. Eu senti sua falta — mente descaradamente. Continuo caminhando até minha chefe, mas sou detida pelo toque de Kevin que segura me braço. — Sei que as coisas não saíram como a gente planejou, mas... será que podíamos... Sei lá, sair para tomar alguma coisa?

Volto meu olhar para ele e não disfarço minha irritação.

— Kevin Young, você é um babaca filho da puta e eu não sairia com você nem se fosse o último homem da face da Terra — digo friamente, antes de me afastar.



Fotografar pessoas sempre fora minha paixão. Sempre gostei de capturar aquela essência por trás de um olhar ou sorriso, mas... não consigo fazer isso agora. Estou diante de modelos profissionais que já trabalhei antes e por alguma razão, não consigo fazer isso dar certo. Não consigo encontrar a essência de nenhum deles.

Respiro fundo tentando me concentrar no foco principal, mas tudo o que consigo ver são robôs controlados. Eles só sorriem quando mandamos. Não há originalidade ou personalidade por trás de seus olhares ou sorrisos. Não consigo enxergar nada além da casca perfeita que eles usam.

Respiro fundo, mais uma vez, sentindo minha cabeça dar voltas e mais voltas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Melissa estava errada! Eu não estou pronta para seguir minha vida. Não consigo manter minha cabeça centrada em nada por muito tempo sem que meus pensamentos não me levem de volta para Andrew e a fazenda.

— Allie, querida, você está bem? — A voz de Carly me traz de volta a realidade.

Baixo minha câmera e umedeço os lábios, antes de voltar meu olhar para ela.

— Desculpa... Eu... não estou me sentindo muito bem.

Carly, gentil como sempre, sorri, tocando meu ombro.

— Rapazes, vamos fazer uma pausa de meia hora — diz olhando para os modelos à nossa frente. — E você, por que não vai para casa e deixa que o Ian cuide do resto? — sugere com simpatia.

Nunca gostei de entregar meu trabalho nas mãos de outro profissional. Sempre fui competente e dedicada ao que eu amava fazer, no entanto, entregar essa sessão para o Ian nunca me pareceu tão certo. Ele merece fazer essas fotos mais que eu.

— Dê os créditos a ele... Sei que o Ian tem se esforçado muito para conseguir seu espaço na agência e ele é um ótimo fotógrafo — digo com um pequeno sorriso.

Carly olha de relance para Ian e sorri.

— Tem razão. — Carly volta seu olhar para mim, me avaliando

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

atentamente. — Só me diga que vai voltar amanhã, não quero perder a minha melhor fotografia novamente.

Baixo o olhar e mordo o lábio. Faz três semanas que voltei da fazenda. Três semanas que minha vida não para de girar em torno do que aconteceu.

Três semanas que minha vida virou uma total bagunça. Preciso reorganizar minha vida. Tentar colocar meus sentimentos em ordem e decidir o que quero fazer, porém, uma coisa é certa, eu não posso voltar a trabalhar na agência. Sinto que já não faço parte desse lugar e do mundo que eles amam e que um dia eu tanto amei.

— Sou muito grata por ter me aceito de volta, Carly, mas... acho que não vou voltar. — digo tristemente, erguendo meu olhar para ela. — Pensei que voltar a trabalhar aqui fosse me fazer voltar aos antigos hábitos, mas... — Balanço a cabeça em negação, sentindo as lágrimas arderem em meus olhos. — Eu não consigo.

Carly concorda com a cabeça.

— Eu te entendo, Allie. — Ela segura minhas mãos nas suas e sorri. — Mesmo assim, te desejo toda felicidade do mundo no que você fizer.

— Obrigada — agradeço com um sorriso, antes de ir embora.



— Você só pode estar brincando! — rosno para Zac, irmão de Mel, que

acabara de me ligar, dizendo que havia acontecido uma emergência e não podia me encontrar no restaurante.

— *A Alice estava entrando em trabalho de parto, Allison, o que queria que eu fizesse? Pedisse que ela esperasse eu ir almoçar com você?* — questiona-me do outro lado cheio de humor.

Bufo revirando os olhos. Esse não nega ser irmão mais velho da minha amiga. Mesmo que as coisas estejam ruins, ele acaba arrumando um jeito de fazer você rir, porém, nesse caso ele não conseguiu. Preciso conversar com o futuro comprador do meu apartamento e não posso fazer isso sem a ajuda de um profissional.

— *Olha, Allie, converse com o cara e mostre os papéis com o valor que o corretor te passou. Não aceite menos do que a cobertura vale. Qualquer coisa, passe meu contato para ele, que darei um jeito de me encontrar com ele amanhã. O Maycon é ótimo em negócios e sei que ele explicou tudo direitinho a esse homem misterioso.*

Olho para o restaurante do outro lado da rua e respiro fundo.

— Confio no Maycon, mas... Por que esse homem misterioso não fechou negócio com ele ao invés de querer conversar comigo?

— *Talvez porque ele ache que mulher é mole de passar a perna* — diz com ironia e cai na gargalhada.

— Vá se foder, Zac! — digo rindo.

— Olha, ele viu fotos da cobertura e a planta. De acordo com o Maycon, ele achou o preço adequado. Então, vamos torcer para o cara querer apenas te pagar um almoço e não tentar te enrolar para você baixar o preço.

Reviro os olhos e começo a andar em direção ao restaurante.

— Olha, me mantenha informada quando a Alice tiver o bebê — peço parando na entrada.

— Ok, Allie, boa sorte com o almoço.

Agradeço a ele e me despeço de Zac antes de encerrar a ligação.

Quando entro no restaurante que já vim mais vezes do que posso imaginar, informo meu nome a jovem e sorridente recepcionista que me encaminha até o bar, que por sorte não está cheio, já que é horário de almoço.

Há apenas algumas pessoas: três senhores de mais ou menos quarenta anos, usando ternos, conversando e tomando uísque; e um pouco mais afastado, um homem alto e elegante, bebericando seu uísque calmamente. Não consigo reconhecer de imediato quem é, mas quanto mais me aproximo do bar, mais percebo a grande semelhança com alguém que conheci há alguns meses.

— Nicholas Turner? — pergunto parando um passo de onde ele está.

Ele coloca o copo sobre o balcão e volta sua cabeça em minha direção.

Seus olhos azuis cinza me fitam com atenção, enquanto um pequeno sorriso de contentamento forma-se em seus lábios.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Allison Thomas! — diz com a voz rouca e sedutora, erguendo-se do banco no qual estava sentado. — Poderia dizer que é uma surpresa te encontrar aqui, mas seria muita hipocrisia da minha parte, já que eu estava lhe esperando. — Sorri torto.

Abro a boca chocada com sua confissão.

— Você é o suposto comprador da minha cobertura? — questiono-o surpresa.

Nicholas faz um gesto afirmativo com a cabeça.

— Uau! — Não sei exatamente o que dizer agora. — Estou muito surpresa — confesso sem conseguir esconder isso.

Nicholas sorri fazendo um gesto para que eu me sente no banco vazio ao seu lado.

— Surpreso eu fiquei quando soube quem era a dona da cobertura — diz quando me sento ao seu lado. — Quer beber alguma coisa? — ele pergunta, enquanto faz um gesto para o rapaz do bar vir até nós.

Analiso minhas opções e, pela milésima vez desde que cheguei aqui, sinto falta do maravilhoso drinque do paraíso, feito pelo meu irmão.

— Pode ser vinho, por favor.

Nicholas pede ao rapaz para trazer o seu melhor vinho e outra dose de uísque. A forma formal e autoritária com que ele se dirige ao pobre *bartender*

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

me faz sentir uma leve empatia por ele, mas tento manter isso guardado para mim agora, tendo em vista que ele pode salvar minha vida comprando a minha cobertura.

— Pensei que fosse demorar mais alguns meses até ver você novamente, já que precisava cumprir uma data determinada para conseguir cumprir o testamento. — Volta a me olhar.

Sinto um aperto no peito. Como falar a ele que abri mão de tudo, sem ter que lhe contar a respeito do que Andrew me fez?

— Pois é... — Volto meu olhar para as minhas mãos em cima do mármore negro do balcão. — Eu antecipei minha volta a Nova York, porque... aquele lugar... não é para mim — minto.

— Espero que não tenha tido nada a ver com o Anderson.

Ergo meu olhar para ele.

— O nome é Andrew — digo com a voz firme, ignorando a dor em meu peito ao pronunciar seu nome em voz alta. — E não. Não teve a ver com ele — minto novamente.

Nicholas puxa seus lábios em um sorriso torto, que provavelmente deve ser muito sexy, no entanto, não consigo enxergar beleza em alguém que é tão parecido com a garota que deixei para trás, quando saí de Nova York.

— Estou feliz que esteja aqui — ele diz pousando sua mão sobre a minha.

Sinto um desconforto descomunal com o seu toque e busco em minha
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mente a melhor e mais educada forma de afastar sua mão da minha, quando o *bartender* chega com nossas bebidas.

Retiro minha mão da sua e pego minha taça, tomando uma quantidade razoável do líquido adocicado, tentando controlar o nervosismo que borbulha dentro de mim.

— Então, posso saber por que está querendo vender sua cobertura?

Pouso minha taça no balcão e volto a olhar para ele. Fito seus olhos azuis e observo os contornos perfeitos de sua face. Nicholas Turner é apenas mais um rostinho bonito que só enxerga dinheiro e coisas fúteis.

— Claro que pode — respondo com um sorriso fingido. — Descobri que sou filha de um antigo peão da fazenda do Anthony, então... abri mão da herança — digo apenas meia verdade dos motivos que me fizeram voltar para Nova York. — Não parecia certo ficar com um dinheiro que não era meu.

A expressão de Nicholas de puro choque me faz querer gargalhar, mas não o faço, por mais que esteja difícil controlar meu riso. Volto minha atenção para o vinho à minha frente e tomo mais um pouco, enquanto espero que Nicholas absorva a informação que acabei de lhe passar.

— Então... Tecnicamente, você está... Como encontrar uma palavra adequada para essa situação sem lhe ofender? — pergunta-me com insegurança.

Volto-me novamente para ele.

— Pobre. Falida. Acho que essas palavras se encaixam muito bem no meu currículo agora. E... se quiser, pode encaixar desempregada também. — Sorrio e mordo o lábio. — Acabei de pedir demissão da agência e, sinceramente, não sei o que fazer. — Baixo meu olhar para minhas mãos e respiro fundo.

— Uau! Tenho que concordar que sua vida deu uma guinada radical — ele diz surpreso.

Faço que sim com a cabeça, mantendo meu olhar preso em minhas mãos.

— Pois é... — Dou um sorriso.

Há um momento de silêncio que deixa o momento tenso. Quero falar alguma coisa, mas, de uma hora para outra, não consigo mais achar essa situação engraçada. Há toda uma história envolvida nas meias verdades que acabei de contar e só de pensar sinto que poderia vomitar meu café da manhã.

— Tudo bem, Allie... Eu compro a cobertura. — Suas palavras me pegam de surpresa. O olho sentindo a euforia e surpresa tomar conta de mim.

— Sério? — pergunto, alto demais.

Nicholas sorri divertidamente e percebo que ainda não o tinha visto ser natural, desde que o conheci.

— Sim. Você precisa de dinheiro e eu de um bom e luxuoso apartamento — responde rindo e pisca um olho.

Respiro fundo, tentando controlar a alegria.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Nossa! — Sinto um nó se formar em minha garganta. — Obrigada, Nicholas. Você não tem noção do que está fazendo por mim.

Seus olhos me avaliam com atenção. Novamente, ele pousa sua mão sobre a minha.

— Imagino que você esteja passando por um período complicado.

Olho para sua mão na minha. É um contato simples. O calor de seus dedos em volta dos meus deveria aquecer minha pele. Porém, é tão estranho ter outra pessoa me tocando, mesmo que de forma casual. Sinto falta do toque reconfortante da mão grande, forte e áspera de Andrew. Essa simples lembrança me traz lágrimas aos olhos.

— Eu nem sei como te agradecer — digo num fio de voz, voltando meus olhos para ele.

— Eu sei como — ele diz com um pequeno sorriso. — Tenho um evento chato beneficente na sexta e não quero ir sozinho. — Nicholas me lança um olhar cheio de expectativas. — Gostaria que você viesse comigo.

O analiso por alguns segundos, tentando encontrar uma forma educada de recusar o seu convite. Sei que ele acabou de me ajudar com a compra do meu apartamento, mas não estou preparada para sair com outro homem.

— Olha, não sei o que aconteceu com você na fazenda ou com o Andrew... Pela forma que você está me olhando, sinto que o nosso breve momento junto ficou no passado, então... respeito que não esteja interessada

ou querendo uma relação comigo... Mas... podemos ser amigos e amigos saem juntos, para fazer coisas chatas, como ir ao evento de caridade. — Revira os olhos.

Não posso deixar de rir de suas palavras. Nicholas tem razão, o fato de não estar interessada nele como homem, não significa que não podemos ser amigos.

— Como amigos, eu topo. — Sorrio.



Tivemos um almoço agradável e Nicholas me contou que o apartamento era um presente para sua irmã mais nova que acabara de entrar na faculdade.

Ele me falou um pouco da sua empresa de arquitetura e seus planos para o futuro.

Apesar de ser um cara materialista e um pouco esnobe para com os mais humildes, Nicholas também é um homem gentil e pelo que vi, dá muito valor a sua família.

Gostaria de saber se toda essa prepotência e arrogância é apenas uma máscara para esconder o homem bom e generoso que ele tenta esconder.

Após o almoço, Nicholas me oferece uma carona até minha casa, porém eu recuso educadamente. Preciso voltar ao meu apartamento embalar minhas coisas, antes de entregar a chave para a nova dona.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Despedimo-nos em frente ao restaurante, lhe garantindo que iria acompanhá-lo na sexta ao evento.

Pego um táxi minutos depois que Nicholas vai embora dirigindo sua Ferrari vermelha.

Por alguma razão, me sinto nervosa em voltar para o lugar onde morei por tanto tempo.

Eu amava aquele lugar. Amava cada pedacinho dele, no entanto, agora, não consigo mais vê-lo como o meu lar.



Cumprimento o senhor Marcos que trabalha na portaria com um aperto de mão, o que lhe deixa muito surpreso.

Nunca fui do tipo que era gentil com as pessoas, principalmente aqueles que trabalham para mim.

Mas tanta coisa mudou desde que saí de Nova York. Eu mudei tanto que chego a me envergonhar da garota que era antes de ir para Maryville.

O elevador me leva até o meu andar. A cobertura é tão perfeita! Acho que parte de mim, tinha esquecido o quanto esse lugar é lindo.

O espaço amplo e luxuoso, com suas paredes de vidros, dando uma vista privilegiada do Central Park.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

O lugar está limpo, assim como prometeu Ella, a pessoa que cuida da limpeza do apartamento. Deixo minhas chaves na mesinha perto da porta e deixo que meus olhos façam uma vistoria pelo lugar.

Sinto lágrimas arderem em meus olhos, enquanto um vazio enorme me consome.

Sinto-me tão perdida e sozinha desde que voltei para cá. Pensei que os dias fossem me ajudar a trazer um pouco da minha alegria de volta. Trazer o desejo de voltar a trabalhar e a viver, no entanto, sinto-me consumida na tristeza e na saudade a cada segundo que passa.

Gostaria de poder arrancar essa dor sufocante do meu peito e esquecer o amor que sinto por Andrew.

Queria não sentir falta dele. Queria que pensar em tudo o que vivemos não fosse uma tortura. Queria que sua traição não doesse tanto.

Respiro fundo e enxugo as lágrimas que rolam por minha face.

Eu preciso seguir em frente, por pior que seja encarar a verdade.

Andrew nunca me amou e ele provou isso da forma mais fria.

A cada dia que passa seu silêncio me prova que fiz a coisa certa ao vir embora.

Ele nunca me ligou desde que cheguei aqui. Isso não deveria me deixar surpresa. Provavelmente, ele deve estar com Hanna agora. Era isso que ele queria desde o início, certo? Fui apenas um jogo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Passo minhas mãos por meu cabelo e caminho lentamente em direção ao meu quarto. Preciso arrumar minhas coisas para retirar do apartamento. Mandeí uma mensagem para Mel, pedindo que enviasse algumas caixas para cá, então vou começar a separar o que eu quero e o que vou doar.

Paro em frente a porta do meu quarto, quando ouço um barulho de algo caindo no chão. Sinto meu coração gelar em meu peito, enquanto mil e uma coisa passa em minha cabeça ao mesmo tempo.

Será que tem alguém aqui? Será um ladrão?

Ai, meu Deus! Todas as minhas joias valiosas estão no meu cofre, que é escondido no meu closet.

Procuro meu celular dentro da minha bolsa com as mãos trêmulas e começo a mandar uma mensagem para Melissa, pedindo ajuda, quando reconheço a voz eufórica, que ecoa no quarto.

Travo meu celular e o guardo novamente dentro da minha bolsa.

Coloco a mão na maçaneta e giro a mesma sem esperar que meu coração se acalme em meu peito.

Meu quarto está uma completa bagunça. Há roupas e objetos espalhados sobre a cama e pelo chão.

Caminho em direção ao closet e, como previsto, meu cofre está aberto e Margareth está sorridente, alheia a minha presença, pegando minhas joias e guardando em uma maleta.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Está me roubando? — As palavras saem antes que eu possa segurá-las.

Margareth dá um salto assustada, deixando algumas peças caírem no chão.

Ela volta-se para mim com seus olhos arregalados de susto.

— O que faz aqui? — questiona-me quase num grito de pânico.

Engulo o nó que se forma em minha garganta e tento manter minha voz firme.

— Até onde sei, o apartamento é meu — respondo mantendo meus olhos presos aos seus.

Margareth respira fundo e recompõe a postura, mantendo-se com o corpo ereto e o queixo erguido. Seu olhar mostra a confiança que ela não tinha minutos atrás.

— Você entendeu o que quis dizer — diz com arrogância, ignorando o fato de tê-la pego me roubando. — Você não deveria estar na fazenda? Até onde sei, você ainda tinha alguns meses para continuar lá. Por que está aqui?

Respiro fundo, cruzando os braços em torno do meu corpo. Deixo que meus olhos fitem atentamente a mulher que destruiu tantas vidas.

Como ela consegue ser tão fria? Como ela consegue agir como se nada estivesse acontecendo?

Meu silêncio traz um brilho maldoso em seus olhos.

— Eu estava certa, não é? A respeito do bastardo morto de fome, que você ingenuamente estava tendo um caso. — Um sorriso irônico surge em seus lábios, dando-me enjoos. — Não queria ter que falar isso agora mas... eu te avisei que não confiasse naquele órfão. Falei que ele só queria seu dinheiro. Dinheiro esse que me pertencia por direito e você, como a tonta que é, deixou tudo para ele! — ela grita, segurando a maleta firme entre suas mãos.

Sinto a dor da decepção me invadir. As lágrimas queimam em meus olhos e eu já não me importo que ela me veja chorar.

Sorrio, dando de ombros.

— Aquele dinheiro não era meu, tampouco seu. Você enganou o Anthony e destruiu não apenas a vida dele, mas de um jovem inocente que teve o azar de se apaixonar por uma mulher tão desprezível. Sim, eu abri mão do dinheiro. Sim, o Andrew ficou com tudo... Mas sabe de uma coisa? — pergunto com fúria, dando um passo em sua direção. — Eu não me arrependo do que fiz. Não me arrependo de ter voltado para Nova York e ter aberto mão da herança. Só o fato de saber que você nunca mais vai usufruir de algo do meu pai, já é meu maior presente. E não me importo de admitir que você estava certa em relação ao Andrew.

Umedeço o lábio, sentindo um leve tremor percorrer meu corpo, com a simples menção ao nome de Andrew.

— No final das contas, ele sempre fora mais filho do Anthony do que eu poderia ser. Ele merece ficar com cada centavo, com cada pedaço de terra que pertencia ao Anthony Thomas. Afinal de contas... sou filha de um homem humilde... sem origens ou riquezas. Mas isso não importa para mim.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Esses meses que passei na fazenda foram os mais gratificantes da minha vida. Conheci o homem bom, humilde e nobre que era o Anthony. Conheci o homem bom, que é o Max e... descobri que tenho uma família e que sou aceita e amada por todos e não importa se o Andrew me enganou... — prossigo entre lágrimas. — Não importa que ele não tenha me amado de verdade e que nada do que vivemos tenha sido verdadeiro para ele, sabe por quê? Porque mesmo que ele tenha me magoado, mais que qualquer um na vida, ele me mostrou o verdadeiro significado da vida. Me mostrou que dentro de mim havia muito do homem que sempre pensei que fosse meu pai. Andrew me ensinou a dar importância às coisas simples e me mostrou que eu não precisava de muito para ser feliz. É isso que trago no meu coração agora. As mudanças que houve não só na minha vida, mas na minha mente e espírito, dinheiro nenhum paga.

Margareth continua em silêncio, me fitando com desdém. Posso sentir a tensão crescer a cada segundo que passa.

Ela deixa a maleta com as joias no closet e começa a bater palmas, enquanto seus olhos me fulminam com ódio.

— Belo discurso, Allison Thomas ou quer que te chame de Baker? Esse é o sobrenome do morto de fome do seu pai biológico, não é? Pensei que tinha te dado uma criação boa, mas vejo que tudo o que fiz foi em vão! — Ela cospe as palavras com fúria.

— O que você fez? — pergunto com ironia. — Você nunca fez nada por mim! Você apenas me usou para conseguir dinheiro. Você nunca me amou! Sempre fui uma espécie de fonte de renda para você. Eu não entendo por que você me afastou da única pessoa que me amou de verdade, por que me privou

de conviver com o Anthony. — As lágrimas rolam por minha face abundantemente. Meu coração bate dolorosamente em meu peito com as tristes recordações das longas esperas por contato do meu pai. — Você me via esperando que ele me ligasse... Me via triste, por achar que ele não me amava... — Fecho meus olhos com força sentindo a dor me sufocar. Um pequeno soluço escapa de minha garganta. — Você nunca se importou comigo... Mentiu para mim todo esse tempo! — Abro meus olhos e a fito com desprezo. — O que fazia com as cartas que papai me mandava?

Seu olhar frio e inflexível permaneceu preso a mim.

— Eu as rasguei e joguei na lareira. — Ela sorri friamente. — Uma por uma.

— Você é um monstro! — As palavras saem arrastadas por causa dos soluços. — Eu odeio você! Odeio o fato de termos um maldito vínculo de sangue! — grito. Passo por ela, pegando a maleta com as joias e arremesso a mesma contra o chão. — É apenas com dinheiro que você se importa, não é? Sempre foi.

A expressão da minha mãe passa de fria para furiosa.

— Sim, Allie! É apenas com isso que eu me importo! — confessa, sem tirar os olhos dos meus.

Por mais que eu soubesse disto, ouvir de sua boca ainda é doloroso. Parte de mim queria que eu estivesse errada a seu respeito.

— Pegue-as. — Gesticulo em direção as joias. — Pode levar tudo! Mas

serão as últimas coisas que você terá de mim. Não me procure nunca mais!
— digo com a voz carregada de dor, dando-lhe as costas e indo embora,
deixando-a sozinha enquanto recolhia os itens finais do fim da nossa relação.



Os dias passaram tão rápido que mal dei conta que a sexta-feira havia chegado.

Terminei de tirar minhas coisas do apartamento na parte da manhã, com a ajuda de Melissa e outras pessoas que ela havia chamado para nos ajudar.

Trouxe algumas coisas para seu apartamento, afinal ela me deixou ficar com ela até conseguir um apartamento bacana para alugar.

A saída da agência, a conversa com Margareth e a decisão de abrir mão da minha herança me fez enxergar que eu preciso começar do zero. Quero reconstruir minha vida e crescer profissionalmente, sem ter a influência do dinheiro do meu pai.

Mas foi em especial o pequeno descuido que tive, em pegar minha câmera e ver todas as fotos que havia tirado ao decorrer dos meses que estive em ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Maryville que me fizeram entender e enxergar a minha verdadeira paixão. Eu amo a natureza! Amo o desconhecido e pessoas reais e é exatamente isso que falei para Zac há algumas horas. Disse que queria investir o dinheiro do apartamento em uma galeria de fotos. Quero mostrar para as pessoas a beleza das coisas simples. De um olhar sincero e das emoções de pessoas reais.

Chega de pessoas supérfluas e artificiais. Estou cansada desse mundo cheio de máscaras.

De pessoas que se escondem atrás de dinheiro e bens materiais.

Pego a câmera que havia deixado em cima da minha cama e a ligo.

A foto a seguir é a que eu havia tirado de Andrew na cachoeira, sem que ele percebesse. Ele está de costas e seu olhar está preso na água.

Essa simples imagem me lembra o quanto sinto sua falta. O quanto está sendo difícil aceitar que tudo acabou.

Tudo o que eu queria era que tudo fosse uma grande mentira ou um simples mal-entendido, mas a cada dia que passa, vejo que tudo o que ouvi da Hanna é verdade.

Andrew não fez questão nem de me ligar depois que voltei para Nova York.

Acho que parte de mim ainda acreditava que ele podia me amar.

Respiro fundo e deixo a câmera em cima da minha cama. Não posso ficar remoendo essa história agora. Tenho um evento beneficente para ir em uma

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

hora e tudo o que menos quero agora é chorar e ficar com o rosto inchado.

Analiso meu vestido preto, tomara que caia e extremamente longo no espelho.

Ele é lindo, com seus detalhes cuidadosamente feitos à mão na cor dourada e prateada. Ele é justo ao meu corpo, moldando minhas curvas e mais solto no comprimento da saia.

Termino os últimos retoques da minha maquiagem e solto meu cabelo, deixando-o cair em ondas sobre minhas costas.

Coloco uma gargantilha delicada de pérolas, que por sorte havia guardado junto com as coisas que levei para a fazenda e pronto. Estou pronta!

Apesar do meu olhar triste e de estar mais magra, a roupa cara, a maquiagem e a joia me faz parecer um pouco com a garota que deixei para trás.

Uma leve batida na porta me traz de volta a realidade.

— Uau! Você está linda! — Mel diz com um pequeno sorriso ao entrar.

A olho por sobre o ombro e sorrio.

— Você tem mesmo que ir? — questiona-me pela milésima vez desde que lhe contei do convite do Nicholas.

— Já conversamos sobre isso, Mel.

Caminho até o pequeno closet e o abro, pegando uma bolsa de mão prateada e volto-me para ela, que continua parada na entrada da porta, me olhando como se quisesse me falar algo.

— Anda, fala logo o que tem pra me dizer, pois o Nicholas vai chegar a qualquer momento. — Dou um pequeno sorriso, cruzando os braços à frente do peito.

Mel respira fundo e caminha até mim.

— Só acho que você não deveria sair com ele agora... Sabe, você acabou de sair de uma relação, que, por sinal, está muito mal resolvida. Não quero que você tome nenhuma decisão errada e acabe se arrependendo no final.

Descruzo os braços e coloco uma mão em seu ombro.

— Eu sei o que estou fazendo — digo docemente.

Ela revira os olhos.

— Sabe mesmo? — questiona-me furiosa.

Sorrio confusa, sem entender sua irritação.

— Claro que sei.

Mel faz que não com a cabeça e se afasta de mim.

— Em minha opinião, você não sabe de nada. Está agindo por impulso, Allie. Não pode se envolver com outro homem, sem ao menos ouvir o

Andrew.

Engulo em seco ao ouvi-la mencionar o nome de Andrew.

— Melissa... em primeiro lugar, não tenho a intenção de me envolver com o Nicholas. Já te falei mil vezes e vou repetir, o acompanharei como amiga; e segundo... Minha relação com o Andrew acabou e não tenho nada para ouvir dele — digo com a voz dura. — Tudo o que mais quero agora, é esquecer que ele existe. Não quero ver nem falar com ele e se você é mesmo minha amiga, te peço que não volte a mencionar o nome daquele mentiroso perto de mim.

Mel umedece os lábios e faz um gesto afirmativo com a cabeça, porém nada diz, apenas passa por mim e sai do quarto, batendo a porta com força.



Nicholas para o carro em frente a uma enorme galeria de arte, localizada em Soho, um dos barros mais nobres de Nova York.

Ele sai do carro e segundos depois, abre a porta do passageiro, me ajudando a sair.

Um jovem usando branco aparece em nosso frente e Nicholas lhe entrega a chave da Ferrari para o manobrista possa guardá-la.

— Já te falei o quanto você está linda? — pergunta ele com um sorriso sedutor, me oferecendo o braço.

— Umas cem vezes, desde que saímos do apartamento — respondo, enlaçando meu braço no seu.

Ele nos guia por uma escada que nos leva a uma enorme porta de vidro, onde há uma jovem ruiva para receber os convidados.

Ela mantém seus olhos presos em Nicholas, à medida que nos aproximamos.

— Senhor Turner, boa noite — diz com um sorriso encantador. — A exposição começou há poucos minutos.

Nicholas nada diz, apenas faz um gesto com a cabeça e passamos por ela.

O enorme e luxuoso hall de entrada nos leva a uma sala ampla com paredes repletas de quadros.

Há um número enorme de pessoas, mas o salão é grande demais para caber o triplo dessas pessoas.

— Exposição? — questiono-o com a voz baixa.

Nicholas me olha de relance e me dá um meio sorriso.

— Desculpa... Eu menti.

Abro a boca para falar, mas ele é mais rápido.

— Olha, eu sabia que se convidasse para vir comigo essa noite, você se recusaria e eu queria muito vir em sua companhia. Sei que gosta de artes.

O encaro seriamente, me perguntando se devo ficar ou ir embora.

— Eu odeio mentiras — digo com a voz baixa, retirando meu braço do seu.

Nicholas para, me olhando surpreso.

— Desculpa! Juro que não foi por mal.

Respiro fundo e olho para as pessoas ao meu redor. Por mais que esteja um pouco chateada com ele e com uma enorme vontade de ir embora, tenho que admitir que fez muito por mim, comprando meu apartamento, e está sendo gentil e uma ótima companhia. Não posso lhe deixar sozinho no meio de uma galeria de arte.

— Tudo bem... Apenas não faça isso novamente.

Nicholas me dá um sorriso torto.

— Combinado.

Passamos a próxima hora admirando as diversas pinturas e conversando com alguns conhecidos de Nicholas.

Seus amigos faziam insinuações perguntando se eu era a namorada dele. Eu fiquei sem jeito e Nicholas apenas sorria dizendo que não tinha tanta sorte.

Estar tão próxima de outro homem é muito desconfortável, principalmente quando ele insiste em manter seu braço enlaçado em sua cintura, como se de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

alguma forma estivesse marcando território.

Após a terceira vez que me afastei sorrateiramente dele, Nicholas pareceu entender que aquele gesto estava me incomodando.

Estou na minha terceira taça de champanhe e já consigo me sentir mais leve do que quando cheguei aqui. Consigo rir das piadas sem graças de Nicholas e até conversei um pouco com o pintor amigo de Nicholas: Sebastian Hilton. Alto, ruivo e muito simpático. Conversamos sobre suas pinturas e acabei falando para ele sobre minha paixão por fotografia e que estava pensando em abrir uma galeria para mim. Nicholas se manteve calado ao nosso lado, enquanto Sebastian pareceu fascinado com minha ideia.

Quando Sebastian nos deixa para ir cumprimentar alguns amigos, sorrio para Nicholas e o agradeço por ter me trazido.

— Estava precisando me distrair. — tomo o resto da minha bebida.

— Eu sabia que você ia gostar — diz com um sorriso sedutor, buscando minha mão.

Mordo meu lábio e sorrio erguendo minha taça vazia.

— Preciso de mais champanhe.

Nicholas olha em volta e faz um gesto para um jovem que se aproxima.

Ele pega minha taça, trocando-a por uma abastecida.

— Por que não aproveitamos que você está se divertindo e vamos para
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

outro lugar? — pergunta-me ele, chegando mais perto de mim.

Abro a boca para falar, mas nesse momento meu olhar cruza com os olhos azuis que pensei que nunca mais fosse vê-los.

Sinto meu corpo congelar no lugar. Eu devo estar bêbada! Isso explica por que estou tendo alucinações.

— O que você diz? — pergunta Nicholas ao meu lado, me puxando para perto do seu corpo.

— Andrew? — Minha voz é um murmuro confuso. Afasto-me apressadamente de Nicholas, que me lança um olhar confuso.

— O quê? — questiona-me sem entender.

Continuo presa aos hipnóticos olhos azuis sentindo-me tonta e perdida. Nicholas segue meu olhar.

— Tá de brincadeira? O que esse peão está fazendo aqui? — ele rosna baixo, colocando seu braço em torno da minha cintura.

Suas palavras são como um balde de água fria, trazendo-me de volta a realidade. Olho para Nicholas e novamente para Andrew, que está parado em meio às pessoas, vestindo o terno preto que eu havia comprado para ele usar na inauguração do haras, lançando um olhar mortal para Nicholas.

— Oh, meu Deus! — exclamo, afastando-me de Nicholas. Entrego-lhe minha taça e caminho em direção a Andrew, ignorando a voz de Nicholas me chamando e os olhares curiosos das pessoas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sinto que meu coração pode saltar do meu peito a qualquer momento à medida que me aproximo de Andrew. Minha respiração está pesada e meu corpo parece que vai desmoronar a qualquer momento.

— O que faz aqui? — pergunto com a voz baixa, parando à sua frente.

Andrew lança um olha furioso na direção de Nicholas antes de voltar-se para mim.

Meu coração perde uma batida quando seus olhos fitam os meus. Sinto que posso chorar a qualquer momento. Parte de mim quer abraçá-lo e dizer o quanto estava com saudades, mas me mantenho firme.

Há manchas roxas em torno dos seus olhos e ele parece cansado e abatido, sem falar que está mais magro. Seu cabelo está mais longo e penteado para trás.

Há um misto de dor, tristeza, raiva e alegria em seu olhar e isso me deixa ainda mais destruída.

— O que faz aqui? — pergunto novamente, com a voz mais triste do que planejava.

Ele respira fundo.

— Preciso falar com você — responde com a voz rouca, despertando todas as emoções que queria enterrar para sempre. — Por favor — ele suplica tristemente, antes que eu tenha a chance de recusar.

Faço que sim com a cabeça e o sigo para fora da galeria. Sei que deveria lhe mandar embora sem lhe dar a chance de falar, no entanto, não consigo fazer isso. Não depois de passar tantos dias longe dele sem fitar seus olhos, sem ouvir sua voz, sem tocar sua pele.

Deus! Como eu senti saudades dele!

Caminhamos para longe, para um canto um pouco iluminado e deserto, mantendo uma distância física razoável.

Sinto-me tão sóbria, que me amaldiçoo mentalmente por não ter trazido minha bebida.

A tensão entre nós dois é tão grande que tenho a sensação que posso tocá-la.

Quando paramos, sinto como se todo o ar estivesse fugindo dos meus pulmões. Meu coração bate descompassado e mal consigo controlar o desejo de tocá-lo.

— Andrew... — digo com a voz arrastada no momento em que ele volta-se na minha direção, segurando meu rosto e esmagando sua boca na minha.

É como se o todo o peso que venho carregando desde que o deixei estivesse sendo tirado de mim. Como se minha vida estivesse sendo devolvida para o meu corpo.

Parte de mim sabe que isso é errado. Que não deveria estar beijando-o de volta, mas a sensação do seu toque em minha pele, de sua boca na minha, é

como o paraíso.

Agarro-me a ele com força, correspondendo o beijo com a mesma intensidade. Meu coração dói e as lágrimas rolam por minha face, desaparecendo em nossas bocas.

— Allie... — ele diz com a voz carregada de dor. — Como eu senti saudades. — Com as mãos ainda em meu rosto, ele afasta-se de mim o suficiente para me olhar nos olhos. Um pequeno soluço escapa de sua garganta e um sentimento avassalador de tristeza e alívio, toma conta de mim. — Deus! — exclama entre lágrimas, voltando a me beijar com urgência.

Coloco minhas mãos espalhadas em seu peito e relutantemente o empurro para longe.

Seus olhos molhados e confusos buscam os meus.

Respirando com dificuldade, passo as mãos em meu cabelo, enquanto minha cabeça parece dar mil voltas.

— Allie... — Ele dá um passo em minha direção.

— Não! — peço entre lágrimas, dando um passo para trás. — Não, Andrew.

Andrew passa as mãos em seu cabelo, deixando-os desgrehados.

— Por que não? Por causa do engomadinho que está te esperando? — questiona-me com fúria. — Estão juntos agora?

— Não se trata dele! — respondo entredentes. — Não que seja da sua conta, mas eu não estou com ele.

Andrew respira com dificuldade e posso vê-lo travando uma batalha interna consigo mesmo.

— Eu poderia entrar naquela porra e matar aquele filho da puta! — grita, fechando suas mãos em punhos. — Ele estava com a mão imunda em cima de você e você estava gostando! — rosna furioso.

Dou um passo em sua direção, o empurrando com força.

— Você não tem o direito de falar assim comigo! Já esqueceu o que me fez? Eu não tenho nada com você! Para de ser estúpido! — grito, o empurrando novamente.

Andrew desvia o olhar por um segundo e quando volta para mim novamente, posso ver a dor estampada em sua face.

— Não faz isso! Pelo amor de Deus! A minha vida tem sido um verdadeiro inferno desde que você foi embora — diz desesperado. As lágrimas rolam por sua face e tenho que usar toda a minha força para não voltar para seus braços. — Eu não sei o que eu faço, Allie. Sei que errei, que fui um idiota... Mas eu te amo! Te amo de verdade, Allie. Isso nunca foi mentira.

Faço que não com a cabeça.

— Por favor, pare! Eu não quero ouvir! — grito, levando minhas mãos

aos meus ouvidos. — Você já tem tudo o que queria. Já tem todo o dinheiro. Por que vir até aqui para me torturar ainda mais? — Cubro meu rosto com as mãos e tento controlar minha respiração. — Não é o suficiente tudo o que me fez? — Deixo minhas mãos caírem ao lado do meu corpo e o encaro com fúria. — Você me usou, Andrew! Enganou-me! Fez-me acreditar que me amava e que teríamos um futuro, enquanto fazia planos para me destruir em minhas costas. — Um soluço escapa da minha garganta. — Você sabia que o Anthony não era meu pai e escondeu de mim. Queria usar isso contra mim, apenas para que eu abrisse mão do dinheiro. Todo esse tempo, você esteve comigo somente pelo maldito dinheiro.

Seu olhar chocado faz com que uma risada escape dos meus lábios.

— Chega de encenação, Scott. Eu não caio mais nas suas mentiras...

— Está enganada, Allie. Nunca me aproximei de você pelo dinheiro. Eu me apaixonei por você. Eu amei... Eu amo você de verdade. O dinheiro nunca me importou. Tudo o que eu queria era fazer você desistir do plano de vender a fazenda. Sei que deveria ter te falado do seu pai, mas...

— Cale a sua maldita boca! — grito, dando um passo em sua direção e o empurrando. — Não quero mais ouvir nenhuma palavra que saia de sua boca. Eu sei o que vi e ouvi naquela noite. Eu vi você e a Hanna... O beijo... — Mordo o lábio, na tentativa de fazê-lo parar de tremer. — Você me destruiu... Acabou comigo de todas as formas que possa imaginar.

Andrew respira fundo, levando suas mãos à cabeça.

— Allie, eu sinto muito! — exclama com a voz trêmula. — Eu nunca quis

te magoar, eu juro!

— Vá embora, Andrew. Volta para casa. Para a Hanna. — A última frase deixa um gosto amargo em minha boca.

— Lá não é minha casa se você não estiver comigo — diz entre lágrimas.

Seu olhar perdido me faz lembrar da primeira vez que ele me levou à cabana de seus pais.

Ele baixa suas mãos, retirando algo do bolso do seu paletó.

Meu coração se desmorona quando ele ergue a pequena aliança na minha frente.

— Venha para casa comigo. Vamos resolver as coisas. Tudo o que vivemos foi real, amor... Deixa-me te provar isso. Por favor, Allie!

Engulo em seco, sentindo minha respiração trêmula e ofegante.

Seus olhos presos aos meus esperam desesperadamente por uma resposta, que eu não consigo lhe dar.

Balanço minha cabeça em negação, dou-lhe as costas e vou embora, porque Deus sabe o quanto está sendo doloroso estar tão próxima dele.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Nunca pensei que as coisas pudessem piorar! Depois da visita inesperada de Andrew na sexta-feira, vi todo o meu mundo desmoronar novamente. A pequena barreira que havia construído nas semanas que passei longe dele, fora destruída no segundo seguinte que meus olhos cruzaram com os seus.

Posso dizer que me sinto dez vezes pior agora do que quando voltei para Nova York.

Agora, não só minha alma está doente, como também o meu corpo frágil. Não consigo ingerir nada, sem colocar para fora em seguida.

Não tenho dormido e não tenho ânimo para levantar da cama.

Recebi a visita do Dr. Fill há três dias e, para minha surpresa, Andrew havia passado toda a herança novamente para o meu nome, renunciando tudo o que meu pai havia lhe deixado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Tentei descobrir o porquê de ele ter feito isso, porém o advogado me disse que Andrew não havia lhe dito o motivo, apenas havia lhe pedido que me dissesse pessoalmente e que me entregasse uma carta escrita por ele.

Antes de ir embora, o Dr. Fill me fez prometer que eu a leria.

Sua visita me deixou destruída e ainda mais confusa. Não consegui ler a carta. Já peguei a mesma para ler um milhão de vezes na última hora, mas apenas em pensar no que pode conter nela, me deixa com ânsia de vômito.

Não tive mais contato com Nicholas depois daquela noite. Ele havia me ligado diversas vezes, mas fiz questão de recusar todas as suas chamadas e excluir suas mensagens, sem ao menos ouvi-lo.

Quando voltei para casa naquela noite, descobri que Melissa havia ajudado Andrew a me encontrar. Eles agiram juntos pelas minhas costas desde o início.

A venho evitando há dias e se eu não estivesse tão mal, já teria saído de seu apartamento.

Sinto que todos à minha volta estão conspirando contra mim e nunca me senti tão sozinha e desamparada como agora.

Continuo fitando o envelope em minhas mãos, enquanto as lágrimas involuntárias rolam por minha face.

Não sei o que fazer! Não sei o que pensar ou como agir. Tudo o que queria desesperadamente era que essa dor insuportável saísse do meu peito.

Uma batida leve na porta me traz de volta. Coloco a carta ao meu lado e cruzo as pernas sobre a cama.

A porta se abre e Melissa coloca sua cabeça para dentro.

— Oi — ela diz insegura.

Limpo minhas lágrimas com as costas das mãos, mas nada digo. Apenas baixo o olhar, enquanto a tristeza me consome.

Ouçó seus passos se aproximarem de mim.

Melissa se agacha em minha frente, colocando uma de suas mãos sobre minha perna.

— Desculpa, amiga! Sei que não devia ter ajudado o Andrew sem falar com você... Mas ele estava tão desesperado e você tão triste que...

Antes que ela termine a frase, jogo meus braços em torno do seu pescoço e a abraço fortemente, enquanto as lágrimas e os soluços me invadem.

— Eu não sei o que fazer! — digo com a voz entrecortada.

— Eu sei. Eu sei... — diz docemente, apertando-me ainda com mais força.
— Mas você precisa tentar colocar sua cabeça no lugar. Não pode continuar trancada nesse quarto ignorando tudo o que está acontecendo.

Ela se afasta de mim, buscando meus olhos.

Melissa ergue sua mão, enxugando uma lágrima da minha face.

— Você sabe do que estou falando, não é? — ela pergunta, voltando seu olhar para meu ventre. — Notei que você anda enjoada com tudo. Até com o meu perfume francês que você tanto adora.

Estremeço diante de suas palavras, no entanto, tenho que concordar com ela.

— Eu estou doente — tento manter a voz firme. Tentando convencer não a minha amiga, mas a mim mesma que tudo o que venho sentindo é por causa do grande estresse que venho sofrendo.

Mel ergue seus olhos para mim e me dá um sorriso caloroso.

— Você não pode fingir que não há possibilidades de estar grávida. — Ela usa as palavras com cuidado. — Te conheço há tanto tempo, Allie... Sei que você é a pessoa mais regular que conheço. Sua menstruação nunca atrasa e... já faz quatro semanas que chegamos e até agora você não se queixou de cólicas ou TPM.

Mais uma vez, suas palavras fazem meu corpo estremecer e só de pensar que ela pode estar certa, sinto meu estômago revirar.

Ergo-me da cama o mais rápido que consigo e saio do quarto em direção ao banheiro no fim do corredor.

Me curvo no sanitário enquanto meu corpo começa a convulsionar e eu coloco para fora algo que eu nem recordava que tinha comido.

Respiro fundo e sento-me no chão frio, abraçando minhas pernas em

frente ao peito.

Melissa, que até então não tinha percebido sua presença, senta-se ao meu lado, estendendo uma caixinha em minha direção.

Olho assustada para ela e para o teste de gravidez que ela segura, sentindo meus lábios tremerem.

— Eu não posso fazer isso! — digo com a voz baixa. — E se der positivo? Eu... Eu não posso. — Sinto o desespero tomar conta de mim. Ergo-me do chão, lavo meu rosto e escovo os dentes, ignorando os olhos insistentes de Melissa presos a minha nuca.

— Você não pode ignorar isso para sempre, Allison! Você precisa fazer esse teste.

Apesar de suave, sua voz carrega uma autoridade que me faz parar.

Giro meu corpo, ficando de frente para ela.

— Seja qual for o resultado, eu vou estar do seu lado.

Ela ergue a caixinha novamente em minha direção e, dessa vez, eu a seguro com força, pedindo a Deus que Melissa esteja errada.



Querida Allie,

Se você está lendo esta carta é porque minha tentativa de te convencer que nunca quis te magoar, não deu certo.

Se você está lendo essa carta é porque o que eu mais temia aconteceu: tudo de fato acabou.

Nunca planejei as coisas que aconteceram entre nós.

Quando você chegou à fazenda, eu estava disposto a te odiar e fazer da sua vida um inferno. Posso um dia ter tido o pensamento de te magoar e humilhar, mas não era por causa do dinheiro.

Toda minha raiva estava concentrada na pessoa que eu pensei que você era. A garota mimada e imatura que tanto fez o meu padrinho sofrer. A garota arrogante que chegou à fazenda com aquelas roupas caras e os enormes saltos. A garota que gritou em minha cara que não se importava com o pai e sua fazenda. A garota que só pensava em si.

Nunca pensei em magoar a pessoa que de fato você é.

A garota doce, verdadeira, humilde e que me conquistou com o seu grande coração. A garota que chora ao ler um livro, ao ouvir uma música e em falar do homem que tanto a amou.

Jamais pensei em magoar o doce anjo que me apaixonei. Que me fazia feliz e realizado com esse sorriso.

Naquela noite que você me viu conversando com a Hanna, eu estava dizendo a ela o quanto amava você. Estava desesperado, implorando que ela fosse embora, que me deixasse viver a escolha que fiz. Mas ela estava furiosa. Eu nunca a vi tão fora de si.

Não sei o que você ouviu ou viu... mas eu gostaria de poder te mostrar cada segundo daquela conversa. Eu estava exausto com suas palavras repetidas. Com suas insistências infantis e quando ela me beijou... eu a empurrei para longe. Não sabia por que ela estava agindo daquela forma, mas, naquele momento, soube que não podia mais manter nenhum contato com ela.

Saí à sua procura, mas não a encontrei em lugar algum, foi quando vi o Max e ele me disse que você tinha ido me procurar...

Naquele momento, eu soube dentro do meu coração que você tinha visto aquela cena.

Fiquei tão desesperado!

Voltei para a fazenda à sua procura. Eu precisava te explicar o que tinha acontecido. Eu precisava te falar que eu amava você... Mas você não estava mais lá.

Foi nesse momento que vi minha vida desmoronar diante dos meus olhos, porque sabia que havia perdido a única coisa boa que existia na minha vida.

Sentia-me perdido e sem saber o que fazer, então saí de casa com o intuito de te procurar. Você não podia ter ido muito longe.

Quando estava cruzando a sala, encontrei-me com Hanna e ela me falou da conversa que tiveram.

Sei o que ela disse. A forma que ela usou as palavras para te envenenar contra mim.

Sim, Allie, eu sabia a respeito do Max. Sabia muito antes da morte do meu padrinho, mas usar isso contra você nunca me passou pela cabeça, porque sabia da importância que você tinha para o seu pai e jamais jogaria em cima de você um segredo dele.

Eu sei que você pensa que eu compartilhei isso com a Hanna, mas não foi bem assim. Assim como eu, ela ouviu a conversa do Anthony com a Nana.

Eu a fiz prometer que ela jamais diria isso a alguém.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Eu era cego de amores por ela e nunca imaginei que um dia ela jogaria tão baixo.

Eu sinto muito, Allie. Sinto muito por não tê-la contado.

Eu sempre quis te proteger dessa verdade, com medo que você se magoasse e... acabei te magoando por escondê-la de você.

Sei que você não acredita em mim a ponto de me perdoar, entretanto... me vejo no dever de pedir a você que me perdoe.

Tudo o que vivemos foi real.

Tudo o que vivemos foi verdadeiro.

E eu daria tudo o que tenho para poder resgatar você novamente para minha vida, pois os dias estão sendo muito tristes sem você.

Sinto como se... a vida tivesse perdido seu brilho. Como se uma nuvem negra persistisse em me acompanhar onde quer que eu vá.

As noites são longas e não há nada que me faça esquecer o quanto sua falta está me matando. O quanto me sinto perdido sem ter você ao meu lado... Sem seu sorriso, seus olhos... Sem cada detalhe que te compõe.

Sinto falta até das coisas mais simples, como a forma que seu cabelo bagunçado cai sobre seu rosto ao acordar. Como você se espreguiça ou como sai sorrateiramente da cama para se olhar no espelho, quando pensa que estou dormindo.

Sinto tanta falta de você, meu anjo.

Daria tudo o que tenho para poder consertar os meus erros e tê-la novamente comigo.

Daria minha vida se fosse possível para ouvir, nem que fosse pela última vez, sua voz dizendo que me ama, que me perdoa e que ainda quer construir um futuro ao meu lado.

Você deve estar se perguntando por que eu abri mão da herança do padrinho... É fácil, Allie... Eu nunca quis o dinheiro. Nunca quis riqueza. Tudo o que eu queria era ter alguém que me amasse o suficiente para ser minha.

Só queria ter alguém para amar e cuidar.

E eu tive... Mesmo que tenha sido por pouco tempo, eu tive... Só fui idiota o suficiente para deixá-la partir.

Só queria que, quando você lesse esta carta, você visse que ainda há esperança para nós.

Mas se não for assim, sairei da sua vida como me pediu e espero que seja feliz com quem quer que escolha para estar ao seu lado.

Você será sempre a única mulher que vou amar.

Com amor e eternamente seu,

Andrew Scott

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Abraço a carta contra o peito e me permito chorar pela última vez, antes de tomar a decisão que pode mudar minha vida para sempre.

Só espero que não seja tarde demais.



Trinta e Três

— Ele não atende, Mel! — digo sentindo-me desesperada, quando tento pela décima vez ligar para Andrew e vai direto para a caixa de mensagem.

— Você disse que ele não gosta de celular, talvez... ele tenha saído e esquecido o celular em casa. Ou está sem bateria. Tenta ligar para o fixo — ela diz, tentando permanecer calma.

Respiro fundo, tentando controlar minhas emoções.

Não posso entrar em pânico agora. Tenho que falar com Andrew. Eu preciso ouvir sua voz. Preciso lhe dizer que ainda podemos salvar o nosso amor.

Deus! Permita que ele me atenda.

Disco o número da fazenda, rezando para que seja ele quem atenda, mas

para minha tristeza, não é a sua voz que eu ouço.

— *Alô.*

Fecho os olhos com força ao ouvir a doce voz de Nana.

— Oi, Nana — digo com a voz baixa, tentando controlar as lágrimas.

Há um breve silêncio do outro lado da linha, antes de ouvir um suspiro alto.

— *Allie! Oh, Deus! É você mesmo, filha?* — Sua voz sai apressada e posso sentir a surpresa em cada uma de suas palavras.

— Sim — digo com um pequeno sorriso.

— *Oh, Allie! Eu... Deus! Eu sinto muito por tudo o que aconteceu, filha. Eu juro que não sabia de nada.*

— Está tudo bem, Nana. Não se preocupe com isso agora.

— *Como não me preocupar? Você foi embora sem dizer adeus. Abriu mão de tudo que era seu. Viu sua vida se destruir diante dos seus olhos e acreditou que o homem que amava estava te enganando. Tudo por causa dos caprichos da minha filha, que não soube aceitar que o Andrew não a amava mais.* — Nana funga e eu posso imaginá-la enxugando suas lágrimas com o avental de vaquinha que eu lhe dera. — *Não consigo acreditar que a Hanna fez isso... Destruiu duas vidas... Você não imagina como me dói saber que ela causou tanto mal a vocês dois.*

Respiro fundo, sentindo meu coração doer em meu peito.

Por mais que ela tenha razão, me dói saber que Nana está sofrendo por algo que a filha fez.

— Nana, você é uma das pessoas mais doces e amáveis que eu conheci. Você e o Dimitri não têm culpa pela Hanna ser do jeito que é. Por ela ter feito o que fez — digo docemente, enquanto a ouço chorar do outro lado da linha. — Você é uma mãe maravilhosa. Eu daria tudo para ter nascido sua filha.

— *Só queria que você pudesse ser feliz, Allie... Depois de tudo o que você passou... Você merecia isso e o Andrew também...* — Ela respira fundo. — *Ele estava tão feliz por estar com você e com o noivado. Eu não conseguia recordar a última vez que o vi sorrindo daquela forma... Mas quando você foi embora... Era como se ele tivesse perdido o gosto pela vida. Andrew não comia, não dormia, não ia trabalhar e quando saía, chegava bêbado... Ele estava tão triste... Pensei que ir a Nova York te ver, o faria ficar melhor... Mas ele chegou ainda mais destruído...*

Nana faz uma pausa e eu ouço um pequeno soluço do outro lado da linha.

Já não posso mais conter minhas lágrimas. Saber que Andrew estava sofrendo, tanto ou mais que eu, é devastador. Me dói a alma só de pensar nisso.

— Nana... Eu... sei que devia tê-lo ouvido, mas eu estava com tanta raiva que... — Respiro fundo, tentando controlar minha respiração. — Eu só preciso falar com ele... Só preciso ouvir sua voz — digo entre lágrimas.

— *Oh! Você não sabe?* — pergunta-me surpresa.

Sinto o mundo girar sob meus pés, começando a entrar em pânico, com a possibilidade que algo de mal tenha acontecido com ele. Se algo lhe aconteceu, eu nunca vou me perdoar.

— Não — respondo com a voz vacilante, enquanto aperto firme o telefone contra meu ouvido.

— *Andrew foi embora, Allie. Ele se foi.*

E a única coisa que eu lembro depois de suas palavras e tudo escurecer foi de ouvir a voz de Mel chamando meu nome.



Andrew foi embora para Durham, na Carolina do Norte. Segundo Nana, ele conhecia um fazendeiro que era amigo do meu pai. Depois que ele chegou de Nova York, Andrew ligou para Daniel e ele de imediato lhe contratou como veterinário da sua fazenda.

Andrew foi embora há uma semana.

— Acabou! — digo entre lágrimas, abraçando os joelhos em frente ao corpo.

— Você precisa se alimentar — diz Mel, me estendendo um sanduíche de frango e alface. — Não pode ficar desmaiando por aí, Allie! — repreende-

me, ignorando tudo o que falei, desde que acordei do meu breve desmaio.

A encaro furiosamente.

— Você ouviu o que eu te disse? — questiono-a furiosa. — Andrew foi embora! — grito. — Ele foi embora, Mel!

Melissa respira fundo, sentando-se ao meu lado.

— Sim, eu ouvi... E é por isso que, enquanto você estava aí chorando, eu liguei para o Dean, pedindo que te acompanhasse até Durham — ela diz as palavras pausadamente, enquanto toma uma de minhas mãos nas suas. — Ele vai entrar no próximo avião para cá, então é bom arrumarmos logo suas coisas. Já comprei duas passagens, porque não quero que você vá sozinha e como eu não posso ir com você, pedi ao seu irmão que te acompanhasse.

Ela fita meus olhos com um lindo sorriso. Sinto as lágrimas voltarem com tudo, mas, dessa vez, de gratidão por tudo o que Mel vem fazendo por mim.

— Obrigada — agradeço com a voz carregada de emoção e a abraço em seguida.

— Agora, vê se come algo porque não quero que você desmaie aos pés do peão, antes de dizer o quanto o ama — Melissa diz, me empurrando o sanduíche.

Sorrio entre lágrimas e, dessa vez, aceito o meu lanche e o como sem protestar.



Nunca desejei tanto que o tempo passasse mais rápido como estou desejando agora.

A espera por Dean fora interminável. As horas que gastei andando de um lado para o outro no apartamento, esperando Mel chegar em casa com meu irmão pareciam não ter fim.

Tudo o que eu queria era poder voltar para o aeroporto e embarcar de vez para Durham.

Meu coração não consegue sossegar. A cada segundo a ansiedade me deixa ainda mais agitada.

Meus pensamentos estão embaralhados e não consigo pensar no que devo dizer a Andrew.

Não consegui dormir. Estou exausta e o voo de mais de quatro horas não me ajudou a relaxar.

Tudo o que quero é poder chegar logo à fazenda. Tudo o que quero é poder ver Andrew e lhe dizer o quanto eu estava errada. Dizer que eu o amo e preciso dele em minha vida.

Dean manteve-se calado boa parte do voo. Talvez estivesse vendo meu nervosismo e preferiu me deixar na minha. Uma parte de mim agradece por isso, porém a outra não quer ficar remoendo tudo o que preciso falar para

Andrew. A parte medrosa, não quer ficar pensando nas inúmeras possibilidades dele me rejeitar e me mandar embora.

— Você está com medo? — A voz de Dean me desperta do devaneio. Volto meu olhar para ele e faço que sim com a cabeça, sentindo um nó se formar em minha garganta.

— E se ele não quiser me ouvir? Se... Se não me quiser de volta?

Dean me dá um pequeno sorriso, tomando minha mão na sua.

— Ele não faria isso. Andrew te ama demais para deixar você escapar.

— Mas eu o amava e o deixei escapar do mesmo jeito. Não o ouvi e fui embora, deixando-o em uma cidade desconhecida, sem nem lhe dar o benefício da dúvida — digo aflita.

— Você tinha seus motivos, Allie. O Andrew sabe disto.

Mordo o lábio e volto meu olhar para a janela, no mesmo instante que ouço a voz de uma aeromoça avisando que vamos pousar.

— Vai dar tudo certo, irmã — Dean diz, docemente, apertando minha mão na sua.

Sorrio tristemente e fecho os olhos.

— Espero que você esteja certo — digo baixinho, mais para mim mesma do que para ele.



Dean dirige a caminhonete alugada pela estrada de terra, que nos leva a fazenda de Daniel.

Por sorte, Andrew havia deixado o endereço com Dean para ele lhe enviar algumas de suas coisas que havia deixado na fazenda.

Estou tão ansiosa e aflita que sinto que a qualquer momento vou colocar o lanche que fiz no avião para fora.

Já roí todas as minhas unhas e sinto que até chegarmos ao nosso destino serei capaz de roer até as pontas dos meus dedos.

Sinto o olhar de Dean sobre mim o tempo todo, mas não quero conversar. Não consigo pensar em nada coerente para lhe dizer no momento.

Respiro fundo e me remexo no banco de couro, pela milésima vez desde que entrei no carro.

Já devíamos ter chegado à fazenda! Nunca vi caminho tão longo em toda a minha vida.

Espero que consiga encontrar Andrew. Espero que ele esteja lá.

Deus!

Passo minhas mãos por meu cabelo e tento manter o foco.

Meus pensamentos estão conturbados e acelerados.

— Allie, você precisa ficar calma! — diz Dean com a voz calma.

— Eu não consigo — falo com a voz entrecortada. — Eu estraguei tudo, Dean! E se ele não quiser me ver? Se já tiver me esquecido? — digo apressada, quase perdendo o fôlego. — Não sei o que farei, caso o Andrew não me perdoar. — Tomo fôlego e deixo que o ar invada meus pulmões. Meu peito dói por antecipação com o medo de tudo dar errado. — Não sei se vou suportar perdê-lo novamente. — digo num fio de voz, enquanto as lágrimas queimam em meus olhos.

Dean para o carro e coloca uma mão em meu ombro.

— Allie, sei que nada do que eu disser agora vai te ajudar a se acalmar, mas... eu vi o Andrew! Vi como ele estava depois que você partiu. Sei que dizer que o fato de você ter ido embora o destruiu, não vai te ajudar em nada, mas... foi exatamente isso que aconteceu. — Volto meu olhar para Dean. Seus olhos me estudam como se estivesse travando uma luta interna consigo mesmo sobre continuar ou não sua conversa. — Eu o aconselhei a ir à Nova York — ele revela, pegando-me de surpresa. — Não aguentava mais vê-lo bebendo todos os dias e agindo como se a vida tivesse acabado. Eu juro que pensei que era a solução para tudo. A Mel me deixava informado sobre como você estava e... pelo que ela dizia, não estava melhor que ele. — Ele faz uma pausa, tomando minha mão na sua. — Eu só queria o melhor para você, mas... nada saiu como planejamos. E o Andrew voltou ainda pior do que foi. Tudo havia acabado, principalmente a esperança dele de te ter de volta. — Dean respira fundo e sorri. — Ir embora não foi a escolha certa para nenhum dos dois. Mas, assim como você, ele também não conseguia ficar em um

lugar que lembrava tanto você e o que ele perdeu.

— Eu só estava magoada... — digo entre lágrimas, sentindo meu peito ainda mais apertado, por saber de tudo o que Andrew passou sem mim. — Nunca quis que ele sofresse.

— Eu sei e ele também sabe — diz com convicção, olhando dentro dos meus olhos. — É por isso, minha irmã, que te digo que tudo vai dar certo. O Andrew ama você e te ter de volta é tudo o que ele mais quer nessa vida.

Um pequeno soluço escapa dos meus lábios.

— Me promete que tudo vai ficar bem? — Minha voz sai arrastada e entrecortada.

Dean sorri e enxuga minhas lágrimas.

— Eu prometo, Allie, que tudo vai ficar bem, nem que para isso eu tenha que dar uma surra naquele peão e o levar amarrado de volta para Maryville.



Quando Dean, enfim, estaciona em frente a grande fazenda, sinto como se meu coração fosse soltar para fora do peito a qualquer momento.

— Quer esperar no carro enquanto eu vou até a casa? — pergunta Dean, enquanto retira o cinto.

Faço que não com a cabeça, já saltando do carro.

Vejo Dean sorrir e resmungar algo que não ouço direito e o sigo enquanto caminhamos por uma pequena ponte que nos leva até a entrada da casa.

O lugar é simplesmente perfeito. Nunca havia visitado a Carolina do Norte, mas já havia ouvido falar do paraíso que é. Se não estivesse tão ansiosa para ver Andrew, com certeza iria prestar mais atenção nesse lugar.

Quando estamos subindo o lance de escada, a porta da frente é aberta e

uma jovem sai.

Ela está usando calça jeans apertada, moldando suas curvas bem feitas e camiseta branca. Seu cabelo castanho-claro está solto e sobre sua cabeça há um chapéu bege.

Ela nos olha um tanto surpresa e sorri, exibindo dentes brancos perfeitos.

— Olá! — ela diz, caminhando em nossa direção. — Em que posso ajudá-los.

Eu e Dean nos entreolhamos, como se estivéssemos indecisos de quem falar primeiro. Por sorte, Dean sorri, subindo o último degrau e estendendo sua mão na direção da jovem.

— Oi, meu nome é Dean e essa é a minha irmã Allie. Somos de Maryville e viemos aqui para ver o Andrew.

A jovem me lança um olhar direto e demorado, olhando-me de cima a baixo, antes de voltar-se para Dean e apertar sua mão.

— Meu nome é Suzy Anderson. Sou a filha do Daniel. É um prazer tê-los aqui. — Ela sorri, voltando seu olhar para mim. — Suponho que você é a filha do Anthony? — ela pergunta sem quebrar o contato visual.

— Sim — respondo insegura, subindo o último degrau. — Allison Thomas.

Damos um rápido aperto de mãos e me pergunto como ela sabe quem eu sou. Será que ela e Andrew conversaram sobre mim? Ou pior, será que ela e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

o Andrew estão saindo?

Deus! Espero que não!

Esse simples pensamento me deixa enjoada.

— Não sabia que o Anthony tinha outro filho — ela diz, voltando seu olhar para Dean, que parece desconfortável com seu comentário.

— Na verdade, é uma longa história, que não sei se tenho tempo para contar agora — digo de imediato ficando ao lado de Dean. — Preciso ver o Andrew, agora — peço firme, sentindo a coragem brotar em meu peito.

Suzy olha para o local de onde saiu e depois para a paisagem à sua frente.

— Claro! — Volta sua atenção para mim. — Podem entrar e esperar, enquanto eu vou chamá-lo. — A forma como ela usa as palavras, não me deixa segura de que de fato ela o chamará.

— Eu prefiro ir procurar por ele, se não for incômodo — falo, tentando não parecer uma maluca desesperada.

Suzy olha de mim para Dean e força um sorriso.

— Tudo bem, não é um incômodo. Ele está no celeiro, cuidando de uma égua que machucou a pata — ela informa com um falso sorriso. — Pode seguir por essa estrada, fica por trás da fazenda. — Ela me mostra o caminho a seguir e eu não espero que ela me diga mais nada, antes de sair quase correndo pela estradinha que me mostrou.

— Não quer que eu vá junto? — Ouço Dean gritar.

— Não! — grito de volta, sem ao menos olhar para trás.

Quando consigo chegar ao caminho por trás da casa, consigo ver o celeiro ao longe.

Obrigo meus pés preguiçosos a correrem o mais rápido possível. A essa altura do campeonato, não me importo de parecer uma louca correndo no meio do campo. Tudo o que quero é poder me encontrar com o Andrew e lhe pedir que volte para casa comigo.

Meu coração bate forte contra meu peito e minha respiração se torna pesada.

Sempre fui péssima com exercícios físicos, isso explica o meu corpo ocioso e indisposto.

Sinto minhas pernas fraquejarem e tropeço no meu próprio pé, quase indo ao chão.

Paro abruptamente falta pouco para chegar ao meu destino.

Curvo meu corpo, colocando as mãos nos joelhos e tento puxar o ar para meus pulmões.

Preciso me recompor! Preciso me acalmar e, acima de tudo, preciso respirar, antes que eu desmaie.

— Vamos lá, garotão, deixa a Valente descansar agora.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ouço alguém falar, fazendo todo o meu corpo congelar no lugar.

Ouço latidos alegres e a risada do qual senti tanta falta.

Sinto meu coração doer de alívio e saudade.

Ergo meus olhos no momento que Andrew sai do celeiro, seguido por um lindo labrador bege, que insiste em segurar a perna da calça de Andrew, talvez na tentativa de fazê-lo parar.

Andrew ri, agachando-se na frente do seu novo amigo e afaga seus pelos sedosos.

— Eu sei que você quer ficar com ela, mas a Valente está machucada e precisa descansar para ficar boa logo — ele diz com a voz doce, enquanto o cachorro apenas late, colocando sua língua para fora.

Engulo em seco, tentando encontrar forças para caminhar até ele, mas sinto que minhas pernas não conseguem sair do lugar.

Parte de mim quer somente continuar aqui, parada, admirando cada pedacinho do homem que tem meu coração.

Vê-lo, mesmo que de longe, faz com que um pouco da dor que venho carregando vá embora.

O cachorro late, olhando em minha direção.

— O que foi, Spike? — Andrew pergunta, erguendo-se do chão, no momento em que o animal sai correndo em minha direção.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Prendo a respiração e fecho os olhos me preparando para o pior, no entanto o novo amigo de Andrew apenas pula em mim e tenta desesperadamente lamber o meu rosto.

Uma risada nervosa escapa da minha boca, enquanto tento saber o que devo fazer com o dócil Spike, que me enche de carinho. Por fim, acabo afagando seus pelos e dizendo um oi desajeitado.

— Allie?

A voz rouca de Andrew me traz de volta à realidade. Ouvi-lo dizer meu nome depois de tantos dias me faz querer chorar.

Spike late e volta correndo para o lado de Andrew, que continua petrificado no lugar, olhando-me como se estivesse vendo uma miragem.

Olhando-o assim, consigo ver, mesmo que estejamos um pouco distantes um do outro, o quanto ele está magro e abatido.

Sinto as lágrimas arderem em meus olhos e tento caminhar até ele.

Minhas pernas parecem estar pesando mil toneladas cada, mas as obrigo a dar um passo por vez, até que estou a apenas dois passos de Andrew.

De perto, consigo ver as grandes marcas roxas em torno dos seus olhos, denunciando as noites maldormidas. Sua barba está muito maior do que eu já vira antes. Mesmo assim, ele continua lindo e mal consigo conter o grande desejo de tê-lo em meus braços.

— Oi... — digo com a voz quase inaudível.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Um sorriso se forma em seus lábios à medida que as lágrimas rolam por sua face.

— Se isso for mais um sonho, juro por Deus que vou ficar muito puto — ele diz com a voz embargada de emoção.

Sorrio, sentindo as lágrimas molharem minha face.

— Não é — digo entre lágrimas e antes que eu possa dizer mais alguma coisa, Andrew preenche o pequeno espaço entre nós dois e me silencia com um beijo.

Suas mãos estão em minha face e seus lábios me beijam com urgência, enquanto mal consigo conter minhas próprias mãos.

Quero tocá-lo, abraçá-lo e fazer tudo isso ao mesmo tempo é impossível, então apenas seguro firme a frente de sua camisa, o puxando ainda mais para mim.

Meu coração bate forte contra meu peito com uma alegria inexplicável.

Sinto como se depois de todos esses dias, hoje consigo enfim respirar.

Sinto que minha vida foi entregue novamente para mim e que estou de novo em casa.

— Oh, Deus! Isso é mesmo real! — ele diz, afastando-se para me olhar nos olhos. — Pensei que isso nunca fosse acontecer.

Respiro fundo, erguendo uma mão e tocando sua face.

— Sinto muito que tenha te feito passar por isso — tento conter o tremor em minha voz. — Eu devia ter te ouvido quando foi para Nova York, mas estava tão magoada... — Um pequeno soluço escapa. Respiro fundo novamente, sentindo um nó em minha garganta. — Tenho tanta coisa a dizer, mas parece que nada no momento pode expressar o quanto eu sinto muito por tudo e o quanto eu sofri sem você. Como meus dias foram cinzas e torturantes. Pensava que você estava feliz com minha partida... Que estava feliz com a Hanna e esse pensamento estava me matando a cada segundo. Eu só queria acordar daquele pesadelo e descobrir que ainda estava na fazenda com você, porque não era justo eu perder a única coisa boa que eu tinha. Estava tão devastada e magoada e te ver naquela noite, vestido com aquele terno e te tocar depois de semanas e ouvir sua voz, me fez ver que o tempo e o que eu achava que você tinha feito não foram suficientes para me fazer te amar menos. Ainda te amava com a mesma intensidade de antes, ainda o amo, mas isso não foi o suficiente para te ouvir... Sei que errei em colocar meu orgulho em primeiro lugar. Não sei se estaria aqui se não fosse por sua carta, carta essa que hesitei tanto em ler, por medo do que teria nela. Pude sentir a dor, o amor e a sinceridade naquelas palavras. Eu sabia que tinha que te encontrar, pois minha vida não tinha sentido sem você ao meu lado.

Andrew fecha os olhos e morde o lábio, enquanto lágrimas molham sua face.

Sua respiração se torna pesada à medida que os soluços escapam de sua garganta.

Jogo meus braços em torno do seu corpo, abraçando-o o mais forte que

posso. Tudo o que quero nesse momento é arrancar toda sua dor do peito e lhe mostrar que ainda há tempo para sermos felizes.

Seus braços estreitam-se em torno da minha cintura, mantendo-me presa contra seu corpo. A sensação que tenho é que ele tem medo que de alguma forma eu possa desaparecer como num passe de mágica.

Sua respiração quente em meu pescoço faz com que meu corpo se agite. Quando seu choro parece cessar, dando lugar a pequenos fungados e lágrimas silenciosas, afasto-me dele e seguro seu rosto com as mãos.

Seus olhos vermelhos e úmidos me olham com intensidade, fazendo meu coração dar piruetas no peito.

Fico nas pontas dos pés e beijo cada uma de suas pálpebras molhadas, a ponta de seu nariz, cada uma de sua face, seu queixo com o furinho que tanto amo e, por fim, seus lábios.

Beijo-o suavemente, sem pressa, apenas saboreando cada momento da nossa sincronia perfeita. Saboreando a forma como meu corpo reage com o toque de suas mãos ásperas na minha pele exposta da cintura.

— Eu só quero ficar com você — digo com a boca ainda na sua. — Só quero poder voltar para casa e continuar de onde paramos.

— É tudo o que mais quero nessa vida — ele diz com a voz rouca, mordendo meu lábio. — Só quero tê-la ao meu lado. Não importa se é aqui, em Nova York, na fazenda ou no fim do mundo. Contanto que eu esteja com você, pirralha, eu estarei em casa.

Sorrio emocionada por suas palavras.

— Ainda quer casar comigo? — pergunto, afastando-me o suficiente para olhá-lo nos olhos.

Andrew toca minha face, passando o polegar suavemente nos meus lábios.

— Sim. — Sorrindo docemente, Andrew arruma uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Que pena que não temos um anel agora — digo tristemente.

Andrew ergue uma sobrancelha e sorri.

— Quem disse isso? — questiona-me com humor e puxa algo de dentro de sua camisa.

Uma pequena correntinha prateada em seu pescoço, cujo pingente é a aliança que ele me pedira em casamento.

— Desde que você foi embora, não me separei dela por nenhum segundo — ele diz, enquanto leva as mãos atrás do pescoço para abrir a correntinha.
— Tê-la comigo, me ajudava a não perder a esperança de voltar a ter você comigo. — Andrew toma minha mão direita na sua e com a outra mão desliza a aliança em meu dedo anelar, sem quebrar o contato visual.

— Só quero estar ao seu lado até meu último suspiro. Quero cuidar de você e compensar todo o sofrimento que te causei. Eu te amo, Allison Thomas. Te amo como nunca amei ou sonhei um dia amar. Você é a luz para meus dias escuros e a cor para meus dias cinzas. Você deu sentido a minha
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vida. — Ele ergue minha mão até que seus lábios toquem o local onde está a aliança e deposita um beijo suave.

— Você é incrível! Não poderia ter escolhido pessoa melhor para entregar meu coração. — Sorrio e o abraço, pousando meu rosto em seu peito. Seu coração descompassado é como música ao meu ouvido. Senti tanta saudade desses pequenos detalhes. De sentir o cheiro de sua colônia no tecido de sua camisa. A forma como ele me abraça e beija o topo da minha cabeça. — Podemos ir para casa agora? — pergunto, erguendo meu rosto para olhá-lo.

Andrew sorri e beija minha testa.

— Claro que sim.

Andrew beija meus lábios suavemente, antes de se afastar e enlaçar sua mão na minha.

Minha alegria é tão imensa que mal consigo conter.

Caminhamos grudados um no outro de volta para a casa principal, pelo mesmo caminho que percorri. O sol brilha intenso e o calor parece ter triplicado, desde o momento que cheguei.

— Aqui está muito quente. — Sinto o ar fugir dos meus pulmões e minhas pernas amolecerem. Por sorte Andrew me segura antes que eu caia de bunda no chão.

— Ei, você está bem? — pergunta-me preocupado, segurando-me firme.

Puxo o ar profundamente, sentindo-me tonta, mas feliz por estar na
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

segurança dos braços do homem que amo.

— Foi só uma queda de pressão — digo com a voz fraca.

Andrew me analisa atentamente.

— Quando foi a última vez que você se alimentou, Allie?

Sorrio e reviro os olhos.

— Quando foi a última vez que você comeu, Andrew? Está muito magrinho para o meu gosto — digo, tentando fazê-lo rir, mas ele continua me encarando, esperando uma resposta. Respiro fundo. — Me alimentei no avião, amor. Tive semanas difíceis e você também. Foi só um mal-estar. Isso é normal.

Andrew sorri com ironia.

— Normal se você não se alimenta — diz seriamente.

Avalio seu rosto, sentindo meu coração se encher de alegria.

— Também é normal quando se está grávida — digo com muita calma e naturalidade.

Andrew faz que sim com a cabeça, como se estivesse considerando minha resposta, porém, quando sua ficha começa a cair, ele me olha com grandes olhos confusos.

Sua boca abre e fecha várias vezes sem nada dizer.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sorrio diante de sua reação, enquanto as lágrimas voltam a queimar em meus olhos.

Ele respira fundo e baixa os olhos para meu ventre.

— Deus! — ele murmura, voltando a me fitar. — Você está...

Faço que sim com a cabeça, pegando sua mão direita e colocando sobre minha barriga.

— Sim! Eu estou grávida — completo com a voz embargada de emoção.

Andrew sorri, emocionado.

— Allie... Você não tem ideia de como está me fazendo feliz — diz com a voz entrecortada, abaixando-se diante de mim. Ele acaricia minha barriga e é a sensação mais doce e reconfortante do mundo. — Oi, amor, prometo que serei o melhor pai do mundo e vou fazer de tudo para fazer você e sua mãe feliz — diz entre lágrimas e beija meu ventre com carinho. Afago seu cabelo e, em seguida, toco sua face, fazendo-o me encarar. Seus olhos vermelhos e úmidos me olham com gratidão.

— Obrigado por me fazer o homem mais feliz do mundo! — agradece com um sorriso doce.

Abaixo-me, ajoelhando em sua frente, sem me importar com as pequenas pedras que machucam meus joelhos e o sol escaldante. Tudo que me importa agora é dizer ao homem diante de mim o quanto sou grata por tê-lo em minha vida e em como ele não só mudou quem eu sou, mas como mudou todos os

meus planos e que, de agora em diante, tudo o que quero é fazer dos nossos dias os melhores da nossa vida.

— Eu te amo muito, peão, e sei que você não apenas será o melhor marido, como será o melhor pai do mundo. Hoje é somente o início do nosso felizes para sempre.

Andrew faz que sim a cabeça e toma meu rosto em suas mãos, beija-me com ternura. Seus lábios são suaves contra os meus, aquecendo não só o meu corpo, como minha alma e meu coração.

Pela primeira vez, desde que saí da fazenda, sinto-me completa e feliz novamente.

— Só podemos nos casar antes que a barriga comece a ficar visível? Sabe, ainda quero casar deslumbrante em um lindo vestido branco — pergunto, quebrando nosso beijo.

Andrew sorri, passando seus braços por minha cintura.

— Por mim, caso com você ainda hoje. — Fita-me com intensidade. — Farei tudo o que você quiser, se isso for te deixar feliz.

— Para mim está perfeito! — Volto a lhe beijar, desejando que o tempo não passe nunca e que esse momento seja eternizado, pois esse com certeza é um dos dias mais lindos e felizes que já tive nessa vida.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Três anos depois...

O sol de fim de tarde aquece minha pele, enquanto o vento sopra contra meu cabelo, bagunçando meus fios rebeldes.

Coloco minha câmera ao meu lado, e contemplo a linda cena diante de mim: Andrew e nosso pequeno Anthony brincando às margens da cachoeira.

Meu bebezinho está crescendo muito rápido e já sinto saudades de quando ele era apenas um pacotinho em meus braços.

Ainda recordo do dia em que ele nasceu. Por incrível que pareça, ele nasceu no dia que Andrew e eu resolvemos nos casar.

Sei que não era bem assim que eu esperava passar minha lua de mel,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sentindo dores e deixando um veterinário fazer meu parto na parte de trás de uma caminhonete.

Porque sim... Foi Andrew que fez meu parto e apesar de ter ficado assustada, em pânico e surtado muito pelo fato do meu marido agir como se eu fosse uma das vacas que ele fizera parto, depois que vi o rostinho do meu filho, eu me senti muito grata e feliz por ter sido Andrew que me ajudou a colocar nosso bebê ao mundo.

Meu pequeno Anthony, que de mim não tinha praticamente nada, porque era simplesmente a cópia do pai: a pele levemente bronzeada, cabelos negros e lindos olhos azuis.

Poderia descrever cada detalhe daquele dia, mas para isso teríamos que voltar muitas casas... Sabe como é... São muitas histórias e acho que não temos muito tempo para isso, mas... como não gosto de deixar ninguém curioso, vou tentar resumir tudo o que aconteceu até agora.

Quando voltamos para a fazenda, Nana e Dimitri nos receberam de braços abertos. Depois de tanto sofrimento longe de casa, foi bom reencontrar as duas pessoas que sempre nos apoiaram, nos esperando. Recordo da emoção de Nana ao me abraçar e saber da minha gravidez. Acho que nunca a vi tão emocionada em minha vida. Era visível sua alegria com meu retorno à fazenda e, ao mesmo tempo, a dor e vergonha por ter sido sua filha que quase arruinou as vidas de duas pessoas que se amavam, apenas por capricho.

Passei a primeira semana confinada em meu quarto descansando ao lado de Andrew, que não saía de perto de mim por nada, e quando me senti forte o suficiente para fazer alguma coisa, procurei me focar no haras, mesmo contra

todos os protestos de Andrew, que me via como uma pessoa frágil por estar grávida.

Meu plano era casar antes da barriga começar a aparecer, mas a cada dia que passava, eu me sentia tão feliz, que a ideia de planejar um casamento era muito cansativa e como Melissa estava atolada até o pescoço de trabalho, ela não conseguia me ajudar, nem mesmo de longe. Então, quase que instantaneamente minha barriga começou a crescer e já não era novidade para ninguém que eu e Andrew teríamos uma criança.

Resolvemos nos dedicar apenas a chegada do nosso filho e deixarmos o casamento para mais tarde, talvez para depois do nascimento.

Não vou dizer que tive os melhores nove meses da minha vida. Foram terríveis! Eu enjoiei durante seis meses da minha gestação. Estou falando sério! Eu simplesmente enjoiei tudo o que eu amava comer, exceto Andrew. Ele eu nunca enjoiei, apenas seu perfume, mas foi fácil de resolver... Ele não usava mais perfumes e mesmo não gostando de sair sem passar sua colônia favorita, Andrew concordou sem pestanejar. Sim, ele sempre faz tudo o que me deixa feliz. As dores nas costas e na lombar eram de matar, sem falar que o pequeno Anthony parecia um lutador de MMA na minha barriga.

Quando cheguei ao último mês da minha gestação, que era exatamente próximo ao Natal, Andrew resolveu que devíamos casar antes da chegada do bebê, já que seu nascimento estava marcado para o dia 26 de dezembro.

Com a ajuda de Mel, Dean, Nana, Max e a pequena Lauren, Andrew conseguiu reunir todos os nossos amigos e fazer uma linda cerimônia na margem da cachoeira.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Era fim de tarde e o dia estava tão lindo como hoje.

Havia algumas cadeiras onde estavam sentados nossos amigos e um lindo tapete vermelho que levava ao pequeno altar decorado com rosas de todas as cores.

Andrew estava em pé em frente ao altar, usando um terno preto. Seu cabelo estava cortado e perfeitamente penteado. Ele estava até usando sapato social.

Ao seu lado, estava Melissa e Dean, nossos padrinhos de casamento, já que Nana e Dimitri são oficialmente os padrinhos do nosso filho.

Dean estava usando calça social preta e uma camisa social branca. Nada de paletó e nem gravata. Não esperava nada diferente do marrento do meu irmão.

Melissa estava novamente usando a cor natural do seu cabelo. Loiro claríssimo. Essa cor com certeza era a que mais combinava com sua pele clara e seus lindos olhos azuis. Ela estava usando um lindo vestido rosa tomara que caia longo. Minha amiga estava radiante e seus olhos brilhavam intensamente quando trocava olhares com Dean. Pude notar a conexão que existia entre os dois desde o primeiro momento que os vi juntos pela primeira vez. Apesar deles continuarem dizendo que eram apenas amigos, eu sempre soube que essa amizade iria evoluir, uma vez que Dean estava mudando para Nova York para trabalhar em alguns eventos de festa, preparando seus famosos drinques.

Fiz questão que Max e Nana entrassem comigo, um de cada lado. Meus

pais. Era assim que eu via a Nana, como a mãe que nunca tive, e Max vem conquistando seu espaço em minha vida a cada dia, respeitando com tanto fervor a imagem de Anthony. Ele ficou tão emocionado quando sugeri que entrasse comigo. Aquele pequeno momento fez com que meu coração se enchesse de amor por ele.

— Tem certeza de que é isso que quer? — ele perguntou inseguro, olhando-me com os olhos marejados. Linda, Andrew e Dean assistiam a cena em silêncio. Fiz que sim com a cabeça, tomando suas mãos na minha.

— Claro que tenho. Você é meu pai, nada mais justo do que entrar comigo. — Dizer essas palavras em voz alta, me fez perceber o quanto o sentimento que tinha por ele era intenso. Max não conseguiu conter suas lágrimas naquele momento, então apenas me abraçou e disse o quanto estava feliz por me ter em sua vida.

A cerimônia foi linda e o pequeno discurso que Andrew fez antes de colocar a aliança em meu dedo esquerdo, tornando-me legalmente sua esposa, foi perfeito.

— Antes de deslizar esse anel em seu dedo e te tornar oficialmente minha esposa, gostaria de dizer algumas palavras — disse ele seriamente. — Posso dizer que tivemos um ano que mais pareceu uma montanha-russa de emoções. Você entrou na minha como um furacão, causando uma confusão avassaladora, deixando-me de pernas para o ar e com a cabeça virada ao contrário de todas as formas possíveis. Trocamos muitas palavras desagradáveis no início. Ninguém em toda a minha vida tinha me deixado tão furioso como você fez e continua fazendo até hoje. Não me canso de te dizer o quanto me apaixonar por você foi fácil. Sempre tentei encontrar na minha

memória mais oculta o momento exato que você despertou em mim esse sentimento tão puro, mas é tão difícil encontrar, que cheguei à conclusão de que não se trata de um momento, se trata de todas as coisas que você fez e me conquistou sem que eu percebesse.

“Como toda vez que você sorria. Toda vez que colocava o cabelo atrás da orelha... Quando simplesmente chamava meu nome ou me olhava intensamente com esses lindos olhos verdes. Ninguém jamais me olhou da forma como você olha. Sinto que você consegue enxergar a melhor parte de mim. Quem eu realmente sou.”

“Foram pequenos detalhes que fizeram eu me apaixonar por você. Você é doce, forte, sensível e mesmo não admitindo é muito romântica. Eu amo que você tenha um péssimo gosto para música.”

Ele ri.

— Quem em sã consciência ama a Taylor Swift? — questiona com um amplo sorriso, me fazendo rir também. — Amo suas manias, mesmo as que mais me irritam, como o fato de você odiar que eu bagunce nosso quarto, mas você sempre o bagunça. Amo observar você lendo. Ver as diversas formas como seu rosto transmite o que você está sentindo ao embarcar na vida dos personagens. Amo a sua paixão por fotografia e o cuidado excessivo que você tem com as pessoas que ama.

Ele faz uma pausa, segurando minha mão esquerda. Seus olhos estão úmidos e não é diferente dos meus que já estão encharcados há muito tempo. Tenho certeza de que minha maquiagem já está borrada.

— Amo a serenidade que você tem ao adormecer em meus braços. A forma como sei que me olha quando pensa que estou dormindo. Amo saber que você é minha e que terei você para sempre ao meu lado. Amo a forma intensa com que você me ama e amo, acima de tudo, o fato de você estar carregando uma parte de mim: carregando o fruto do nosso amor e fazendo a minha vida mais feliz do que imaginava que um dia eu seria. Eu te amo com toda a minha alma. Você e esse bebê são a melhor parte de mim. Obrigado por me fazer o homem mais feliz e completo do mundo.

Fiquei tão emocionada com suas palavras que tudo o que conseguia fazer era chorar e dizer que o amava.

É tão engraçado como ele soube dizer exatamente tudo o que sinto por ele.

Acho que almas gêmeas são exatamente isso.

Nunca acreditei nessas coisas até encontrar Andrew.

Não estou dizendo que meu casamento é cem por cento perfeito. Nada é perfeito nessa vida.

Andrew ainda me irrita mais do que qualquer pessoa no mundo. Principalmente quando estava grávida. Ele não queria nem que eu levantasse da cama. Sério, tinha horas que eu tinha vontade de amassar a cabeça dele na parede.

Passei quase dois meses convencendo ele que podíamos fazer amor.

Segundo ele, não queria machucar nosso bebê.

Mas depois de muita insistência, ele cedeu e eu pude desfrutar dele novamente.

Só Deus sabe o quanto eu sentia falta de fazer amor com ele. Da sensação inebriante dos nossos corpos juntos. Do seu toque e seus lábios em cada parte de mim.

Mesmo com os problemas diários, poderia dizer que minha vida é perfeita do jeito que é e eu não mudaria exatamente nada.

Tenho um filho lindo que é a razão da minha vida, amigos maravilhosos. Dois irmãos que eu amo mais que tudo. Um pai que eu nunca pensei que seria capaz de amar e um marido lindo, romântico e apaixonado.

O que mais eu poderia querer?

Sorrio, ainda contemplando os dois homens da minha vida.

Andrew pega nosso pequeno filho em seus braços e o ergue acima de sua cabeça e gira algumas vezes, enquanto a maravilhosa risada de Anthony explode quase que instantaneamente.

Meu coração se enche de amor. São esses momentos ao lado do meu marido e meu filho que me fazem ver o quanto sou sortuda por tê-los e o quanto sou grata ao meu pai, por ter me forçado a vir para a fazenda.

Acho que Anthony sempre soube o que iria acontecer se eu viesse para cá. Ele sabia que eu e Andrew pertencíamos um ao outro. Não sei como, mas ele sabia... Sabia que esse peão seria a única pessoa nesse mundo que seria capaz

de mudar todos os meus planos.

— Andrew! — chamo-o, no mesmo momento em que me levanto do chão.

Ele coloca nosso filho no chão, voltando seus olhos na minha direção.

— Estava pensando... Acho que devíamos ter outro filho — digo de súbito. Já havíamos conversado a respeito antes. Andrew sempre quis uma família grande e, de certa forma, eu também, mas como o Anthony ainda era muito pequeno e nós estávamos montando nosso próprio negócio: eu, uma galeria para meus quadros; e Andrew, uma clínica veterinária. Decidimos esperar mais um pouco, antes de aumentar nossa família, no entanto, para que esperar? Queremos uma família plena e feliz e o meu garotinho precisa de um irmão ou irmãzinha para lhe fazer companhia e não há nada mais lindo do que o amor de Andrew por nosso filho. Ele é um pai maravilhoso.

Caminho até eles e beijo cada um dos meus garotos na face.

— Está falando sério? — questiona-me Andrew confuso.

Olho atentamente para meu garotinho, que enlaça sua pequena mão na minha e sorrio, voltando meu olhar para Andrew.

Toco sua face e fico na ponta dos pés para depositar um beijo suave em seus lábios.

— Nunca falei tão sério, em toda a minha vida.

Seus olhos me avaliam, como se estivesse esperando que a qualquer

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

momento eu fosse dizer que era uma brincadeira, mas nada digo. Apenas espero que ele veja o quanto estou falando sério.

— Pensei que quisesse esperar mais um pouco.

Sorrio e beijo o furinho em seu queixo.

— Mudança de planos — digo com a voz suave, afastando-me dele o suficiente para ver um sorriso iluminar seu rosto.

Agradecimentos



Quero agradecer primeiramente a Deus por, mais uma vez, ter me presenteado com esse dom tão especial, que é o da escrita. Através desse dom, tive a honra de conhecer muitas pessoas especiais que, ao longo dos anos, se tornaram muito mais do que minhas leitoras. Queria poder citar o nome de cada uma nesse agradecimento, mas poderia correr o risco de esquecer o nome de alguma.

Quero agradecer as minhas leitoras lindas, que estão ao meu lado desde o início; em especial, minhas amorecas do grupo do *WhatsApp* (Leitores da autora cruela). Vocês não têm noção do quanto são especiais para mim. O carinho que recebo de cada uma é o que me faz continuar buscando inspiração para escrever lindas histórias de amor, para alegrar os momentos de vocês.

Ely, obrigada por meu apelido... Acho que depois que lerem essa história, vão entender, porque você me chama de autora cruela... Só acho.

Nelly, minha linda! Como esquecer-me de agradecer a você pelas lindas músicas que me enviou, para que eu pudesse me inspirar e escrever os
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

últimos capítulos de *Mudança de planos*? Obrigada pelas inúmeras conversas, da qual você literalmente estava surtada, me dando mil e uma ideias para o final. Você me ajudou muito. Foi maravilhoso trabalhar as ideias finais do livro com você.

Stephanie, minha amiga e nora literária (Ela é a esposa do Adam... mas ele é de outra história que, em breve, vocês vão poder conhecer), obrigada por ler o livro e por não ter ficado com raiva de mim, quando eu defendia os personagens tão ferozmente (risos). Eu sei que “Como dizer não?” é sua história favorita.

Quero agradecer a minha Best linda, Edilma Rodrigues, que amo muito, por ter me ajudado sempre, desde que comecei a escrever. Eu amo você amiga e sou grata a Deus por ter você na minha vida.

Como não agradecer a minha revisora maravilhosa, Carla Santos, que se apegou a essa história de uma forma linda. Acho que você ama os personagens tanto quanto eu. Obrigada por cuidar tão bem do meu filhote e deixá-lo lindo para os leitores. Espero que esse seja apenas o primeiro de muitos trabalhos que dividirei com você.

Quero agradecer aos meus pais, que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado. Eu os amo muito.

E, por fim, e não menos importante, quero agradecer a minha avó, que já não está entre nós há muito tempo. Se não fosse seu incentivo em me presentear com livros, enquanto eu ainda era uma criança, eu jamais saberia o quanto a escrita é importante na minha vida. Gostaria que estivesse aqui para que eu pudesse compartilhar mais um momento de conquista com você. Te

amo, vovó. Sempre sentirei sua falta.

Escrever *Mudança de planos* foi um verdadeiro desafio para mim, por se tratar de um tema que para mim foi muito forte. O fato dela, a princípio, odiar o pai e ele ter morrido de forma tão triste, sem nunca ter ouvido da filha nenhuma palavra de amor. Quem me conhece, sabe o quanto eu e meu pai somos apegados e o quanto nos amamos. Escrever a respeito de uma personagem que teve o direito de crescer ao lado do pai, o homem que mesmo não tendo nenhum direito e obrigação, que a amou acima de tudo, foi muito doloroso e mesmo agora, após reler essa história pela terceira vez, não consigo conter as lágrimas e a emoção que tomam conta de mim.

Espero, do fundo do meu coração, que essa história consiga tocar cada um dos meus leitores de uma forma especial. Que possa transmitir cada sentimento que vivi ao escrevê-la.

Playlist



1. Lost without you – Freya Ridings
2. Home – Rhodes
3. In case you didn't know – Brett Young
4. The a team – Birdy
5. Remind me – Brad Paisley e Carrie Underwood
6. Wildest dreams – Taylor Swift
7. Let her go – Passenger
8. I told you so – Kathryn Dean
9. Be my sin – Kathryn Dean
10. Let it all go – Birdy e Rhodes

11. Uncover – Zara Larsson

12. Bird set free – Sia

13. Home – Gabrielle Aplin

14. You found me – The Fray

Biografia



Desde criança é fascinada pelas palavras, foi através de sua avó que conheceu este universo mágico, quando ganhou seu primeiro livro.

A partir daí, o amor pela Literatura só aumentou, tornando-a além de leitora uma criadora de universos!

Bhetys Oliveira ama dias frios, chocolate e considera um verdadeiro paraíso uma biblioteca, onde possa ler e sonhar...

Atualmente, ela mora com seus pais, sua filha Bárbara e sua gatinha Pandora.

REDES SOCIAIS

E-mail:

bhetys@hotmail.com

Facebook:

Bhetys Oliveira

Fanpage:

Autora Bhetys Oliveira

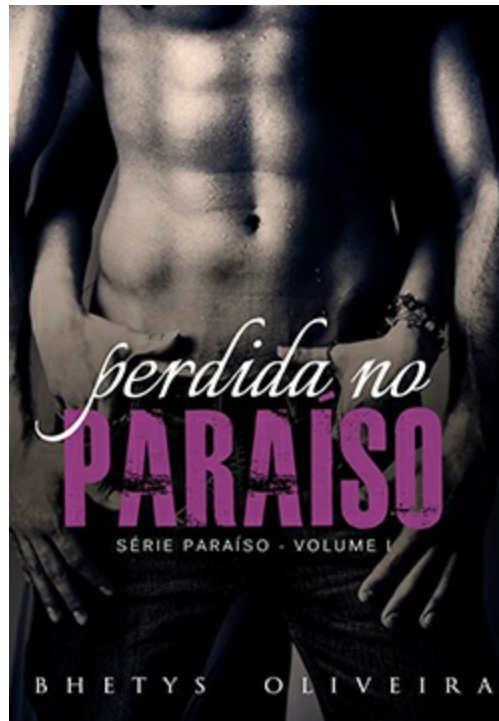
Instagram:

@escritora_bhetysoliveira

Página do livro:

Mudança de Planos

Obra



PERDIDA NO PARAÍSO

Série Paraíso - Vol. 1

À venda em e-book na Amazon:

www.amazon.com.br/dp/B071J5V2LS

Kristen Berkeley já não era mais a mesma. Após a morte de sua irmã gêmea, ela é mandada para morar com o pai em Nova York e perde todas as referências de quem costumava ser. Longe de seu passado, tudo o que Kristen deseja é poder recomeçar sua vida e esquecer os verdadeiros motivos que lhe levaram até aqui.

Sua prima Sarah é sua anfitriã em um universo novo, onde ela pode se reinventar e tentar seguir o script de uma vida tranquila. Mas ela não esperava conhecer Landon Parker, um jovem tão irresistível, quanto perigoso, que ela sabe que precisa se manter distante o bastante para não se apaixonar. A questão é: será que ela conseguirá?

Todo paraíso tem suas tentações e Kristen precisa reconhecê-las entre tantas mentiras, segredos e uma paixão avassaladora.